



OASIS

Bryce
Beattie



Mohr 2011



Oásis

Bryce Beattie

Tradução de Rafa Lombardino

Título original:

Oasis

©2008 Bryce Beattie

Bountiful, Ut

<http://www.StoryHack.com>

Tradução de Rafa Lombardino

©2012 Bryce Beattie & Word Awareness, Inc.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

1ª EDIÇÃO

Nenhuma parte deste livro poderá ser usada ou reproduzida de qualquer forma ou por qualquer meio sem a permissão por escrito do autor, com exceção de breves citações.

Este é um livro de ficção. Nomes, personagens, lugares e ocorrências são o produto da imaginação do autor ou usados de maneira fictícia e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, assim como estabelecimentos comerciais, eventos ou lugares, é mera coincidência.

SOBRE A TRADUÇÃO: Todo e qualquer erro identificado na versão em português, em decorrência da tradução deste livro, será de responsabilidade exclusiva da tradutora, não do autor.

Para Aurora

Que me motiva a escrever, mesmo que seja sobre zumbis.

1 — O último turno

Ouvi Donald correndo pelo corredor, chamando o meu nome, mas eu não estava nem aí. Ajustei a alça da minha mochila e continuei andando em direção à porta. Na verdade, acelerei o passo, torcendo para chegar ao estacionamento antes de ele me alcançar.

Não adiantou. Para um rechonchudinho, até que ele era bem rápido. Ele me alcançou a alguns passos da porta automática e me agarrou pelo braço.

—Ei Corbin. Se eu não te conhecesse, podia até a pensar que estava me ignorando. Eu tava gritando o seu nome pelo corredor feito doido!

—Como? Ah, desculpa, não ouvi. Todas essas horas extras que você me fez trabalhar me deixaram exausto.

—Olha, tem quatro pacientes chegando, traumatismo dos brabos, acho que foi algum um tipo de explosão. Sabe como estão as coisas no pronto-socorro, né? Precisamos de uma ajudinha. Eu tô tentando montar uma equipe antes de eles chegarem aqui. O Dr. Dressel já está colocando a beca.

—Beca? Mas vai ser um baile de gala?

—Não acabei de dizer? Parece que é algum tipo de agente biológico.

—Olha, Donald... Acabei de terminar um turno de 30 horas e você quer que eu fique aqui para lidar com um pessoal que está trazendo uma doença infecciosa sob a direção do médico mais imbecil deste hospital?

Acho que acabei levantando a voz, porque Donald ficou chocado, parado com a boca aberta e piscando os olhos. Eu estava cansado demais para me preocupar em ser mandado para o olho da rua.

—Esta noite não, amigão. Este enfermeiro aqui está precisando de uma boa cama— eu disse, me virando para ir embora.

—Então quem é que eu vou escalar?— ele perguntou, finalmente saindo do estado de choque.

—Liga para os gêmeos. Eles moram a um quarteirão daqui— sugeri, já virando as costas quando a porta se abriu para mim.

Aparentemente ele gostou da ideia, porque não foi atrás de mim.

O sol já tinha ido embora e o ar do deserto estava esfriando rapidamente. Não havia poluição atmosférica e somente algumas luzes estavam acesas, então as estrelas é que iluminavam a noite.

A Cruz Vermelha havia montado três unidades móveis no estacionamento do supermercado em frente ao hospital. Uma delas ainda estava com as luzes acesas e

rodeada por uma multidão consideravelmente grande.

Achei esquisito que a unidade de doação de sangue continuasse aberta até tão tarde —se é que estava mesmo aberta. Também notei que havia muita gente na fila disposta a doar sangue, como eu nunca vira anteriormente em Oásis. Olhei para o relógio e notei que ainda tinha tempo até que o ônibus noturno chegasse, então decidi dar uma olhada no que estava acontecendo.

As três unidades móveis estavam logo em frente da entrada principal do Mercado Quatro Irmãos, uma posição estratégica para fazer os clientes se sentirem culpados ao entrar e sair do estabelecimento comercial.

Duas unidades pareciam estar bem batidas, com a tinta descascando do lado de fora, sujeira em todos os vãos e os pneus para lá de carecas. A terceira unidade estava limpinha, quase brilhando.

Conforme fui me aproximando, senti o cheiro de tinta fresca. Até mesmo os degraus de metal que davam para a porta pareciam estar novos. Tinha uma luz acesa lá dentro e um cartaz escrito à mão que explicava o motivo de tanta comoção.

“Vacina contra o vírus do Oeste do Nilo”

Alguma coisa naquele lugar me deixou ressabiado. Não sabia que existia uma vacina contra esse vírus. Afinal, geralmente fico ligado nessas coisas. Por que eles organizariam isso junto com a campanha de doação de sangue? E por que tinham um cartaz escrito à mão? *Uma vacina tão importante como a do vírus do Oeste do Nilo merecia um pouco mais de publicidade*, pensei.

Minha cabeça fervilhava com perguntas e, como tinha tempo para matar, queria descobrir exatamente o que estava se passando. Mostrei o crachá do hospital e passei pela multidão, chegando aos degraus da unidade móvel.

Um senhor de meia idade abriu a porta quando eu cheguei à entrada. Estava apertando o braço perto do ombro, como se o braço estivesse prestes a cair. Antes de descer a escadinha, virou-se para olhar para alguém que estava lá dentro. Tinha o rosto vermelho e falava alto, tremendo.

—Eu vou chamar a polícia!

Ele se virou para frente e bateu de leve com o braço contra o batente da porta, fazendo cara de dor. Olhou para um lado e para outro, tentando sair do caminho da porta que estava se fechando.

Estendi a mão para ajudá-lo. Ele apertou os olhos para me olhar durante um segundo e logo afastou o braço de mim, soltando uns grunhidos como se dissesse: “Me deixa!”

Ouvi um burburinho enquanto o homem abria caminho pela multidão. A princípio, a reação dele me surpreendeu, mas logo a surpresa se transformou em curiosidade. *Qual será o problema dele?* Subi aqueles degraus e agarrei a porta antes de ela se fechar para entrar na unidade móvel.

A cena diante de mim confirmou imediatamente o meu medo: aquele lugar não tinha nada a ver com a Cruz Vermelha, nem com qualquer instalação médica. De um lado, perto da porta, estava uma mesa com duas cadeiras dobráveis e uma cesta de lixo. Do outro lado, mais uma mesa e uma pequena cozinha. Na extremidade da mesa havia uma fileira de seringas destampadas contendo uma substância meio marrom. O lixo não tinha tampa e estava cheio de agulhas usadas.

Dois homens de pele morena se apressavam para tirar alguma coisa de dentro da geladeira e colocá-la em um grande isopor. Estavam tão entretidos que nem se deram conta da minha presença.

Um grito no estacionamento os fez acordar daquele transe profissional. Eles levantaram a cabeça e um deles agarrou o isopor e veio correndo na minha direção. O outro gritou alguma coisa em uma língua que eu não entendi.

Antes de a adrenalina começar a correr pelas minhas veias, eu me atirei na direção do primeiro cara. Ele devia pesar uns 20 quilos a mais do que eu e impulso do nosso encontro foi grande, fazendo o isopor bater no meu peito. Acabei agarrando o ar, em vez do cara. Caí por cima da mesa, rolando direto para o chão. Ele abriu a porta e saiu correndo.

O outro cara ia logo atrás dele, mas parou na porta e se virou para me encarar com os olhos arregalados. Logo apertou os olhos e ficou com a mandíbula tensa, vindo direto na minha direção. Meu instinto de sobrevivência falou mais alto. Do canto dos olhos, vi uma seringa cheia que caíra no chão com o encontro. Peguei a seringa e me sentei.

O segundo homem estava quase em cima de mim. Foi como se o tempo parasse por um instante. Vi a perna se levantando em câmera lenta e, quando o chute me atingiu no estômago, observei minha própria mão enfiando a seringa na coxa esquerda dele.

Ele arregalou os olhos e perdeu a respiração. A fúria se transformou em medo. Deu alguns passos para trás e tirou a seringa da perna, observando-a por alguns segundos antes de deixá-la cair no chão. Balbuciou uma oração (ou talvez rogou uma praga) e se virou para sair, adentrando a noite sem olhar para trás.

O chute me deixou sem ar e tive que me esforçar para recuperar a respiração. A dor forte passou, mas a barriga ficou latejando, em sincronia com os meus batimentos cardíacos. Caí para frente, de joelhos e com a mão no chão. Logo consegui respirar fundo, mas ficou tudo embaçado e acabei desmaiando.

Uma sirene me acordou. Luzes vermelhas e brancas entravam pela janela. A multidão lá fora começou a gritar mais alto. *Que bom, uma ambulância*, pensei. Trabalhando no pronto-socorro, estava acostumado com aquela sirene.

Ainda me recuperava quando comecei a me levantar. Minhas pernas fraquejaram um pouco. Várias perguntas rondavam a minha cabeça enquanto eu

tentava me recompor.

O que tinha naquelas seringas? O que eles tiraram da geladeira? Qual era o problema daquele senhor que saiu da unidade móvel? Meu estômago e meu cérebro estavam embaralhados.

Agarrei a maçaneta para tentar me levantar. A situação lá fora era de uma comoção mórbida. A multidão rodeava dois atendentes da equipe de emergência que estavam ajudando alguém caído no chão perto da entrada do supermercado. Consegui ouvir alguns comentários.

—O que será que aconteceu com ele?

—Acho que teve uma convulsão.

—Se for raiva, vai ter que levar 35 injeções na barriga!

—Parecia que estava morrendo de dor...

—Aquele louco me mordeu!— um homem gritou, tentando abrir espaço entre os curiosos.

Meus ouvidos se aguçaram e fiquei na espreita, tentando acompanhar o homem mordido com os meus olhos. Acabei perdendo-o de vista naquele mar de gente. Quando olhei para trás, os atendentes estavam levando o homem para a ambulância em uma maca.

Fiquei pensando no que acontecera com os dois caras que estavam na unidade móvel. Passei os olhos pela multidão para ver se eles estavam por ali. *Nada*. Consegui ver o homem na maca. Era o mesmo senhor que havia saído da unidade móvel. Dei a volta para poder ver melhor.

Pude vê-lo por um instante, quando o estavam colocando dentro da ambulância. Seu rosto estava contorcido. Gemia tão alto que dava para ouvir em meio ao burburinho. Estava amarrado na maca e se debatia violentamente. Parecia estar prestes a se soltar a qualquer momento. Enquanto as portas se fechavam, eu o ouvi dando um aviso torturante.

—A injeçãããão!

Senti uma dor na barriga, como se tivesse levado outro chute. As seringas... Coloquei a mão no bolso e me lembrei que ainda estava vestido com as roupas do hospital. Encontrei meu celular no bolso detrás e liguei para o pronto-socorro.

—Pronto-socorro do Hospital de Oásis, como posso ajudá-lo?— a recepcionista atendeu.

—Bridgette? É o Corbin.

—Ótimo! Quer pegar outro turno?

—Não... Olha, tem um cara a caminho do hospital...

—Tem certeza? Precisamos muito de uma ajuda extra.

—Sim... Escuta, vocês precisam mandar alguém aqui para tirar umas amostras do que injetaram nesse cara.

—Sim, tem certeza ou sim, vai vir pra cá?

—Bridgette, presta atenção!

—Precisamos de pelo menos mais dois enfermeiros aqui.

—Eu já fui escalado para voltar amanhã ao meio-dia. Tem uma unidade móvel aqui do outro lado da rua, cheia de material biológico. Manda alguém pra cá agora. É uma unidade móvel novinha em folha. Estavam dizendo que era vacina contra o vírus do Oeste do Nilo. Agora preciso dormir. Tchau!

A adrenalina foi baixando e eu estava exausto o suficiente para nem sentir remorso ao desligar na cara dela. Tentei imaginar o que poderia ser aquela coisa marrom que causara tal reação. Pensei bastante, mas estava cansado demais para me concentrar. Precisava descansar imediatamente, então decidi ir direto para a casa e tentar dormir.

Quando me virei, vi quase metade da delegacia de Oásis no estacionamento do supermercado. As luzes da sirene iluminavam a escuridão e o barulho abafou os gritos da multidão. Um dos policiais pegou um megafone e pediu calma. Falou alguma coisa sobre uma ameaça biológica e que precisavam nos levar até o hospital para um teste rápido.

Eu não estava nem um pouco interessado em voltar para o hospital. Só queria um pouco de tranquilidade. Tinha que encontrar um plano rapidamente dentro do meu cérebro exausto. Pensei em algo ridículo e fui na cara e na coragem.

2 — No hospital

Fui na direção do policial que parecia estar dando as ordens e mostrei meu crachá do hospital.

—Meu nome é Corbin St. Laurent e vim do hospital. O senhor está no comando?

—Tô meio ocupado. O que você quer?

—Enquanto você se prepara para marchar com esse grupo até o hospital, será que poderia separar quem na verdade esteve na unidade móvel?

—Só isso?

Alguma coisa na multidão lhe chamou a atenção.

—Dá pra alguém deter esses moleques?— ele gritou no alto-falante e foi na direção da comoção.

Decidi que a melhor saída seria facilitar as coisas para ele me despachar de vez.

—Ah, tem um cara aí que foi mordido no meio desse pessoal todo. Se o senhor pudesse identificá-lo, seria...

—Vamos fazer o possível, mas não prometo nada— ele respondeu, antes de se afastar e começar a gritar mais instruções no megafone.

—Vou buscar o macacão de proteção, tá bom?

Ele já não podia me ouvir, mas alguns policiais ao meu redor escutaram o que eu disse.

Fiquei um pouco preocupado, achando que alguém pudesse me barrar, mas pelo que tudo indicava o meu teatrinho havia funcionado, porque ninguém disse nada quando saí do cerco policial. Apressei o passo em direção ao hospital, que coincidentemente também era o mesmo lado onde o ponto do ônibus estava.

Naquela comoção, ninguém percebeu que eu não fora para o hospital. Ninguém notou que eu estava no ponto e entrei no ônibus.

Acordei tarde, pouco à vontade, percebendo que o meu quarto estava quente demais. O verão havia chegado cedo e, como o meu apartamento ficava no terceiro andar, eu estava bem na mira do sol da manhã.

Eu me espreguicei e olhei para o relógio. Já estava meia hora atrasado para o trabalho.

Tomei um banho em dois minutos, peguei um uniforme limpo e coloquei minha carteira, meu celular e uma jaqueta na mochila. Sai correndo pela porta e desci as

escadas. Parei na hora quando cheguei na entrada do prédio.

Andy e Tim estavam assistindo tevê no telão da entrada. Tim era dentista, morava no segundo andar e tinha um consultório no térreo. Usava a recepção como sala de espera e geralmente ficava ali sentado, conversando com o pessoal enquanto esperava pelos pacientes. Ele era legal. Meu problema era com o Andy...

Nunca soube o que o Andy fazia da vida, pois sempre que chegava em casa de manhã lá estava ele assistindo televisão. De longe, era o vizinho de quem eu menos gostava. Também tinha a capacidade nem um pouco fantástica de saber exatamente quem havia entrado na recepção sem ao menos tirar os olhos do telão.

—Oi Core, é você? Atrasado outra vez, hein? Vem cá dar uma olhadinha. Acho que esses caras são teus parentes...

Um plantão do noticiário mostrava fotos de quatro homens do oriente médio. A manchete dizia: “Ataque terrorista vai por água abaixo”. Uma apresentadora loira de vinte e poucos anos descrevia como um grupo terrorista havia colocado as mãos em um agente biológico, provavelmente um vírus —ninguém sabia bem o que era naquele momento— e tentara criar uma bomba. Alguma coisa havia dado errado antes que pudessem terminar e a bomba explodira parcialmente, liberando o material. Os terroristas recebiam tratamento no Centro Médico de Oásis. O armazém que usaram já havia sido isolado e estava em quarentena.

Logo apareceu um repórter na frente do hospital e as imagens mostraram vários soldados andando para lá e para cá.

"O exército isolou o hospital e parece que outros ataques terroristas serão evitados. Também recebemos informações de que pelo menos dois outros membros deste grupo terrorista estão à solta. Eles tentaram espalhar o vírus, fingindo que estavam administrando a vacina contra o vírus do Oeste do Nilo em uma unidade móvel localizada no estacionamento do supermercado aqui em frente..."

A câmera virou na direção da unidade móvel que eu visitara na noite anterior.

"Se você ou algum parente ou conhecido recebeu uma injeção aqui ontem à noite ou souber alguma coisa sobre os homens que estavam administrando as vacinas, favor entrar em contato com a polícia."

—Um dos caras naquela foto parecia o Corbin, não parecia?— Andy perguntou, voltando-se um pouco para Tim e falando um pouco alto demais só para me deixar sem graça.

—Eu... eu acho que não— Tim respondeu, dando de ombros e olhando para mim.

Andy se virou para olhar diretamente para mim. Acho que aquela foi a primeira vez em que o vi desgrudando os olhos da televisão.

—De onde você é mesmo? Lá dos lados do Iraque?

—Eu nasci no estado de Montana. A gente já teve essa conversa.

—Deixa de mentir, Core! Ninguém lá tem a pele como a sua. Já visitei Montana, sabia? Além disso, está sempre na tevê.

Eu queria fechar o punho e dar-lhe um belo soco no meio das fuças. Em vez disso, eu fechei os olhos por um momento e respirei fundo.

—A minha mãe nasceu na Espanha. O meu pai é de Montana e foi lá onde eu cresci. Ele é um baita de um caipira, tipo assim como você!— o insulto acabou escapando e eu odeio quando isso acontece.

—Como é que é?— Andy perguntou, levantando-se com a cara toda vermelha.

Sabia que tinha pisado no calo dele. Ele era grandalhão, o que eu não havia notado antes porque durante todo o tempo em que eu morei no Condomínio Millers Crossing (um ano e meio), eu só o havia visto sentado naquele mesmo sofá. Achei melhor não testar a minha sorte, então fui em direção à porta.

—Não vai sair de fininho assim não, Sr. Corbin. Se é que esse é o seu nome!— ouvi Andy dizendo, entre algumas obscenidades.

O noticiário continuou falando sobre uma possível barricada militar na estrada que saía da cidade.

—Ei, tô falando com você!— ele soltou um último comentário quando eu cheguei à porta. —Nunca vire as costas para a linha de ataque. O ataque vai marcar um gol toda vez que você fizer isso!

Tenho que admitir que tive vontade de ficar ali para descobrir o que ele queria dizer com aquilo, mas saí contente com a ideia de finalmente ter conseguido tirar-lhe o sossego.

O ônibus desviou o caminho para o hospital e me deixou a um quarteirão de distância, atrás do supermercado. Isso queria dizer que eu estaria outros cinco minutos atrasado.

A rua entre o hospital e o supermercado estava fervilhando de tanta agitação. Os militares haviam chegado de helicóptero durante a noite e cercado o perímetro do hospital com barricadas de plástico. A unidade móvel onde eu recebera aquele chute havia sido coberta com uma tenda de plástico. A polícia colocara uma fita na entrada do supermercado. Repórteres, equipes de filmagem e curiosos estavam por toda a parte, tentando saber mais sobre a situação.

Fiquei tonto com tanta coisa acontecendo na minha frente. Parecia que metade da cidade estava na rua. O que havia naquelas seringas que poderia causar esse tipo de comoção? Fui me espremendo pela multidão e vi um guarda parado dentro do perímetro ao redor do hospital.

—Trabalho no pronto-socorro. Será que você pode me ajudar a entrar?— perguntei, mostrando meu crachá.

—Não, senhor. Ninguém entra e ninguém sai.

—Tem certeza?

Ele olhou para mim, franzindo a testa, até eu me afastar e voltar para a multidão.

De certa forma, aquela conversinha me deixara aliviado. *Pelo menos não vou ser despedido porque cheguei atrasado, já que não pude entrar mesmo.* Procurei o celular na mochila e liguei para a recepção da enfermaria enquanto me espremi novamente pelo pessoal ao redor do hospital.

Bridgette ainda estava lá e me informou que o hospital fora completamente fechado pela polícia uma hora depois de eu ter ligado na noite anterior. Os militares chegaram logo depois e os médicos do exército basicamente tomaram conta do terceiro andar. Todo mundo que havia sido infectado pelo patógeno fora transferido para aquela área e os funcionários do hospital não podiam mais entrar. Os médicos que haviam tratado as vítimas disseram para ela que tinham quase certeza absoluta de que era um tipo de vírus. Antes de desligar, ela me disse que achava que aquilo tudo era um exagero e não entendia porque estavam fazendo tanto fuzuê.

Eu me senti um pouco melhor depois de ouvir a casualidade na voz dela e comecei a me perguntar se não estavam mesmo pegando um pouco pesado demais. Enquanto pensava na situação, meu estômago me avisou que eu ainda não havia comido nada. Achei melhor não discutir e ir logo tomar o café da manhã.

Quando eu me virei, dei um encontrão em uma mulher. Ela devia estar correndo, porque caiu de bunda no chão. Eu me desequilibrei um pouco e acabei esbarrando em outras pessoas. A garota era bonita e não me parecia estranha.

—Desculpa! Tá tudo bem com você?— perguntei, estendendo-lhe a mão.

—Estou bem— ela respondeu, sorrindo, com o rabo de cavalo balançando para lá e para cá enquanto ela ficou de pé. —Corri para alcançar você e dizer como é engraçado a gente se encontrar assim sob estas circunstâncias. Aí você se virou e acho que a piada ficou mais engraçada ainda.

—Peço desculpas novamente, mas de onde é que a gente se conhece mesmo?— perguntei, devolvendo-lhe o sorriso.

3 — Caiu da janela

Da faculdade!— ela disse, franzindo o nariz. —A gente fez um trabalho de química nas últimas duas semanas, lembra? Seu nome é Corbin, não é?

Isso! Qual era mesmo o nome dela?

—Ah, é... É verdade! É claro que sim... Tem certeza?

—E você, tem certeza?

—O que eu quis dizer é se você tem certeza de que a gente fez o trabalho juntos.

—Você não se lembra de mim! Magoou.

—Foi na aula de química para medicina, não foi?

—Isso.

—E o professor era aquele careca com cheiro de peixe.

—O próprio! Tá lembrado agora?— ela levantou a sobancelha.

—Tá bom. Não é que eu não me lembre de você... É que eu não me lembro de muita coisa ao seu respeito. Eu fiz trabalhos com sete pessoas diferentes naquele semestre. Tinha um pai solteiro, uma feminista irritadinha, o doido de botas, a garota gótica, o maconheiro, o cara do sanduíche e a gatinha. Tenho quase certeza de que você ou era a gótica ou a gatinha.

—Gótica ou gatinha?— ela cruzou os braços, fingindo estar me repreendendo.
—E se eu fosse a feminista irritadinha?

—Impossível... A feminista irritadinha era na verdade um marmanjo— eu disse, enquanto uma vaga lembrança me vinha à mente. —Péra aí! Você jogava futebol?

—Então você se lembra mesmo!

—Agora eu tenho certeza de que você era a gatinha— sorri de novo. —Quer dizer, você continua gatinha.

—Essa foi a pior cantada que eu já ouvi em toda a minha vida— ela disse, virando os olhos e sorrindo.

—Mesmo assim, quer tomar café da manhã comigo?— decidi arriscar.

—Ah, não posso...— disse, inclinando a cabeça de lado.

—O quê? Sério!

—Não, eu só tô brincando! Vamos nessa— ela riu, agarrando meu braço e me puxando. —Hum, acho que eu não sei aonde a gente está indo.

—Para cá— aponte com o meu dedão na outra direção.

Perguntei o que ela estava fazendo nas redondezas. Ela disse que acabara de

fazer a sua corrida matinal e o pai dela a havia levado até lá. Apontou para os dois homens que estavam ao lado do Mercado Quatro Irmãos, gritando com um soldado uniformizado. Ela explicou que um era o pai dela e o outro era o tio. Eram quatro irmãos ao todo, daí o nome do estabelecimento comercial. Estavam tentando convencer as autoridades a deixá-los abrir o supermercado novamente.

—O meu pai é o que está gritando menos. Ele não é tão exaltado quanto os meus tios— ela disse, quase sem graça.

A cerca de meio quarteirão havia uma lanchonete, como se fora o recheio de um sanduíche com um prédio alto de escritórios de cada lado. Esse era o meu lugar predileto desde que começara a trabalhar no hospital. A comida não era lá essas coisas, mas sempre gostei de apoiar pequenos negócios.

Se não fosse pela gente, a lanchonete estaria vazia. Nunca tinha visto isso antes. Todo mundo na área tinha ido ver o que estava acontecendo no hospital. A gente se sentou a uma mesa no canso, próxima da televisão, para poder ver melhor caso alguma coisa interessante acontecesse. O dono da lanchonete veio anotar o nosso pedido.

Falamos um pouco dos tempos da universidade. Ela tinha abandonado a Faculdade de Medicina e eu havia concluído meu curso de enfermagem. Comecei a trabalhar no hospital logo depois de me formar e ela estava tentando subir de posto na empresa da família, que consistia de vários negócios. Eles tinham supermercados, duas lojas de artigos esportivos, três lojas de departamento, várias casas de penhor, postos de gasolina e apartamentos, entre outras coisas. Quase um terço de Oásis pertencia a eles.

A gente estava se entendendo maravilhosamente bem, mas eu não conseguia me lembrar do nome dela. Estava na ponta da língua, mas o nome não vinha. Depois de bater papo durante meia hora, já estava até envergonhado de perguntar, então tentei levar a conversa para um lado que a fizesse revelar o próprio nome, mas não tive sorte.

Minha atenção se voltou para a tevê, que estava mostrando algum tipo de comoção lá fora. A equipe de notícia estava filmando um grupo de soldados correndo em direção ao hospital. *O que está se passando?*

—Tá acontecendo alguma coisa— disse, de olho grudado na tevê.

—É melhor eu ir procurar o meu pai— ela também estava assistindo.

Pela tela, vi mais soldados se aproximando. Estava prestes a reagir quando ouvi o barulho inconfundível de tiros. Não sabia dizer se era o eco da rua ou se vinha da televisão, talvez ambos.

—Ok— foi tudo o que eu consegui balbuciar a princípio. —Vamos voltar para...— eu encontrei as palavras, mas quando me virei, ela já não estava mais sentada à mesa.

Vi de relance seu corpo atlético correndo do outro lado das janelas da fachada da lanchonete. *Beth! O nome dela é Beth. Claro, só agora é que eu lembro...*

Não sei o porquê, mas senti como se tivesse a obrigação de verificar se ela havia encontrado mesmo a família dela naquela multidão. Procurei a carteira na mochila, coloquei uns trocados na mesa e saí porta afora.

Mais tiros. A muvuca se partiu ao meio, com metade do grupo tentando sair correndo dali e a outra metade forçando a barricada, tentando ver desesperadamente o que estava se passando. Os dois grupos se empurravam para lá e para cá e as pessoas se xingavam por ser tão imbecis. Era um pandemônio.

Senti um aperto no peito quando olhei e não encontrei Beth. *Espero que ela esteja bem.* Eu me concentrei tanto para tentar achá-la que mal vi o mar de gente passando por mim. Fui na direção do local onde havia visto o pai e o tio dela discutindo. A multidão era bem menor do outro lado da rua, onde estava o mercado, mas o caos era o mesmo e tinha gente correndo em todas as direções.

Finalmente consegui avistar o rabo de cavalo dela balançando de lá para cá. Ela estava protegida pela família e eles estavam indo para os fundos do supermercado. Fiquei impressionado ao ver como eles caminhavam de maneira tranquila e ordenada enquanto o mundo desmoronava ao redor deles.

Essa família sabe mesmo lidar com a pressão.

Tive pouco tempo para contemplar os méritos da calma e do controle, já que a gritaria aumentava do outro lado da rua. Eu devia estar enlouquecendo, ganhando coragem ou simplesmente curioso demais para o meu próprio bem. Precisava ver o que era. Fiz o possível para me esquivar da multidão que continuava tentando fugir do local. Sem hesitar, subi no banco do ponto de ônibus.

A muvuca logo ficou quieta o bastante para eu perceber que não havia mais tiros. Os meios de transporte militares que trouxeram os soldados estavam alinhados na entrada principal. O alarme do hospital começou a soar. Pacientes e enfermeiros saíram pela porta da frente. Todos estavam sendo acomodados nos veículos os mais rápido possível.

Os primeiros comboios começaram a partir e algo novo animou o pessoal. Algumas pessoas estavam apontando para uma janela no terceiro andar. Espremi os olhos, mas de onde eu estava não dava para ver nada pela janela. Nem sabia ao certo para onde eles estavam apontando, mas logo ficou tudo claro quando a janela se quebrou e um homem de jaleco branco caiu com os cacos de vidro nos arbustos que contornavam a entrada do hospital na calçada. A multidão, cujo barulho fora quase ensurdecedor, se silenciou subitamente.

Olhei para a janela quebrada. Um soldado apareceu segurando um rifle e olhou para baixo para observar a cena mórbida. Logo deu de costas e voltou para dentro do hospital.

Na calçada, alguns movimentos chamaram a minha atenção. Os arbustos estavam se mexendo. O homem sobrevivera à queda. Mesmo assim, ninguém na multidão, entre os soldados ou a equipe médica se prontificou a ajudá-lo. Todos estavam apenas olhando.

O homem apareceu, com o jaleco coberto de sangue e os braços esticados ao lado do corpo, como se fossem pesos mortos. Ele não olhou ao redor, nem tentou se recompor. Simplesmente começou a andar mancando, distanciando-se do edifício. Havia algo de muito errado com ele. Fiquei petrificado, de olhos arregalados. Prendi a respiração e minha mandíbula estava tensa. *Isso não pode estar acontecendo.*

Na verdade, todos prenderam a respiração coletivamente enquanto o homem se aproximava da barricada. O jeito que ele se movimentava não era natural. Estava a meia distância da multidão quando um soldado que mantinha os curiosos afastados decidiu levantar a arma. O homem todo dilacerado e ensanguentado continuou olhando para o nada e avançando.

O soldado atirou, atingindo-o bem no meio do peito. O homem caiu de costas, mas começou a se levantar assim que entrou em contato com o chão. O soldado atirou novamente enquanto o homem tentava ficar de pé. O tiro pegou no braço esquerdo, que se moveu para trás, mas o homem não fez nenhum ruído e nem pareceu perceber o novo ferimento. Simplesmente continuou avançando na direção da barricada.

Alguns soldados finalmente recobram a consciência e o som dos tiros quebrou o silêncio outra vez. O homem caiu em uma poça de sangue e parou de se mover. Não consegui parar de ficar olhando para aquela cena. Fiquei bastante abalado e não sabia como agir, para onde ir ou no que pensar. Aparentemente a maioria da multidão sentiu o mesmo. Todos ficaram ali, de pé, embasbacados e de olhos esbugalhados. Ninguém sabia o que fazer.

Eu me senti como um idiota, querendo ver no que tudo aquilo ia dar. Percebi que o número de curiosos havia aumentado ainda mais desde que o pânico diminuía. Estava agora cercado por pessoas tentando ver e compreender o que estava se passando, o que me deixou meio preocupado. *Quando tudo for por água abaixo, vou ficar bem no meio da muvuca.* Senti a tensão aumentando ao meu redor, mas não queria ser a pessoa que daria início ao pisoteio.

O pessoal foi ficando cada vez mais agitado. Vi o medo e a incerteza estampados no rosto de todos ao meu redor. A maioria se mexia sem sair do lugar ou prendera a respiração, enquanto outros iam vagorosamente na direção da calçada. Era como se estivéssemos aguardando algum tipo de sinal para começar a correr.

Outro tiroteio dentro do hospital nos acordou da nossa estupefação e foi aí que tudo saiu do controle.

4 — Caos na multidão

O pessoal que até então estava saindo do hospital de maneira organizada, divididos em grupos de soldados, pacientes e enfermeiros, começou a deixar o local por todas as portas. Gritavam e diziam para todos saírem dali. A enorme multidão reagiu em estado de pânico. Assustados, começaram a empurrar em todas as direções para longe do hospital.

Sabia que a insanidade desse pessoal provavelmente resultaria em muitos feridos. Tive a ideia de usar o banco do ponto de ônibus como uma ilha para me proteger até que tivesse menos pessoas à minha volta e eu pudesse começar a correr. Eu me agachei e me segurei no encosto do banco. Imaginei quanto tempo deveria esperar antes de entrar naquele mar de frenesi.

Minha pergunta foi respondida quando outra onda de horror agitou ainda mais o pessoal. Ouvi um grito perto de mim e alguém foi empurrado para cima do banco, exatamente onde eu estava me agarrando. Berrei de dor, trazendo meus dedos esmagados para perto do corpo. Deixei de lado o plano de ficar ali quietinho, me levantei e tentei ver para qual lado era melhor correr. Não pude evitar e olhei para o hospital por um instante. O tempo parecia ter se congelado enquanto observava o catalisador de tanta comoção. Senti um frio na espinha.

Uma segunda leva de pessoas estava se apinhando em cada saída. Como o homem que havia sido alvejado há alguns minutos, eles quase não pareciam humanos: desgrehados, pálidos e horripilantes demais para serem de verdade. Alguns dos defuntos perambulantes pareciam ter levado vários tiros.

Não tive tempo de olhar direito, pois fui empurrado para longe do banco. Virei na direção da rua e coloquei os pés no chão à minha frente. Colidi com dois homens grandes ao descer, me desequilibrei e quase caí para frente, fazendo de tudo para não ir ao chão. Sabia que se caísse, seria pisoteado.

Um dos grandalhões agarrou a minha mochila e evitou a minha queda descuidada. Ele deu alguns passos comigo para me ajudar a recuperar o equilíbrio. Quando teve certeza de que os meus pés estavam plantados no chão, olhou para mim, acenou com a cabeça e soltou a minha mochila antes de desaparecer na multidão. Tentei agradecê-lo enquanto colidia com aquele mar de gente.

Todos estavam se agarrando, se puxando e se empurrando, tentando sair dali. Os passos faziam barulho, não tinham direção e nem controle. Depois de uns trinta metros, o pessoal começou a finalmente se dispersar o suficiente para eu correr sem ficar batendo constantemente em alguém.

Ajustei as alças da mochila e corri o mais rápido que pude na direção de casa. Passados dois quarteirões, já não havia mais tanta gente. Olhei para trás para saber o porquê. Muitos já estavam tossindo de cansaço e desacelerando o passo. Vários estavam procurando abrigo no local, em prédios de apartamentos e lojas. Diversas pessoas conseguiram voltar para os seus carros e aceleravam para longe dali. Somente alguns tinham forças suficientes para continuarem correndo.

Eu queria me distanciar o máximo possível, então corri mais uns dois quarteirões antes de voltar a caminhar. Podia ouvir o som de televisores vindo de todas as direções, transmitindo o caos do hospital. Pelas janelas, conseguia ver todo mundo se apressando para fazer as malas. As ruas estavam engarrafadas, com os carros indo na direção da estrada para sair da cidade. Pedestres tentavam sair da frente e voltar para a calçada. Um helicóptero militar sobrevoava a multidão.

Quando meus pensamentos começaram a ficar mais claros, me preocupei com os meus amigos e colegas de trabalho no hospital. Parei numa esquina e peguei o celular.

Ocupado. Ocupado. Finalmente. O terceiro número foi atendido por uma enfermeira.

—Angie, tá tudo bem?

—Para falar a verdade, não— ela respondeu com a voz estremecida. —Corbin, você precisa sair da cidade.

—Como?

—É um vírus. Recebemos um grupo de pacientes infectados ontem à noite.

—Mas isso não explica...

—Explica tudo. O vírus ataca o sistema nervoso central. É a pior coisa que eu já vi na minha vida. Dentro de poucas horas, a infecção...

A ligação caiu e pude ouvir uma explosão ecoando pelas ruas. Olhei para telefone e percebi que ele estava apagado. Aliás, tudo ao meu redor estava desligado: os letreiros, os carros nas ruas, os televisores da vizinhança, os semáforos. Todos os dispositivos elétricos da cidade estavam apagados.

Pelo meu cérebro não passava um pensamento coerente sequer, mas uma voz lá dentro me dizia: *Vá para casa agora!*

5 — Lar, doce lar?

Homens, mulheres e crianças. Todos estavam assustados e saíram correndo dos seus carros, tentando voltar para a casa ou seguindo a caminho da estrada. Milhares de vozes tomaram a rua.

—Saíam das ruas!

—Todo mundo, dá o fora!

—Pode voltar, fecharam a saída!

—Vamos dar o fora daqui.

A vitrine de uma loja se espatifou e alguns vagabundos começaram a tirar vantagem do caos. Tentei ignorar e continuei apertando o passo. Quanto mais eu andava, mais vazias as ruas ficavam. Até os responsáveis pelo arrastão estavam procurando abrigo. Sem o barulho dos carros, rádios e televisores, ficara fácil ouvir as discussões, o choro e o pânico nas casas e nos prédios. Comecei a ter medo do que aconteceria com Oásis.

A situação era péssima. Um vírus altamente contagioso e mortal estava se alastrando. As pessoas infectadas pareciam ter perdido qualquer sensação de dor e assumido uma personalidade bastante diferente. Não havia eletricidade, não era possível controlar a comunicação e nem mesmo postergar a disseminação da doença.

Sem transporte, ficaríamos reféns do deserto. A cidade mais próxima estava a 160 quilômetros de distância. Talvez alguém em boa forma conseguisse percorrer tudo aquilo de bicicleta, mas tentar caminhar pela estrada seria suicídio. Aquele era um pesadelo bizarro e horrível.

Levei doze longos minutos para voltar para o meu apartamento. Quando virei a esquina do meu quarteirão, ouvi um ruído bastante familiar. Era o portão de ferro se fechando na entrada do edifício. Comecei a correr. Vi Tim tendo dificuldades para fechar o cadeado. Ele estava tão distraído que nem percebeu que eu me aproximava.

—Tim! Abre o portão.

Ele levantou a cabeça e o cadeado se trancou.

—É... Não posso, Corbin.

—É claro que pode. Coloca a chave no cadeado, aperta ali e vira a maçaneta.

—Eu... não posso. Não posso mesmo. Andy disse para não deixar ninguém entrar, principalmente... Bom, ninguém.

—E desde quando Andy decide alguma coisa?

—Ele me disse especificamente para...

—É, agora eu é que estou dizendo especificamente para você me deixar

entrar— eu disse, dando um passo para frente.

—Olha— Tim hesitou e recuou. —Vou perguntar se...

Que borra botas! Não acredito que ele me trancou do lado de fora! Estava prestes a espumar pela boca e reclamar da covardia dele. Ficaria muito mais nervoso se não tivesse uma chave. *Covarde e idiota!*

De qualquer maneira, não devia ficar com raiva de Tim. O problema era o Andy...

Por que será que ele queria tanto me trancar do lado de fora? Depois de entrar e trancar novamente o portão, fui em direção à escadaria. Alguns caras que eu não reconheci estavam ao redor da televisão desligada e me viram entrar no prédio. Ignorei o fato de eles estarem me encarando e continuei andando.

Quando cheguei ao terceiro andar, ouvi gritos. Parei para prestar atenção no que estava acontecendo. Não dava para entender o que estava sendo dito, mas reconheci as duas vozes: Andy e Linda.

Linda morava no apartamento da frente e trabalhava dois andares acima do meu no hospital. Éramos amigos desde o dia em que eu a ajudei a se mudar para o prédio. Ela era uns 15 anos mais velha do que eu, mas estava ótima para a idade dela.

Abri a porta da escadaria só um pouquinho.

—Você não passa de um ladrão!— Linda disse, irritada.

—Eu vou lá cuidar dele, seu idiota! Você termina de fazer as coisas aqui— Andy disse, parecendo dar as ordens para Tim.

Abri a completamente porta da escadaria e entrei no corredor. A porta do meu apartamento estava escancarada e pude ver que haviam saqueado tudo lá dentro. Andy estava parado na minha porta.

—Nem precisa bater, pode entrar— eu disse, sem nem me esforçar para fazer um tom de piada.

Fui na direção de Andy, que levou um susto e se virou para mim.

—Não era para você estar aqui— ele disse.

Ouvi que tinha gente no meu apartamento, o que foi a gota d'água para mim.

—Eu moro aqui. Você é que não deveria estar dentro do meu apartamento!

Quando me aproximei dele, Andy se virou e colocou a mão esquerda no meu peito, como se fosse um gorila. Na mão direita, ele empunhava um revólver. Era nove milímetros que eu conhecia bem. Era a minha arma.

—Calma aí, caubói!— ele disse, me dando um empurrãozinho de leve. —Temos um probleminha aqui.

Eu estava sem palavras, completamente boquiaberto. Eles me roubaram e agora iam me ameaçar com a minha própria arma. Cerrei os dentes e arregalei os olhos.

—Corbin, sinto muito. A culpa é toda minha— Linda disse, com um olhar

estranho no rosto que não me deixou saber se ela queria começar a chorar ou a gritar. —Eu só... Esses idiotas!

Andy se colocou entre nós.

—Alguém aqui precisa tomar as decisões mais difíceis, Core— ele disse. —Precisamos ficar na defesa, não importa o que são aquelas coisas que a gente viu na tevê. Ela me disse que você tinha um armário com armas. Só sabíamos de outras duas pessoas que tinham pelo menos um revólver. Você não estava aqui, então eu tomei a decisão.

Tim e um homem que eu não conhecia saíram do apartamento, cada um carregando uma maleta e uma caixa laranja grande com munição.

—Não encontrei mais nada— o desconhecido disse.

—Está bem. Diga para todos se reunirem na recepção. Menos você. Você fica aqui— Andy disse, olhando para mim.

—Desde quando você me dá ordens?

—Desde meia hora atrás, quando os moradores me elegeram para prefeito do Condomínio Millers Crossing.

Fiquei chocado de novo. *Só pode ter sido ideia dele. Por que todo mundo tem que fazer o que ele diz?* Pelo menos dessa vez eu consegui retrucar.

—Prefeito? Essa é a coisa mais imbecil que eu já ouvi em toda a...

—Todo time precisa de um técnico, Core. Se você não fizer o que o técnico diz, vai ser expulso, entendeu? Agora espera aqui até a gente terminar a nossa reunião— ele concluiu, voltando-se então para Linda. —Vou perdoá-la por ter ficado nervosinha desse jeito, mas só desta vez. Já que você e o Core são tão amiguinhos, porque não fica aqui para explicar para ele as jogadas que a gente combinou?

Andy deu passos pesados rumo às escadas, seguido pelos seus capangas. Eu continuava morrendo raiva, mas a estupidez daquela situação me fez rir.

—Prefeito?— perguntei, olhando para Linda.

—Nem me atice a dizer o que eu penso— ela respondeu, virando os olhos.

—Vamos ver até onde vai a idiotice deles— eu disse, fazendo um gesto para ela me seguir apartamento adentro.

6 — Companheirismo durante o pânico

Caminhei pela bagunça que Andy e seus amiguinhos tinham feito no meu apartamento. *Pelo menos eu sei como lidar com estes estragos.* Poderia limpar, lavar ou comprar coisas novas. Era o tipo de problema que conseguia compreender, que podia consertar. Mas não havia explicação ou conserto para o que acontecera no hospital.

—Eu sinto muito, Corbin— Linda disse, com a mão no meu ombro.

—Pelo quê? Andy ter sido eleito?— virei de costas.

—Não, por isso aqui— ela apontou para o apartamento. —Eu contei pra ele que você tinha armas.

—Não tem problema— respondi, dando uma risadinha sem motivo algum. —Vou avaliar o prejuízo e aí você me conta tudo direitinho.

—Desculpa...— ela estava com lágrimas nos olhos e se jogou para cima de mim, se enroscando no meu pescoço.

Fique um pouco chocado. Não é que ela nunca tivesse me abraçado antes. Já éramos amigos há um tempinho, então abraço entre a gente era algo comum. Fiquei mesmo chocado de vê-la assim tão abalada. Ela não ficara assim nem mesmo quando me contou sobre o ex-marido ou depois de discutir com a filha de dezesseis anos.

—Tá tudo bem— eu sussurrei ao abraçá-la.

Não consegui pensar em mais nada para dizer. Ela parecia estar se derretendo no meu ombro e me abraçou mais forte. Foi gostoso compartilhar aquele momento com ela enquanto o resto do mundo estava à beira da loucura. Sempre achei que ela era uma mulher linda, mas até aquele momento nunca tinha pensado nela de um jeito romântico.

Ao se afastar, ela já estava com um pouco de cor no rosto. No mesmo instante, o momento e a sensação tinham chegado ao fim e eu me lembrei da bagunça atrás de mim.

—Será que você podia esperar no seu apartamento enquanto eu...— apontei por cima do ombro com o polegar.

—Claro— concordou, parecendo ter ficado vermelha.

O apartamento estava mesmo um caos. Nem parecia que estiveram revistando o lugar, mas sim que haviam decidido jogar tudo pelos ares. Roupas e lençóis cobriam o chão do meu quarto. A tampa do reservatório de água da privada estava dentro da banheira; os pratos quebrados no piso da cozinha. Estava uma verdadeira bagunça.

Nem precisei olhar no cofre onde eu guardava as armas, pois sabia que ele estava vazio depois de ver a maioria do seu conteúdo sendo carregado porta afora. Depois do que aconteceu no hospital, não sei que serventia as armas teriam.

A sala estava menos bagunçada. Talvez não tiveram tempo de revirar tudo antes de eu chegar. Bom mesmo, porque deixaram passar uma caixa de madeira na estante de livros, que eu usava de decoração. Eu abri a caixinha e sorri.

O calor no meu apartamento estava começando a ficar insuportável. Já ficava pouco à vontade com o ar condicionado ligado o dia inteiro. Sem eletricidade, então, não dava mesmo para aguentar. E ainda nem tinha chegado a parte mais quente do dia...

Percebi que estava ficando com sede. Esperava encontrar alguma coisa ainda gelada na geladeira. Por sorte, os imbecis que arruinaram o resto do apartamento não tinham saqueado a minha cozinha. O suco de maçã ainda estava meio gelado, então terminei de tomá-lo. Coloquei a jarra na pia e olhei para a torneira. *Se também cortaram a água, já estamos todos mortos.* Tive medo de abrir a torneira.

O nome “Oásis” era bem apropriado, porque havia mesmo uma fonte natural no meio da cidade. Na verdade, a cidade crescera ao redor daquela fonte. Mesmo assim, a maioria da água que abastecia a cidade percorria 160 quilômetros desde o outro lado da montanha e se as bombas estivessem desligadas, não haveria água suficiente para todo mundo e a gente morreria de desidratação. A menos, é claro, que o vírus nos contaminasse primeiro.

Abri a torneira. Ouvi um gargarejo e respirei aliviado. Joguei um pouco de água no rosto. Que sensação refrescante! Quando me virei para sair dali, vi um chaveiro com duas chaves pendurado na parede. Sorri outra vez.

Havia cinco depósitos na cobertura do Condomínio Millers Crossing que podiam ser alugados pelos moradores. Somente quem tivesse alugado um espaço ganhava uma chave que dava acesso para o telhado do edifício. Uma chave era para a porta que dava para o telhado e a outra era para o depósito onde eu guardava meu material de acampamento.

Decidi que seria mais seguro deixar a caixa e as chaves com Linda. Os brutamontes provavelmente não ficariam a vigiando e o pessoal de lá de baixo poderia terminar o servicinho no meu apartamento sem nenhum problema. Coloquei a caixa debaixo do braço e peguei as chaves. Abri a porta do apartamento de Linda e chamei o nome dela.

—Tá com fome, Corbin?— ela me perguntou, abrindo uma gaveta.

Entreí na cozinha. Ainda não estava com fome, mas nunca fui de recusar comida.

—Se eu tô com fome? Sempre!

—Tenho que comer essa comida antes de estragar.

Desde que a gente se conheceu, eu não a tinha visto sentar e relaxar numa boa, mas também nunca a vira tão agitada como naquele momento. Achei que seu nervosismo era o verdadeiro motivo pelo qual ela estava preparando algo para comer. As mãos dela tremiam ao cortar o sanduíche.

—Vamos começar com este lanchinho— ela disse, me dando a metade.

Coloquei a caixa de madeira sobre a pia. Quando peguei o sanduíche da mão dela, os nossos dedos se tocaram de leve. Apesar do calor, a mão dela estava gelada. Sem pensar duas vezes, coloquei o sanduíche na pia e peguei a mão dela.

—Você tá com a mão gelada...

—É? Deve ser...

—Tá preocupada?

—Tô...— ela fechou os olhos e respirou fundo.

—Vamos conversar— eu soltei a mão dela.

—Tá bom— ela acenou com a cabeça e saiu da cozinha.

Peguei a caixa com uma mão e o sanduíche com a outra.

Fui para a sala e me sentei ao lado dela no sofá. Deixei a caixa atrás e mim. Ela parecia um pouco mais calma, provavelmente contente de poder tirar o aperto do peito.

—No que você tá pensando?— dei uma mordida no sanduíche. *Rosbife. Que delícia.*

—Precisa mesmo perguntar?

—Na sua filha?— não queria cuspir com a boca, mas senti necessidade de responder.

—Kim? É, mas tô pensando em tudo ao mesmo tempo. Estou preocupada com ela. Estou preocupada comigo. Estou preocupada com o pessoal do trabalho... Mas acho que principalmente estou pensando na Kim.

Kim tinha dezesseis anos. Era sua única filha. O ex-marido e Linda era advogado e conhecia todos os advogados que se especializavam em divórcio, então ganhou a custódia da menina depois que eles se separavam. Ele logo se mudou para Oásis, para o meio do nada. Linda uma vez me disse que ele havia feito isso só para ela não poder ver a filha e “poluir a mente dela”. Linda havia acabado de terminar o curso de enfermagem e conseguiu o emprego no hospital para ficar mais perto da filha.

Sempre a respeitei por ter forças e fazer o que fosse preciso para continuar fazendo parte da vida da filha dela. Ela era uma mulher incrível, que passou por maus bocados. Sabia que só precisava de um pouco de consolo e logo voltaria a ser aquela mulher geniosa e de nervos de aço. Coloquei meu braço ao redor dela.

—Pelo que ouvi, seu ex é um FDP, mas pelo menos sabe como conseguir o que quer. Ele vai protegê-la até vocês poderem se encontrar outra vez.

—Não é só isso— ela disse, fechando os olhos e respirando fundo outra vez. —Ela ia ficar comigo alguns dias, mas ontem à noite a gente acabou brigando e ela voltou para a casa do pai. Corbin, e se eu não...

—Você vai— eu a interrompi. —Prometo.

Ela me abraçou outra vez, como havia feito no corredor. Coloquei o sanduíche de volta no prato e a abracei. Pensei na situação e fiquei um pouco dividido. Ela era minha amiga e eu queria mesmo ajudá-la. Também estava sentindo uma quedinha por ela, o que me deixou com remorso, como se eu estivesse me aproveitando dela. Eu me esforcei para deixar de lado qualquer sentimento romântico e fiz o possível para garantir que ela teria uma chance de ver a filha de novo.

Ficamos abraçados no sofá. A cada respiração, ela se acalmava mais. Logo já havia parado de tremer. Ficamos sentados ali durante uns cinco minutos, até que ela finalmente notou a caixa.

—O que é isso?— ela perguntou, se afastando de mim.

—É um presente. Mas primeiro me conta tudo o que aconteceu aqui.

—Aparentemente eu descii cinco minutos depois de você sair. Andy ainda estava soltando fumaça pelas fuças por causa... Como foi que ele disse? Por causa da “falta” que você havia cometido com ele e como ia ter uma disputa de pênaltis quando você voltasse.

—Ele é doido de pedra— eu disse, virando os olhos.

—Eu sei... Mas, então, em meia hora o prédio inteiro estava na recepção assistindo ao noticiário. Ninguém sabia o que estava acontecendo dentro do hospital até que algumas pessoas mandaram para o canal de tevê umas fotos tiradas com o celular.

—Fotos?

—Dos pacientes infectados. Eles eram horríveis, com ferimentos que deveriam ter sido fatais. Estavam amarrados à cama. Então uma enfermeira da UTC ligou para o noticiário e disse que os pacientes estavam ensandecidos, tentando morder qualquer um que chegasse perto. Era como se o vírus tivesse tomado conta do sistema nervoso deles. E daí tudo só piorou. O pessoal infectado conseguiu se soltar das amarras e começou a escapar. Foi aí que o exército começou a atirar e a multidão do lado de fora perdeu o controle.

—Eu sei. Eu estava no meio daquela bagunça.

—Aqui, a coisa também não estava boa. O dono do mercadinho no térreo sumiu, ninguém sabe para onde. Os recém-casados foram para a casa de uns parentes aqui perto. A apresentadora do jornal disse que o exército tinha fechado as saídas da cidade. Aí começou o plantão na tevê e as ordens era para todo mundo não sair para as ruas. Andy e a gangue dele falaram sobre lei marcial. Logo mostraram aquele cara infectado caindo da janela do hospital e depois aquele grupo

de doentes atacou a multidão e interromperam as transmissões.

Linda respirou fundo e virou os olhos.

—Foi então que tivemos uma reunião dos condôminos. Andy se elegeu prefeito e decidiram trancar o prédio e não deixar ninguém entrar até que tudo tivesse passado. Juro que metade do pessoal acha que aquele idiota é o máximo... Bom, tentei convencê-los de que você seria bastante útil se voltasse para cá. Aí disse que você tinha armas e eles perderam a noção. Não iam deixar você entrar por nada nesse mundo!

Vi como a raiva estava voltando aos olhos dela. Linda fechou o punho só de lembrar como estava irada.

—Foi aí que você voltou e entrou. Falando nisso, como você conseguiu entrar?

—Como todo mundo entra no prédio— ri e comi o último pedaço do sanduíche. —Tenho a chave do portão. Tim não teve tempo de passar a corrente e o cadeado. Eu o assustei bem na hora em que ele pensou em fechar o cadeado.

—Bom, ainda bem que você voltou— ela disse, me abraçando de novo. —Obrigada por me escutar e desculpa por eu ter falado das armas.

—A culpa não foi sua— eu sorri. —Eles não teriam aberto o cofre com tanta facilidade se eu não tivesse deixado a chave bem em cima do cofre.

—Então, o que tem na caixa?— ela perguntou, se afastando e aparentemente percebendo a caixa de novo.

—Ah, é... Um presente para você.

Peguei a chave no bolso da minha camisa e entreguei-a para ela, que abriu a caixa. Lá estava um revólver e um pote com umas 30 balas.

—De onde você pegou isso?— ela perguntou.

—É aquela caixa que estava na prateleira da sala.

—Caramba! Quantas armas você tem?

—Bom, agora não tenho nenhuma.

—Corbin, não posso aceitar...

—Aceita, Linda. O Andy e aqueles idiotas vão tirar o revólver de mim se me revistarem. Quem sabe onde isso tudo vai parar? Prefiro que você esteja preparada, em vez de desperdiçar outra arma.

Ela pensou por um instante e logo acenou com a cabeça.

—E as chaves?

—Isso é para a gente dividir. É a minha chave para o depósito na cobertura do prédio, onde estão as minhas coisas de acampamento, caso a gente precise. Não quero que o meu equipamento caia nas mãos deles.

Linda colocou a caixa e as chaves na mesinha ao lado do sofá. Ela se virou novamente para mim, olhando nos meus olhos. Colocou a mão no meu joelho e estava tremendo de novo, mas dessa vez era diferente. Seus lábios se mexeram um

pouco antes de ela falar.

—Corbin— ela se aproximou ainda mais de mim, mais perto do que eu normalmente deixo alguém chegar.

—Linda?— me perguntei se as coisas estavam indo para onde eu secretamente esperava que fossem.

Eu me aproximei dela. Nossos lábios estavam a centímetros de distância.

—Obrigada— ela agradeceu, fechando os olhos e colocando os lábios nos meus.

Fiquei praticamente paralisado. Não acreditava no que estava acontecendo. Senti tantas emoções ao mesmo tempo. Não importava que ela fosse mais velha e que a gente trabalhava no mesmo hospital. Não importava o que estava acontecendo na cidade.

Ela me empurrou gentilmente, me fazendo deitar no sofá. Puxou a minha camisa e me beijou com mais ardor. Não fazia a mínima ideia até onde agente iria ou o que aquilo significava, mas também nem tive tempo de descobrir.

—Corbin! Linda! Venham aqui. O prefeito quer falar com vocês.

Linda se afastou de mim, com um sorriso tímido. Parecia um pouco surpresa com o que havia começado a fazer, mas também estava satisfeita. Seus olhos brilhavam quando ela saiu de cima de mim e me estendeu a mão.

—Acho melhor a gente não deixar o prefeito impaciente.

Eu me levantei e escutei passos no corredor.

—Onde vocês estão?

—Aqui!— Linda respondeu.

Fomos para o corredor e reconheci um morador do segundo andar nos esperando. Estava de camisa azul plissada e calça social, um pouco bem vestido demais para a ocasião.

—O prefeito quer que vocês façam uma coisinha— ele anunciou, mantendo a postura ereta.

Tive que me segurar para não dizer para ele que estávamos mesmo prestes a fazer uma “coisinha”.

—E o que o estimado prefeito gostaria que nós fizéssemos?— perguntei, em vez disso.

Linda deu uma risadinha, mas minha educação exagerada parecia não afetá-lo.

—Ele prefere dizer para vocês pessoalmente. Sigam-me— o carinha liderou o caminho.

Linda e eu demos de ombros e descemos as escadas atrás dele. Comecei a refletir sobre o comportamento esquisito que havia testemunhado durante o dia. As multidões, o cara nos mostrando o caminho, Andy, Linda... Todo mundo! Por algum motivo, a postura de Andy foi o que mais me intrigou.

No pronto-socorro, geralmente via pessoas inteligentes fazendo um monte de loucuras. Uma vez ajudei um cara que tinha despejado um envelope de gelatina em uma ferida aberta, na esperança de ajudar a coagular o sangue e estancar a hemorragia. Teve também uma mulher que chegou ao hospital com a jiboia de estimação grudada na cabeça. Ela estava dormindo e acordou com uma dor de cabeça daquelas. Quando percebeu que a jiboia estava tentando engoli-la pela cabeça, resolveu passar pasta de amendoim ao redor da boca da cobra para ver se ela acharia o gosto ruim e cuspiria a cabeça da própria dona.

Simplesmente não há justificativa lógica para o que algumas pessoas fazem diante de uma emergência. De certa forma, acho que compreendi como Andy estava raciocinando ao virar meu apartamento de cabeça para baixo, tentar me trancar do lado de fora e eleger-se prefeito. Mesmo assim, não deixei de não gostar dele por causa disso.

Entramos na recepção do prédio. Umas quinze pessoas estavam sentadas nos sofás e no chão, enquanto Andy permanecia de pé na frente da televisão apagada. Provavelmente estava pregando aos demais algo sobre o qual não sabia patavina.

—Que bom que vocês chegaram— Andy disse. —Chegou a hora de vocês saírem do banco de reservas. Tenho um servicinho para vocês dois.

7 — O servicinho

Todos se viraram para olhar para mim. Alguns estavam com a mandíbula tensa e a cara fechada. Poucos levantaram uma sobrancelha e pareciam estar apelando com o olhar: “Por favor, não faça um melodrama”.

Sabia que ali não era o melhor lugar para entrar em uma queda de braço com Andy. Precisava manter a boca fechada até encontrar o momento oportuno.

—O que deseja, Andy?— me pronunciei, pois parecia que todos estavam esperando a minha reação.

—Mais respeito! Diga “Senhor Prefeito” porque a gente votou nele!— gritou um dos homens sentados no sofá perto de Andy, levantando-se e apontando o dedo para mim.

—Não, “a gente” não votou em nada. “Vocês” votaram— eu revidei calmamente, tentando controlar a vontade de rir. —Agora vê se cala a boca e deixa o “prefeito” me explicar qual é o servicinho.

O cara parecia ter ficado decepcionado porque eu não me rebaixei para usar o mesmo tom de voz dele. Ele se limitou a fazer cara feia e sentar-se outra vez.

—Chega, Corbin. Fico feliz de ver que você se acalmou um pouquinho depois de levar cartão amarelo.

—Grande coisa. O que você quer?

—Linda, antes de mais nada quero que você e as outras mulheres organizem os mantimentos do mercadinho e preparem o almoço para todo mundo. Podem ir.

—Tá bom!— Linda respondeu e eu podia ver como ela estava ficando vermelha de raiva, mas conseguiu se segurar.

As outras cinco mulheres presentes se levantaram timidamente. A maioria parecia estar bem assustada. Nenhuma se opôs à tarefa. Bom, pelo menos ninguém protestou.

Enquanto elas entravam pela porta que ligava a recepção ao mercadinho, contei todo o pessoal: 16 homens e 6 mulheres no total. Não reconhecia metade dos homens. Suspeitei que na verdade não eram moradores. Provavelmente tinham parado para ver o noticiário com o resto do pessoal. Ou, melhor ainda, talvez fossem amigos do Andy que vieram para o prédio assim que a energia foi cortada. *Que maravilha!*

Andy voltou sua atenção para mim. Fiquei olhando para aquele gordo nojento que havia se autodenominado prefeito. Tentei imaginar o que ele poderia ter dito para conquistar o apoio do restante do pessoal. Só queria enfiar-lhe um murro no

meio das fuças... Sabia que ele já tinha feito a cabeça de todo mundo, então seria inútil começar a discutir. Fiquei de boca calada e controlei minha raiva. Quem sabe alguém mais cairia na real de que ele era um completo idiota? Talvez ele levasse todo mundo a caminho da morte viral.

Ele espremeu seus olhinhos já estreitos e, pela expressão na sua cara rechonchuda, eu pude perceber que aquele cérebro minúsculo estava tentando funcionar na potência máxima. Começou a balançar a cabeça para cima e para baixo devagar antes de finalmente se pronunciar.

—O que você sabe sobre o prédio ao lado?

—Só sei que o prédio existe. Mas não vou até lá, se é isso que você está me pedindo.

—Não, não estou pedindo isso— ele estufou um pouco o peito. —Mas se estivesse, você seguiria as minhas ordens e jogaria na posição para a qual foi escalado.

Muitos dos caras na recepção acenaram com a cabeça, concordando com Andy como se ele tivesse falado palavras verdadeiramente sábias.

Idiotas! Quero dar uns tapas em um por um!

—Tem uma janela no meu apartamento que dá de frente para uma das janelas do prédio ao lado.

—E?— eu queria que deixasse logo de rodeios.

—Tem um rapaz que foi mordido hoje por um dos infectados lá perto do hospital. Ele está muito mal. Quero que você fale com ele e com o... Com o rapaz que divide o apartamento com ele. Vê se você pode ajudar os dois da minha janela e descobrir mais alguma coisa sobre o vírus.

O vírus tá no prédio ao lado?

Eu queria mesmo dar-lhe um soco no estômago. Isso queria dizer que o vírus não estava se alastrando a partir do hospital. A doença já havia chegado a outros pontos da cidade. Bom, fazia sentido, apesar de eu não ter pensado naquilo antes. A disseminação dentro do hospital havia sido ruim o bastante e a unidade móvel da vacina de araque provavelmente tinha selado o destino da cidade.

Não tinha certeza de como o vírus era transmitido. Eu estivera em um local infestado na noite anterior, mas estava tudo bem comigo. Já o cara que havia sido mordido há algumas horas aparentemente mostrara sintomas sérios da infecção.

—Então, Core. Você vai ou não vai entrar em campo?

—Vou fazer o possível— respondi a contragosto.

8 — O vizinho infectado

Andy apontou para um dos homens presentes.

—Zeke, vem com a gente. Os demais podem ficar bolando jogadas para o plano de ação de hoje à noite.

O tal Zeke se levantou e o restante concordou com as ordens. Adoraria que eles parassem de dizer amém para tudo.

—Você também vem, Core?— Andy perguntou, indo em direção à escadaria e dando uma olhada para trás.

Entrei na fila, atrás de Zeke, e segui os dois até o apartamento de Andy no segundo andar.

O que eu vi lá dentro me surpreendeu. A sala de estar parecia mais um museu do esporte. Uniformes e fotos cobriam a maioria das paredes. Capacetes de jogadores de futebol americano, bolas de beisebol, bolas de basquete e outros itens autografados disputavam espaço nas estantes. O lugar era iluminado cuidadosamente e parecia imaculado.

Mal podia acreditar no que via, porque isso não parecia ser típico do Andy, mas quase não tive tempo de observar muita coisa porque ele foi direto para o corredor a caminho do quarto. Senti o cheiro do quarto dele antes mesmo de chegar à porta: a fedantina inconfundível dele. *Que porco!*

Quando entramos, aquilo sim parecia ser a cara dele. O quarto o refletia quase que perfeitamente: fedido, bagunçado e uma ofensa geral à humanidade. Na verdade, estava mais bagunçado do que o meu quarto depois de eles terem revirado as minhas coisas. Roupas e lixo acumulado por toda parte, colchão sem lençol, um cobertor embolado no canto e um travesseiro sem fronha. Debaixo de uma das janelas estava uma mesa com um computador.

Andy se esgueirou pela sujeira e foi até a janela mais distante. Hesitou por um instante, respirou fundo e olhou para Zeke e para mim.

—A janela dele fica bem ali em frente— apontou com o dedão. —Hey Frankie!— gritou para o cara do outro prédio.

De uma hora para outra, Andy ficou nervoso demais e saiu porta afora.

—Corbin, vai falar com o Frankie— ele deu as ordens do corredor. —Se precisar de alguma coisa, manda o Zeke vir falar comigo.

Gostaria que ele tivesse levado o fedor com ele, mas o quarto continuava dominado por aquele cheiro nauseante. O comportamento dele me surpreendeu outra vez, porém eu não tinha tempo para tentar analisar a loucura dele. Tinha coisa mais

importante a fazer.

Fui até a janela de onde Andy havia gritado para o vizinho, que apareceu do outro lado do corredor estreito entre os dois edifícios. Ele era magro e parecia estar exausto.

—Então Andy, você finalmente...— ele parou de falar quando percebeu que era eu quem o esperava na janela. —Desculpa, pensei que fosse o Andy.

—Não, felizmente não sou ele. O que aconteceu?

—O Andy não contou?— vi a cara que ele fez quando pronunciou o nome dele.

—Ele não disse muita coisa e, de qualquer forma, eu não confio no que aquele imbecil tem a dizer.

—Bom, o meu... O meu amigo foi mordido hoje por um daqueles loucos infectados do lado de fora do hospital.

Fiquei outra vez chocado ao ouvir aquilo. Sabia que o vírus estava se espalhando, formando bolsões de infecção pela cidade. Estava entrando no meu “clima” de pronto-socorro. Trabalho diariamente com situações de crise e sabia que conseguiria manter o controle até tudo aquilo acabar. Precisava fazer o possível para ajudar o paciente.

—Como ele está agora?

—O Carlton vai morrer?— Frankie perguntou, com uma voz estremecida.

—Não sei...— respondi, enquanto imagens da multidão de infectados me vinham à mente. —Vamos fazer o possível para salvá-lo. Mas preciso da sua ajuda, tá bom?

—Tá...

—Como é que ele está?

—Tá deitado na cama, ardendo febre. Deve estar com muita dor, porque fica gemendo e rangendo os dentes.

—Ele tomou alguma coisa para a dor ou a febre?

—Dei um comprimido de ibuprofeno quando ele chegou.

—E a febre baixou?

—Não— Frankie deu de ombros. —Acho que não.

Virei para Zeke e pedi para ele ir até o meu apartamento e pegar meu kit de primeiros-socorros no armário do corredor, além de todos os frascos de remédio que pudesse encontrar. Ele pareceu ficar aliviado por ter o que fazer fora daquele quarto.

—Pedi para o Zeke pegar um remédio mais forte para ver se o seu amigo melhora. Há quanto tempo ele está assim?

—Ele voltou uns vinte minutos depois do apagão. Dentro de uma hora, a dor de cabeça forte começou, junto com a febre. Veio então se deitar, mas só está piorando.

—Como está a respiração dele?

—Frac, pelo menos entre os gemidos.

—Você conseguiu tirar a temperatura dele?

—Ainda não.

—Mas tem certeza de que ele está com febre.

—A pele dele está mais quente do que eu já senti... em qualquer pessoa.

—Ok. Tem mais alguma coisa de que eu precise saber?

Frankie abaixou os olhos e balançou a cabeça.

Fiquei pensando quanto tempo levaria para Zeke me trazer os kit. Frankie não parecia estar muito estável e eu sabia que se ele perdesse a cabeça ficaria difícil ajudar o tal Carlton.

—Então, por que o Andy não quer falar com você?— perguntei. —Parecia até que ele saiu apressado daqui...

—Carlton e Andy são irmãos gêmeos— Frankie respondeu, cerrando os dentes e respirando fundo. —Eles não se falam desde... Bom, desde que Carlton me assumiu. Agora Andy odeia Carlton e diz que a culpa é minha.

—É... Andy não é exatamente o tipo de cara que tolera quem pensa diferente dele.

—E Carlton nunca o perdoou também. Ele acha que eu não sei, mas já o ouvi deixando mensagens no telefone, chamando o irmão de caipira sem coração.

Quase soltei uma risadinha. Era por isso que Andy quase perdera a cabeça quando eu o chamara de caipira.

Sentei e fiquei pensando um pouco. Não sabia o que dizer. Relacionamentos complexos nunca foram o meu forte. Assistência médica de emergência era a minha especialidade. Fiquei triste pelos gêmeos. No fundo, sabia que Carlton e Andy nunca teriam uma chance de fazer as pazes.

Não precisei ficar sozinho com os meus pensamentos e sentado naquele mal-estar silencioso durante muito tempo. Zeke logo entrou no quarto com uma caixa branca enorme com a cruz vermelha e uma sacola cheia de frascos de remédio.

—Foi o Andy que fez aquilo com o seu apartamento?— ele perguntou, colocando tudo na cama.

—É, ele é super fino!— respondi, abrindo o kit de primeiros-socorros.

—Mas ele disse pra gente que... Deixa para lá— Zeke balançou a cabeça.

—O Andy fala demais.

Estava prestes a descer o pau nele, dizendo o quanto ele era um imbecil, mas parei por ali e peguei o termômetro. No mesmo instante, ouvi um grito alto de dor vindo do outro prédio. Corri até a janela a tempo de ver Frankie desaparecer.

Em poucos instantes, o grito se transformou em um choro incontrollável, finalmente diminuindo até chegar a uns gemidos fracos de dor. Aqueles foram minutos bastante longos.

—Frankie... O que está acontecendo?— perguntei.

Logo ele apareceu na janela. Sua expressão havia mudado completamente e ele estava sorrindo.

—Acho que ele melhorou. A febre tá passando.

—Mesmo assim, quero que você tire a temperatura dele. Será que dá para pegar o termômetro.

—Posso tentar.

Talvez num dia normal ele conseguisse mesmo pegar o termômetro, que eu joguei de leve na direção dele. Ele tentou agarrá-lo, mas o termômetro acabou caindo dentro do apartamento dele. Vi que ele começou a procurar pelo chão. No fundo, achei que a febre havia baixado temporariamente, se é que tinha mesmo baixado mesmo. A menos que o sistema imunológico de Carlton fosse miraculoso.

Frankie finalmente achou o termômetro e se distanciou outra vez da janela. Queria poder ver o que estava acontecendo lá dentro. Geralmente dava para saber no pronto-socorro quando um paciente estava morrendo. Eu pelo menos podia ver e tentar ajudar. Dali, só dava para ficar sentado, adivinhar e passar as instruções. Eu me senti impotente, uma sensação que eu odiava.

Logo percebi que os gemidos haviam parado. Assim que me dei conta daquilo, outro grito quebrou o silêncio. Esse grito era diferente, então chamei o nome do Frankie.

Ouvi alguém bater a porta e Frankie voltou outra vez para a janela. Parecia que estava em pleno ataque de pânico. Tremia, estava sem ar e gritava coisas sem sentido. Naquele frenesi, consegui compreender um pouco do que ele estava tentando dizer.

—Ele tentou me morder! O que deu errado? Ele estava gelado. O que eu... Ele mastigou o termômetro e tentou me morder! Agora, o que é que eu faço? Ele quebrou... O que é que eu faço agora?

Senti um embrulho no estômago. Sabia que era tarde demais. A única coisa que nos restava fazer era afastar Frankie de Carlton.

—Saia já daí. Se puder, tranque a porta e saia já daí!

Frankie já não estava mais prestando atenção em mim. Se não ouvisse o que eu estava dizendo naquele mesmo instante, não teria uma segunda chance.

—Frankie, você precisa me escutar. Saia já daí! Não dá mais para salvar o Carlton, mas...

Eu fiquei paralisado. Atrás de Frankie, uma versão mais magra de Andy saiu das sombras. Era Carlton, infectado.

Sangue pingava dos lábios de Carlton, já que ele havia se cortado ao morder o termômetro. Ele tinha o mesmo olhar sem vida do cara que eu vira no hospital.

Eu não podia fazer mais nada.

9 — Minha última discussão com Andy

Carlton, infectado, colocou os braços em volta de Frankie num abraço de urso horripilante e cravou os dentes nos ombros dele.

Frankie gritou e tentou se soltar de Carlton, sem sucesso. Carlton o mordeu de novo, dessa vez mais perto do pescoço. Frankie se debateu com mais força, mas não deu em nada. Carlton parecia estar tomado por uma força sobrenatural.

Fiquei chocado ao testemunhar a brutalidade de um ser infectado. *Como pode alguém que está morrendo de dor se tornar um monstro super-humano de uma hora para outra?* Eu me virei para Zeke, mas percebi que ele não estava mais lá.

No quarto do prédio ao lado, Frankie e Carlton caíram no chão. Eu estava desesperado e queria saber exatamente o que estava se passando. Pelos gritos e golpes, dava para eu ter uma ideia. Fiquei me perguntando durante quanto tempo aquilo poderia continuar.

Em poucos instantes, os gritos de Frankie se transformaram em um pranto descontrolado. O ser que uma vez respondera pelo nome de Carl se levantou. Tinha sangue ao redor da boca e cobrindo-lhe o rosto, mas não esboçava nenhuma emoção. Parecia estar olhando para o nada, mas de alguma maneira senti que estava olhando para mim. Na verdade, eu tinha certeza de que ele podia me ver.

Meio sem jeito, Carlton começou a tentar sair pela janela. *Ele vai pular de um prédio para o outro!* Não tive nem tempo de pensar. Precisava agir rápido, então corri e fechei a janela. Pelo canto do olho, vi a cadeira da escrivaninha do Andy. *A poucos metros de distância.* Consegui alcançá-la e voltei a minha atenção para Carlton. Ele estava no parapeito do lado de fora do apartamento, agachando-se e prestes para pular. Agarrei com força o encosto da cadeira. Ouvi um barulho logo atrás de mim ao mesmo tempo em que ele pulou.

Bangue!

A parte de cima da janela, ao lado direito, se esstraçalhou e os cacos de vidro caíram para dentro do quarto, pouco antes de o braço direito de Carlton quebrar o vidro do lado esquerdo.

Seguindo meus instintos, eu me abaixei e me virei. Vi a sombra bulbiforme de Andy na porta. Ele empunhava um revólver grande na mão direita, que estava tremendo.

Tapei os ouvidos e me virei para a janela. Carlton tentava quebrar tudo para entrar. Seus braços estavam dilacerados e sangrando bastante, mas ele parecia não se importar.

Andy atirou de novo, dessa vez atingindo a parede logo acima da janela. O terceiro tiro finalmente pegou no braço esquerdo de Carlton, que recuou um pouco com o impacto e quase caiu. Com uma força sobre-humana, ele continuou se segurando e golpeando a janela com o braço esquerdo. O último tiro pegou-lhe bem no peito. O impacto fora forte demais e Carlton não conseguiu se segurar, caindo de costas na rua lá embaixo e fazendo um ruído revoltante.

Andy acabou atirando mais uma vez em direção à janela por onde seu irmão estava tentando entrar. Respirei fundo e virei para ele, prestes a agradecê-lo por ter me ajudado. Eu ia mesmo agradecer, mas logo vi que Andy havia abaixado a arma. A mão continuava tremendo e ele tinha uma expressão perversa no rosto. Era eu quem estava na sua mira.

—Isso é tudo culpa sua!— ele esticou o braço.

Tinha quase certeza de que ele havia dado seis tiros no total, mas é difícil manter a calma com alguém apontando uma arma para a sua cara.

—Deixa de ser idiota— eu me afastei um pouco, indo na direção da cadeira.

—Isso é tudo culpa sua!— ele repetiu, vindo para cima de mim.

Vi que Zeke estava atrás dele, com os olhos arregalados, acompanhado de outro cara no corredor, cujo ombro era tudo o que eu conseguia enxergar dali.

—Você sabe que não é verdade— respondi, respirando fundo outra vez. —Ele foi mordido por alguém infectado no hospital. Você sabe que foi isso que aconteceu. Ele já estava com um quadro avançado demais quando você pediu a minha ajuda. Não tive a mínima chance de tratá-lo.

—Não minta para mim!

—Olha, eu sinto muito pelo seu irmão, Andy. Mas ele se foi. A sua atitude não vai ajudar ninguém aqui...— assim que eu disse isso, sabia que havia cometido um grande engano.

—Meu irmão?!— Andy estava soltando fumaça pelas narinas. —Aquela bicha não é meu irmão há muito tempo!

—Tudo bem, mas agora abaixa a arma para a gente poder conversar— eu tentei me aproximar.

—Desde quando você me dá ordens, Core?— ele perguntou, com ódio nos olhos.

Não sabia se era ódio de mim, do irmão ou do que ele havia feito. Talvez nunca fique sabendo. Só tinha certeza de que ele estava totalmente fora de controle.

—Você tá fora do time!— disse, com a boca tremendo.

Clique.

A arma estava sem balas. Eu deveria ter ficado aliviado, mas aquilo me deixou furioso. *Ele podia ter me matado!* Peguei a cadeira e a joguei na direção dele com todas as minhas forças.

Andy era burro ou lerdo demais para se esquivar. A cadeira o atingiu no peito e na cara. Ele cambaleou para trás e bateu na porta aberta. Os dois homens no corredor recuaram.

Eu não ia deixar aquele porco reagir. Fui para cima dele, que olhou para mim um segundo antes de o meu punho direito atingi-lo no rosto. Ele tentou se levantar e dar um soco com a mão à direita. Eu consegui evitar o golpe facilmente e logo dei-lhe uma de esquerda na lateral da cabeça.

Andy se debruçou um pouco e cobriu a cabeça com os braços. Seu nariz estava jorrando sangue. Tentou falar alguma coisa, mas eu estava agitado demais para escutar. Só continuei batendo. Minha intenção era continuar socando aquele cara até meus braços ficarem exaustos, mas logo os dois caras vieram desapartar a briga e me agarraram.

Com dificuldade de respirar, Andy ajoelhou-se em uma das pernas. Tentei chutá-lo, mas ele já estava fora do meu alcance. O gordo idiota pegou uma camisa suja do chão e colocou pressão no nariz durante um minuto. Estava se recuperando rapidinho do meu ataque.

—Você tem muita sorte...— ele disse.

—Eu tenho sorte porque você é estúpido demais para contar até seis!— respondi, tentando me soltar dos capangas dele. —Você é quem tem muita sorte de os seus amiguinhos estarem aqui.

Percebi que eles estavam tendo dificuldades para me segurar e não gostaram do jeito que eu disse “amiguinhos”. Meus braços e pernas estavam tremendo e eu fiz um grande esforço para me acalmar e respirar mais devagar. Fiquei atento para o próximo movimento dele.

—Tentei me dar bem com você, Corbin— Andy disse um pouco depois, tirando a camisa do rosto e olhando para o próprio sangue. —Tentei mesmo.

—Não, você tentou foi me matar!

—Eu faço o que é melhor para o time— ele respondeu, tirando os olhos da camisa.

—Cala essa boca!— eu quase consegui me livrar. —Quem é que você está querendo enganar?

—Quem você pensa que...— ele começou a dizer, levantando uma sobrancelha.

—Por acaso você acha que essas analogias esportivas sem noção fazem você parecer um cara sábio?

Ele levantou a mão e abriu a boca para falar outra vez, mas eu o cortei de novo.

—A verdade é que você não passa de um atleta de araque, grande e burro! Não faço a mínima ideia de como você conseguiu convencer todo mundo lá embaixo a lhe deixar realizar sua grande fantasia de ser “prefeito”. Só sei que você não vai

conseguir fazer todo mundo de bobo por muito tempo. Logo todos vão ver como você é realmente estúpido, arrogante e irracional.

—Já ouvi o bastante— ele disse, levantando-se e com os dentes cerrados.

Andy veio na minha direção, pisando em cima da bagunça que o rodeava perto da porta. Eu me debati contra meus captores. Ele ergueu o braço para trás e me deu um soco no estômago. Tentei recuar para absorver o golpe, mas não funcionou. Fiquei sem ar.

Assim que eu levei o golpe, Zeke deve ter mudado de ideia, pois soltou o meu braço direito. O outro cara fez o mesmo, soltando o meu braço esquerdo. Sem o apoio, eu caí de joelhos e tentei respirar de novo. Zeke deu um passo para frente e Andy recuou.

—Olha aqui, não vou ajudar você a ficar botando medo em ninguém!— Zeke disse, apontando para Andy.

—Ele tem razão— o outro concordou. —Eu só ajudei a desapartar para ele não machucar você mais ainda, mas não era para se aproveitar da situação e bater num cara indefeso.

Andy virou de lado e cuspiu no chão, em cima das próprias roupas e da bagunça.

—Pessoal, o Corbin nunca vai seguir o plano de jogo de ninguém— ele tentou argumentar.

—Bom, se o seu plano de jogo é atirar nele enquanto ele só tava tentando ajudar, dá pra entender porque ele não quer seguir a sua tática— Zeke rebateu.

—Vocês não entendem que eu preciso tomar decisões difíceis — Andy zombou da gente. —Sou o único que estava preparado para atirar naquela coisa que tentou atacar a gente.

—A única coisa para a qual você está preparado...— comecei a dizer, balançando a cabeça, —...para fazer... é roubar o que é dos outros assim que tiver uma chance.

O silêncio tomou conta do quarto. Estava morrendo de raiva, mas era bom saber que os outros dois estavam do meu lado. Bom, pelo menos eles não estavam mais do lado do Andy. Recuperei o ar com cada respiração, mas meu estômago ainda estava doendo quando me levantei.

—Acho que o prefeito precisa abandonar o cargo— eu disse, encarando Andy sei baixar os olhos.

Ele ia responder, mas eu o ignorei e saí do apartamento.

10 — A infecção bate à porta

Eu honestamente não me lembro de muitos detalhes da reunião que fizemos depois disso. Só sei que foi uma gritaria, um xingando o outro e o Andy e seus comparsas falando todos cheios de razão. Se a gente soubesse um pouco mais sobre os infectados, todo mundo teria falado baixo, levado a reunião para outro andar ou pelo menos trancado a entrada da frente, cujo portão vertical de rolar continuava aberto.

Andy acabara de fazer sua analogia esportiva mais estapafúrdia, que envolvia a precisão de uma equipe de *curling*, a força de uma equipe de pólo aquático e o “bom e velho espírito americano” de uma equipe de beisebol. Todos os presentes, até mesmo os amigos de Andy, ficaram boquiabertos com tamanha estupidez.

O silêncio fora quebrado por um gemido esquisito. Todos se viraram e viram um homem com aquele olhar vazio agarrando as barras do portão.

—Um infectado!— uma voz exclamou atrás de mim.

O pânico se instalou no condomínio Millers Crossing. Vários dos amigos de Andy começaram a se empurrar, tentando subir pelas escadas. Andy estava dando ordens, mas ninguém estava nem aí. Muita gente estava gritando. Agarrei a primeira pessoa que vi, que na verdade era o cara que estava com Zeke no apartamento.

—Vamos fechar aquela porta de dentro— eu disse, apontando na direção.

A gente não queria se aproximar demais do infectado que estava forçando a porta, então um ficou de cada lado da entrada e fez o possível para puxar o portão vertical. Na primeira tentativa, o portão mal se mexeu. Ele estava emperrado por falta de uso.

Observei rapidamente aquela coisa lá fora. O olhar vazio do infectado pousava diretamente diante dele, que segurava uma barra com a mão esquerda e tentava puxar a grade com a mão direita. Não tinha sinal algum de esforço no rosto, mas a barra de ferro estava se dobrando levemente, o que indicava uma força terrivelmente sobre-humana.

Meu ajudante perdeu o equilíbrio ao tentar puxar a porta com mais força. O infectado agachou-se e agarrou o braço dele. Deixei o cuidado de lado e fui para o meio da entrada, usando todo o peso do meu corpo. O cara continuava tentando se livrar do infectado.

Finalmente deu certo e porta pesada começou a descer. O infectado soltou o braço do cara e tentou agarrar o portão, mas não teve tempo. Meu companheiro de aventura puxou o braço na hora certa, antes de a porta se fechar por completo até o

chão. Puxei uma alavanca e a barra horizontal se prendeu no encaixe, trancando o portão. Os dedos esmagados se mexiam um pouco enquanto o infectado tentava se soltar.

—Qual é o seu nome?— perguntei.

—Steve— ele respondeu, sentando-se no chão.

—O meu nome é Corbin. Como é que tá o braço?

Ele balançou o braço ao se levantar. Tinha uma marca vermelha escura por causa do aperto, que deixaria uma mancha roxa, mas a pele não parecia ter nenhum arranhão.

—Será que eu...— ele tentou perguntar, com o terror expostos nos olhos.

—Provavelmente não— respondi, balançando a cabeça. —Não feriu a sua pele, então acho que você não corre nenhum risco imediato. Mas vamos lá lavar esse braço só para garantir.

O banheiro mais próximo era o do consultório de Tim, o dentista, então entramos para lavar o braço dele. Steve me contou algo do que eu já suspeitava: Andy havia chamado a maioria dos seus amigos de bebedeira assim que a crise começara. Também dissera para todo mundo que eu tinha um histórico de violência e deveria ser trancado do lado de fora.

Depois de garantir que Steve havia se acalmado e de que tudo ia dar certo, subi para ver para onde todo mundo tinha ido. Linda estava no corredor, conversando com dois casais que eu conhecia de vista. Eles viraram para mim quando eu abri a porta da escadaria que dava para o corredor.

—Tá tudo bem com você?— Linda perguntou, assustada.

—Tô bem. Fechamos o portão de dentro.

Linda me apresentou para os dois casais, que eram moradores “de verdade” do prédio e não tinham conseguido sair para o trabalho quando aconteceu aquilo tudo no hospital. Estavam falando sobre o que fariam com os planos de Andy. Para mim, a resposta era simples, então entrei na conversa.

—Quem mais desse pessoal que anda atrás do Andy mora mesmo aqui?

—Só o dentista— um dos homens respondeu.

—Ótimo. Alguém aqui aluga um depósito na cobertura?

Todos fizeram que “não” com a cabeça.

—Bom, eu alugo— anunciei, com um sorriso nos lábios. —Escuta só...

11 — Adeus ao condomínio

—Sempre que tiverem uma chance, levem água e mantimentos lá para cima— eu disse, olhando para a porta que dava para a escadaria. —Andy não sabe que a gente tem acesso ao depósito.

—E o que isso importa?— um dos maridos perguntou.

—Importa e muito!— eu levantei uma sobrancelha. —Ele é um perfeito idiota e não vai demorar muito até aquele bando de imbecis meterem os pés pelas mãos e deixarem os infectados entrarem.

—Então, no que você está pensando?— Linda perguntou.

—Quando os infectados entrarem mesmo no prédio, deixem aqueles idiotas fazerem o maior barulho atirando. Enquanto isso, vocês correm para o telhado.

—Como é que a gente vai sobreviver lá em cima?— uma das esposas perguntou. —Vai estar quente demais.

—Olha, eu não sei quanto tempo esta crise vai durar— eu confessei, olhando de novo para a porta. —Pode ser uma questão de horas ou alguns dias até o governo começar a agir. A melhor opção para vocês é se prepararem para quando Andy ferrar com tudo.

—Para quando Andy ferrar com tudo?— o marido dela interrompeu. —Você é muito cara-de-pau, tentando dar uma de herói agora!

—Como é que é?

—É isso mesmo! Conta a verdade. Foram mesmo os seus primos que começaram com tudo isso?

Eu mal pude acreditar. O que é que o Andy e seus amiguinhos estavam dizendo por aí? Fechei a mão com força e dei um passo em direção a ele.

—Não vai me dizer que você acreditou naquela merda toda que ele andou falando?

Linda pôs a mão no meu peito e me empurrou de leve.

—Olha aqui, Gary, a mãe dele nasceu na Espanha, não no Oriente Médio. E ele é enfermeiro, não é terrorista!

—Tem certeza?— ele perguntou, me encarando.

—Tenho— ela confirmou.

—Mesmo assim não confio nele.

—Ótimo, não precisa confiar em mim— eu retruquei, relaxando a mão.

—Ah, é? Por que não?

—Porque eu não vou ficar aqui.

Linda olhou para mim no mesmo instante. Todos pareciam estar chocados.

—Não... Você não pode...— Linda disse, tirando a mão do meu peito.

—Tenho que ir. Se ficar aqui, só vai dar problema. O pessoal do Andy me odeia e vai odiar qualquer pessoa que ficar do meu lado. Vocês terão mais chances se eu for embora.

Aparentemente o grupo estava sem palavras. Cinco pares de olhos estavam em cima de mim, todos confusos. Aproveitei a oportunidade para explicar o meu plano.

—Como estava dizendo, tenho a única chave que dá acesso ao depósito, que tá cheio de acessórios para acampamento. Vocês não precisam se esconder no telhado agora, porque o Andy provavelmente é imbecil o suficiente para tentar atirar na porta. Mas se ele estiver ocupado atirando nos infectados, vocês terão a oportunidade perfeita.

Apontei para o outro lado do corredor, na direção das escadas que davam para o telhado.

—Coloquem algumas coisas naquele lance de escada para usar de obstáculo para a porta. No telhado tem uma torneira e uma mangueira, mas é melhor levar bastante água, o quanto vocês puderem carregar. O plano é basicamente esse.

—E você?— Linda tocou de leve no meu braço.

—As coisas só tendem a piorar para todo mundo se eu continuar aqui. Vou colocar algumas coisas na mochila e descer pelo que restou da escada de emergência do lado de fora do prédio. Depois disso, vou tentar encontrar um lugar onde eu seja bem recebido.

Ninguém protestou, então fui para a bagunça do meu apartamento para arrumar tudo. Troquei a calça do hospital pela calça de acampamento. Coloquei um uniforme hospitalar na mochila, além de cuecas e meias. Enquanto fazia as malas, pensei para onde eu poderia ir e se seria mesmo recebido bem em algum lugar. Deixei de pensar bobagem e peguei um caderno e umas canetas para pelo menos documentar minha versão da história.

Decidi que minha melhor opção era ir para a área industrial, que ficava a uns oito ou dez quarteirões em direção à zona sul. Tudo estaria mais vazio por lá, então eu poderia encontrar um lugar todinho para mim, se fosse necessário. Peguei umas barrinhas de cereal e a maior garrafa de água que encontrei para enfiar na mochila.

Já estava quase pronto. Tomei o último gole do suco de maçã que estava esquentando rapidamente dentro da minha geladeira. Coloquei a mochila nas costas, ajustei as alças e fui de volta para o quarto.

Ali eu me ajoelhei e rezei, algo que não fazia há muito tempo. Minha mãe havia me ensinado a rezar e parece que eu era ótimo nisso. Depois que ela morreu, aos poucos fui perdendo a vontade e a capacidade de rezar. Se eu tivesse que retomar a atividade, aquele seria o momento ideal. Pedi principalmente proteção. Não

conseguia pensar em nada mais, então terminei e me levantei. Logo me veio uma ideia e eu me ajoelhei de novo.

Fui tateando pela bagunça que Andy havia chutado para baixo da minha cama. Depois de procurar um pouco, peguei o meu velho taco de beisebol.

—Obrigado!— agradei, olhando para os céus. —A ajuda veio rapidinho.

Quando me levantei, Linda estava entrando no quarto.

—Você não vai embora sem se despedir, né?— ela perguntou, colocando as mãos nos quadris.

—Olha Linda, sobre o que aconteceu antes...

—Tá tudo bem. A gente faz coisas sem pensar quando tá sobre pressão. Além do mais, quem resistiria a tudo isso— ela brincou, apontando para si mesma.

—Pelo menos agora você não precisa ficar indecisa entre Andy e eu, seus grandes amantes— ri da minha própria piada.

Ela também riu e se aproximou para me abraçar.

—Obrigada por ser um ótimo amigo— ela disse. —Vê se você se cuida lá fora. O meu ex-marido mora do outro lado da cidade, mas se você cruzar com a Kim, diz para ela que eu a amo muito.

—Eu tenho certeza de que ela já sabe disso, mas pode deixar que eu digo pra ela.

Fui em direção à janela. Tive que fazer um pouco de esforço para abri-la, já que estava emperrada. Olhei para trás uma última vez, para o que uma vez havia sido o meu mundo, e saí pela janela.

A escada de emergência mal continuava afixada do lado de fora do prédio. Dava para notar os anos que se passaram sem nenhum tipo de manutenção. Depois de dez minutos que colocaram meus nervos à prova, finalmente cheguei ao último degrau. A parte que dava para o chão estava emperrada. A escada toda estava prestes a se soltar da parede, então nem tentei forçar.

Joguei meu taco de beisebol no chão, o que fez mais barulho do que eu esperava. Rapidamente, agarrei na última barra da escada e joguei minhas pernas para baixo. Fiquei pendurado na escada até meu corpo parar de balançar. Logo me soltei e alcancei o chão, a pouco mais de meio metro, no beco que ficava na lateral do edifício.

Eu me xinguei por ter feito tanto alvoroço. Olhei ao meu redor para ver onde o taco havia caído e poder pegá-lo. Quando me virei para a rua, meu coração parou. Um homem com olhar vazio havia virado a esquina e entrado no beco. Tinha a perna esquerda ensanguentada e ferida e a camisa toda rasgada.

Não tinha dúvida: o homem estava infectado. E ele mancava na minha direção.

12 — A vida nas ruas

Daquela vez, não fiquei tão chocado ao ver um infectado. Depois de passar alguns anos trabalhando no pronto-socorro, estava preparado para enfrentar uma crise. Olhei à minha volta para estudar as minhas opções. Subir pelo beco não era uma boa ideia, já que eu não sabia onde ele ia dar nem o que estava me esperando mais a frente.

A única saída seria passar pelo infectado e ir para a rua. Ele não precisava de um plano. Bastava continuar vindo na minha direção. Devia estar a uns cinco metros de mim. Vi que havia dois latões de lixo de metal entre nós. Corri.

Ele continuou mancando. Quando cheguei perto, ele se abaixou um pouco, preparando-se para dar o bote. Agarrei a tampa de uma das lixeiras com a mão livre. O infectado pulou para cima de mim. Girei a tampa do latão o mais rápido que pude, mas ele agarrou a borda com as duas mãos, Puxei com toda força, tentando derrubá-lo. Ele puxou a tampa na direção dele, fazendo mais força ainda e a gente acabou rodopiando para um lado.

Senti que a tampa estava escapando das minhas mãos. Quase perdi o equilíbrio, mas notei que havia passado por ele, que resolveu soltar a tampa e se jogar de novo para cima de mim. Tentei correr na velocidade máxima, mas ainda estava meio desequilibrado. Acabei tropeçando em uns sacos de lixo e caindo no chão.

O infectado esticou o braço para me agarrar. Fiquei de pé e corri para sair do beco, chegando na rua. Olhei para trás e ele estava se levantando, cambaleante, tentando me seguir. Percebi que também havia movimento diante do prédio. O homem cujos dedos foram esmagados pelo portão vertical estava olhando para mim. A mão dele continuava presa, mas a pele se dilacerava conforme ele tentava se levantar. Conseguiria se soltar em questão de minutos.

O outro infectado saiu do beco. Uma voz dentro de mim começou a gritar, mandando eu me apressar, então saí correndo. Não sabia para onde estava indo, mas queria aumentar a distância entre mim e os dois infectados, pelo menos o suficiente para eles não me seguirem.

Virei a cada esquina nos próximos quarteirões. *Espero que tenha despistado os dois.* Logo parei de correr e fiquei no meio de um bloco. Naquele momento, a decisão de deixar o prédio parecia uma idiotice. Estava preso ao ar livre, no calor da manhã. Não tinha amigos para me ajudar, nenhum abrigo e nenhuma proteção, além do meu taco de beisebol. Também não sabia em que prédios havia pessoas infectadas.

Vi algo se mexendo nas janelas ao meu redor. Sentia os moradores me observando. Sabia que eles estavam se perguntando se eu estava infectado. Alguns provavelmente achavam que eu era um dos terroristas que mostraram na tevê e que tinham desencadeado isso tudo. Ninguém ia me acolher.

O grito de um homem ecoou de um dos prédios. Fiquei pensando em quantos edifícios na cidade inteira os mesmos gritos eram ouvidos. *Por que o governo não está fazendo nada? O que aconteceu com o exército? Vão deixar a cidade toda morrer?*

Decidi que aquele não era o melhor momento para discutir comigo mesmo. Precisava sair da rua, então me concentrei no meu plano original: encontrar fábricas e lojas na zona sul da cidade. O plano parecia legal, então comecei a descer pelas ruas.

À distância, mais ruídos ecoavam das casas conforme o vírus fazia mais vítimas. A porta de uma casa parecia que havia sido aberta a murros. Comecei a sentir calafrios e fiquei pensando se alguém ainda poderia estar lá dentro, mas decidi não verificar.

Ouvi muitos gritos dentro de um prédio de apartamentos mais adiante. A gritaria terminou com o que parecia ser tiros abafados.

Fiquei ainda mais decidido a seguir em frente. Só pensava em uma coisa: encontrar um lugar seguro. Não ia me arriscar para verificar qualquer coisa que parecesse estranha. Apertei o passo e continuei andando.

Uma porta se abriu atrás de mim. Olhei e era mesmo daquele prédio. Um homem saiu cambaleando e caiu no chão, mas logo se levantou. Parecia ter se metido em uma briga daquelas. Tinha cortes no rosto e estava mancando e arrastando a perna direita. O braço parecia ter sido mordido várias vezes. Olhou ao seu redor e me viu, então começou a atravessar o jardim do prédio.

—Preciso de ajuda.

Fiquei com um nó na garganta. Até a noite anterior, eu passara a vida inteira ajudando pessoas em situações de emergência. Queria cuidar dos ferimentos dele, mas sabia muito bem o que aquelas mordidas significavam. *Não dá mais para ajudá-lo.* Recuei.

Uma mulher saiu pela mesma porta atrás dele. Tinha os olhos vazios e não disse nada, mas se virou para a direção do homem que estava tentando escapar. Ele nem precisava olhar para trás, pois sabia quem o estava perseguindo.

—Por favor, me ajuda!— ele implorou outra vez, estendendo a mão.

Não posso fazer nada para ajudá-lo. Voltar e ajudá-lo seria suicídio, então saí correndo. Seus gritos de tortura ecoaram em meus ouvidos. Continuei correndo.

Logo havia menos casas no caminho e as ruas eram tomadas por lojas de máquina e pequenas fábricas. Meus pulmões queimavam, então parei para recuperar

o fôlego.

O terror no rosto daquele cara estava gravado na minha memória. Senti o meu estômago se revirando. *Eu não podia ter feito nada. Se eu ficasse, teria acabado infectado também.* Eu sabia que tudo aquilo era verdade, mas mesmo assim me doía abandonar o homem daquele jeito.

Um edifício me chamou a atenção. Tinha três andares e era o mais alto do quarteirão. A placa acima da porta dizia “Centro Médico de Oásis – Instalações de Pesquisa – Anexo II”. O logotipo de hospital estava pintado na porta.

Sabia que o hospital tinha vários laboratórios espalhados pela cidade, mas nunca havia visitado nenhum deles. Mesmo assim, ver um prédio com o mesmo logotipo que eu levava no meu uniforme me fez sentir um pouco em casa. Decidi encontrar uma entrada.

13 — Um erro muito grave

Não precisei procurar muito. As chaves ainda estavam na fechadura pelo lado de fora. Queria saber o que poderia ter acontecido ali.

A porta se abriu completamente. Meu coração quase saiu pela boca quando percebi que tinha um problemão. Não sabia há quanto tempo as chaves estavam ali. Só sabia que quem deixara as chaves na fechadura cometera um erro muito grave. O negócio era saber se o erro havia o alcançado.

Não sabia se algum infectado havia entrado e não fazia a mínima ideia se alguém ainda estava lá dentro. Pelo menos tinha certeza de que poderia entrar e trancar a porta. *Quem sabe quanto tempo vai levar para eu encontrar outro prédio aberto?*

Cerrei os dentes e puxei as chaves da fechadura conforme fui entrando. Fiz o mínimo de ruído possível. Tranquei a porta e guardei as chaves no bolso. Explorei o local, segurando o taco de beisebol com as duas mãos.

O primeiro andar estava repleto de cubículos padrão e sem vida. A escada só levava para o andar de cima, mas o elevador tinha uma seta apontando para baixo. Conforme passei pelo banheiro, podia jurar que ouvi uma torneira aberta.

Fui me aproximando da porta devagarzinho e fiquei prestando atenção durante uns cinco minutos. Nenhum barulho. Abri a porta um pouquinho e vi o banheiro mal iluminado por um vitrô com o vidro temperado.

Meu coração batia acelerado. Abri a porta mais um pouco. Nem sinal de movimento lá dentro. Não conseguia esperar mais. Escancarei a porta e entrei com o bastão de prontidão. Não havia ninguém.

Suspirei aliviado e já não segurei o taco com tanta força. Talvez tivessem deixado as chaves para trás na correria, tentando voltar para casa depois de a crise se intensificar. Quase me convenci de que era exatamente isso que havia acontecido, quando acabei ouvindo outro barulho.

Era o encanamento rangendo com a água, que correu durante uns trinta segundos. Senti um aperto no estômago e fiquei petrificado. Pensei nas possibilidades. *Seria só uma pessoa? Será que estava infectada?* Raciocinei que, se alguém estivesse infectado, pelo menos não havia perdido totalmente a consciência. Aquele pessoal com olhar sem vida não parecia ser muito de parar para lavar as mãos. *Se eu subir agora, está garantido que vou encontrar um ser humano consciente.*

Aquilo até que servia de consolo, mas não sabia o que aconteceria quando

aquela pessoa me visse. *Será que vai pensar que estou infectado? Seja lá quem for, será que é perigoso? E se tiver mais de uma pessoa?*

Decidi que ficar ali não ia ajudar em nada, então fui em direção à escada. Não havia nenhuma janela, então a escadaria estava numa penumbra e bastante abafada. O ar estava pesado e doentio.

Subi tentando não fazer barulho até chegar no segundo andar. Quando encontrei uma porta, aproximei meu ouvido e tentei ouvir alguma coisa.

Nada.

Abri a porta um pouco.

Nada.

Tentei respirar silenciosamente, mas minha respiração parecia uma cachoeira correndo escada abaixo. Entrei pela porta e a encostei com todo o cuidado. Levantei novamente o taco de beisebol, pronto para dar um golpe, e comecei a andar.

O segundo andar tinha vários escritórios. As paredes eram brancas e grossas. Tinha também uma sala de estar com um bebedouro, uma geladeira e uma vendedora automática. Queria saber onde faziam as pesquisas e presumi que talvez só pelo elevador alguém teria acesso ao laboratório.

Ouvi algo caindo no andar de cima, o que fez um grande estrondo. Logo ouvi passos, que pareciam ser de alguém andando de um lado para o outro. Foi então que percebi que eu não estava explorando o local da maneira correta. Afinal, se tivesse me refugiado no último andar do prédio, a última coisa que eu ia querer é alguém se esgueirando pelos corredores. *Não é melhor eu anunciar a minha presença?* E se aquela pessoa estivesse infectada, dizer “oi” não faria mal a ninguém.

Abaixei o bastão, segurando-o com a minha mão esquerda. Os passos continuaram ecoando. Fui para a escada e subi para o terceiro andar, mas dessa vez não me preocupei em não fazer barulho.

Quanto mais eu subia, mais o ar na escadaria ficava abafado e úmido. Parei assim que encontrei a porta que dava para o corredor. Eu estava agitado demais para o meu próprio bem. Respirei fundo três vezes, inspirando aquele ar quente. Tentei relaxar os ombros, fazendo movimentos circulares. Comecei a imaginar uma maneira nada ameaçadora para carregar o bastão. Respirei fundo outra vez e virei a maçaneta.

—Olá!— abri a porta totalmente. —Tem alguém aí?

Um homem baixinho de avental branco, o mesmo que estava andando de lá para cá, parou para olhar para mim. Ele arregalou os olhos e praticamente congelou.

—Está tudo bem. Eu só...

Ele se virou de costas, correu pelo corredor e entrou pela porta que estava aberta.

—Espera!— corri atrás dele.

Antes de chegar no meio do caminho, ele saiu da sala empunhando um revólver.

—Pare aí mesmo!

Quase tropecei tentando parar repentinamente. Meu coração estava acelerado. Soltei o bastão e levantei as mãos.

—Olha, eu não estou infectado!

—Ah, é?

—Eu só queria um lugar seguro para poder passar a noite— eu disse, me aproximando um pouco.

O homem espremeu seus olhos diminutos.

—Vou embora pela manhã. Prometo.

Ele pensou por um momento e depois abaixou o revólver.

—Tira a roupa!

14 — Confissões de um cientista louco

—Como?— demorei um minuto para processar o que ele havia dito.

—Você me ouviu. Tira a roupa!

Pensei em quais motivos ele teria para me ver pelado, mas nenhuma alternativa me parecia remotamente agradável. Ainda assim, achei que era melhor saber o que me esperava do que continuar na ignorância.

—Por que você quer que eu tire a roupa?

—Quer saber mesmo?— o homem perguntou, arqueando uma sobrancelha.

—Sim...— respondi, engolindo seco.

—Deixa de ser paranoico! Eu só quero ter certeza de que você não foi mordido. Preciso saber se você está infectado.

Fiquei um pouco aliviado, apesar de não me sentir nem um pouco à vontade em tirar a roupa daquela maneira. Ele pediu para eu abrir os braços, esticando-os para os lados, e dar uma voltinha devagar para poder me examinar melhor.

—Ok— ele acenou com a cabeça e abaixou o revólver.

Logo ele voltou para a sala onde havia buscado a arma. Peguei as roupas e me vesti. *Onde é que eu fui me meter?* Fui atrás dele para ver se a gente podia conversar. A sala era um escritório pouco decorado e com janelas cobrindo uma das paredes. Um armário de metal estava tombado de lado. O cara continuava andando de um lado para o outro.

—Você não pode dormir no meu escritório. E amanhã vai ter que ir embora.

—Não foi isso que eu vim perguntar.

—Olha, desculpe-me se você ficou sem graça— ele disse, parecendo voltar à realidade depois de ter se perdido em seus pensamentos. —Não sei se isso ajuda, mas sou médico, então você não é o primeiro cara pelado que eu vejo.

—O que você sabe alguma coisa sobre os infectados?

—Você trabalha mesmo no hospital?— ele perguntou, zombando de mim ao notar que eu estava usando a camisa do uniforme hospitalar. —Ou comprou uma fantasia de médico?

—Sou enfermeiro do pronto-socorro— respondi, sem tempo de ficar chateado, já que tinha tanta coisa acontecendo ao meu redor.

—Você *era* enfermeiro do pronto-socorro— ele retrucou, fazendo um gesto com a mão como se estivesse me corrigindo.

—Então, você vai ou não vai me contar alguma coisa?— perguntei, pensando no que ele tinha para esconder de mim.

Apesar de não ter o olhar perdido como os infectados, alguma coisa parecia estar errada com ele.

—É um vírus.

—Isso eu sei. O que mais?

—Você é insistente, hein?— ele disse, levantando os olhos para olhar para mim. —Já pensou que talvez não queira lhe contar certas coisas? Afinal, tenho informações valiosas...

Fiquei chocado com o comportamento dele. Acontecera tanta coisa nas últimas 24 horas, que ele só podia estar escondendo algo muito sério. Pensei em um argumento convincente para tirar informações dele. Foi aí que eu me lembrei de uma coisa.

—Posso dizer por que mereço saber de tudo.

—Você tem alguma coisa para oferecer em troca?— ele perguntou, intrigado.

—Que tal você me contar tudo como uma forma de me agradecer por eu ter salvado a sua vida?

—Nem tente fazer pressão psicológica— ele levantou a voz. —Não sou idiota! *Pode não ser idiota, mas é doido.*

—Não quer saber como eu entrei aqui?— perguntei, colocando a mão no bolso e mostrando as chaves.

—Como é que você...— ele se assustou e começou a revistar os próprios bolsos.

—Você deixou as chaves na porta, do lado de fora— respondi, jogando o chaveiro aos pés dele. —E então, agora podemos conversar?

Ele olhou para um lado e para o outro, como se estivesse conversando consigo mesmo. Finalmente, acenou com a cabeça e andou até a mesa, sentando-se.

—Você não pode contar para ninguém o que eu estou prestes a lhe dizer.

—Está bem.

—A culpa é nossa. Foi a gente que fez isso. Depois a gente perdeu.

—Do que você está falando.

—O vírus foi desenvolvido pelo exército— ele começou a me contar, olhando à nossa volta como se quisesse confirmar que não tinha ninguém ouvindo. —Quando não sabiam mais o que fazer, procuraram a nossa ajuda para aperfeiçoá-lo.

Não podia acreditar no que estava ouvindo. Balancei a cabeça um pouco, incrédulo.

—É verdade! Trabalhamos neste laboratório tentando encontrar uma cura. Os militares construíram uma montadora para este laboratório. O resto do pessoal estava tentando aperfeiçoar o vírus nos outros dois laboratórios.

—E quem ia acreditar em mim se eu decidisse contar para alguém? Eu só não...

—Isso não tem importância. O importante é que eu sei como o vírus age.

Calei a boca e decidi continuar ouvindo.

—Nossa pesquisa com infecções vivas era limitada, mas sei de algumas coisas sobre o comportamento dos infectados.

Senti um aperto no estômago. *Testaram em humanos?!*

—Em primeiro lugar, os infectados se reconhecem, seja pelo cheiro ou pela linguagem corporal, ainda não temos certeza. Em segundo lugar, eles são atraídos por humanos não infectados. Na verdade, quanto maior o grupo, mais os espécimes infectados sentem-se atraídos. E é exatamente isso que você não pode contar para ninguém. Se o pessoal começar a se distanciar uns dos outros, o perigo vai ser distribuído igualmente entre todos nós. Do jeito que a coisa está, os idiotas estão se juntando em grupos grandes porque acham que ficarão mais protegido, mas não é assim que a coisa funciona. Os infectados serão atraídos por esses grupos e vão para longe de mim, já que eu vou ficar aqui sozinho.

—Mas os outros não deveriam saber disso?— perguntei, enrugando a testa.
—Quero dizer, se você não avisar para ninguém, estará condenando o mundo inteiro à morte.

—Sim, esse é um raciocínio bastante heroico, mas você sabe o que vai acontecer, não é?

—O quê?

—Pessoas vão morrer, independentemente do que a gente faça. Só os mais fortes e mais inteligentes sobreviverão. Os infectados usam a força muscular do corpo humano de um jeito que não somos capazes. Eles são incansáveis! Só querem uma coisa: infectar outras pessoas. O vírus é praticamente perfeito!

Este cara é completamente louco!

—Mesmo assim, você não pode...

—Eu posso e você vai fazer exatamente isso. Assim que parar para pensar, vai compreender que não há motivos para se transformar numa ovelhinha no rebanho. É por isso que você vai embora pela manhã. Eu quero sobreviver.

Fiquei olhando para a parede durante alguns minutos. O que o médico louco estava falando até que fazia sentido, mas era errado deixar os outros morrerem. *Ele ajudou a arquitetar esta crise... É claro que não está nem aí pra vida de outros seres humanos.*

—Por que concordou em criar uma coisa tão horrível?

—Você não tem visão. Esse era um pequeno preço a ser pago. Nossa pesquisa sobre o comportamento viral já estava décadas a frente de qualquer outro laboratório. Com as máquinas que nós projetamos e os militares construíram, podemos fazer um bem maior do que você possa imaginar.

—Como assim?

—Um vírus que ataque apenas as células cancerígenas, por exemplo. Pense em quantas vidas isso ia salvar.

—Pense em quantas vão se perder...

—É pouco em comparação. Você nunca compreenderia.

Estava cheio de pensamentos me passando pela cabeça. Fiquei olhando para o médico. Precisava saber.

—Como eles colocaram a mão no vírus?

—Quem? Os terroristas? Ah, essa é a pergunta que não quer calar, não é?

Ele se virou para a janela. Eu havia ouvido o suficiente. Estava na hora de ir pensar no assunto e descansar um pouco.

—Então, onde é que eu posso dormir?

—Por mim, tanto faz. Pode dormir onde quiser, contanto que não seja neste andar.

Desci as escadas e encontrei um escritório com um sofá e uma janela enorme. O sol finalmente estava se pondo. Não havia sinal de movimento algum na rua lá embaixo. Um final tranquilo para um dia horrível.

Decidi que precisaria descansar bem se o médico louco do andar de cima planejava mesmo me expulsar pela manhã. Deitei no sofá e tentei relaxar.

As estrelas finalmente apareceram no céu e, quando estava prestes a cair no sono, a sala foi tomada por um clarão. Antes mesmo de ver o que era, o edifício começou a tremer e ouvi um estrondo que acompanhou a explosão.

Só pode ser uma explosão!

Corri até a janela para ver o que havia acontecido.

15 — Um desejo ardente de ficar sozinho

O fogo tomou conta do que restava de um acostamento para caminhões a uns dois quarteirões de onde eu estava. As chamas eram quase da mesma altura do prédio. Fumaça preta e espessa pairava no ar. Entre as chamas e a fumaça, vi uma cratera no estacionamento.

Meu primeiro instinto era correr para ver se havia algum sobrevivente precisando de ajuda, mas no fundo sabia que não podia fazer muita coisa. Ninguém sobreviveria a uma explosão daquelas. *Deve ter sido um tanque subterrâneo que explodiu.*

Estava escurecendo cada vez mais e aquele fogaréu se intensificou em contraste com o céu empoeirado do deserto. Foi aí que eu vi todo mundo. Várias pessoas estavam subindo a rua. *Mas não são pessoas de verdade.* Estavam indo em direção ao fogo. Muitos tinham as roupas manchadas de sangue. Alguns mancavam. Não conseguia enxergar direito naquela escuridão, mas dava para ver que não havia expressão nenhuma no rosto deles e seus olhos estavam sem vida. *Infectados!* Mas o que estavam fazendo ali? Parecia que queriam entrar na fogueira.

Dentro de uma hora o céu ficara completamente escuro. Com a luz da lua e a iluminação das chamas que estavam se esvaindo, pude ver umas 20 ou 30 pessoas infectadas na rua, todas imóveis diante do que antes havia sido um posto de gasolina. O fogo queimara forte e rápido, mas logo não havia muita coisa sobrando para ser consumida pelas chamas.

Milhões de perguntas me passaram pela cabeça. Por que eles se sentiram atraídos pelo fogo? O que vou fazer quando tiver que ir embora de manhã? O que aquele médico fez? Por que ele tinha certeza de que ficaria mais protegido se estivesse completamente sozinho? Não conseguia encontrar respostas convincentes, então fiquei olhando para o nada na escuridão. Estava tão absorto em meus pensamentos que nem ouvi a porta se abrindo atrás de mim.

Senti o impacto antes de ouvir o disparo. Na verdade, nem lembro se deu mesmo para escutar alguma coisa. Eu me virei para ver quem tinha me atacado. É claro que só podia ser o médico do andar de cima! Ele estava ali parado, todo satisfeito. Segurava o que parecia uma espingarda, que ele abaixou para poder sorrir para mim.

—Perdoe-me, enfermeiro. Preciso ficar sozinho.

Tentei compreender o que estava se passando. Coloquei a mão nas minhas costas para apalpar a ferida. Meus dedos encontraram um dardo grosso, que eu consegui puxar. *Um tranquilizante? Como é que isso vai deixá-lo mais sozinho?* Levantei os olhos para olhar para o médico, mas ele já havia saído e fechado a porta.

Senti uma onda de raiva. Joguei o dardo no chão e fui direto para a porta, o que foi um grande erro, porque acabei tropeçando em um cesto de lixo e uma cadeira ao tentar sair do escritório. Mas isso não importava. Já tinha decidido que ia dar uma surra naquele baixinho FDP antes de apagar de vez.

O corredor estava ainda mais escuro do que o escritório. Uma luz fraca vinha das portas que estavam abertas. *Ele pode ter se escondido em qualquer lugar... Não faz mal, porque quando encontrar aquele doido vou sentar a mão na cara dele.*

A porta que dava para a escada se fechou. Passei a mão pela parede até encontrá-la. O calor da escadaria continuava insuportável. Subi os degraus correndo e tropeçando. Tentei abrir a porta para o corredor, mas ele havia colocado alguma coisa para bloqueá-la ou segurava a maçaneta do outro lado.

Comecei a bater na porta e gritar o mais alto que pude para aquele covarde sair e eu poder lhe mostrar o que é bom para a tosse. Gritei, xinguei, ameacei e dei murros na porta até o calor engolir a minha ira e o tranquilizante me tirar as forças.

Foi então que eu percebi o erro grave que havia cometido. *Ele me atinge com um dardo tranquilizante e a primeira coisa que eu faço é sair correndo e elevar meus batimentos cardíacos?! Que estupidez a minha... Aquele leão... o leão no Discovery Channel...*

Meu coração acelerado havia bombeado o tranquilizante pelo meu corpo ainda mais rápido do que o normal. Os meus braços e as minhas pernas ficaram mais moles do que gelatina. Meus pensamentos não estavam claros. Sabia que precisava encontrar um lugar seguro. *Quem sabe no meu andar? Talvez eu consiga bloquear a porta antes de ficar desacordado.*

Tarde demais. Cai antes mesmo de chegar ao primeiro degrau. A última coisa do que me lembro é que fiquei tentando compreender o que um pesquisador de vírus estava fazendo com uma espingarda com dardos cheios de tranquilizantes.

16 — Colocando o morto-vivo no olho da rua

Acordei um pouco mais tarde com o estômago virado e uma dor de cabeça horrível. Também tinha certeza de que não sentia o meu rosto. O ar na escadaria continuava quente e pesado, como no momento em que desmaiei. *Completamente sozinho e na penumbra.*

Queria engatinhar, mas meu corpo não estava reagindo como deveria. Em vez disso, acabei caindo de cara no chão de cimento. Tentei organizar meus pensamentos, mas minha mente permanecia confusa. Não conseguia nem entrar em pânico. Parecia estar no meio de um nevoeiro.

Eu me forcei a respirar fundo algumas vezes, esperando que o oxigênio ajudasse a situação. O ar queimava meus pulmões. Desmaiei outra vez.

Quando acordei de novo, o ar na escadaria estava bem mais fresco. Nem um pouco perto do que seria considerado confortável, mas menos quente do que antes. *Já deve estar quase amanhecendo. O prédio não está mais tão quente.*

Consequia pensar de maneira mais coerente. A dor de cabeça havia diminuído bastante, mas meu estômago estava pior e eu hesitei na hora de me sentar.

O primeiro ruído que percebi foi o zumbido nos meus ouvidos. Quando zumbido diminuiu, ouvi algo ainda pior: silêncio absoluto, seguido de um barulho de coisas caindo.

O barulho vinha da escadaria. Parecia uma grande comoção em algum lugar do prédio. Fiz o maior esforço para me sentar e continuar prestando atenção. O barulho vinha do primeiro ou do segundo andar.

Fiquei enjoado. O nó no estômago estava cada vez pior. Abracei as minhas pernas e tentei respirar e me acalmar. Logo o enjoo passou. Quando pensei que poderia ficar de pé, encontrei o corrimão. Estava fraco e tremendo, mas consegui me levantar, apesar de estar mais tonto e enjoado do que antes. Tive ânsia de vômito porque estava desidratado. Senti cólicas horríveis no abdômen. Minhas pernas tremiam violentamente.

Eu me debrucei sobre o corrimão. Parecia que todas as partes do meu corpo conspiravam para me fazer vomitar. Não havia comido ou bebido nada durante muito tempo, então não tinha nada para vomitar.

Finalmente, o ácido estomacal saiu pela minha boca e pelas minhas narinas. Eu me senti horrível e cuspi várias vezes para tentar me livrar daquele gosto. Pelo

menos a ânsia estava passando. Por fim, consegui respirar fundo. Pude então me controlar e percebi que havia feito muito barulho. Quem ou o que estava quebrando tudo lá embaixo poderia ter ouvido meus gemidos ecoando pela escadaria. Poderia e havia ouvido.

Uma porta se abriu e vi uma luz fraca iluminando o andar de baixo. *Só pode ser no primeiro andar, mas será que...*

—Oi!— gritei.

Ninguém respondeu. Só escutei o barulho de alguma coisa batendo no chão, como se alguém tivesse tropeçado. Prendi a respiração e fiquei prestando atenção. Definitivamente alguém estava se mexendo. A porta se fechou e a escuridão tomou conta da escadaria novamente. Dessa vez, eu não estava sozinho. Sabia que só podia ser um infectado e que eu não poderia lutar no escuro sem nenhuma arma. A porta atrás de mim estava sendo bloqueada por um cara louco. Só tinha um jeito de escapar: chegar ao segundo andar antes dele.

Meu coração batia forte e a adrenalina correu pelas minhas veias. Tateei no escuro para agarrar o corrimão e fiz o que pude para correr escada abaixo. Quase podia sentir aquela coisa apostando corrida comigo para chegar ao segundo andar. *Não tenho tempo.*

Fiz a curva rapidamente entre um lance de escada e o outro. O problema é que eu não calculei bem onde os degraus começavam novamente e, quando coloquei o pé, pisei no vazio. Caí de cara na escuridão. No primeiro momento antes de cair no chão, tentei me agarrar ao corrimão, mas não encontrei nada. De nada adiantou. Meu braço esquerdo sofreu o primeiro impacto, seguido pela minha testa.

O impulso levou meu corpo escada abaixo para a segunda colisão com o chão. Rolei de lado e o meu joelho bateu em um degrau. Depois do que parecia ter sido uma eternidade, finalmente parei aos pés da escada.

Minhas pernas e meus braços estavam doloridos, mas não tinha tempo para sentir dor. Sem pensar, fui na direção em que eu achei que a porta estaria, mas só encontrei o corrimão. Virei e me joguei no ar, entrando porta adentro e conseguindo manter os pés no chão.

Olhei para trás e, conforme a porta estava se fechando, vi o que estava me perseguindo. O braço ensanguentado de uma mulher havia alcançado o fim do lance de escada, como se ela estivesse subindo para o segundo andar de gatinho. *Não dá tempo de bloquear a porta. Preciso pegar as minhas coisas.*

Manquei até a sala onde o médico havia atirado o dardo em mim. Abri a porta e o sol da manhã que entrava pelas janelas fez os meus olhos arderem. Apertei os olhos, entrei e fechei a porta do escritório. Ouvi a porta do corredor se abrindo. Abri os olhos só um pouquinho para ver onde estava a cadeira sem rodinhas e a usei para bloquear a maçaneta.

Entre uma respiração e outra, os passos ecoavam no corredor. Estava ficando desesperado. *E agora, para onde eu vou? A janela!* Corri em direção à grande janela e quase tropecei na minha mochila.

A infectada estava esmurrando a porta. Meus olhos ainda não tinham se acostumado com a luz, mas me esforcei para encarar o mundo lá fora e analisar as minhas alternativas. Não havia notado antes, mas havia uma laje de cimento ao redor do prédio. Abri o lado direito da janela. Ela deu outro murro na porta, que cedeu um pouco.

Tentei compreender o mecanismo de trava da janela. Outro murro, desta vez seguido pelo som de madeira se partindo ao meio. Olhei para trás e vi que o soco daquela criatura havia atravessado a porta. Lá estava sua mão cinzenta, tentando abrir mais espaço. Logo ela estaria dentro da sala.

Fiquei chocado com a força da infectada, mas não tinha tempo para ficar pensando naquilo. Balancei a cabeça, me concentrei na janela e consegui abri-la. Com um empurrãozinho, tirei a tela da janela. O tronco da infectada estava visível pelo buraco na porta. Ela havia sido uma mulher. Sua camisa estava empapada de sangue. Arranhões profundos cobriam as partes visíveis da sua pele.

Nem deu para ver se a barra estava limpa lá fora. Joguei a minha mochila e o taco de beisebol na rua, levantei um pé e fui para a laje. Ela conseguiu quebrar o que restava do batente da porta e um pedaço grande de madeira caiu no chão. A infectada esfarrapada passou por cima dos estragos. *Eles nunca desistem?* Levantei a outra perna enquanto ela caminhou direto para a janela com aquele olhar perdido. Eu me ajoelhei e sentei na laje. Ouvi a mulher se batendo contra a mesa.

Virei meu cotovelo esquerdo e fiquei me segurando à laje com o braço esquerdo e a mão direita. Aquela coisa com certeza estava alcançando a janela. Tentei trazer o meu cotovelo para baixo e me esticar completamente. Mal consegui me segurar e acabei caindo lá embaixo na rua.

A altura não era grande, mas foi o bastante para as minhas pernas se dobrarem e eu sair rolando pelo cimento. Minha cabeça bateu no chão, fazendo um barulho abafado. O mundo girou ao meu redor e estava ficando tudo escuro. *Se eu desmaiar, vou morrer.* Fechei os olhos e tentei respirar fundo antes de virar o corpo para ficar de gatinho.

Lá em cima, ouvi o barulho de um corpo batendo sobre a laje. Minha perna doía quando consegui me levantar. *Pelo menos ainda consigo colocar um pouco de peso em cima desta perna.* A infectada havia caído de cara na laje quando tentou sair pela janela. Seus braços se debatiam e seu rosto sem expressão estava olhando para baixo.

Peguei a minha mochila sem tirar os olhos da mulher, que ainda estava deitada de barriga para baixo, mas engatinhando até a extremidade da laje. Dei um pulo para

trás e ela caiu de cabeça diante de mim. O peso fez o corpo se dobrar e o pescoço dela se quebrou.

Creque.

Não conseguia acreditar o que acabara de testemunhar. O corpo da infectada estava imóvel.

Agarrei minha mochila e o taco e olhei para o que estava ao meu redor. Os restos do posto de gasolina continuavam ardendo no fogo, mas o grupo de infectados já tinha ido embora. *Para onde eles foram?*

Olhei para o edifício do laboratório e senti um aperto no peito. A porta da frente estava aberta.

Foi o médico quem os convidou a entrar no prédio!

Ouvi ruídos vindos do alto e me afastei do edifício para poder ver melhor o que estava acontecendo. Na laje do terceiro andar havia uma pilha de material de escritório queimando numa fogueira. *Ele atraiu cada um deles para cá.* Cerrei os dentes e agarrei o taco com mais força.

Não podia fazer nada contra os efeitos da estupidez, indiferença e loucura dele. Para piorar a situação, sabia que nunca poderia me vingar daquele doido. Só esperava que os infectados fossem bater à porta dele.

Foi então que eu percebi que estava sozinho e machucado a céu aberto. *Mas não por muito tempo.*

Vi alguém se movimentando próximo à porta. Dois infectados cambalearam e outros os seguiriam, saindo do prédio. Estava cansado e machucado demais e super puto da vida para ficar com medo como antes. *Não vou morrer aqui.*

Soltei um grunhido, me virei mancando um pouco e tentei correr pela rua procurando um lugar seguro.

17 — O lado solitário da rua

Assim que virei a primeira esquina, não vi mais nenhum infectado. Apesar de as ruas da cidade estarem sem vida, barulho continuava ecoando por toda parte. Gritos de dor, coisas caindo e outros ruídos vinham das janelas da vizinhança. Horrores indescritíveis estavam se passando nos apartamentos e nas lojas da cidade. Não podia ajudar. Nem sei se alguém poderia fazer alguma, além de evacuar os sobreviventes e tacar fogo na cidade.

Decidi caminhar na direção de onde vinha menos barulho. Os berros e gritos ficaram mais distantes quando cheguei ao bairro comercial. Era um shopping center ao ar livre que parecia uma pequena cidade europeia. Havia dois andares de lojas ao longo do bairro, que consistia de dois quarteirões. Em alguns lugares havia edifícios com mais andares, que serviam de condomínios residenciais.

Eu me sentei na beirada de uma fonte vazia que ficava no meio da calçada de pedras de cantaria que passava no meio das lojas. Aquele lugar estava inquietante e silencioso demais. Sabia que havia pessoas escondidas nas sombras ou no alto dos condomínios me observando e pensando no que iam fazer. Não tinha nenhuma chance de ser acolhido por eles. Com todos os arranhões e machucados, além de estar mancando, sei que parecia mais um dos infectados. Precisava me recuperar um pouco antes de considerar a hipótese de que alguém abriria a porta para mim.

Peguei a garrafa de água da mochila e tomei um gole. A água estava morna, mas não importava. Estava mesmo desidratado e precisava de líquidos.

—Não... não se mexa!

Abaixei a garrafa para ver quem estava falando comigo.

A uns seis metros de distância estava um senhor de meia idade, cabelos compridos, tremendo e segurando uma faca. *De onde foi que ele saiu?* Procurei o taco de beisebol e vi que ele estava a mão.

—Você não po-po-pode ficar aqui— ele disse, dando um passo adiante e levantando a faca.

—Tá tudo bem. Não tô infectado— respondi, colocando a garrafa de lado e levantando um pouco os braços. —Sei que estou com uma aparência horrível, mas é porque eu caí e...

—Cala a boca!— ele gritou, cortando o ar com a faca. —Decidimos que você não pode ficar aqui.

—Ótimo, estou só de passagem— disse, fechando os olhos e suspirando. —Posso só descansar um minuto?

—Prova que não está infectado!— ele desafiou, espremendo um pouco os olhos.

—Provar como? Além de eu não estar tentando morder você... Posso terminar de tomar a minha água?

Ele fez que sim com a cabeça. Peguei a garrafa e tomei até a última gota. Enquanto bebia, olhei ao meu redor. Vi algumas pessoas me encarando, protegidas pelas janelas. Senti que ninguém ali estava sentindo compaixão por mim.

—Vamos fazer o seguinte? Você enche a minha garrafa de água e eu saio no mesmo instante. Combinado?

O homem ficou ali parado, mexendo os olhos de um lado para o outro enquanto pensava na minha proposta.

—Tá bom— ele concordou. —Passa a garrafa para cá.

Joguei a garrafa, que caiu aos pés dele. Sem deixar de erguer a faca, ele se abaixou e pegou a garrafa com a mão livre. Eu me sentei outra vez e ele se afastou, subindo apressado pelas escadas e desaparecendo dentro de um edifício.

Enquanto esperava, tentei avaliar o dano que as minhas quedas tinham feito: vários arranhões pelos braços e pelas pernas, além de manchas de diferentes tons de roxo. Quando mais tempo eu passava sentado, mais coisas começavam a doer. Tentei não prestar atenção na dor física e me concentrei no instinto de sobrevivência. *E agora, vou para onde?*

Imaginei que, àquela altura do campeonato, isso já não importava. Para onde quer que eu fosse, a recepção seria a mesma. Ninguém com juízo perfeito permitiria que um estranho todo arrebitado como eu entrasse em seu refúgio. Se o médico tivesse razão, eu deveria ir então para longe do centro da cidade, onde haveria menos gente. Talvez pudesse encontrar outro prédio comercial, mas um que não tivesse nenhum cientista maluco.

Passei vários minutos sentados antes de a gritaria começar. Olhei para cima, mas não consegui distinguir de onde os gritos vinham. Algum lugar no segundo andar, talvez. Dois homens estavam discutindo. Tinha certeza de que um deles era o cara que tinha me confrontado. Ficou fácil adivinhar que eu era o motivo da discussão, mas não conseguia distinguir quem estava do meu lado —se é que alguém estava me defendendo. Isso me fez lembrar de que eu não seria aceito em lugar algum até aquilo tudo terminar.

Depois de uns instantes, a gritaria parou e o homem de cabelos compridos apareceu no parapeito de uma janela no segundo andar. Estava com o rosto vermelho, mas parecia satisfeito consigo mesmo.

—Peguei uma garrafa extra pra você— disse, segurando uma em cada mão.

—Obrigado!— agradei ao me levantar, ouvindo meus joelhos estalarem.

Ele jogou as garrafas da janela e eu guardei as duas na mochila. Era hora de

honrar a minha palavra e ir embora.

—Ah, mais uma coisinha!— eu disse.

Ele apareceu de novo na janela.

—Da próxima vez que você vir alguém que pareça estar infectado, nem se dê ao trabalho de sair para confrontá-lo com uma faca. Corra e se esconda!

Nem esperei pela reação dele. Peguei as minhas coisas e fui para o subúrbio.

A caminhada dessa vez fora mais tranquila. *O vírus ainda não deve ter chegado nessa área.* O sol forte parecia estar mais próximo do que antes. A área comercial ficara para trás e eu estava entrando em um bairro nobre, com fileiras de casas bonitas, jardins bem cuidados e carros de luxo estacionados na porta de casa.

Vi pessoas se movimentando atrás de uma cortina aqui e ali. Os machucados endureciam meu corpo. Tudo doía e estava mancando na perna esquerda. Por um instante, até esperava um ricaço sair de casa com dois filhos adolescentes para me encher de porrada. Porém, ninguém foi para a rua ou tentou se comunicar. Ficaram todos olhando. Pelo canto do olho eu via que praticamente todas as cortinas e persianas estavam se movimentando para os ocupantes me observarem melhor.

Tudo bem. Eu podia tomar conta de mim mesmo. Nem ousei em me aproximar das portas. Muita gente acharia que eu estava infectado e ninguém me deixaria entrar. Forçar a barra com todo mundo olhando só me causaria mais dor, literalmente, ou algo pior. Precisava continuar seguindo em frente até o fim do mundo.

Em meia hora, cheguei à muralha que cercava a cidade. Oásis havia sido uma base militar há uns 15 ou 20 anos. Depois de ser desocupada e de encontrarem petróleo a uns 16 quilômetros dali, a cidade começou a crescer. Mesmo assim, não fora o suficiente para preencher o espaço da base original. Grande parte da cidade (talvez até o perímetro inteiro) estava rodeada por um muro de cimento com dois metros e meio de altura. Até onde eu sabia, ninguém havia tentado ampliar a cidade além da muralha.

Passando quase dez metros de grama, lá estava diante de mim o muro que provavelmente contornava a cidade inteira. A grande muralha, um lembrete sombrio de que estava preso numa cidade que morria aos poucos. Do outro lado do muro estava o deserto, que se estendia por mais de 160 quilômetros em todas as direções.

Olhando para o leste, vi que parte da muralha fora derrubada a uns dois quarteirões de onde eu estava. Decidi dar uma olhada e o que eu descobri me deixou completamente chocado: um caminhão azul havia se chocado com o muro. A traseira toda amassada permanecia ali e havia avançado poucos metros além da barreira. Ninguém havia retirado os escombros.

Mas essa não era a pior parte. A colisão parecia recente, mas o buraco no muro havia sido consertado por uma cerca novinha em folha, com malha em forma de

corrente e arame farpado. Só pude chegar a uma conclusão. *Estão prendendo a gente aqui.* De certa forma, sabia que a quarentena era a melhor opção, mas preferiria não estar do lado de cá.

Um grito distante me trouxe de volta à realidade. Sabia que o vírus estava fazendo mais uma vítima. *É melhor eu sair do meio da rua.* Olhei ao meu redor e procurei o edifício que parecia mais abandonado.

Um depósito chamou a minha atenção. Havia umas 18 unidades em um prédio em formato de “U”. Cada unidade tinha uma porta pequena e um portão vertical para facilitar a entrada de objetos grandes. O terreno ao lado tinha várias árvores que mantinham o edifício na sombra. O “U” estava aberto em direção ao sul e a porta da segunda unidade à esquerda não tinha maçaneta.

Decidi dar uma olhada. Apesar da maçaneta faltando, o trinco ainda mantinha a porta trancada. Usei meu canivete para arrombá-la e consegui abrir a porta. O depósito estava vazio. *Finalmente, um pouco de sorte.*

Precisava procurar água e outras coisas mais tarde, mas se eu ficasse ali quieto estaria protegido e escondido o suficiente. Entrei e fechei a porta.

Não pensei que estaria tão escuro lá dentro. O único feixe de luz vinha do buraco da maçaneta e de duas pequenas aberturas por cima da porta. Sentei de costas para a parede ao lado da porta e dei início àquela horrível espera. Não demoraria muito para eu perceber a besteira que havia feito.

18 — Um dia comprido e uma noite mais comprida ainda

Durante as próximas horas que se passaram, decidi que me esconder em um depósito tinha sido uma má ideia. Deveria ter seguido em frente, procurando outro lugar, mas não sabia no que aquilo ia dar. A cada quinze minutos pensava em sair dali e encontrar um lugar melhor, mas sempre mudava de ideia outra vez. Precisava descansar e deixar tudo cicatrizar antes de poder pedir para alguém me acolher. E quem garante que eu conseguiria encontrar um lugar vazio melhor do que o depósito para me esconder antes de dar de cara com outro grupo de infectados?

Começou a esquentar e a temperatura no depósito também subiu. *Pelo menos estou na sombra.* Os minutos passaram voando. Só podia ouvir a minha respiração. Entre o calor e a exaustão, acabei adormecendo.

Quando acordei, havia dormido no chão de cimento e estava todo dolorido. Com o mau jeito e os machucados, meus músculos estavam tão duros que quase começaram a ranger quando eu tentei me sentar. Foi horrível. Todas as partes do corpo que haviam batido na escada durante a queda estavam latejando. Para piorar a situação, finalmente percebi que estava com muita fome. Pelo menos isso dava para eu resolver.

Achei duas barrinhas de cereal na mochila e comi até a última migalha. Não demorou muito para me arrepender. Meu estômago começou a reclamar da primeira coisa que eu comi desde aquela metade de sanduíche na casa da Linda. Bebi um pouco de água para tentar acalmar o estômago, mas não foi de grande ajuda.

Fui me sentar no canto ao lado da porta e percebi que precisava urinar. *Ótimo, isso nem tinha me passado pela cabeça.* Eu me levantei e comecei a andar de um lado para o outro, pensando nas minhas alternativas. Podia sair dali, ir até um cantinho e dar uma mijadinha, mas talvez um infectado me visse ou me ouvisse. Poderia mijar no outro canto do depósito, mas não tinha ingerido muitos líquidos e tinha certeza de que a urina seria bem fedorenta. *Vale a pena me arriscar?*

O destino respondeu a minha pergunta. Alguém começou a gritar na rua. Eu me ajoelhei diante da porta e olhei pelo buraco da fechadura. Não consegui ver muita coisa. Logo o volume da gritaria aumentou e eu pude ouvir direito.

— Vamos lá, seus idiotas! É só me seguir mais um pouquinho. Prestem atenção no que está se passando na rua atrás de vocês!

O que ele está fazendo?

Só vi o cara por um instante. Parecia jovem, um garoto de dezoito ou dezenove anos. Vestia um par de tênis vermelho de corrida e estava correndo de costas enquanto continuava a azucrinar os outros. Depois de poucos passos, acabou saindo do meu campo de visão. Fiquei naquela posição, olhando pela fechadura para ver com quem ele estava gritando. Uns quinze segundos depois vi umas três ou quatro pessoas passando em frente à minha porta. Todas tinham as roupas ensanguentadas e pareciam estar machucadas. Nenhuma virou a cabeça ou olhou ao seu redor. Infectados.

Para onde o adolescente de sapatos vermelhos vai levar essa gente? Pensei em ajudá-lo ou convidá-lo a entrar. Não, não vai funcionar. Não sei qual é a situação. A porta de metal era bem mais forte do que a de madeira do escritório onde eu havia me escondido, mas eu é que não queria tentar descobrir por quanto tempo ela aguentaria os golpes de um infectado. Além disso, não sei como ele reagiria ao me ver. Provavelmente estava com um aspecto pior do que aquelas coisas que ele guiava pela rua.

A gritaria continuou. Logo mais infectados, talvez cinco ou seis, passaram em frente ao depósito. *Como é que já são tantos os infectados?* Eu havia visto Carlton infectado mordendo Frankie. *Será que essa é a única forma de contágio?* Imaginei que ninguém soubesse como o vírus de disseminava, até ser tarde demais e eles serem mordidos.

E se um grupo de pessoas estivesse tentando aguentar a barra até isso tudo terminar, bastava somente um deles ser infectado. Em apenas uma noite, o grupo todo seria infestado também. *Foi só isso que bastou para muitas dessas pessoas.*

O médico louco tinha razão? Antes só do que mal acompanhado? Talvez se conseguisse encontrar o grupo certo...

Desejei boa sorte ao garoto de sapatos vermelhos e, silenciosamente, o agradei por me ajudar a tomar uma decisão. De maneira alguma eu sairia dali até estar pronto para seguir em frente. Isso significava que eu teria que fazer xixi no outro canto do depósito.

Com o passar do tempo, acabei me acostumando com o fedor. Depois de uma hora mudando de posição, sentado ou andando de um lado para o outro, adormeci outra vez. O resto do dia foi tranquilo, mas passou penosamente devagar demais. Se eu não estivesse tão cansado e tirasse tantos cochilos, teria enlouquecido naquele dia quente e solitário.

O silêncio incomum era sinistro. Não conseguia parar de pensar que aquela era a calma antes da tempestade. Conforme foi escurecendo, quase fiquei aliviado de ouvir algo quebrando o silêncio. Quase...

Fui de novo olhar pela fechadura para ver o que causara tanto alvoroço. Um homem que obviamente estava sentindo muita dor cambaleou até o centro do

armazém. Estava ofegante, segurando a barriga. Caiu de joelhos e soltou um gemido baixinho.

Novamente senti aquela vontade incontrolável de ajudar o próximo. Tive que cerrar os dentes para me segurar. Sabia bem o que estava acontecendo. Fora o mesmo com Carlton, o que já havia acontecido com várias outras pessoas na cidade. *O que é bem provável que brevemente vá acontecer com todo mundo.* De qualquer forma, não poderia fazer nada para ajudá-lo. O vírus estava tomando conta do seu corpo.

Ele lutou para ficar de pé e se dirigiu para a unidade de frente à minha. Tentou pegar as chaves com a mão que estava livre e conseguiu destrancar a porta. Deixando a chave na fechadura, chutou uma caixa e a colocou na frente da porta para ela não se fechar. Antes de entrar, ficou olhando para a rua e os outros depósitos.

Fazia cara de dor e, por um momento, tive a sensação de que ele sabia que eu o estava espiando. Porém, aparentemente ele não me viu, porque entrou e começou a mexer nos seus pertences. Não sei se estava procurando alguma coisa, tentando bloquear o portal vertical ou fazendo seja lá o que. Só sabia que estava fazendo bastante barulho.

Em intervalos de poucos minutos, ele parava o que estava fazendo para gemer de dor. Dentro de mais ou menos uma hora, o céu já estava escuro. Ele continuou movimentando coisas de lá para cá, mas cada vez mais devagar.

Decidi que não precisava mais me agachar ou ajoelhar à porta para ficar olhando para a porta da frente naquela penumbra. Peguei o meu taco de beisebol e me sentei outra vez próximo da porta do lado de dentro do depósito.

Uma hora mais tarde, o homem havia parado de remexer nas caixas. Provavelmente a dor o estava debilitando. Ele permaneceu no depósito. Os gemidos se transformaram em gritos agonizantes enquanto o vírus seguia seu curso terrível. De tempos em tempos, entre um grito e outro, podia ouvi-lo se debatendo. Permaneci sentado, sem mexer um fio de cabelo, olhando para frente no escuro e tentando imaginar exatamente o que estava acontecendo com ele.

Os gritos se intensificaram. Eu estremeci. Aquela agonia estava me corroendo a alma. Sempre odiei ver os outros sofrendo. É meio por isso que decidi virar enfermeiro. Assim poderia ajudar. Porém, naquele momento não havia nada que eu pudesse fazer. Não sabia quanto tempo aquilo levava, mas parecia durar uma eternidade.

Finalmente, a gritaria chegou ao fim, transformando-se em pranto e virando um choramingo. De madrugada, o choro parou completamente. Fiquei com o coração apertado. *Acabou. O vírus venceu.*

Olhei de novo pela fechadura. Estava tão escuro que eu não conseguia enxergar

nada. Achei que ele não teria saído do depósito, mas não podia ter certeza. Conscientemente, sabia que só me restava esperar. Então deitei outra vez, segurando o meu taco de beisebol e usando a mochila dura e disforme como travesseiro.

Não consegui descansar e o sono nunca chegou. Toda vez que estava a ponto de adormecer, começava a imaginar o recém-infectado arrombando a minha porta. Qualquer ruído ardia nas minhas orelhas e a minha imaginação me convencia de que o meu triste fim estava por vir.

Sem conforto. Sem segurança. Sem sono. Aquela foi a noite mais longa da minha vida. Mais longa ainda do que a noite em que a minha mãe morreu.

Tentando fazer o tempo passar mais rápido, comecei a conversar com o meu taco por telepatia. Conversamos sobre os velhos tempos, tentando me fazer lembrar de qualquer coisa que me levasse para longe do que estava acontecendo. Quando essa tática não deu certo, conversamos sobre defesa pessoal. O taco estava com um pouco de medo de entrar em ação. Talvez eu tenha mesmo adormecido.

Por algum motivo, a luz azulada da manhã renovou as minhas esperanças. Fora o suficiente para pensar que conseguiria dormir um pouco antes de partir. Fechei os olhos novamente e respirei fundo, aliviado. O sono até que estava vindo, mas o destino tinha outros planos para mim. Antes de o sol aparecer por completo no céu, antes de eu poder adormecer, vozes ecoaram à distância e chamaram a minha atenção.

As vozes estavam se aproximando, até que um grupo parou na extremidade do “U” formado pelo prédio. Ouvi uns dois homens e uma mulher. Alguém perguntou se aquele era mesmo o local e a mulher confirmou. Quando me aproximei da fechadura, vi o rabo de cavalo de uma morena, balançando para cá e para lá de um jeito que não me era estranho.

19 — Pronto para dar tacadas

Quando olhei pelo buraco da fechadura, vi Beth, os dois homens que estavam discutindo com o policial do lado de fora do supermercado e um outro homem. Cada homem tinha uma espingarda. *O que ela tá fazendo aqui?*

Não tive tempo de ficar me perguntando. Ela se dirigiu à porta aberta.

—Espera!— um dos homens disse para ela.

Os outros dois apontaram as armas.

Queria chamá-la e avisar. Abri a boca, mas me segurei. *Aqueles caras vão acabar atirando em mim.*

Ela entrou no depósito.

—Não entra!— acabei gritando.

Os três homens se viraram, procurando de onde vinha o barulho. Eu me abaixei e procurei pelo canivete no meu bolso.

—Cuidado!— um dos homens gritou. —Tem um grupo vindo aí!

Tentei compreender o que estava acontecendo, enquanto minha mão fazia o canivete tremer no mecanismo da porta. Beth gritou.

—Beth, o que foi?

Ouvi alguns movimentos.

—Paul, vira pra cá e ajuda a gente!

—Mas ela encontrou Bill.

—Volta aqui pro canto!

Três tiros.

—Pai, faz alguma coisa!

—Eu não consigo mirar no alvo!

O trinco fez um “clique” e a porta se abriu. Agarrei meu taco e escancarei a porta. Dois homens estavam atirando em alguma coisa no final da rua. O terceiro estava sentado na extremidade do “U” formado pelo prédio. Ele permanecera completamente imóvel, com a espingarda levantada. O homem infectado com o qual eu passara a noite toda preocupado estava entre ele e Beth. Ela estava imprensada contra a porta de madeira no final do “U”, com os olhos arregalados e quase sem ar. Ninguém notou a minha presença.

O infectado estava indo na direção de Beth. *Não tenho tempo para pensar, só para agir.*

—Entrando em ação— murmurei para o meu taco e corri em direção ao infectado.

Ele estava cada vez mais perto de Beth. Corri com o taco levantado na mão direita. Ouvi mais um ou dois tiros. O infectado a estava encurralando. Beth finalmente me viu, então se ajoelhou e cobriu a cabeça com os braços. O infectado a havia alcançado.

—Vamos lá, Becky!— gritei, dando uma tacada com todas as minhas forças.

Ouvi um ruído alto quando o taco bateu na nuca do infectado. Senti um músculo se estendendo mais do que o normal no meu peito. O impacto me fez rodopiar para a direita e eu perdi o equilíbrio. Estava correndo rápido demais para parar antes de bater de cara na porta e a lateral da minha coxa acabou indo de encontro com a garota agachada. Bati meu ombro e depois a cabeça no portão de metal, fazendo o ruído metálico ecoar.

O infectado caíra para a direita e eu por cima de Beth, na queda mais macia que eu havia tido nos últimos dois dias —o que mesmo assim não era tão macio. O impacto me tirou o fôlego. Rolei por cima dela e caí de joelhos, tentando respirar.

—Tudo bem?— ela perguntou, encostando-se em mim.

—Você tá bem, Beth?— o homem que estava assistindo a tudo abaixou a espingarda e veio na nossa direção.

Levantei a cabeça e finalmente consegui ver o que estava acontecendo na rua. Os outros dois homens mal haviam notado o que se passara no nosso canto do armazém. Estavam atirando em uns cinco ou seis infectados que ameaçavam nos encurralar.

—Vai ajudar!— disse, apontando na direção deles.

—Pai, vai ajudar!— Beth olhou e apontou também.

Ele se virou e correu na direção dos outros. Olhei para o infectado todo contorcido e ensanguentado. Ele estava perfeitamente imóvel.

Cada vez que enchia os pulmões, conseguia respirar um pouco mais fácil. Eu me virei para Beth, que estava me encarando. Seu olhar mostrava um misto de espanto e gratidão. Olhei bem dentro dos olhos dela e dei um sorriso tímido.

—Obrigada— ela agradeceu, sorrindo para mim.

O som dos tiros me tirou do transe. Olhei para a linha de ataque. Os infectados estavam se aproximando. Seus corpos estavam todos esburacados. A lembrança de ser perseguido no laboratório passou pela minha mente. *A infectada havia caído de cabeça.* Olhei para o infectado recém-caído e vi o dano que o meu taco tinha feito. Foi aí que tive uma ideia.

—A cabeça! Mira na cabeça!

Virei para Beth e lhe ofereci minha mão esquerda.

—Beth, vamos sair daqui.

—Ah, agora você se lembra do meu nome, né?— ela brincou, pegando a minha mão para a gente se ajudar.

—Claro que sim. Eu nunca esqueci.

Outro tiro e vi de rabo de olho uma infectada caindo.

—Até parece...— Beth começou a andar e puxou o meu braço. —Um minuto atrás você me chamou de Becky.

Mais tiros e outros dois infectados foram ao chão. Conversamos em meio ao tiroteio, mas de olho na batalha.

—Becky é o nome do meu taco.

—E você quer que eu acredite nisso...

Levantei o que restava do meu taco, que eu ainda estava segurando na mão direita, e mostrei a base.

—Olha aqui: tá escrito “Becky” com canetinha.

—E por que você batizou o seu taco de Becky?— ela perguntou, levantando a sobrancelha.

—Ex-namorada de colégio. Um dia te conto a história toda— prometi, jogando o pedaço inútil de madeira no chão.

Eu a puxei pela mão e corremos para atravessar o corredor em direção à porta aberta do depósito onde eu passara a noite. Os três homens finalmente deram um fim nos últimos dois infectados quando alcancei a minha mochila. Os três se viraram para mim, com as espingardas ainda levantadas.

—Você! Saia de perto da minha sobrinha e nos dê uma explicação!— um deles disse.

—Não!— Beth largou a minha mão e pulou na minha frente. —Ele tá do nosso lado. Ele é meu amigo, tio Carl.

Os três homens abaixaram as armas. Foi então que eu me lembrei: antes de vê-lo em frente ao supermercado, já tinha visto a cara enrugada daquele homem em cartazes de campanhas espalhados por toda parte. O nome dele era Carl Cooper, o mais velho dos “Quatro Irmãos” que eram donos de tanta coisa em Oásis. Ele havia perdido as eleições para prefeito há mais ou menos um ano.

—Ele pode ser seu amigo, mas não vem com a gente— ele disse, me encarando.

20 — Comboio transportando munição

—Você não vem com a gente depois do que fez com Bill— Carl disse, espremendo os olhos.

—Bill?— perguntei, levantando a sobrancelha.

—Bill tinha virado um deles!— Beth disse, aprontando para o corpo contorcido. —Ele pegou o vírus e ia me matar!

Dois irmãos ficaram olhando um para o outro, nervosos.

—Como é que você sabe?— Carl deu um passo para frente. —Como é que você tem certeza de que a gente não poderia ter ajudado o seu tio? E como é que você sabe que esse cara... Não é um deles?

Já estava de saco cheio do rumo daquela conversa.

—Olha aqui!— eu disse, ficando na frente de Beth. —Eu sei que dói, mas pensa bem. Como é que você sabe que as pessoas em quem você acaba de atirar estavam querendo pegar você? Como é que você tem tanta certeza de que não poderia ajudar nenhum deles— aponte para o rastro de corpos que os irmãos tinham deixado pelo caminho. —Vou te dizer como: porque estavam infectados e ninguém consegue se recuperar dessa infecção.

—E como é que posso ter certeza de que você não é um deles?— Carl apontou a espingarda para mim.

Beth tentou se colocar na minha frente outra vez.

—Eu? Como é que você vai saber? Bom, pra começar, estamos conversando. Além disso, não tenho aquele olhar de peixe morto. E, para concluir: tentei morder ninguém!

—Não tô falando sobre você estar infectado.

—Então o que...

—Como é que eu vou saber se você não estava metido com quem começou tudo isso?

Fiquei sem palavras. Um gato comeria a minha língua. Tentei compreender como alguém bem-sucedido e respeitado na comunidade poderia chegar à mesma conclusão racista do Andy. Tive que me esforçar para encontrar um argumento. Para a minha sorte, Beth tinha uma resposta na ponta da língua.

—Tio Carl, deixa de ser idiota!— ela exclamou, me puxando pelo braço e ficando novamente na minha frente. —Ele é um velho amigo meu. A gente se conheceu há mais de seis anos na faculdade. Só porque ele tem a pele morena, isso não quer dizer que ele é do Oriente Médio ou um terrorista. Já temos problemas

suficientes em Oásis. Não vamos brigar uns com os outros.

Os irmãos acenaram com a cabeça.

—Mudando de assunto— interrompi, depois de respirar fundo e recuperar a fala. —Essa arruaça toda vai atrair mais deles. É melhor a gente ir andando.

—Está bem!— Carl abaixou a arma e apontou com os dois dedos para os próprios olhos e depois para mim. —Mas eu vou ficar de olho em você, garoto.

No fundo, tive vontade de cair na gargalhada, mas me controlei. *Talvez esse não seja o momento certo para tirar sarro do melodrama todo que ele está fazendo.*

—Ele tem razão— o pai da Beth se pronunciou. —Precisamos mesmo sair daqui.

—Vamos pegar tudo— Carl disse, depois de perder-se em seus próprios pensamentos, indo em direção ao depósito que pertencia a Bill.

—Tudo o quê?— perguntei baixinho para Beth.

—O motivo pelo qual Bill veio aqui. Ele tinha várias armas e muita coisa guardada aqui.

—Max, fica de olho na rua— Carl disse olhando pra trás.

O irmão mais novo acenou com a cabeça, concordando.

Conforme cruzamos o corredor para ir até o depósito, o pai da Beth veio falar comigo.

—Obrigado— ele agradeceu. —Se não fosse por você, a minha filha estaria morta.

—Sem problemas— respondi, dando de ombros.

—A propósito, meu nome é Paul Cooper.

—Corbin St. Laurent.

Entramos no depósito mal iluminado.

—Parece que Bill já arrumou tudo para nós.

Em meio à bagunça, estava uma pilha de caixas munição e estojos com armas.

—Tem espaço nessa mochila?— Carl apontou para mim.

Na certa ele só poderia estar me dando uma ordem, em vez de me fazer uma pergunta. Tirei as garrafas de água e a comida da mochila.

—Vê se consegue enfiar tudo isso na mochila e nos bolsos— ele me disse, entregando uma caixa de munição.

A caixa estava cheia de caixas menores com balas de calibre 22. Coloquei várias na mochila e o resto nos bolsos da minha calça de acampar.

—Vamos!— Max apareceu na porta. —Eles estão vindo.

—Quantos?— Carl perguntou.

—Não sei ao certo, mas estão vindo dos dois lados. Provavelmente duas dúzias.

—A que distância.

—Uns dois quarteirões.

Carl mordeu seu lábio inferior enquanto pensava e fechou a tampa da caixa que estava empacotando.

—Ok. Beth, pega estes estojos com as armas. Paul, pega aqueles. Max, me ajuda com esta caixa grande. E você...— ele apontou para mim. —Qual o seu nome?

—Corbin.

—Corbin, pega aquelas caixas de munição.

Coloquei a mochila e agarrei duas caixas em cada mão. Todos estavam prontos. A gente não tinha mais tempo a perder, então fomos para a rua.

Max estava certo. Pelo menos uns 24 estavam vindo na nossa direção. Viramos à direita, de onde vinham menos infectados. O grupo mais próximo tinha três deles e estava a um quarteirão de distância. Se a gente conseguisse virar a esquina antes deles, a barra ficaria limpa. O problema é que a gente estava carregando coisas muito pesadas e não dava para se movimentar mais rápido do que eles.

Carl encabeçava a fila do nosso comboio. Dava passos apressados, carregando sei lá o que naquela caixa grande. Quando viramos a esquina, os três infectados estavam a menos de cinco metros da intersecção, mas Carl parou de repente. Dois segundos depois, a gente entendeu o porquê: outros quinze infectados vinham daquela direção. A gente deve ter feito muito barulho para atrair tantos de uma vez só.

Eu me virei para olhar para trás. Os infectados estavam chegando aos depósitos. Não havia tempo para seguir ou dar ordens. Dois quarteirões passando os três infectados havia um grupo com mais cinco. Aquela era a nossa melhor saída.

—Pra cá!— fui na direção dos três. —Dá a volta neles!

Apertamos o passo, na medida do possível. Traçamos um “C” meio sem jeito pela intersecção, contornando o caminho dos três, que estavam caminhando bastante próximos um do outro e indo bem devagar. Ultrapassá-los foi fácil.

Minhas mãos já estavam doloridas. As caixas pesadas alongaram músculos que eu não estava acostumado a usar. Estava torcendo para não deixar nada cair. E a gente ainda nem tinha saído do meio do perigo.

Havia pelo menos uns 35 distribuídos pela rua atrás de nós e cinco na nossa frente. Andando como um grupo, a gente estava diminuindo a velocidade e o peso cansava todo mundo.

—Falta muito?— perguntei para Beth.

—Virando aquela esquina, mais uns dois quarteirões— ela indicou com a cabeça.

Senti uma pontinha de alívio ao saber que estava perto. Continuamos

marchando, mas os infectados vinham atrás.

Chegamos primeiro à esquina e viramos à direita. Quase no meio do bloco, Max tropeçou. O tranco causado pela queda fez a caixa se soltar da mão de Carl. Max e a caixa foram ao chão e a batida ecoou pelas ruas. Carl e Paul ficaram brancos como dois fantasmas, olhando para a caixa como se ela fosse explodir a qualquer momento. Carl reagiu primeiro, pegando a caixa novamente.

—Vamos lá! Levanta! Levanta!

Max se levantou e pegou a outra alça. Atrás de nós, pude ouvir os passos dos infectados.

—Ali— Beth olhou para mim e apontou com a cabeça.

Afastado da calçada, à direita subindo a rua, estava um armazém enorme. Continuamos andando. Tinha certeza de que os infectados estavam se aproximando. Os mais velhos estavam cobertos de suor e sem ar. Beth parecia estar tranquila.

A alça da caixa estava quase cortando os meus dedos. Meus antebraços estavam queimando. Minhas mãos tremiam e ameaçavam deixar a caixa cair a qualquer momento. A gente não tinha escolha e precisava seguir em frente para sobreviver, então foi exatamente isso que fizemos.

Chegamos a uma escada pequena que dava para o compartimento de carga do armazém. Carl e Max colocaram a caixa com todo o cuidado no chão. Carl remexeu os bolsos por um momento e achou dois chaveiros enormes. Eu coloquei a minha carga no chão e meus dedos doíam quando tentei esticá-los. Olhei para trás para ver a distância percorrida. A menos de 50 metros pude ver o primeiro dos vários infectados arrastando os pés na nossa direção.

Um pensamento terrível me passou pela cabeça.

—Espera!— disse, olhando outra vez para a escada. —A gente ainda não pode entrar.

—E você pode me dizer por quê?— Carl perguntou, fazendo cara feia para mim.

Esperava que ele pudesse raciocinar comigo.

21 — Andando em círculos

—Porque eles vão ficar sabendo que a gente está aqui— disse, olhando para Carl depois de ver os infectados virando a esquina.

—Eles vão saber? É essa a explicação? E o que eu tenho a ver com isso?!— Carl respondeu, colocando as mãos na cintura e levantando a sobrancelha.

—Você tem muito a ver com isso... Se a gente entrar agora, esse bando de infectados vai se reunir à sua porta e bater e bater com aquela força sobre-humana que eles têm. Eles não se cansam nunca! Você viu como eles só pensam em correr atrás de quem não está infectado. Eles vão rodear este edifício e vocês vão ficar presos aqui para sempre. Uma hora eles vão acabar entrando ou, então, todo mundo lá dentro vai acabar morrendo de fome.

—Seu argumento me convenceu— Carl reconheceu, com olhos arregalados, enquanto colocava a chave de volta no bolso. —Mudança de planos: você vai levar eles para bem longe. Vamos deixar as coisas aqui até eles não poderem mais ver que a gente está levando tudo isso para dentro. A gente vai virar a esquina e sair do caminho.

Olhei outra vez para a rua. O infectado mais próximo estava a uns 30 metros. Tive a sensação de que ele não havia contado o resto do plano em voz alta —a parte em que ele não abriria a porta para mim quando eu voltasse. Esse plano era uma maneira conveniente para o Carl se livrar de dois problemas: a multidão de mortos-vivos e eu.

Mesmo assim, não podia deixar a família inteira dele presa para morrer lá dentro só porque ele deixava muito a desejar como líder. Não tínhamos tempo para discutir.

—Ótimo— disse, acenando com a cabeça e olhando novamente para ele.

—Eu vou com você— Beth disse, agarrando a minha mão e me puxando. —Vamos nessa!

Os três homens chamaram por ela, tentando impedi-la. Paul se inclinou, como se fosse tentar agarrá-la, mas já estávamos longe do alcance deles.

—Pode ir na frente e esperem pela gente, mesmo que só dê pra voltar bem mais tarde— ela disse, virando-se para eles e dando um tchauzinho. —Vamos bater naquela porta três vezes.

—Não!— o pai dela disse, dando um passo em nossa direção e fazendo cara de dor.

Apressamos o passo e fomos direto para frente do grupo de infectados. Mesmo

sem as caixas, senti o meu corpo pesado.

—Valeu— agradei, limpando o suor da testa.

—Pra que lado?— ela perguntou, olhando para frente.

Havia um grupo de quatro infectados a uns dez metros. Eu a puxei pela mão e virei à direita.

—Você acha que dá pra dar uma volta no quarteirão na mesma direção de onde a gente veio?

—Acho que sim, eles estão bem dispersos pelo caminho.

Precisávamos nos esquivar de uns dez ou doze antes de alcançar a próxima intersecção. Cheguei à conclusão de que se pudéssemos fazer aqueles dez ou doze começarem a nos seguir, o pai e os dois tios de Beth poderiam entrar sem problemas no depósito. Os infectados que estavam mais para trás nunca chegariam a nos ver.

—Vira à esquerda na intersecção lá na frente— ela disse, largando a minha mão.

Já havíamos passado pelos primeiros quatro infectados. Mais adiante na rua havia outros seis ou oito espalhados pelo caminho. Beth virou à direita e eu virei à esquerda.

A falta de sono estava pesando. Tudo parecia surreal, coberto por uma névoa. Muitas coisas não se encaixavam. Até que era uma boa ideia fazer os infectados andarem em círculos, mas comecei a duvidar da minha capacidade de cumprir com a tarefa. A rua era larga o bastante e eu só precisava fazer um ziguezague em volta deles e continuar indo em frente. Eles não eram tão rápidos, mas se eu parasse, com certeza acabaria ficando encurralado. Para piorar a situação, estava cansado, faminto, com sede e machucado. *Eles estão por toda parte. Como é que eu fui achar que seria capaz de fazer isso?*

Olhei para ver como Beth estava se saindo. Se ela sentia uma pontinha de medo, como aconteceu no depósito, não estava demonstrando nem um pouco, pois se movia com rapidez e confiança. Os infectados não chegaram nem perto de encostar um dedo nela. *Uau, ela é demais...* Um infectado pulou para cima de mim. Joguei o corpo para a direita e a mão dele passou a uns cinco centímetros do meu braço. Tropecei e quase perdi o equilíbrio enquanto ele caiu no chão. *Preciso prestar mais atenção.*

Corri para chegar até a intersecção. Beth estava uns dez ou vinte segundos adiante, com os olhos varrendo cada centímetro da rua à nossa frente. A multidão de infectados continuava se aproximando.

—Vamos lá, seu lerdo— ela agarrou a minha mão.

Andamos rápido o bastante para manter uma distância confortável entre nós e os infectados, mas não o suficiente para despistá-los. Pelo menos, não por enquanto. Precisávamos nos certificar de que eles estavam mesmo nos seguindo.

—Então, me conta o que aconteceu com você, Corbin— ela me olhava dos pés à cabeça com um sorrisinho nos lábios. —Você está acabado!

Fiquei aliviado de ouvi-la lidar com a situação com um pouco de bom humor.

—Os últimos dias não foram muito bons para mim.

—Dá pra ver.

Olhei por cima do ombro. Estávamos bem distantes.

—Vamos ver. Primeiro eu levei um soco no estômago. Depois fui atingido por uma espécie de tranquilizante. Rolei um lance de escada abaixo. Meio que caí de uma laje do segundo andar. Passei uma noite sem dormir direito no chão de cimento de um depósito. Acho que distendi um músculo no peito quando quebrei meu taco de beisebol na cabeça de um infectado. E, acima de tudo, provavelmente estou desidratado.

—Você não tava brincando mesmo.

—Desculpa se eu estou um pouco ranzinza. Acho que preciso tirar um cochilo.

Se não estivéssemos conversando, acho que já teria enlouquecido com o absurdo da situação. Havia uns 30 ou 40 infectados arrastando os pés na rua atrás de nós. Beth e eu seguíamos bem na frente, mas fiquei preocupado por não saber quantos mais poderiam estar nos esperando a cada esquina.

Continuamos seguindo reto por vários quarteirões. Sentia o efeito dos últimos dias. Não raciocinava direito e se Beth não estivesse segurando a minha mão, nem conseguiria andar. Senti que desmaiaria a qualquer momento.

—Já está pronta para voltar para casa?— perguntei, apertando-lhe a mão com o resto de forças que ainda tinha para garantir que ela sentiria.

—Acho que eles só têm olhos para nós— ela respondeu, olhando para o grupo que estava nos seguindo. —Agora só precisamos encontrar um jeito de voltar sem eles nos verem ou nos seguirem.

Algo chamou a atenção dela mais adiante na rua. Seus olhos se arregalaram e ela fez um beicinho enquanto pensava.

—Já sei! Vamos correr— ela disse, depois de um momento, apertando o passo.

22 — Queima de estoque

Minhas pernas pareciam feitas de gelatina, mas de alguma forma eu consegui continuar andando.

—Lá em cima— Beth indicou com a cabeça.

Mais adiante na rua, uma bandeira americana estava tremulando sobre um mastro alto. Passando um estacionamento lotado, vi um edifício com um letreiro que dizia “Chevrolet Quatro Irmãos”.

—A concessionária?— perguntei.

—É, pra cortar caminho. Depois saímos pelos fundos antes de voltar.

—E se estiver trancada?

—Deixa comigo!— ela se virou e sorriu, me puxando ainda mais rápido.

Foi difícil me manter de pé. Parecia enfraquecer a cada passo. Fizemos um ziguezague pelos carros no estacionamento. Olhei para trás e vi que estávamos bem mais longe da multidão de infectados, mas eles continuavam vindo em nossa direção.

A fachada toda do edifício era de vidro, mostrando o salão de exibição brilhando lá dentro. Beth empurrou a primeira porta. Nada. Ela soltou a minha mão, franziu a testa um pouco, como se esperasse que a porta estivesse aberta.

—Posso mesmo deixar contigo?

—Espero que sim— confirmou, com a mão no bolso.

Olhei para trás outra vez. O infectado mais próximo estava chegando perto e nos alcançaria em uns dois minutos. Beth pegou um chaveiro e começou a procurar a chave.

—Onde é que você pegou essas chaves?

—Eram do meu tio. Eu achei no depósito.

—Não quero duvidar de você, mas acha mesmo que ele tinha a chave deste negócio bem neste chaveiro?

—Todos eles têm uma chave-mestre que abre as portas de todos os estabelecimentos grandes— ela explicou, experimentando chave após chave.

—Tem certeza?

—Eu só não sei qual é a chave certa— ela disse, depois de olhar feio para mim.

Olhei de novo para trás. Dois infectados já estavam atravessando o estacionamento.

—Sem querer ser chato...

—Então fica quieto e me deixa em paz.

Estão chegando perto. Olhei ao nosso redor para procurar alguma coisa que pudesse usar como arma. Vi uma lata de lixo pesada do outro lado de Beth. Percebi que as minhas mãos tremiam e me dei conta de que não conseguiria levantar a lata de lixo. *Talvez eu possa rolar a lata para derrubá-los.*

—Consegui!— Beth abriu a porta, entrando e me fazendo tropeçar logo atrás dela.

O salão de exibição estava bem iluminado e reluzia, como qualquer lugar moderno. Nos fundos, uma porta dupla estava aberta e dava para os cubículos onde os vendedores pressionavam os clientes que precisavam ser convencidos.

Beth trancou a porta atrás de nós e deu alguns passos para trás. Procurei um lugar para sentar e vi, atrás do balcão principal, uma recepção com sofás, revistas e um frigobar.

—Durante quanto tempo você acha que esse vidro vai detê-los?— perguntei, indo na direção da recepção.

—Não sei, mas o vidro é bem grosso— Beth respondeu, afastando-se. —Acho que a gente vai descobrir logo, logo... Aonde você está indo?

—Vou beber alguma coisa, se é que sobrou algo de beber.

—Sabe que isso é só para os clientes, né?— ela brincou, indo na minha direção, mas olhando sobre os ombros.

—Então, já que a gente tá aqui, me vende um carro— disse, abrindo a porta da geladeira. —Mas é melhor ele funcionar bem.

Ainda tinha bastante suco de maçã, coca e garrafinhas de água. Fiquei olhando um pouco. Uma batida seca ecoou pelo salão. Olhei ao nosso redor e encontrei o que havia feito tal barulho. O infectado à frente do grupo bateu outra vez no vidro. Mais uma batida seca.

Acabei decidindo logo e peguei o suco de maçã. Outro homem e outra mulher, ambos infectados, chegaram à barreira de vidro. Mais e mais batidas. O vidro seguia intacto.

Abri a caixinha e tentei tomar o suco de uma só vez. O líquido morno desceu pela minha garganta e encontrou meu estômago vazio, que mostrou-se revoltado. Caí de joelhos e comecei a vomitar. Beth correu para trás de mim e colocou a mão nas minhas costas.

Mais e mais batidas ecoaram pelo salão. Definitivamente estava desidratado e fraco. Limpei a boca com uns lenços de papel que estavam na mesinha com as revistas. Fui de volta para a geladeira e peguei uma garrafa de água. Beth olhou para mim, nervosa, antes de se concentrar no grupo de infectados esmurando o vidro.

—Não sei quanto tempo a gente tem, mas é melhor dar uma olhada na porta dos fundos.

—Pode ir que eu estou bem atrás— concordei.

Abri a garrafa e tomei tudo. Meu estômago continuou reclamando, mas dessa vez não rejeitou nada. O efeito que a água teve no meu corpo foi incrível. Era como se eu tivesse tomado uma dose de energia pelas veias. Peguei outra garrafinha e me levantei. Estava tremendo cada vez menos.

Uns quinze infectados se reuniram na porta. Os que estavam nas extremidades batiam mais, enquanto os outros no meio estavam espremidos contra o vidro por causa do grupo que vinha atrás. Olhei para ver onde Beth estava, mas não conseguia encontrá-la.

—Beth, cadê você?

A única resposta que ouvia eram as batidas incessantes no vidro. Pelo menos mais uma dúzia de infectados estavam se esgueirando pelos carros no estacionamento. Aquela cena diante de mim parecia uma versão grotesca de um comercial estúpido sobre a “Queima de estoque”, em que uma multidão ensandecida passa por cima do vendedor assim que ele abre a porta da loja no dia da liquidação.

—A oficina tá fechada!— Beth disse, voltando.

—Você nunca veio aqui antes?

—Na verdade, não...— ela respondeu. —A família tem muitos estabelecimentos.

—E você não tem a chave mestre?

—O que eu quis dizer é que só temos esta porta e as três portas grandes da oficina, que a gente não conseguiria levantar nem se tentasse. Tá feliz agora?

—Ficaria mais feliz se a gente estivesse em outro lugar.

As batidas eram tão altas que a gente precisou gritar para se ouvir. Os grandes painéis de vidro estavam começando a ceder com a pressão. *Quanto tempo a porta vai aguentar?*

Beth me pegou pelo braço e me levou até a porta dupla que dava para a seção de vendas. Olhei pela última vez para a multidão do outro lado do vidro e vi um mar desconcertante de olhares vazios pressionados contra a porta e as janelas.

Eu me perguntava qual a porcentagem da cidade havia sido infectada naquela primeira noite, antes de alguém se dar conta do que estava acontecendo. *Eles já são tantos...*

A seção de vendas estava uma verdadeira bagunça: cadeiras viradas e vários telefones fora do gancho. Haviam abandonado o lugar às pressas.

Ela fechou um lado da porta dupla e eu fechei o outro. Trancamos a porta quando um estrondo soou pelo salão de exibição. O vidro acabara de se quebrar.

Tentei achar outra saída. Havia uma porta no corredor à minha direita. Não tínhamos muito tempo.

—Ali!— Beth apontou, vendo a porta também.

Lembrei como a infectada no laboratório havia dado vários encontrões na mesa em vez de contorná-la. Peguei uma cadeira do cubículo mais próximo e a derrubei no chão.

—Joga umas coisas dos cubículos pela passagem. Isso vai atrasá-los um pouquinho.

Nós fizemos o possível para deixar a maior bagunça conforme passamos pelos cubículos. Quando chegamos à porta lateral, os infectados já estavam batendo na porta dupla. A nossa portinha dava num corredor.

Saí primeiro e olhei para a direita, depois para a esquerda. Vi um letreiro indicando a saída. Era o letreiro mais lindo que já havia visto em toda a minha vida.

Torcia para não ter nenhum infectado atrasadinho esperando pela gente no estacionamento.

23 — Lar doce lar outra vez?

Saímos pelos fundos da concessionária no sol brilhante da manhã. Fechei a porta atrás de mim e olhei ao nosso redor. O estacionamento estava deserto. Ouvia apenas os barulhos que ecoavam de dentro do edifício.

—Você acha que a barra tá limpa?— Beth perguntou.

—Não sei— disse, abrindo a segunda garrafa de água e tomando vários goles, antes de jogá-la numa lixeira ao lado da porta traseira. —É melhor a gente ir devagar.

Ficamos de olho e fomos até a primeira fileira de carros.

—Corbin— Beth agarrou meu ombro e se abaixou.

—Que foi?— eu me abaixei também.

—Acho que vi alguma coisa na rua.

—Um infectado?

—Não sei...

—Vou dar uma olhada.

Engatinhei vagarosamente até uma minivan verde e me levantei o suficiente para poder enxergar pela janela do passageiro. Não vi nada, apenas mais carros e algumas árvores baixinhas que contornavam a rua. Tentei pressionar minhas costas contra o carro.

—Não tem nada aqui, só uns arbustos.

—Eu juro que vi alguma coisa se mexendo— ela engatinhou para perto de mim.

—Estava olhando bem naquela direção— ela apontou para a janela lateral.

Eu me virei para poder olhar, me ajoelhando em um joelho e levantando os olhos para ver pela janela.

—Corbin!

Meu coração quase saiu pela boca. Vi diante de nós o torso de um cara com uma camiseta abotoada. No bolso estava bordado “Quatro Irmãos” ao lado do logotipo da Chevrolet.

O homem dentro do carro deu um soco na janela. Eu me afastei. No segundo soco, a mão do homem quebrou a janela e eu acabei indo para cima da Beth. Nós dois nos esparramamos pelo chão.

O infectado estava tentando sair do carro em silêncio. Saí de cima dela, ficando de joelhos e estendendo-lhe a mão. O ele estava saindo pela janela e já tinha tirado a cabeça e um dos braços, tentando livrar o outro. Beth pegou a minha mão e nos ajudamos a levantar. Corremos para os fundos do terreno, ela indicando o caminho.

—A gente precisa parar de dar esses encontros.

—Concordo— mal conseguia acompanhá-la. —Parabéns por perceber aquele movimento.

—O quê? Eu disse que tinha visto alguma coisa.

Diminuímos o passo quando chegamos ao fim do terreno. Olhei para trás e vi o corpo do cara caindo pela janela do carro.

—Ele saiu. A gente precisa correr.

Viramos a esquina e aceleramos. Nossa bagunça na concessionária deve ter dado certo, porque não vimos nenhum outro infectado no caminho de volta. Em pouco tempo havíamos chegado ao armazém.

Mal conseguia esperar para entrar e desmaiar. Tudo doía e eu poderia me deitar em qualquer canto. Beth levantou o braço para bater à porta.

—Espera um segundo— eu a interrompi.

—Que foi?— ela se virou para olhar nos meus olhos com um olhar afetuosos.

—Eu... é... quero dizer— o momento estava tão propício que eu acabei me distraíndo.

—Eu sei— ela disse, sorrindo tímida e colocando o dedo sobre os meus lábios para me calar. —Também me diverti bastante hoje. A gente precisa repetir a dose um dia desses.

—Não, é que...— eu sorri também. —Só queria agradecer. Se não fosse por você, o seu tio teria me deixado para trás ou depois tentado me mandar para bem longe para eu morrer sozinho.

—É melhor a gente entrar pra continuar essa conversa— ela mordeu os lábios e se virou por um instante, batendo três vezes à porta.

—Isso é, se ele me deixar entrar.

—Ele é um homem bom, só pra você ficar sabendo.

Ouvi o barulho de chaves do outro lado da porta. A maçaneta se virou e a dor se abriu numa fresta antes de abrir completamente. Uma ruiva descabelada saiu e abraçou Beth.

—Ah, minha querida, todo mundo tava tão preocupado! Entra, entra.

—Oi, tia Janice.

Claraboias iluminavam o interior do armazém enorme. Arranjados em um semicírculo, viradas para a porta, havia umas quinze cadeiras de praia, onde na maioria estavam sentadas pessoas com um semblante sombrio. Reconheci imediatamente Carl, Paul e Max. Antes de a porta se fechar e ser trancada atrás de nós, todos se levantaram.

A maioria me empurrou do caminho para ficar ao redor de Beth. Paul puxou a tia Janice para poder abraçar a filha. Esperei que tivessem se esquecido de mim por alguns instantes, mas não tive tanta sorte assim.

Carl veio para cima de mim com sede de vingança, agarrando minha camisa e me empurrando. Quase caí para trás, mas me mantive de pé. Ele continuou avançando e me pressionou contra a parede de cimento ao lado da porta. Ninguém parecia perceber o que estava acontecendo. Carl ficou com a cara a milímetros do meu rosto.

—Olha aqui, seu vermezinho. Nunca mais apronte uma dessas outra vez, entendeu. Sou eu quem manda aqui e eu vou acabar com a sua raça se você colocar outro membro da minha família em perigo outra vez.

Eu queimava por dentro, mas estava exausto demais para reagir fisicamente. Mesmo assim, não lhe daria o gostinho de bancar uma de valentão para cima de mim.

—Acho que você não notou, mas não coloquei nenhum de vocês em perigo— respondi, mantendo a voz baixa. —Salvei a sua sobrinha de um infectado. Você iria desperdiçar toda a munição atirando no peito deles. Depois, você teria ficado encurralado naquele depósito. Isso sem falar que os infectados estariam batendo à sua porta agora mesmo se não fosse por mim.

Ele levantou a mão. Não tinha para onde fugir e estava lerdo demais para me defender. Ele me deu um tapa na cara.

—Cala a boca, garoto, ou eu calo pra você.

—Quanta gratidão!

Ele cerrou o punho e ergueu o braço para trás.

—Carl, não faça isso!— Janice, a ruiva, pulou do meio do grupo.

Carl deu um golpe baixo e forte, bem no meu estômago. Fiquei completamente sem ar. Ele deu outro soco e eu caí de joelhos, olhando para cima. Todos estavam à nossa volta. Janice o agarrou pelos ombros.

—Me solta!— ele exclamou, dando um tapa para trás sem ver quem era, atingindo-a nas costelas.

Ela gritou de dor e caiu para trás. Carl arregalou os olhos e deu-se conta do que havia feito.

—Janice? Pensei que fosse um dos rapazes.

A família se aproximou, mas permaneceu em silêncio. Finalmente consegui voltar a respirar. *Estão todos com medo dele.* Não sei o que deu em mim, mas não consegui me deter.

—Parece que ninguém precisa se proteger de mim afinal!

—A culpa foi sua!— Carl se virou para mim com ódio nos olhos.

Ele levou uma perna para trás para me dar um chute e eu estiquei os braços para evitar o golpe. Paul e outros pularam para cima dele, mas já era tarde demais.

O chute pegou nos meus antebraços e a força me jogou para trás, me fazendo bater com a nuca na parede. Vi Beth puxando o pai do caminho e vindo na minha

direção. Foi então que tudo ficou escuro.

24 — Motim

Acordei muitas horas mais tarde, deitado em um colchão inflável e com a cabeça estourando. Alguém estava acariciando meu braço. Abri os olhos e esperei o mundo entrar no foco.

—Corbin?

Virei a cabeça para ver se era mesmo a Beth.

—Como você tá se sentindo?— ela disse, se debruçando e dando um beijo na minha testa.

—Minha boca tá mais em baixo— respondi, dando o sorriso mais cara-de-pau que eu pude.

—Não force a barra, rapaz— ela se sentou e ficou olhando para mim.

—Por quê? Vai me chutar contra a parede também?

—Ei!— ela fez cara feia e inclinou a cabeça para o lado. —Não fala assim dele. O meu tio geralmente não é tão... Ele é bem mais compreensivo.

—Sou um cara de sorte então— rebati, sem entender porque ela estava defendendo Carl depois do que ele fez.

—Corbin... Eu sinto muito— ela mordeu o lábio de baixo e olhou para o outro lado.

Eu deixei para lá. Não queria que ela ficasse chateada comigo. Virei de lado e me apoiei no meu braço para poder me sentar. Quase não consegui. Meu corpo fazia “creque” a cada movimento. Estava tudo tenso e dolorido. Vi que o meu peito era praticamente a única parte do meu corpo que não estava coberta de manchas roxas. Tinha um pouco de sangue pisado ao redor de vários arranhões. *’Pera aí! Meu peito?*

—Cadê a minha camiseta?— olhei para Beth.

—Bom, você se vomitou todo quando o Carl... Quer dizer, quando você desmaiou. A minha tia Janice ficou com remorso e pegou a camisa para lavar.

—Tá bom, mas cadê a minha camiseta?

—Lá onde ela começou a lavar roupas. Você precisa de alguma coisa, quer tomar um banho?

—Tô fedido? Pensei que dava pra aguentar assim mais uns dois dias.

Ela balançou a cabeça e se levantou.

—Quero, quero sim. Adoraria um banho.

Minha mochila estava por perto. Já tinham tirado toda a munição, mas minha muda de roupas ainda estava lá. Levei a mochila comigo para tomar banho.

Eu havia sido colocado em uma área afastada dos beliches e das outras camas. *Estava isolado.* O armazém era enorme. As prateleiras tinham pelo menos nove metros de altura. Não tive tempo de ler todas as caixas, mas estava na cara que aquele era o armazém central para a maioria das lojas dos Quatro Irmãos.

Beth me indicou o caminho e eu fui mancando atrás, até chegarmos ao corredor central. Senti um calafrio e fiquei com os braços arrepiados. Grande parte da família estava ao redor de várias mesas. Alguns estavam lendo, outros estavam conversando baixinho. Todos pararam o que estavam fazendo para me encarar. Fiquei super sem graça.

—Pessoal, este é o Corbin.

Algumas pessoas acenaram com a cabeça, meio que relutantes. Poucos fizeram cara feia por mais um tempo. Ninguém parecia contente de me ver ali. Senti os segundos de desconforto se passando, mas logo todos voltaram para o que estavam fazendo.

Beth continuou me indicando o caminho. Na parte dianteira do edifício havia alguns escritórios e banheiros. Um dos escritórios tinha uma janela grande que dava para o armazém, assim o patrão podia ficar de olho e ver se todo mundo estava trabalhando direitinho.

Carl, Paul, Max, Janice e outra mulher estavam do outro lado da janela, fazem alguma reunião. Tinham uma lanterna acesa em cima da mesa que intensificava o pouco de luz que entrava pela janela.

Eles estavam discutindo sobre alguma coisa e ninguém notou quando a gente passou pelo escritório. Próximo aos banheiros, um casal estava fazendo comida numa cozinha improvisada, usando utensílios de acampamento. Contra as prateleiras estavam várias mesas de plástico com quase dois metros de comprimento, todas com velas apagadas.

Bem ao lado da porta do banheiro estava um criado mudo com um lampião de querosene e um isqueiro. Beth me apresentou aos cozinheiros, um primo e a esposa, que foram bem mais simpáticos do que eu esperava.

Agradei Beth, acendi o lampião e fui ao banheiro, que tinha vários armários e um chuveiro pequeno. Uma pilha de toalhas dobradinhas estava em um canto e eu peguei uma para mim. O banho não foi muito bom. Doía demais quando me mexia e a água estava morna, quase fria. Depois de me lavar e me secar, coloquei a cueca extra e o uniforme de enfermagem que tinha na mochila. Foi bom estar limpo de novo.

Coloquei as roupas sujas na mochila e saí do banheiro. Os cozinheiros estavam colocando os pratos e talheres na mesa e a família se reunia ao redor. *Deve ser a hora do jantar.* O pai de Beth veio na minha direção. *A reunião deve ter acabado...* Queria saber para onde Carl tinha ido.

—Oi, Paul— ofereci a mão para cumprimentá-lo.

—Corbin— ele me puxou de lado. —Só queria agradecê-lo. Sei que é um bom rapaz. Sinto muito pelo que o Carl fez.

—É, eu também— coloquei a mão na nuca machucada.

—Não sei quanto tempo ele vai deixar você ficar aqui.

—E só ele tem poder de voto?

Paul olhou para os lados, como se quisesse confirmar que ninguém estava escutando a nossa conversa.

—Ele tem sido o líder da família desde que o nosso pai morreu de câncer há quinze anos. Sempre fez um bom trabalho. Quase todo mundo ouve o que ele diz. É que... Conforme a situação foi piorando, ele também piorou. Quero dizer, do ponto de vista da organização ele está melhor do que nunca. Mas o gênio dele e outra história. Eu nunca o vi assim! Janice, a mulher dele... Acho que não ajuda em nada que ele sabe...

Fiquei imaginando o que ele estava querendo me dizer.

—Que bom que você acordou— Janice, a tia ruiva, apareceu como se soubesse que a gente estava falando dela. —Mudou até de roupa. Você está bem? Dormiu o dia todo.

—Bom, ainda estou cansado e dolorido— respondi, dando de ombros. —Pelo menos ainda estou vivo.

Queria dizer para ela que não estaria vivo se dependesse do marido dela, mas não sabia qual seria a reação.

—Carl é meio difícil de vez em quando— ela disse, com um sorriso amarelo.

—Janice— Paul colocou a mão no braço dela e acenou com a cabeça.

Nós três olhamos para onde ele indicara. Carl estava se aproximando. Chegou perto como se estivesse dispensando os outros dois e ficou me olhando dos pés a cabeça. Eu não tinha nada para dizer para ele, então fiquei ali parado.

—Seu nome é Corbin, certo?

Fiz que “sim” com a cabeça. Ele se esticou e olhou bem nos meus olhos, fechando o punho.

—Peço desculpas por tratar você pior do que merecia. Você pode ficar aqui por alguns dias enquanto se recupera.

Não era um pedido de desculpas autêntico, mas fiquei aliviado ao saber que não ficaria ao relento naquela noite.

—Obrigado.

—Mas tenha cuidado com a minha sobrinha— ele avisou, dando outro passo na minha direção. —Não quero que você divida a minha família.

Não consegui pensar numa resposta. Se bem que ele não me deu uma chance de responder. Havia terminado de me intimidar, então deu meia volta e foi na direção

da comida.

O mínimo que eu posso dizer é que ninguém ficou à vontade durante o jantar. A noite estava caindo e o armazém estava escurecendo a cada instante. Acenderam as velas nas mesas e todos oraram para agradecer pela refeição.

Eu estava na ponta da mesa mais distante, sentado com Beth e o pai dela. Nossa conversa até que foi boa, mas estava evidente que havia muito ego inflado naquela família. A refeição foi breve, porém escutei pelo menos três discussões diferentes. Teve uma hora que Carl e o filho mais velho se levantaram e ficaram gritando um na cara do outro. Não sei quem havia começado e nem qual era o problema, mas logo chegou ao ponto do xingamento e de ameaças. Carl até levantou a mão e estava prestes a esbofetear o filho. Não chegou a bater, mas deu a ideia de como as coisas eram por ali. Podia até ter bastante amor, mas tinha muito medo também.

Logo terminamos o jantar e todo mundo desapareceu. Beth e eu ficamos conversando mais um pouco. Eu ainda estava cansado e dolorido, mas foi bom ter companhia. Na hora de dizer boa noite, Beth sugeriu que não seria uma boa ideia se alguém a visse me levando de volta para cama e eu concordei. Antes de ir cada um para um lado, ela me beijou no rosto.

—E o beijo é por quê?— perguntei, com um friozinho na barriga, vendo seu sorriso em meio à luz cada vez mais fraca.

—Acho que me esqueci de agradecer pelo que você fez no depósito.

—Não tinha agradecido? Sem problemas. Aliás, já estamos empatados. Deu tudo certo na concessionária.

Ela me deu um abraço sutil, que durou bastante.

O armazém estava praticamente na penumbra quando nos separamos. Aquele momento de afeto ajudou bastante a aliviar a minha dor. Tentei voltar para o meu colchão e me dei conta de que deveria ter pegado uma vela, pois não sabia bem para onde eu estava indo. Aquele lugar imenso estava escuro e parecia assombrado. A lua ainda não havia aparecido, então não tinha luz o suficiente entrando pelas claraboias. Além do mais, não me lembrava bem de onde o meu colchão estava.

Virei num canto que me parecia familiar e arrastei o passo pelo corredor. Ouvi sons abafados à minha frente. Parei e apertei os olhos em meio à escuridão. O som continuou. Tentei adaptar meus olhos à ausência de luz. Mais ruídos e movimentos. Fiquei na dúvida, talvez estivesse imaginando coisas —ou quem sabe fosse apenas um rato.

Eu me arrisquei e dei mais alguns passos. Vi sombras, duas pessoas bem próximas uma da outra. Para falar a verdade, pareciam estar se beijando.

25 — A melhor política

Estava escuro o suficiente para eu não ver quem era, mas de uma coisa eu sabia: eles não queriam ser descobertos por ninguém. Sabia que era melhor não deixá-los sem graça, porém estava morrendo de curiosidade. Voltei um pouco pelo corredor e fingi que havia dado uma topada só para fazer barulho. A mulher se assustou.

—Tem alguém aí?— perguntei, andando naquela direção.

Estava tão afobado que quase corri até os dois, que continuavam abraçados.

—Ah, desculpa!— me afastei.

Eles se soltaram imediatamente.

—Corbin?

Era Paul. Olhei para a mulher. Era a tia Janice. *Então era isso que ele estava querendo me dizer antes.*

—Corbin, por favor, não conte nada para Carl.

Não sabia como agir. Pensei por um instante e cheguei à conclusão de que não teria nada a ganhar pessoalmente se eu causasse o maior alvoroço por causa daquilo. Sabia que as consequências do que eles estavam fazendo seriam inevitáveis e aquilo um dia voltaria para assombrá-los. É sempre assim.

—Não se preocupem— me afastei um pouco. —Não quero causar mais problemas aqui além do necessário.

—Então, o que vai acontecer agora?— Paul perguntou, esfregando as mãos.

—Eu tenho dois pedidos.

Janice cobriu a boca com a mão.

—Você vai nos chantagear?— Paul colocou a mão no ombro dela.

—Não. Só queria pedir duas coisas.

Mesmo no escuro, podia ver como o semblante de Paul estava tenso.

—O quê?

—Bom, a primeira coisa que eu queria saber é se a senhora podia lavar o resto das minhas roupas— pedi, levantando a minha mochila.

—Ah... Claro!— ela disse aliviada, pegando a mochila.

—E se pudesse me mostrar onde está o meu colchão, eu agradecia bastante— virei para Paul ao fazer o segundo pedido.

A manhã chegou mais cedo do que eu gostaria. A luz entrou pelas claraboias e ouvi bastante comoção. Parecia que a gritaria era normal na família Cooper.

Meu corpo estava ainda mais dolorido e eu não havia recuperado o meu sono perdido. Pelo menos não estava nada mais latejando. Quase me senti como um ser humano outra vez. Verifiquei as manchas roxas e descobri que a maioria havia ficado verde ou desaparecido.

Tudo estalou quando eu me levantei e fui em direção ao café da manhã. Cereal matinal com leite em pó. *Meu favorito*.

Carl estava marchando de um lado para o outro, dando as ordens do dia. Beth olhou e viu que eu tinha levantado. Ela deu uma piscadinha e veio na minha direção.

—Como você está?

—Ainda não estou 100%, mas melhor do que ontem.

—Ótimo!— ela se inclinou e me deu um beijo no rosto.

Carl viu que a gente estava conversando e se aproximou.

—Fique de guarda no telhado até depois do almoço. Pode ir— ele disse.

Engoli o sapo. Aquele imbecil provavelmente só queria me separar de alguém que estava sendo simpática comigo. *Tudo bem...* Ele estava no comando e, se eu quisesse ficar, eu teria que entrar no jogo dele. Já enfrentara o mesmo dilema no condomínio e não queria repetir aquele fiasco.

—Como é que eu subo no telhado?

Carl virou os olhos e saiu andando.

—É por ali— Beth apontou para um canto distante.

Eu me levantei.

—Mais uma coisinha— ela disse, me abraçando e sussurrando no meu ouvido.

—Você sabe o que houve com o meu pai? Ele tá super nervoso hoje!

—Como assim?

—Talvez foi pelo que aconteceu ontem, mas mesmo assim... Não sei. Ele já tentou me contar alguma coisa umas três vezes, mas não consegue desembuchar. Às vezes até que eu queria que ele fosse um pouco mais com os irmãos dele... De qualquer maneira, estou preocupada.

—Dá outra chance para ele que ele te conta.

—O quê?

—Diz pra ele que se ele não contar, eu conto. Acho que sei o que é, mas ele deveria contar pra você. Mesmo assim, se ele não contar, eu conto.

Ela ficou assustada. Não quis dar uma chance para ela ficar perguntando, então me afastei e fui em direção à escada. Um rapaz de vinte e poucos anos estava no telhado.

—Veio me render?— ele perguntou, se aproximando.

—Sim.

—Fica de olho naquelas coisas. Deve ser fácil pra você.

—Como?— levantei uma sobrancelha.

—De noite, eles ficam andando por aí, mas de manhã só saem se estiverem perseguindo alguém.

Ele se virou e foi embora, colocando um fim na conversa. *Bastante abrupto.*

Estava quente no telhado, mas tudo parecia tranquilo. Fui até o parapeito e dei a volta no perímetro. O cara estava certo: vi alguns homens e mulheres infectados à sombra dos edifícios da vizinhança, mas só ficaram ali parados, como se esperassem por alguma coisa. Aquilo me deu arrepios.

Depois de dar algumas voltas, uma mulher de cabelos grisalhos apareceu na porta da escadaria com um jarro de água. Eu a havia conhecido durante o jantar. *A mulher do Bill!* Bill havia sido infectado. Ele atacara Beth e eu fiz o que fiz para protegê-la. *Fiz o que era necessário.* Mesmo assim, o que poderia dizer para ela? *Será que o Carl a mandou aqui para me deixar com remorso? Será que ela veio se vingar de mim? Será que ela sabia o que aconteceu, que eu matei...*

Foi então que eu percebi. Fiquei com um nó no estômago e meu coração acelerou. Eu não havia matado ninguém. A culpa era do vírus. Depois de perderem o controle do corpo, eles não passavam de infectados. Estavam mortos. A única coisa que restava era um corpo vazio e o vírus. *Mortos.*

Ela veio na minha direção tremendo um pouco. *O que eu vou dizer para ela? A verdade! Tenho que contar-lhe a verdade.* Ela me deu o jarro e estava com lágrimas nos olhos.

—O que aconteceu com o meu marido?

—O que Carl lhe contou?— perguntei, olhando para o nada por um instante.

—Ele só disse que Bill não está mais entre nós. Ninguém que estava lá quis me contar nada. Acho que ele os ameaçou.

Ela apertou os lábios e parecia exausta. *Por que Carl não contou para ela? Com certeza não tá querendo me proteger...* Talvez estivesse guardando um trunfo na manga para usá-lo contra mim mais tarde ou me ameaçar para me manter na linha. E como ele teria feitos os outros não comentarem nada?

—Corbin, eu mereço saber.

—A senhora está certa— concordei, olhando-a bem nos olhos e respirando fundo. —Duas noites atrás, eu estava ao relento e arrombei um depósito. Logo depois, o seu marido chegou ao depósito dele. Ele havia sido mordido e estava com muita dor. Eu não tinha apoio ou um kit de primeiro socorros... Não pude fazer nada, então fiquei no meu canto.

Respirei fundo novamente.

—Ele estava procurando alguma coisa, mas a infecção piorou. Eu o ouvi gritando enquanto o vírus lhe roubava a vida.

Uma lágrima rolou pelo rosto dela.

—A senhora provavelmente já sabe, mas o vírus não apenas mata, mas também

toma conta do corpo. Pela manhã, houve uma confusão quando Beth e os irmãos do seu marido apareceram. O corpo do homem que um dia vocês chamaram de Bill foi para cima da Beth. Havia mais mortos-vivos vindo atrás do grupo.

Ela cobriu a boca com a mão e não conteve mais as lágrimas. De repente, minha boca ficou ainda mais seca. Disse para mim mesmo que ela era a viúva e merecia saber.

—Eu saí do meu esconderijo e... Bem, eu não permiti que ele infectasse Beth. Ele estava mor... O vírus não poderá mais usar o corpo dele para disseminar a doença.

Ela abaixou a cabeça e entregou-se ao pranto. Não sabia o que dizer. Não sabia se ela me culpava pelo acontecera. Nunca saberia, mas me deu um aperto no coração e quis consolá-la, então lhe dei um abraço.

—Eu sinto muito.

Ela não resistiu o abraço. Segurei sua cabeça contra meu ombro e a deixei chorar. Tentei pensar em palavras de consolo, alguma coisa que pudesse fazê-la se sentir melhor, mas o nó na minha garganta não me deixou dizer nada. Depois do que pareceu ser uma eternidade, ela se recompôs, distanciando-se de mim e olhando bem nos meus olhos.

—Obrigada.

—Eu sinto muito— balancei a cabeça e olhei para baixo.

—Do fundo do coração— ela concluiu, com a mão no meu braço.

Ela fez o possível para enxugar as lágrimas e entrou. Aquela seria a primeira e última vez em que falaria com ela. As coisas que vi e fiz nos últimos dias me reviraram por dentro. Eu estava cheio de dúvidas e aquilo me doía. *Quanto tempo vamos aguentar? Por que Oásis está abandonada? O que vai acontecer comigo?*

Dei mais umas duas voltas pelo perímetro. Não seguia me livrar da tristeza. *Precisamos sair de Oásis. Mas como?* Os carros estavam emperrados nas ruas e o deserto seria uma armadilha mortal. Uma ou duas pessoas cruzando o deserto poderiam sobreviver, mas um grupo grande? Não haveria água o suficiente. *Talvez de bicicleta...* Mas os militares estavam prendendo todo mundo dentro da cidade.

Fugir sozinho me passou pela cabeça, mas só de imaginar que eu abandonaria os sobreviventes que estavam se escondendo na cidade, eu sabia que aquilo não seria correto.

O sol já estava alto no céu e eu havia tomado e suado grande parte da água na jarra quando alguém veio me render.

—Carl quer falar com você— o cara foi curto e grosso, me olhando feio.

26 — Lenha na fogueira

Estava quente dentro do armazém. O bom do calor é que as discussões daquela manhã haviam se dissipado e todos estavam preguiçosos, tirando um cochilo ou sentados em algum canto. Aproveitei para dar uma volta pelo armazém, procurando Carl. Não estava ansioso para rever aquela cara enrugada outra vez. Acabei voltando para a área dos escritórios e do banheiro. Carl estava fazendo outra reunião com os líderes da família.

Conforme me aproximei da porta, pude vê-los discutindo pelo janelão. Bati à porta e entrei na sala.

—Estava me procurando?

Todos se viraram para olhar para mim. Estava ainda mais quente dentro do escritório do que na área principal do armazém e ninguém parecia contente de estar ali. Minha chegada não melhorara a situação. Tive a sensação de que estava indo a julgamento.

—Nem precisa sentar que vamos ser breve— Carl disse, levantando-se.

—Então, no que posso ajudá-lo?— perguntei, me endireitando e olhando para várias pessoas chateadas.

Carl olhou para mim por um instante antes de falar.

—Todos debaixo deste telhado estão se mostrando úteis e fieis, menos você.

Minha primeira reação foi revidar, mas me segurei, sabendo que isso só traria mais problemas. Afinal, eu definitivamente já havia mostrado a minha utilidade desde o depósito e podia pensar em outras pessoas que estavam sendo muito menos fieis do que eu.

—O conselho da família decidiu dar-lhe uma chance de provar o seu valor.

A declaração me deixou confuso. *Provar o meu valor?* Era essa a trama nada sutil que Carl havia criado para se livrar de mim? Ou será que os outros armaram o plano para garantir o meu lugar na família de uma vez por todas? Não tinha ideia do que eles queriam que eu dissesse, então só acenei com a cabeça para mostrar que concordava.

—Temos quase tudo de que precisamos para ficar aqui neste armazém durante o tempo necessário até o negócio desse vírus terminar— Carl disse, se afastando da cadeira. —Uma coisa de que precisamos, porém, é mais botijões de gás. Sabe como é, combustível para cozinhar.

—Então querem que eu enfrente as “intempéries”— fiz aspas com as mãos —para trazer mais gás para o armazém?

Todos em volta da mesa continuaram me encarando e Carl apontou para o irmão mais novo.

—Max vai levá-lo até o posto de gasolina mais próximo. Você vai rolar os botijões enquanto ele protege você. Já traçamos a rota que provavelmente é a mais segura.

Só de pensar em voltar para as ruas, fiquei com medo. Lá fora a situação era muito perigosa e tinha quase certeza de que Carl e Max estavam tramando alguma para cima de mim. Temia pelo pior. Uma vozinha lá dentro me dizia para eu não ir. Infelizmente, sabia qual era a verdade nua e crua daquela situação. *E eu tenho escolha?*

Passados cinco minutos, lá estava eu com um carrinho de mão, descendo a rua atrás do irmão Cooper mais jovem, que levava uma espingarda nas mãos e uma pistola na cintura. Ele andava esquisito conforme a gente caminhava pelas ruas desertas. *Aí tem coisa...* O meu substituto no telhado havia identificado as saídas mais seguras do armazém e traçado o trajeto mais limpo que podia enxergar.

Saber que a gente estava “provavelmente na rota mais segura” não era alívio nenhum para mim. Enquanto a gente andava, eu me perguntava de que lado Max estaria. Pensei que talvez conseguisse tirar algumas informações dele.

—O posto de gasolina fica muito longe?

Nenhuma resposta. *Vou tentar outra abordagem.*

—Qual é o plano quando a gente chegar lá?

Max não deu nenhum pio.

—Então você não vai mesmo falar comigo, né?

Max deu uma risadinha, o que piorou ainda mais a situação. *Pois bem! Não vou entrar no joguinho dele.* Parei de fazer perguntas e me concentrei no que estava ao meu redor. Os prédios silenciosos pareciam fervilhar com a agitação em seu interior. Ainda havia vários carros parados na rua.

Por várias vezes, tive certeza de que havia visto de rabo de olho alguns sobreviventes nos observando ou algum morto-vivo perambulando dentro dos edifícios. Era horrível ficar na expectativa de ver centenas de mortos-vivos saindo a qualquer momento das sombras para nos encurralarem.

Um ruído metálico, seguido por um grito breve, ecoou pelas ruas. Senti um nó no estômago. Max parou e levantou a espingarda, virando a cabeça de um lado para o outro para descobrir de onde o barulho vinha. Eu também não sabia. *Só mais um lembrete de que a cidade está morrendo.*

Max aparentemente parecia satisfeito ao perceber que, seja lá o que havia acontecido, era algo que estava longe o suficiente para não preocupá-lo. Abaixou a espingarda e continuou, mais apressado.

Dois estalos soaram alto pelas ruas. Não dava para confirmar, mas podiam ser

tiros. Fiquei cada vez mais nervoso. O ar quente do deserto parecia estar carregado de perigo.

No pronto-socorro, pelos menos os problemas estavam sempre bem na minha frente. Precisava cuidar da intravenosa ou parar uma hemorragia. O problema estava sempre ali, na minha cara, e podia fazer alguma coisa para resolvê-lo. Aqui fora não era assim. Odiava a ideia de não saber onde estavam os mortos. Não gostava de não saber para onde Max estava me levando, de não saber o que ele estava planejando.

Pedi em silêncio para alguma coisa animadora finalmente acontecer para colocar um ponto final naquela tensão. Viramos a esquina e vimos o nosso alvo. Lá na frente, à direita da rua, estava um letreiro que dizia “Loja de Conveniência Quatro Irmãos”. Era uma imagem linda. Estávamos chegando. *Vou pegar alguns botijões e voltar o mais rápido que as minhas pernas me deixarem.*

Respirei aliviado, mas talvez estivesse me antecipando. À esquerda da rua havia uma joalheria. As prateleiras enormes estavam estilhaçadas e alguma coisa se mexeu nas sombras. Ouvi o barulho de vidro se quebrando. Um cara todo esfarrapado saiu pela vitrine, caindo sem jeito na calçada de uma altura de uns sessenta e cinco centímetros. Logo me arrependi de ter feito aquele pedido...

Olhei para Max, que ficou ali parado, boquiaberto e paralisado. O morto-vivo se levantou e andou na nossa direção, com aquele olhar vazio que me deixava tão nervoso. Olhei outra vez para Max, que não mexeu nem um fio de cabelo.

—Ei, Max! Fique à vontade para fazer alguma coisa agora mesmo.

Ele balançou a cabeça, como se estivesse saindo de um transe, e levantou a espingarda. O morto-vivo continuava avançando. Puxei a alça do carrinho de mão vazio e corri para o posto de gasolina.

27 — Fogo na lenha

O tiro foi muito mais alto do que eu esperava. Apesar de ouvir uma campainha nos ouvidos, ainda conseguia escutar o barulho ecoando nas ruas. Mais um tiro, alto e reverberante. O nó no estômago só piorou. *O tiro fez muito barulho! Provavelmente soou como um sininho chamando todo mundo a quarteirões de distância. Precisamos sair correndo daqui.*

Olhei rapidamente para trás. Max estava encarando para o morto-vivo na rua, com a espingarda preparada. Eu me apressei. As lojas à esquerda e à direita também tinham vitrines e portas quebradas. A infecção ou o saqueamento já havia quebrado tudo. As ruas estavam em ruínas.

No fundo, sabia que as coisas só podiam piorar. Do lado das bombas de gás havia umas gaiolinhas trancadas, onde os botijões ficavam guardados. Bandeirinhas nas portas indicavam se o tanque lá dentro estava cheio ou vazio. Quase 70% das portas estavam marcadas como “cheio”, mas muitas gaiolinhas já não tinham nenhum botijão. Provavelmente foram levados pelos saqueadores.

Ouvi Max ofegante, vindo na minha direção. Virei para ver a que distância ele estava: no meio fio do posto de gasolina. Atrás dele, meus medos se materializaram. Dos escombros das lojas saíram uns três ou quatro mortos-vivos silenciosos, cinzentos e vindo na nossa direção.

Virei novamente para as gaiolinhas. *Não tenho tempo para ficar de bobeira.* Havia um pé-de-cabra e alguns postes de metal com vigas de reforço por toda parte em volta dos botijões. Alguém já tinha arrombado tudo para a gente. Abri a porta das gaiolinhas e peguei um botijão cheio. Max se aproximou e se inclinou para frente, colocando as mãos no joelho e tentando recuperar o ar. Joguei o primeiro botijão no carrinho e fui pegar o segundo.

—Puxa o carrinho, garoto!— Max disse, levantando-se.

Como eu temia pela minha vida, queria deixar de lado aquela chatice. Mesmo assim, minha boca às vezes não obedece ao meu cérebro.

—Precisava trazer seus amigos com você?— perguntei, apontando para trás dele.

Ele se virou e prendeu a respiração. Na verdade, perdeu completamente o ar.

Coloquei outro botijão no carrinho. *Não dá para saber de onde sairão mais.* Max cerrou os dentes e levantou a arma. O morto-vivo mais próximo do nosso lado da rua ainda estava a um quarteirão de distância. Tentei não pensar na hipótese de que outros virariam a esquina a qualquer momento.

—Não atire!— agarrei o braço de Max.

—Não seja idiota!

—Foi por causa do tiro que esses aí apareceram. Eles ouviram! E quanto mais você atirar, mais deles vão aparecer.

—Isso mostra o quanto você entende do assunto— ele soltou o braço da minha mão.

—Olha, até mesmo uma pessoa mais cheinha como você consegue correr mais rápido do que aquelas coisas, mas se aparecerem mais, vamos ficar encurralados.

Ele fez cara de quem não gostou, se virou de costas para mim, cuspiu no chão e mirou. Voltei a agarrar os botijões.

Pou! Pou!

Eu me encolhi de medo e não me dei ao luxo de tirar os olhos do meu trabalho. Sabia que ele havia derrubado o morto-vivo que estava mais perto. E tinha certeza de que mais dez iam aparecer no lugar dele. *Idiota!*

Max xingou baixinho e abaixou a arma. Continuei carregando o carrinho.

—Acabou?— ele virou e espremeu os olhos.

Decidi ignorar a pergunta e agarrei o quinto botijão. Uma mulher esfarrapada apareceu detrás do posto. Meu coração deu aquele pulo. Dei um passo para trás, segurando o botijão. O peso me fez perder o equilíbrio e acabei caindo de joelho ao lado do carrinho.

—Fica abaixado!

Obedeci e cobri meus ouvidos.

Pou! Pou!

Olhei a tempo de ver o corpo dela caindo no chão. A campainha nos meus ouvidos tocava cada vez mais alto.

—Obrigado— eu me levantei, olhando para ele.

Ele acenou uma vez com a cabeça. Pela primeira vez, vi a cumplicidade nos seus olhos. Carreguei o quinto botijão. Max deu alguns passos em direção aos fundos do posto para ver o que estava acontecendo. Ele ficou pálido na hora.

—Para que lado?

—De onde a gente veio— ele começou a se afastar.

Cinco mortos-vivos saídos das lojas arrastavam os pés na nossa direção, num grupo disperso. O plano começou a se formar na minha cabeça. *Vamos despistá-los o bastante para passar por eles.* Podia correr para o lado direito da rua e contornar pela esquerda.

—Não sai daí!— Max interrompeu meu raciocínio.

Percebi que os mortos-vivos estavam ao lado das bombas de gasolina. Olhei para Max, com uma cara de “no que você está pensando?” Ele compreendeu a minha pergunta silenciosa e parecia responder “vou limpar a barra para nós”.

Imaginei aquela explosão que havia visto há três noites. Pensei em como seria morrer em uma grande bola de fogo. *Melhor do que morrer por causa do vírus.* Max colocou a espingarda em cima de uma bomba e pegou um botijão de gás.

—O que você vai fazer?

Ele agarrou a parte de cima e a parte debaixo do botijão e correu para o meio da rua. Ainda não sabia o que ele tinha visto virando a esquina atrás do posto, mas torci para estarem mais longe do que o grupo à nossa frente. Avançando uns cinquenta metros, ele jogou o tanque no chão. Fiquei ali, observando-o, completamente pasmo e vulnerável. *Não tem como ele achar que esta é uma boa ideia.*

Quando voltou, ele estava ofegante e com a cara vermelha outra vez. Sem sequer olhar para mim, pegou a espingarda e correu para frente das bombas. Os mortos-vivos estavam quase passando por cima do tanque. Max mirou com a espingarda e deu uns dois passos na direção deles.

Eu me agachei e mal tive um segundo para contemplar a estupidez de tentar me proteger da explosão atrás de uma bomba de gasolina. *Esse é o fim da linha.*

Max apertou o gatilho e a arma disparou. O botijão não explodiu. Pelo menos, não do jeito que ele esperava.

28 — Os caminhos se encontram

Trabalhando no pronto-socorro, eu chegava a tratar pelo menos dez pessoas por mês que haviam sido vítimas da própria estupidez. Porém, nunca havia presenciado um ato que levasse a tal resultado.

O botijão de gás explodiu, mas não formou uma bola de fogo. A bala não produziu uma faísca o suficiente para causar a ignição. Pelo contrário: fez um pequeno buraco ao entrar e um grande rombo ao sair. O gás saiu pelo outro lado, numa pressão violenta. Ouvi um grande estalo, seguido de um assobio. O botijão levantou voo e atingiu a perna do morto-vivo mais próximo, cujo corpo foi ao ar por causa do impacto. A colisão fora o bastante para redirecionar o botijão para o nosso lado.

Meu primeiro instinto foi me abaixar. Max levantou os braços para cobrir o rosto. O botijão havia se transformado em um míssil e o atingiu no braço. Ele acabou caindo para trás.

Esperei pelo pior quando o botijão passou voando por cima de mim e quebrou a janela da frente do posto. Pulei para ver se Max estava muito machucado. Ele batera com a cabeça na bomba antes de cair. O vidro da janela caíra sobre a cabeça dele e couro cabeludo estava sangrando. O antebraço ficou dobrado de uma maneira que não era natural, em cima de uma poça de sangue. Quando levantei o braço dele, suspeitei que ele havia sofrido uma fratura composta. Os mortos-vivos continuavam andando na nossa direção. E sabe-se lá o que nos esperava atrás do posto.

Olhei para Max, que estava inconsciente, e comecei a me acalmar. Não estava mais lutando para sobreviver. Era como um dia qualquer no pronto-socorro. Eu tinha que arregaçar as mangas e colocar as mãos à obra.

Peguei o revólver na cintura dele. Senti o peso e a confiança da arma em minhas mãos. Tirei a trava de segurança e apontei para o morto-vivo mais próximo. O olhar sem vida não se alterou e ele seguiu em frente, indo para cima de mim. Puxei o gatilho duas vezes. A cabeça deu um tranco para trás e o corpo caiu sem nenhum controle. *Um a menos.*

Os outros três caíram com a mesma facilidade. O quinto estava se arrastando na minha direção, já que uma das pernas fora estraçalhada pelo botijão. Logo fora descansar em paz com os outros. *Agora, o próximo problema.*

Joguei a arma no chão e me ajoelhei. O ferimento na cabeça de Max parecia ser de menor importância e o sangramento já havia praticamente parado. A pulsação e a respiração estavam fracas, mas detectáveis. Depois de mudá-lo de posição,

confirmei as minhas suspeitas: um osso havia lhe perfurado a pele debaixo do braço.

Ainda bem que ele estava inconsciente, assim seria mais fácil lidar com ele. Eu me aproximei da cabeça dele e escorei o cotovelo dele com o meu pé esquerdo antes de puxar-lhe a mão. O osso entrou novamente na pele. Fiz o possível para endireitar-lhe o braço, colocando-o em repouso sobre o peito.

Mais dois mortos-vivos apareceram adiante na rua. *Não tenho muito tempo. Preciso seguir em frente.* Olhei ao nosso redor para ver quais eram as opções. *Nada muito útil por aqui.* Tirei o rodo em miniatura de um balde cheio de um produto azul para limpar janela. A haste saiu com facilidade. Deixei a parte de cima do rodo ao lado do corpo de Max. *Tenho uma tala. Agora só preciso de alguma coisa para amarrar no lugar.*

Desperdicei um tempo precioso para tirar os cadarços do sapato dele. Peguei um pouco de papel toalha do posto, apertei bem em cima do buraco que o osso quebrado deixou na pele e amarrei o braço dele na tala com o cadarço.

Nosso tempo já estava se esgotando. Os mortos-vivos que dava para eu ver estavam se aproximando e seja lá o que Max vira atrás do posto de gasolina chegaria até nós a qualquer momento. Corri até o carrinho de mão e tirei vários botijões, deixando só um para abrir espaço. Virando a esquina detrás do posto, vi uma mulher de meia idade com aqueles olhos de peixe morto. A pele parecia mais enrugada do que deveria e havia sangue na camisa e nas calças dela. *Não tenho tempo.*

Corri com o carrinho de mão na direção de Max. Pensei que poderia ter saído correndo. *Mas eu não sou assim.* Max era obeso e mover aquele balofo era como transportar uma pilha imensa de massa de pão. Aquilo me fez lembrar dos pesos que eu levantava na academia quando estava no colégio, então decidi fazer o meu melhor. Até hoje não sei de onde tirei forças, mas de alguma forma o coloquei no carrinho.

Max gemeu de dor, mas seus olhos continuavam fechados. *Ótimo, ele ainda está desmaiado.* A morta-viva devia estar apenas a uns quinze metros de distância e se aproximava rapidamente. Não senti aquele medo tomando conta de mim, somente a determinação de voltar comigo e Max vivos. A morta-viva pulou e o carrinho se moveu de lado, ficando pouco além do alcance ela. Talvez ela até pudesse agarrar o pé de Max, mas o ombro dela ficou preso num encanamento de gás.

Mais a frente, vários mortos-vivos apareceram no meu campo de visão, saídos das travessas e das lojas. Fiquei me perguntando se outros sobreviventes estavam escondidos ali por perto. *Será que o vírus já se espalhou pelo resto da cidade?*

Na verdade, durante a manhã inteira os mortos-vivos ficaram sentados imóveis à sombra. Agora as sombras estavam se arrastando e trazendo consigo a destruição. Olhei para trás. Os mortos-vivos vinham num fluxo contínuo de ambos os lados do posto de gasolina. *Pelo menos os que estão na nossa frente ficaram um pouco mais*

dispersos.

Não dava para voltar atrás. Teria que dar mais uma chance àquele local onde os caminhos se encontraram. Corri para um lado e passei pelos dois primeiros mortos-vivos sem problema. Não conhecia bem a área e não queria correr o risco de me perder, então voltei exatamente pelo mesmo caminho que havíamos percorrido.

De qualquer jeito, não importava o caminho que eu escolhesse. Os mortos-vivos que estavam a quarteirões de distância haviam ouvido o chamado. Todas as ruas para onde eu olhava estavam repleta deles. Porém, ainda não havia grandes multidões se acumulando.

Meu ziguezague exagerado de um lado para o outro da rua fora o necessário para evitá-los, pelo menos até eu chegar a um quarteirão e meio do nosso abrigo. Do meu lado da intersecção, quatro mortos-vivos formavam uma linha, bem espaçados. Bom, eles não ficaram ali parados e continuavam andando na minha direção enquanto eu corria ao encontro deles.* Só tenho uma chance.*

Diminuí o passo e levantei a pistola. Não havia dado uma boa olhada, mas tinha quase certeza de que se tratava de uma nove milímetros. Sabia que cada cartucho tinha geralmente mais de dez balas, mas não fazia ideia de quantas restavam. Eu me alinhei com o centro da linha e apontei para o morto-vivo à direita do meio da rua. Apertei o gatilho três vezes. A mulher esfarrapada caiu.

Um morto-vivo à minha esquerda pulou para cima do carrinho. Eu me virei e apertei o gatilho outra vez. O corpo mudou de posição e o tiro pegou de raspão. Não deu para derrubá-lo, mas foi o suficiente para não deixá-lo agarrar Max.

Já não tinha mais tempo ou espaço para fazer o contorno. Não podia me arriscar soltando o carrinho. O único jeito de escapar era passando por cima da mulher caída e torcer para ela estar mesmo mortinha da silva.

Pulei por cima do braço dela esticado e segurei firme no carrinho. A primeira roda passou por cima do braço dela e o carrinho quase virou de lado. Por pouco não perdi o controle quando a segunda roda passou por cima dela.

Os mortos-vivos de ambos os lados da fileira se agacharam um pouco para pular. Minhas pernas continuaram se movendo o mais rápido possível. Os mortos-vivos pularam, mas foram lerdos demais e eu consegui passar por eles.

Atrás de mim, a rua estava cheia de mortos-vivos. Na minha frente, o armazém estava a um quarteirão de distância. Joguei a arma e corri o mais rápido que pude. Precisava de cada segundo para manter Max dentro do carrinho antes que um dos mortos-vivos nos alcançassem. As perguntas rodeavam a minha cabeça. *Será que tenho tempo?*

29 — Primeiros-socorros

O corpo de Max balançava para lá e para cá à medida que o carrinho passava pelas irregularidades do pavimento antigo. Continuei correndo. *Se ele não teve uma concussão antes, agora vai ter.* O carrinho bateu numa lombada assim que entrei no estacionamento. Max gemeu outra vez.

Fiquei aliviado ao ver que não havia nenhum morto-vivo me esperando no armazém. Corri para as escadas que davam para a porta de onde saímos e diminuí a velocidade do carrinho para não bater na parede. Olhei para trás para ver quanto tempo eu ainda tinha.

Cinquenta, talvez sessenta mortos-vivos estavam engarrafados na rua, naquela caminhada horripilante indo em nossa direção. Observei o grupo mais próximo e calculei que eu tinha um minuto para entrar.

Parei o carrinho, subi as escadas correndo e bati três vezes na porta. Antes da terceira batida, alguém abriu. Não fiquei ali para ver quem era.

—Max está ferido! Vai buscar ajuda! Rápido!

Fiquei entre Max e o estacionamento. Olhei freneticamente ao meu redor para encontrar algum tipo de arma. *Devia ter ficado com a pistola.* Os mortos-vivos continuavam marchando e eu me virei para a porta.

Ouvi gritos dentro do armazém e quatro homens saíram pela porta. Um deles era Paul. Os outros três pareciam adolescentes ou ter uns vinte e poucos anos. Desceram as escadas correndo e foram direto tentar levantar Max enquanto eu estava atrás do carrinho.

—Não! O braço dele tá quebrado. Agarrem o carrinho— gritei. —Um, dois, três: força!

O carrinho estava muito mais pesado do que eu esperava. Nervoso, olhei por cima do ombro enquanto o grupo tentava levar aquele peso escada acima.

Três mortos-vivos lideravam o bando que estava a menos de vinte metros e ganhando terreno rapidamente. Um dos rapazes que segurava a parte dianteira do carrinho acabou tropeçando. O carrinho escapou da mão dele e caiu na escada, fazendo o botijão bater no ombro de Max.

O resto de nós continuou segurando firme e conseguimos evitar que Max rolasse escada abaixo e fosse parar no estacionamento. O rapaz arregalou os olhos quando conseguiu se levantar.

Os mortos-vivos continuavam fazendo pressão e estavam bem perto das escadas. Usamos toda a força possível para colocar o carrinho no alto da escada.

Agora a gente só precisa entrar. O carrinho era estreito o suficiente para passar pela porta aberta e nós quatro tentamos colocá-lo na posição certa. *Temos manobristas demais...*

Foi então que os mortos-vivos chegaram. Dois ou três estavam ao pé da escada. Paul deu um grito e eu olhei para baixo. O terceiro esticara o braço pelo corrimão e agarrara um dos sapatos dele. Paul tentou balançar a perna para se livrar, mas o morto-vivo era forte demais. Dei um pisão no pulso dele com todas as minhas forças. Paul continuou balançando a perna e seu sapato saiu voando.

O grupo finalmente conseguiu alinhar o carrinho com a porta e todo mundo entrou no armazém. Olhei para trás e os dois mortos-vivos ao pé da escada estavam subindo e gatinho. Fechamos e trancamos a porta grossa de metal. *Deve ser praticamente à prova de balas.* Torci para que ela aguentasse.

—Pai?— um adolescente correu em direção a Max.

Ainda não posso parar para descansar.

Fui até o carrinho de mão. A família toda nos rodeava. O medo estava estampado em seus semblantes.

—Alguém me traz um colchão— assumi o controle. —Vocês cinco, me ajudem a colocá-lo no chão.

Cinco ou seis parentes dele formaram um círculo e ajudaram a pegar Max.

Pou! Pou!

Duas batidas na porta ecoaram pelo armazém. Todos ficaram esperando mais batidas enquanto se perguntavam se a porta ia aguentar. Ouvimos um ruído diferente. Parecia outro tiro. Todos deram um pulo de susto. Logo veio o silêncio. Voltei a me concentrar no meu trabalho.

—Vamos lá pessoal. Vamos colocá-lo no chão.

Colocamos Max sobre o cimento.

—Agora alguém tem que pegar um kit de primeiros-socorros para mim. Preciso de gaze e álcool, uma bandagem elástica e algo comprido e rígido para eu usar de tala. Rápido!

Coloquei três dedos na jugular de Max e senti a pulsação rápida e fraca. Aproximei meu ouvido da boca e pus a mão no peito dele. A respiração estava irregular e superficial. Abri as pálpebras dele. As pupilas estavam dilatadas. Ele estava entrando em choque.

—Alguém pega um cobertor!

Uma mecha de cabelo estava empapada de sangue, mas pelo menos ele não estava mais com a cabeça sangrando, diferente do braço, que sangrava um pouquinho. Em meio a tanto empurra-empurra, o osso do braço havia saído outra vez do lugar. *Pelo menos não está para fora da pele.* Fiz uma tipóia improvisada. *Por que estão demorando tanto?*

—Alguém vem aqui segurar a outra mão dele enquanto eu coloco o osso no lugar.

O garoto que havia chamado Max de pai se prontificou e se ajoelhou ao lado dele. Parecia ter uns dezoito anos e estava chorando. Eu me levantei e estava prestes a pegar no braço quebrado quando alguém no fim do corredor me chamou a atenção. Era Carl, correndo na minha direção. *Esse não é o momento certo... Não dá pra ver que eu estou ocupado?!* Ele percebeu que eu estava olhando para ele e apontou para mim.

—Você! Pare agora mesmo! O que foi que aconteceu?

Ele diminuiu o passo ao entrar no círculo de curiosos e perdeu a respiração.

—Mas o que é isso... O que você acha que está fazendo?

Pensei em explicar tudo, mas ia demorar muito para contar a história toda. Além do mais, não sei se ele confiaria em mim ou acreditaria em uma palavra do que eu ia dizer.

—Estou fazendo o meu trabalho— disse, mostrando o dedo do meio.

Ele fechou o punho e veio para cima de mim. Fui tomado pelo ódio e dei dois passos na direção dele. Da outra vez, ele se aproveitou da minha fraqueza. Duvidei que ele pensasse que eu já estava melhor para resistir o abuso dele e provavelmente achava que eu fosse um molengão. Eu já havia me recuperado da corrida. Eu era rápido. Eu estava concentrado. Eu estava com raiva. Carl ia ter uma bela uma surpresa.

30 — A vida não é justa

Carl levantou o braço para me dar um soco. Ele não estava no compasso e, se eu deixasse, acabaríamos colidindo antes de ele desferir o golpe. Mas eu não ia deixar isso acontecer. Eu me apoiei no chão e o empurrei com a palma da minha mão direita bem no plexo solar. Deu para ouvir o ar saindo-lhe dos pulmões. Carl caiu de joelhos e se esforçou para recuperar a respiração.

No fundo, uma vozinha me dizia para partir para cima dele, agora que ele estava indefeso. Podia chutá-lo na cara, como ele fez comigo. Poderia fazê-lo sofrer como ele tinha feito comigo. A família inteira teria que me tirar de cima do corpo dele todo ensanguentado. Aquilo me faria um bem enorme, mas não tinha tempo a perder.

—Eu poderia ter acabado com a sua raça agora mesmo. Não se esqueça disso!— eu disse, apontando para ele.

Dois valentões deram um passo à frente, fazendo um monte de ameaças generalizadas. Presumi que fossem os dois filhos dele tentando aparecer.

—Olha aqui, vocês querem ou não querem que o seu tio Max sobreviva?— eu disse, interrompendo-os. —Seu pai obviamente prefere ser um imbecil e me dar a maior surra enquanto vê o próprio irmão morrer, em vez de fazer alguma coisa de útil. Então, por que vocês não mostram serviço e seguram o seu pai enquanto eu tento normalizar o seu tio?

Eu tinha certeza de que Max não ia morrer, mas ninguém sabia disso. Ele ainda precisava de muitos cuidados, então me virei para Max.

A família ficou em silêncio, me observando enquanto eu fazia o meu trabalho. Dali a pouco, umas crianças com os braços cheios de remédios e itens hospitalares voltaram com tudo o que eu havia pedido.

O braço era a prioridade. Precisava colocar o osso no lugar como eu tinha feito antes. Uma das esposas mais jovens saiu correndo e começou a vomitar. Carl recuperara o ar e fora levado para longe pela mulher e pelos filhos para esfriar a cabeça. *Pelo menos vão aprender a parar e pensar um pouco.*

Limpei a ferida que havia sido deixada pelo osso no antebraço. Usei umas hastes de metal que Beth havia encontrado e as bandagens elásticas para fazer uma tala improvisada. Isso protegeria o braço dele, se ele não cometesse nenhuma estupidez. Àquela altura, o casal que havia cozinhado na noite anterior chegara com o colchão. Tiramos Max do chão e o cobrimos com um cobertor.

Logo, limpei o machucado na cabeça dele. Primeiro passei água, depois raspei

o cabelo no local e limpei a ferida. Não tinham nada que eu pudesse usar para dar pontos, então o melhor que eu pude fazer foi usar uma fita adesiva hospitalar. Coloquei um pouco de creme antibacteriano e tampei com uma gaze, enrolando a cabeça com a bandagem elástica só para causar mais efeito.

Apesar de todos estarem morrendo de calor dentro do armazém, a pele de Max continuava fria e molhada de suor. Em poucos minutos, porém, a pulsação estava mais forte e a respiração se regularizara.

Max caiu num sono profundo. De tempos em tempos, ele movia o braço ou estremecia um pouco. Eu me levantei e disse para alguém ficar sempre ao lado dele. Se ele acordasse, era para dar quantas aspirinas ele quisesse. Então fui me limpar.

—Você tá bem?— Beth perguntou, indo atrás de mim.

—Não sou muito fã do seu tio Carl— disse virando para ela sorrindo.

—Não sei o que deu nele... Ele nunca foi assim— ela fechou os olhos e balançou a cabeça.

Andamos o resto do caminho até o banheiro em silêncio. Alguma coisa não parecia estar bem com ela, mas eu entrei e me lavei e, quando saí, ela me abraçou.

—Obrigada, Corbin.

Eu a apertei um pouco.

—Meu pai me contou tudo— ela começou a chorar.

Continuei abraçando-a por alguns minutos. Enquanto ficávamos ali, em silêncio, só tinha um pensamento em mente: *O que aconteceu com os mortos-vivos?* Há muito tempo ninguém batia à porta. Havia um grupo de pelo menos cinquenta deles ali por perto.

—Então, o que aconteceu lá fora?— Beth parou de chorar e se afastou de mim. Expliquei exatamente tudo o que se passara.

—Uau!— foi a única coisa que ela conseguiu dizer quando terminei de contar tudo.

—Pelo menos quando Max acordar ele vai confirmar o que eu disse— completei, dando de ombros. —Carl então vai ter que me deixar em paz, gostando de mim ou não.

Disse para ela que queria trocar de roupa e ver como estava a situação lá fora, então ela foi organizar mantimentos com os primos dela.

Encontrei as minhas roupas, limpas e secas, me esperando sobre a cama. Disse para mim mesmo que precisava me lembrar de agradecer a tia Janice. A caminho da escadaria do telhado, fui ver como Max estava. Parecia dormir muito mais tranquilo.

Encontrei com Carl novamente. O armazém era grande, mas nem tanto, então sabia que aquilo aconteceria mais cedo ou mais tarde. Só esperava que fosse dali a umas duas horas. Foi esquisito, como sempre. Ele ficou me olhando feio enquanto eu contava a história toda. Quando terminei, ele só espremeu os olhos mais ainda.

—Vamos ver então...— ele disse.

Depois daquela conversa tão animada, subi as escadas e fui para o telhado. Falei rapidamente com o genro de Carl, que estava de guarda, e me aproximei do parapeito tentando não chamar a atenção. Talvez pudesse ver para onde os mortos-vivos tinham ido. O que eu vi me deixou chocado. Eles não tinham ido para lugar nenhum e haviam se espalhado ao nosso redor. Permaneciam perfeitamente imóveis. Só se mexiam para evitar o sol e aproveitar qualquer sombra disponível. Estavam ali, esperando.

Milhões de perguntas me passaram pela cabeça. *Por que eles não continuam batendo na porta, como fizeram na concessionária? Quando vão se mexer de novo? Será que eles vão se esquecer do que aconteceu?*

Voltei para o armazém para encontrar alguma coisa para fazer até o sol se por. Acabei ajudando Beth a levar mantimentos dali para cá. Uma ou duas vezes vi Paul e tia Janice, mas nenhum dos dois disse nada. Ninguém me olhou nos olhos ao passar por mim. Esperava que eles superassem seus próprios problemas antes de Carl surtar outra vez. Precisava de um pouco de apoio.

Conforme a noite foi caindo, as batidas à porta começaram outra vez. A princípio, era só um murro, mas logo aumentaram para dois, depois três... Quando me aproximei, vi que um dos filhos de Carl estava usando uma tocha de oxiacetileno para soldar a porta. Carl viu quando eu cheguei.

—É tudo culpa sua!— ele pôs o dedo na minha cara.

Resolvi dar as costas e sair dali antes de ele começar a fazer outra ceninha. Todos me olharam assustados enquanto eu voltava para o meu colchão. Fui me deitar e dormir um pouco.

Quando tudo ficou escuro lá fora, ouvi outro barulho. Um ronco baixo que parecia vir de todos os lados. Demorei um pouco até perceber que havia cinquenta ou mais pares de punhos batendo nas paredes de cimento. O som era apavorador, um lembrete constante de que estávamos todos encurralados.

Acabei caindo no sono, porque quando acordei estava tudo escuro e alguém me chacoalhava.

—Corbin! Acorda!

Era Beth. Eu me sentei. A lua ainda não estava na posição certa para deixar muita luz entrar pelas claraboias. Mal dava para enxergá-la na penumbra.

—O que foi?

—Escuta— Beth tateou no escuro até encontrar o meu ombro. —Max acordou há uma meia hora.

—Ótimo!

—Não, não é nada bom. Ele não se lembra de nada.

Senti uma pontinha de desespero. Por algum motivo, não havia pensado que o

ferimento de Max na cabeça pudesse lhe causar perda de memória. *Isso não é justo!*

—Eu ouvi tudo— Beth disse, aproximando-se mais e sussurrando. —Não consegui dormir e ouvi quando o filho de Max veio chamar Carl. Fui atrás e fiquei escondida. Quando Carl percebeu que Max havia se esquecido de tudo, começou a encher a cabeça dele de mentira. Ele disse que você provavelmente o havia despistado e quebrado o braço dele, então agora eles queriam vingança. Quando Max começar a contar essa história que Carl inventou, ninguém vai acreditar...

Beth estava tremendo. Peguei a mão dela do meu ombro e a segurei nas minhas mãos, tentando manter a calma.

—Vai ficar tudo bem. Vou encontrar um jeito...

Parei assim que ouvi o som de vozes furiosas se aproximando. Beth de distanciou e foi se esconder atrás de umas caixas. Vi a luz da lanterna indo na direção da esquina em que o meu corredor se encontrava com o corredor central. Deitei novamente. Em poucos instantes, Carl e outros dois caras viraram a esquina e marcharam na minha direção.

—Corbin! Levanta!

Fiz o possível para fingir que estava dormindo e me sentei. Carl ficou apontando o dedo na minha cara.

—Vai se sentar ali, perto daquela estante.

Não pensei em nada que pudesse dizer. Preferi não discutir, então fui até lá e me sentei ao lado da estante enorme de metal que ele havia indicado. Um dos filhos dele veio até mim e usou várias braçadeiras de plásticos para prender meus pulsos à estante. Nem me dei ao trabalho de resistir.

—Pela manhã, a família decidirá o que fazer com você— Carl disse, com desdém. —Fique sabendo que não gostamos de levar uma punhalada pelas costas.

Permaneci calado. Assim que eles se afastaram, tentei livrar as minhas mãos. Talvez conseguisse desgastar as braçadeiras e romper o plástico. *Mas o que vou fazer depois? Ficar escondido? O armazém não é tão grande assim...*

Olhei para o escuro.

—Beth, você ainda está aí?

Não tive resposta.* Para onde ela foi?* Tinha um canivete na mochila. Tentei alcançá-la, mas não tive sorte. Então, no escuro, ouvi alguém pigarreando.

31 — Escapar?

NO escuro, não dava para saber de que direção o barulho vinha.

—Quem está aí?

—Shh, quieto.

Tá vindo detrás de mim. Eu me virei até onde pude. Um isqueiro apareceu na escuridão e o rosto de Paul ficou nítido. Ele acendeu uma vela e saiu detrás das caixas que Beth havia usado como esconderijo.

—Cadê a Beth?

—Mandeí ela voltar para o beliche dela— ele respondeu, levantando a mão como se quisesse parar o trânsito. —Não permito que você complique a vida dela.

Ele parecia cansado, quase oco por dentro. Não podia culpá-lo, pois estava bastante estressado. Para piorar o problema fatal representado pelos mortos-vivos, suas escolhas pessoais estavam o afetando também.

—Então por que você está aqui?— perguntei, olhando bem nos olhos dele.

—Não tenho muito tempo— ele disse, cerrando os dentes por um momento. —Eu deveria estar subindo no telhado para ficar de guarda, mas antes preciso saber qual é a sua resposta para duas coisas que quero lhe perguntar.

—Tá bom— dei de ombros. —Fala.

—Quais são suas intenções com Elizabeth?

Acho que não deveria ter ficado surpreso com a pergunta, mas fiquei. *Ele é o pai dela e Carl provavelmente está espalhando um monte de mentiras sobre mim.*

—Para falar a verdade, não tenho nenhuma “intenção”. Não sei se você percebeu, mas a minha vida anda bem difícil recentemente e não tive tempo ou vontade de ficar fantasiando um romance. Resumindo: ela é a única amiga de verdade que eu tenho no momento e eu valorizo o apoio dela.

Paul ficou pensando e depois acenou com a cabeça.

—E o que aconteceu hoje lá fora?

Fiquei pensando se ele já tinha ouvido a versão “Corbin é um traíra” que Carl havia inventado. Até poderia tentar, mas não conseguiria pensar numa história que fosse mais verossímil do que a verdade, então contei tudo.

—Seu irmão atirou com aquela baita espingarda no primeiro morto-vivo que ele viu. O barulho atraiu mais deles, muitos mais. A gente precisava abrir caminho e acho que ele pensou que estava fazendo uma coisa super inteligente quando resolveu usar o botijão de gás como uma bomba. Quando ele atirou, o botijão acabou virando um míssil e o atingiu no braço e na cabeça. Eu o trouxe de volta e fiz de tudo para

ele receber os cuidados de que precisava.

Apontei com a cabeça para as minhas mãos, que estavam presas à estante.

—E foi aí que eu fui recebido como um herói.

—Carl disse que não foi bem assim o que— Paul disse, franzindo a testa, meio cabisbaixo. —Ele falou que viu tudo do telhado. Ele é o líder da família e todo mundo vai acreditar nele até o fim. Não sei no que acreditar— ele deu de ombros.

Deu vontade de estapear Paul e dizer para ele crescer. Afinal, ele sabia que eu estava dizendo a verdade, mas era fraco demais para fazer frente ao irmão.

—Então, como é que eu fico?

Ele ficou olhando para o nada por um momento, então colocou a mão no bolso.

—Você tem uma escolha— respondeu, sem conseguir me encarar. —Pode escapar por si só ou ser expulso daqui.

Tirou uma coisa do bolso e colocou no chão do meu lado.

—Vou colocar uma vela naquela claraboia quando a barra estiver limpa na porta de carga do lado leste.

Olhei para baixo e peguei o objeto. Um estilete.

—Sinto muito, Corbin— ele disse, apagando a vela. —Queria que a situação fosse diferente.

O eco baixinho dos seus passos foi silenciado rapidamente pelos murros constantes dos mortos-vivos lá fora.

Fiquei com o estilete na mão durante alguns instantes, pensando nas minhas alternativas. Paul tinha razão. A maioria da família acreditaria em Carl, não em mim. Especialmente se ele estivera mesmo no telhado. Isso significa que eu seria punido como e quando ele quisesse. Seria expulso dali, os mortos-vivos estando lá fora ou não. Ou poderia escapar agora, confiar em Paul e esperar pelo sinal dele.

De um jeito ou de outro, eu voltaria para as ruas implacáveis. Um temor chato tomou conta de mim, me dando a impressão de que não importava o que fizesse ou para onde fosse: seria rejeitado. Ficaria desprotegido e estaria sozinho.

Esse medo se misturou ao ódio crescente que eu sentia de Carl e suas maquinações. *Se ele fosse remotamente razoável ou inteligente, eu estaria numa boa agora.* Mas ele não era nada disso. Não passava de um mandão idiota, com medo de perder o poder e incapaz de aceitar qualquer coisa que não se encaixasse na sua visão de mundo.

Decidi que a minha única alternativa era mesmo tentar escapar. Talvez pudesse encontrá-lo antes de ir embora, dormindo, e deixar um presentinho bastante doloroso para ele. Minha fantasia violenta foi interrompida pelo barulho de pés se arrastando na minha direção. Estava prestes a receber outra visita no meio da noite. *Será que ninguém dorme aqui?*

Não sabia se teria tempo suficiente para me livrar daquelas algemas de plástico

antes do visitante chegar, então coloquei o estilete no bolso. A lua finalmente estava bem no alto, iluminando um pouco o local pela claraboia. Na penumbra, pude ver o corpo atlético de uma mulher. *Só pode ser a Beth... Por que ela voltou?* Ao se aproximar, ela acendeu um isqueiro, cuja chama a iluminou o suficiente para eu ver que ela estava chateada.

—Corbin, vamos dar o fora daqui. Segura— ela disse, me dando o isqueiro.

Acendi o isqueiro com a mão que estava livre. Ela pegou um canivete e cortou rapidamente o plástico. Apaguei o isqueiro e ela agarrou o meu braço.

—A gente tem que sair daqui agora mesmo!— ela estava tremendo e sua voz estava fraquejando. —Por favor!

Achei que ela estivesse prestes a cair no choro a qualquer momento. *O que será que aconteceu?*

—Espera! Deixa eu pegar a minha mochila.

—Não tá aqui— ela engoliu seco. —Eu escondi a sua mochila do lado de fora da porta do lado leste quando voltei para o meu beliche. Queria ter certeza de que o tio Carl não poderia pegá-la.

Percorremos o labirinto dos corredores do armazém.

—Acha mesmo que essa é uma boa ideia?

Ela parou por um momento e respirou fundo várias vezes, tentando conter as lágrimas.

—Você precisa sair daqui e eu vou com você.

—Como?— coloquei a minha mão no ombro dela e fiz o possível para olhar bem no fundo dos olhos dela, mesmo no escuro. —Você não precisa vir comigo e eu também não preciso ir agora. Temos umas duas horas antes de amanhecer.

—Não, tem que ser agora!— ela balançou a cabeça e escondeu o rosto no meu ombro.

Alguma coisa estava errada. Não tinha como saber exatamente, mas aquilo não me cheirava bem. Ela estava escondendo alguma coisa de mim.

—Qual é o problema, Beth? O que está acontecendo?

Ela deu as costas para mim e foi me puxando pela mão esquerda, indicando o caminho. Viramos uma esquina e vi uma porta no fim do corredor. Ela estava aos prantos e fazendo muito barulho. Precisávamos nos apressar antes de acordar todo mundo e perder a nossa chance.

Quando estávamos a uns dez metros do fim do corredor, ela soltou a minha mão e apertou o passo. *O que ela tá fazendo?* Eu sabia que alguma coisa estava errada. Ela só podia estar me escondendo alguma coisa. Depois de mais dois passos e meio adiante, eu descobri o que era.

32 — A dor da traição

O golpe me pegou bem no estômago. O ar escapou pela minha boca e meu diafragma se recusava a inspirar mais ar. Caí de joelhos. Doía demais.

Na luz escassa, podia ver a silhueta de Carl por cima de mim. Ele estava segurando um taco de beisebol. Não calculou direito a distância no escuro e acabou me batendo com a mão. Mesmo assim, doeu.

Um dos filhos dele acendeu um lampião de querosene. Outro tipo de dor se manifestou dentro de mim. Olhei para Beth, que estava chorando descontrolada. Ela havia me traído e me levado direto para uma armadilha. Não podia acreditar... Talvez eu quisesse mesmo pensar que ela viria comigo. Talvez quisesse tanto que aquilo fosse verdade que nem pensei no que estava prestes a acontecer. *Devia ter ouvido o meu instinto.*

Tentei recuperar a respiração e o ar voltou aos meus pulmões aos poucos. Senti que ia desmaiar. Carl ria e andava de lá para cá na minha frente.

—Provavelmente achou que esse seria seu momento de glória, não é?

Cada respiração ficava mais fácil do que a anterior.

—É o seguinte: eu sou o líder dessa família. Se você tivesse se dado conta disso e aceitado desde o princípio, agora nós seríamos amigos.

O ódio fervilhava dentro de mim. Carl nunca havia me dado uma chance. Agora estava mentindo para todo mundo e para si mesmo só para aliviar a própria culpa.

—Me perdoa!— pude ouvir Beth falando entre soluços, cobrindo o rosto com as mãos e se ajoelhando.

Como é que ela foi capaz de fazer isso comigo? A dor que eu sentia por dentro era pior do que a causada pelo golpe. Ela era minha única amiga de verdade. *E nem me avisou...*

—Agora já é tarde demais para tentar fazer as pazes— Carl disse, se abaixando e ficando bem na frente da minha cara. —Seus crimes são graves demais para a família perdoá-lo.

Crimes? Quem acredita numa coisa dessas! Ele acha que são todos idiotas? Espremi os olhos e balancei a cabeça. *Não para de respirar.* Carl me deu um tapa com a mão esquerda.

—Mesmo quando não consegue nem abrir a boca para falar, você continua com esse mesmo comportamento.

Carl se levantou e voltou a andar de um lado para o outro atrás de mim. Minha respiração estava quase voltando ao normal, então também tentei me levantar.

—E agora?— perguntei, me virando para ele.

—Você vai ser punido e então vai para o olho da rua— Carl disse, brincando com o bastão na mão direita.

Meu estômago e meu rosto estavam latejando. No fundo, o que eu mais sentia era a completa solidão. Beth havia me traído e ninguém ia deter Carl. *Ele bem que seria capaz de me matar aqui e agora.*

Uma luz se movimentando chamou a minha atenção. A chama trêmula de uma vela apareceu do outro lado da claraboia que eu conseguia ver por cima do ombro de Carl. *Paul está me dando um sinal. Será que ele sabe o que está acontecendo? Ele também está metido nisso?*

Não importava. Eu precisava aproveitar a minha chance. Reclamei de dor e me curvei um pouco. Se pudesse fingir um pouco, conseguiria pegar o estilete do bolso da minha calça...

Carl me deu outro tapa. Estava perto demais para tentar me dar uma tacada. Cambaleei um passo e meio para o lado e então para frente. Queria parecer convincente. Carl riu outra vez. Coloquei a mão no bolso direito, dei outro passo para frente e agarrei o taco com a mão esquerda. Ele nem teve tempo de reagir.

Tirei o estilete do bolso, expus a lâmina e passei no peito de Carl. O corte era superficial, mas certamente seria doloroso e sangrento. Carl gritou e soltou o taco, que agarrei antes que pudesse cair no chão. Os filhos dele perderam a respiração e avançaram para cima de mim.

Larguei o estilete e agarrei o taco com as duas mãos. Dei uma tacada no cara que estava mais próximo segurando o lampião. Ele gritou quando levou o golpe, deixando o lampião cair e se esstraçalhar no chão. Esperava ter esstraçalhado alguns ossos dele também. Porém, a volta à penumbra só piorou o caos. Virei e fui em direção à porta.

—Corbin! Espera!— Beth gritou.

Não estava nem um pouco interessado em qualquer coisa que ela quisesse me dizer. *Ela acha mesmo que eu vou parar para escutá-la depois do que ela fez?* Eu me choquei com a porta e empurrei a barra para abri-la, indo parar no alto da escada do lado de fora. Ouvi a gritaria lá dentro: gritos de dor, gritos que pediam uma arma, gritos que exigiam justiça.

Nada mais importava. Saí de lá antes que eles pudessem se organizar. Em meio à gritaria, ouvi Beth dizendo “à direita da escada...”

Corri escada abaixo. A porta se fechou atrás de mim. Atravessei o estacionamento. As últimas palavras de Beth ecoaram na minha cabeça. Virei e olhei para o chão à direita da escada. Pude ver algo conhecido. Ela havia mesmo colocado a minha mochila ali.

Corri, peguei a mochila e quase não consegui colocá-la nas costas. Olhei ao

meu redor. Um morto-vivo estava virando a esquina ao nordeste do armazém. *Grotesco!* Parecia que alguém tinha cortado a cara dele várias vezes com uma faca. Sangue e sujeira se acumulavam em várias partes do seu corpo. Sua roupa havia virado farrapos.

Torcei para que a maioria dos mortos-vivos que estava batendo na parede do outro lado do armazém não notasse a minha presença. *Talvez esse seja o único que ouviu toda aquela comoção.* Até parece que eu teria tanta sorte assim. O morto-vivo veio andando na minha direção. No fundo, sabia que outros iguaizinhos a ele viriam logo atrás. Escolhi uma rua lateral qualquer, a esmo, e saí correndo.

Sabia que podia despistar o primeiro facilmente, mas e depois? Não dava para garantir que a rua que eu escolhi estaria vazia. Na verdade, do jeito que as coisas andavam, provavelmente estaria apinhada de mortos-vivos. *E então? Continuo correndo? Durante quanto tempo?*

Conseguiria correr mais rápido do que os mortos-vivos durante um bom tempo, mas não para sempre. Precisava sair da rua o mais rápido possível. Só não sabia pra onde ir... Então corri e não parei de correr.

De tempos em tempos, via grupos de dois ou três mortos-vivos, mas estava indo tão rápido que eles me perdiam de vista depois de uma ou duas esquinas. Continuei correndo até me perder completamente. Corri até as minhas pernas começarem a tremer e a lateral da minha barriga doer. Se parasse, não teria nada para fazer, só pensar. E a única coisa em que eu poderia pensar era em como havia sido maltratado e traído. Então continuei correndo.

Logo ouvi um eco na rua adiante, seguido de gritos. Várias vozes diferentes. Pareciam pedir ajuda. Segui meus instintos e fui em direção ao alvoroço, apesar de o meu cérebro me avisar que aquela era uma péssima ideia.

33 — Sapatos vermelhos e ajuda

A gritaria aumentou. *Só podem estar bem próximos.* Diminuí o passo e continuei indo na direção do som. Não sabia ao certo o que estava acontecendo ou o que eu faria quando chegasse lá.

Três foguetes de sinalização apareceram no céu, um atrás do outro. Podiam ter sido lançados bem de perto, talvez do outro lado do quarteirão. Eu me agarrei à parede de tijolos de uma agência de seguros na esquina e olhei com cuidado. Havia uma fileira de lojas, a maioria antiquários ou tapeçarias com tapetes orientais. Todas as vitrines estavam quebradas. Mais para o meio do quarteirão havia um prédio de apartamento com dois andares.

Havia um grupo de dez mortos-vivos espremidos na entrada do prédio. Batiam incansavelmente no que restava da porta. Parecia que havia pelo menos um sobrevivente do outro lado, tentando escorar a porta com uma mesa. Duas adolescentes e um homem de meia idade estavam nas janelas do segundo andar, gritando por ajuda. Recuei, fechei os olhos e respirei fundo. *O que é que eu tô fazendo aqui?*

Senti uma culpa súbita por ter atacado Carl e o filho dele. Não era uma pessoa violenta. Dedicara boa parte da minha vida a salvar os outros. Agora, me encontrara numa situação em que não tinha outra saída a não ser machucar alguém.

Não, eu tenho uma saída! Aquilo era o suficiente para me deixar enjoado. Talvez pudesse compensar pelos meus erros se ajudasse os outros aqui. Mas o que mais eu poderia fazer? *Só tenho uma coisa a fazer.*

Ajustei as alças da mochila, apertando-a contra mim para poder segurar o taco e dar tacadas fortes. Virei a esquina. Uma das meninas me viu e começou a gritar mais alto ainda. Dei alguns passos e olhei para cima.

—Volta pra dentro! Vou tentar afastá-los daqui.

O que é que eu tô fazendo? Deixei a dúvida de lado e segui meus instintos. Precisava fazer alguma coisa. Mesmo depois de ter gritado, os mortos-vivos não pareciam ter notado a minha presença. Precisava fazer algo mais drástico. As meninas foram para dentro do apartamento. *Agora é comigo.* Cerrei os dentes e agarrei o taco com força.

—Ei! Vem me pegar!

Continuaram me ignorando. Pelo menos um deles se virou. Eu me aproximei, ficando a poucos metros de distância e logo parei igual uma estátua. Vi os olhos aterrorizados quando a mesa se mexeu e os sobreviventes fizeram o possível para

colocá-la novamente no lugar.

—Escuta!— dei mais um passo adiante e dei a tacada.

Bem na nuca, como tinha feito com o tio de Beth que estava infectado. O corpo caiu no chão. Os três mortos-vivos mais próximos se viraram para mim e esticaram os braços.

—Vâmo lá! Vem me pegar!— recuei.

O morto-vivo mais próximo estava a poucos centímetros. Dei outro passo para trás.

—Quer me pegar, é?

Dois deles vieram na minha direção. O mais próximo se abaixou um pouco, como se fosse se jogar para cima de mim. Quase cambaleei para trás e segurei o taco no alto. Ele deu o bote. Abaixei o taco, que o golpeou bem em cima da cabeça. Ouvi um “clonque” que me deixou satisfeito. Senti o taco tremendo. As mãos geladas dele encostaram-se nos meus braços enquanto ele caía, mas ele nem se mexeu depois de encontrar o chão. *Não dá tempo de comemorar.*

O segundo morto-vivo se agachou. Dei outro pulo para trás, esperando ficar fora do alcance. Foi o suficiente, mas perdi o equilíbrio e caí de bunda no chão. O taco caiu das minhas mãos e rolou para trás de mim. O segundo morto-vivo caiu no chão ao mesmo tempo em que eu, agarrando a minha perna. O terceiro continuou andando e os outros seis ainda estavam pressionados contra a parede.

Eu me virei e fiquei de pé depois de assumir a posição de um corredor de cem metros rasos. Pelo canto do olho, vi algo se movimentando no fim da rua. O segundo morto-vivo se levantou e o terceiro continuou avançando.

Corri para pegar o taco e olhei de novo para o fim da rua. A vários quarteirões, vindo ao meu encontro, estava um par de sapatos vermelhos. Sapatos que eu havia visto antes.

34 — Operação resgate

Pelo menos tive a impressão de que já havia visto aqueles sapatos antes. Só não me lembrava onde... Além disso, nunca vira um morto-vivo correndo daquele jeito, então presumi que ele não estivesse infectado.

Andei de costas na direção do cara que estava se aproximando e gritei outra vez para os mortos-vivos, esperando que pudesse chamar atenção de pelo menos mais dois. Os seis me ignoraram e continuaram batendo na porta surrada. Os dois em que eu havia batido estavam imóveis no chão. Os outros dois deram continuidade à sua caça silenciosa.

Ouvi o cara de sapatos vermelhos se aproximando mais devagar. Virei rapidamente para olhar para ele, porém sem perder os meus perseguidores de vista. Olhamos um para o outro por um momento, fazendo uma breve inspeção para ver se havia sinais de infecção.

Ele era jovem, talvez um dezessete anos. Não parecia ter um pinga de gordura no corpo, mas também não parecia estar morrendo de fome. Vestia uma camiseta com o desenho de um cavaleiro segurando uma espada e com os dizeres “OHS Cavaleiros Cross Country”. *Isso explica a boa forma dele.*

—Foi você que soltou os rojões?— ele perguntou, chegando perto de mim.

—Foram eles— aponte para os outros.

—Quantos?— ele olhou para a situação, acenando com a cabeça para o edifício.

—Dentro ou fora?

—Dentro.

—Vi pelo menos uns cinco.

—Qual é o plano?

—Levar esses para longe daqui e pegar o resto.

—Então me segue e aprende como é que se faz— ele disse, dando um sorrisinho maroto.

Circulamos os mortos-vivos que se aproximavam e corremos de volta para o prédio. Na rua, alguém havia derrubado um latão de lixo de plástico. O garoto pegou o latão pela parte de baixo, jogando o resto do lixo no chão.

Fiquei de olho nos mortos-vivos atrás da gente, pois não queria ficar encurralado. Mais adiante, outros dois apareceram. *A gente tem agir rápido antes de acabar atraindo mais deles.*

O rapaz levantou o latão acima da cabeça dele e jogou na direção dos mortos-

vivos que ainda estavam batendo na porta. Os seis se voltaram quase que imediatamente e marcharam ao encontro dele.

—Você precisa jogar alguma coisa neles— o garoto explicou. —Aí você grita para eles continuarem avançando.

Como é que ele sabe dessas coisas?

—Qual é o seu nome?

—Kevin. E o seu?

—Corbin. Pra onde a gente vai?

—É só me seguir.

—Quis dizer, depois de resgatar os sobreviventes.

—Ah, pro hotel.

Ele deve ter achado que aquela resposta era o suficiente. Os mortos-vivos continuaram arrastando os pés e não paravam de avançar. A minha sensação é de que não parariam nunca.

—Tem alguém aí?— Kevin colocou as mãos em formato de concha perto da boca. —Vamos levar os infectados para o outro quarteirão e então dar a volta. Podemos levar vocês para um lugar seguro, mas não temos tempo a perder.

Senti uma pontinha de incerteza conforme a gente se distanciou e gritou com os mortos-vivos. Olhei ao nosso redor. Vi mais alguns saindo de outros edifícios e das vitrines quebradas. Sabia que havia muitos mais por ali. As lojas e os prédios estavam no escuro e, com certeza, repletos deles.

Kevin parecia perfeitamente tranquilo com aquela operação resgate. Foi aí que eu me lembrei. *Ele já fez isso antes. Foi ele quem eu vi quando estava no depósito!* Parecia até que ele gostava de provocar os mortos-vivos. *Deve ter crescido jogando videogame e andando de skate. Agora acha que é invencível.*

Fiquei pensando quantas vezes ele já havia feito aquilo e por quanto mais tempo ele precisaria continuar. O mundo todo havia mudado completamente em apenas alguns dias. Do fundo da minha alma, queria fazer alguma coisa concreta e útil. Queria dar a louca e acabar com aquele terror todo, mas não podia. Estava simplesmente perdido e impotente.

Os mortos-vivos continuaram naquela marcha incansável atrás da gente. Já nos perseguiam a quase quinze metros quando a porta do prédio se abriu. Na verdade, ela caiu. Os moradores saíram carregando o que parecia ser uma maca barata de acampamento, com alguém em cima. Vi que a pessoa estava sangrando, mas não dava para saber se os ferimentos eram graves e nem o que havia acontecido.

—Droga!

Aparentemente, Kevin também havia visto.

—Vamos nessa— ele fez um gesto e acelerou.

Fui atrás. A rua era larga e os mortos-vivos não estavam muito espalhados.

Kevin foi para um lado e eu para o outro. Seis pessoas estavam segurando a maca: três garotas e um garoto, todos adolescentes, além do homem de meia idade que eu havia visto da janela e uma mulher que parecia da mesma idade dele. Na maca estava um cara que parecia ser da minha idade. Alguma coisa havia acontecido com a perna esquerda dele. Kevin chegou um ou dois passos na minha frente.

—Vamos andando.

—Espera!— agarrei o ombro dele.

Kevin se virou, um pouco surpreso de ver que eu estava bem atrás dele durante o percurso todo.

—O que aconteceu?— aponte para a perna.

O ferido vestia calça jeans e tinha gaze e bandagem elástica protegendo a coxa de um jeito improvisado. Vendo o sangue emplastado na pele, o sangramento parecia começar logo acima do joelho esquerdo, no centro. A mulher olhou para mim e ficou aliviada ao ver que eu vestia uniforme de enfermeiro —pelo menos a camisa.

—Atiraram nele no meio da confusão.

Eu não podia fazer mais nada ali e os mortos-vivos estavam se aproximando, então era hora de dar no pé.

—Pra que lado?— perguntei para Kevin.

—Ali mais pra frente na rua.

Kevin e eu encontramos um espaço para agarrar a maca, mas com oito pessoas tentando transportar o ferido, ficava um pouco difícil de andar rápido. A gente arrastou os pés, mas mesmo assim um acabava pisando no outro. Não dava para aumentar a distância dos mortos-vivos. Sabia que precisava mudar a situação. Se mais mortos-vivos aparecessem, ficaríamos encurralados. Então, depois de alguns quarteirões, disse para as duas adolescentes largarem a maca e ficarem por perto. Com menos gente, conseguimos apertar o passo.

O céu azul ficou num tom mais claro e uma nova manhã estava finalmente nascendo. Nosso pequeno grupo estava nervoso e em silêncio. Kevin era o único que falava quando precisava indicar o caminho.

Perdemos os mortos-vivos e vista quando viramos na primeira esquina. Mesmo assim, não parecia que as coisas ficaram mais fáceis. Ruídos vinham de alguns prédios pelos quais passamos. Não dava para saber se eram de gente morta ou viva. Em cada janela eu via algum movimento. Ou será que era a minha mente estavam me pregando peças. Esperava que o hotel não ficasse muito longe.

Além do esforço físico de carregar o ferido, aumentava o esforço mental de não saber quando o próximo bando de mortos-vivos apareceria. Para piorar a situação, eu estava ficando cansado. Viramos outra esquina e ali estava o Hotel Grande Oásis. Era um edifício fenomenal de cinco andares. O único da cidade que não parecia ter feito parte da base militar sobre a qual a cidade de Oásis fora construída.

Kevin apontou para uma pequena estrutura no meio do estacionamento.

—Vamos pelas escadas, que dão para o estacionamento subterrâneo que leva a gente para o hotel.

Era basicamente uma caixa com uma porta de metal. Chegamos lá rapidinho. Kevin pôs a mão na maçaneta. Nada.

—Não era pra estar trancada— ele disse, se virando para o resto de nós.

35 — Arrombamento

Kevin bateu três ou quatro vezes na porta.

—Não era pra estar trancada!

As adolescentes prenderam a respiração

—Como assim, trancada?— o homem de meia idade perguntou, arregalando os olhos.

—Abre!— Kevin continuou batendo.

Eu me virei para observar a área. Não vi nenhum morto-vivo, mas sabia que era só uma questão de tempo.

— O que a gente faz agora?— a mulher tremia.

—E se eles saírem agora?— o garoto também tremia.

O homem mais velho rosnou para as meninas, pedindo para elas segurarem o canto da maca onde ele estava. Ele tirou Kevin do caminho e começou a bater e chutar a porta. Todos começaram a gritar, menos eu. Sabia que não adiantaria nada. Na verdade, gritar só ia piorar as coisas.

A vários quarteirões, vi um movimento parcialmente encoberto pelos carros vazios e as lixeiras, mas pelo arrastar de pés sabia que definitivamente se tratava de um dos mortos-vivos irracionais. Achei melhor avisar. O comportamento deles precisava mudar se a gente tivesse que voltar para a rua. Alguém tinha que assumir o comando. Respirei fundo.

—Chega!

Silêncio. Todos viraram para me encarar.

—Ninguém vai ajudar desse jeito. Quem sabe se alguém no hotel viu a gente? Desse jeito, a gente só vai atrair mais mortos-vivos. Vamos todos calar a boca e bolar um plano.

O homem mais velho estava com a cara toda vermelha. Provavelmente não gostava de receber ordens. Mesmo assim, sabia que eu estava certo e não disse um “ai”.

—Kevin, tem outra entrada direta para o prédio?

Ele deixou o pânico de lado e recobrou a auto-confiança. Balançou a cabeça, como se estivesse com raiva de si mesmo.

—Sim. A porta da escadaria ao norte.

Não me atrevi a olhar para trás, pois sabia que os mortos-vivos estavam se aproximando. Sabia que ninguém mais havia percebido, mas se eu olhasse isso chamaria a atenção deles e não precisava de mais ninguém entrando em pânico.

Queria que todos cooperassem.

—Como ele se chama?— aponte para o cara na maca.

—Nathan.

—Ok. Vamos levar o Nathan para a porta ao norte. Depois, nos espalhamos ao redor do prédio. Não andem igual os mortos-vivos, assim o pessoal dentro do prédio vai ver que tá todo mundo bem, não infectado. Entenderam? Pulem, joguem coisas na janela ou algo do tipo.

—Se der, tentem jogar do segundo andar para cima— Kevin disse, meio que levantando a mão. —O primeiro andar está vazio, caso os mortos-vivos conseguissem entrar no hotel.

—Ótimo. Então, o objetivo é chamar a atenção e provar que a gente não está infectado. Vamos nessa!

Com esse projeto de plano, todos pareceram se controlar um pouco melhor. Atravessamos o estacionamento com Nathan e o levamos para a porta. Dei uma olhada para trás. O morto-vivo que havia visto continuava avançando pela rua. O passo não era rápido, mas constante.

A gente não tem muito tempo.

Olhei novamente para Nathan. Continuava respirando, mas o pulso estava fraco, porém detectável. A pressão das bandagens parecia ter estancado o sangramento. Não sabia o que poderia fazer por ele se conseguíssemos entrar. Duvidava que tivesse algum equipamento médico lá dentro.

Nosso grupinho se dispersou e começamos a agarrar o lixo que estava no estacionamento, jogando coisas contra as janelas. Os mortos-vivos se aproximavam e eu fiquei surpreso ao ver que ninguém tinha notado. Talvez todos estivessem com medo do que poderiam ver, então grudaram os olhos no hotel.

O céu estava cada vez mais claro e logo o sol apareceria no horizonte. Outro morto-vivo saiu da vitrine de uma floricultura próxima dali. Procurei alguma coisa para usar de escudo.

Só carros vazios e lixo. Nada de útil! Como é que o pessoal lá dentro ainda não viu a gente.

Precisávamos de alguma coisa para chamar a atenção além das pedrinhas no estacionamento. **Foi aí que vi um monte de ferramentas na traseira de uma Kombi. Tentei abrir a porta traseira. Trancada. Felizmente tinha algo que serviria de chave: o taco de beisebol.** A janela se quebrou com um belo de um golpe. Mais duas batidas e a barreira de vidro já não existia.

O resto do meu grupo se virou e olhou para mim. Acabaram vendo os mortos-vivos se aproximando e começaram a gritar e apontar. Peguei um martelo e corri para o prédio, jogando-o contra uma janela no segundo andar. Não fiquei muito satisfeito com o baque, mas fez bastante barulho.

O adolescente correu na minha direção e apontou para o outro lado do estacionamento.

—Ali!

Outros três mortos-vivos estavam no estacionamento. *De onde eles saíram?* Não importava. Precisávamos entrar no hotel. Olhei para o edifício no momento certo e vi alguém desaparecendo atrás da janela que eu acabara de quebrar.

—Ei! Espera!

Todos correram para a porta. Se eles quisessem deixar a gente entrar, precisavam abri-la o mais rápido possível. Olhei para trás e calculei que tínhamos uns três minutos até os primeiros três mortos-vivos chegarem na gente.

Nathan gemeu e se mexeu na maca.

—Pega a maca!— apontei para ele.

—Eles viram a gente!— Kevin confirmou. —Vão deixar a gente entrar.

—Como é que você sabe?— a mulher olhou feio para ele. —Talvez já estejam fartos de você. Até trancaram a outra porta! Como é que você pode ter tanta certeza?

Nosso grupo estava exausto e ficou em silêncio. Cheios de nervosismo, ficamos olhando uns para os outros. Sabia que fisicamente conseguiríamos carregar Nathan se fosse preciso. Só não sabia se os adolescentes seriam mentalmente capazes de seguir em frente.

Os mortos-vivos continuaram fazendo pressão. A porta fez barulho atrás de nós. Todos nos viramos e a porta se abriu. Um homem estava na entrada. Tinha os cabelos grisalhos meio compridos e uma barba mal cuidada. Parecia o tipo de cara que gosta de ir para a floresta com o Crocodilo Dundee. Vestia até uma camisa caqui desabotoada, exibindo o peito cabeludo. Ele deu um passo para o lado e segurou a porta aberta.

—Bem-vindos ao Hotel Grande Oásis— disse, com a voz baixa e grave. —Agora entrem logo, caramba!

36 — De volta ao pronto-socorro

Nenhum de nós estava prestes a discutir com o homem, então passamos correndo por ele e nos esprememos pela escadaria carregando a maca. Ele trancou a porta logo depois de a gente entrar.

Uma luz fraca penetrava as janelas a cada andar, exceto pelo térreo. A porta que dava para o subterrâneo estava no escuro, parcialmente visível. Havia sido obstruída por sacos cheios de areia.

O homem olhou para o meu uniforme, depois para a minha cara.

—Você tem treinamento médico?— ele perguntou.

—Sim— confirmei, acenando com a cabeça.

—Como é que ele está?

—Nada bem, mas ainda não tive uma chance de examiná-lo direito. Não sei exatamente o que aconteceu.

—Tá bom. Vamos subir, pessoal.

Fizemos o possível para manter Nathan na horizontal enquanto subíamos as escadas. Fiquei me perguntando porquê esse cara estava recebendo a gente tão bem se alguém tinha nos trancado lá fora. Não fazia sentido. O homem se apresentou, dizendo que seu nome era Samson Malsrock e que ele era o dono do hotel. Ele nos parou no segundo andar e abriu a porta.

Eu estava segurando a parte traseira da maca e não pude ver o corredor direito. Uma mulher passou na frente do grupo. Não consegui vê-la, mas tive a sensação de que a conhecia. Ela parou fora do meu campo de visão, próxima à porta. Samson se virou para falar com ela.

Os adolescentes estavam nervosos, comentando como a gente tinha conseguido escapar. Queria que eles ficassem quietos para eu poder ouvir o que Samson estava dizendo, mas achei que não era certo gritar para mandá-los calar a boca.

—Vamos levá-lo para um dos quartos— o homem de cabelos grisalhos disse ao se virar para a gente. —Depois, você aí de uniforme dá uma olhada para ver se pode ajudá-lo. O resto vem comigo, pois vou explicar as... as regras do hotel.

Havia algo de errado com o jeito que ele disse “regras do hotel”. O cara definitivamente estava escondendo alguma coisa. A mulher com quem ele estava conversando havia desaparecido quando eu e o coroa que ajudei a resgatar nos esprememos para passar pela porta.

Samson nos indicou um quarto com janela. A maca de acampamento não tinha sido feita para transportar alguém daquela maneira, então foi difícil transferir Nathan

sem jogá-lo na cama. Tentamos ser o mais cuidadosos possível. Ele acordava e logo voltava a desmaiar.

Samson tirou os outros do quarto, mas antes de sair olhou para mim e apontou com o dedo por cima do ombro.

—A mocinha dos olhos escuros com quem eu estava falando já vem ajudar você. Volto assim que arrumar um lugar para esse pessoal.

Ele deu algumas ordens para Kevin e levou todo mundo em direção à escadaria. O sol surgira no horizonte, quase aparecendo por completo no céu, brilhando como um raio de esperança pelas grandes janelas.

Olhei pela janela, joguei o boné no chão e tirei a mochila das costas. O que havia acontecendo ali? O vírus acabara com a cidade em questão de horas. Dava mesmo para ter esperança?

—Calor— Nathan balbuciou, tossindo.

—Nathan!— parei de sonhar acordado e voltei ao trabalho. —Meu nome é Corbin e estou aqui pra ajudá-lo. Você se lembra do que aconteceu?

—O marido da Meg— ele fechou os olhos e gemeu. —Ele... ati... ah... arrombou a porta... atirou em mim.

Coloquei meus dois dedos na jugular dele. Não tinha um relógio para verificar os batimentos cardíacos dele, mas parecia devagar e fraco.

—Fica frio! Quando eu encontrar o marido dela, vamos ter uma conversinha sobre como usar armas com segurança. E sugiro que você pare de se engraçar com essa tal de Meg.

—Não foi assim...— ele deu um sorriso sem força, quase rindo. —Eu tava... tentando ajudar.

A risada se transformou em um acesso de tosse.

—Vai ficar tudo bem— coloquei a mão no braço dele. —Você vai se recuperar.

—Não, não vou...— ele sorriu novamente, mas tinha um olhar diferente. —Mas obrigado por tentar.

Ele falou aquilo de um jeito que não pude duvidar do que ele quis dizer: ele achava que ia morrer. Não entendi o porquê. O sangramento já havia parado e a gente poderia limpar a ferida para evitar uma infecção. O pulso estava aumentando e ele estava lúcido. Já vi gente em pior estado se recuperando e, de alguma forma, sabia que ele ia melhorar. Mesmo assim, eu não era de ser muito pessimista com os pacientes.

—Não se preocupe— olhei bem nos olhos dele.

—Você tem razão— ele pareceu se acalmar de repente. —Sou a ressurreição e a vida: aquele que acreditar em mim, apesar de morto, sobreviverá.

Ele se esforçou para levantar a mão e tocar no meu braço. Podia ver que ele

estava ficando fraco outra vez. As palavras e a respiração estavam mais ofegantes.

—Não vou culpar você... Se tiver uma chance, você tem que... Pense na segurança dos outros. Olha para o meu ombro.

Nathan fechou os olhos e desmaiou. Verifiquei a pulsação outra vez e vi que estava aumentando. Sentei e pensei um pouco na situação. *Esquisito como ele tem certeza de que...*

—Corbin?!

Virei e, parada na porta, vi Linda segurando uma bacia pequena e uma esponja. *Impossível!* Ela largou o que estava segurando e correu na minha direção para me dar um abraço. Fiquei totalmente sem palavras. Não consegui nem abraçá-la.

—Que alegria ver que você tá bem— ela disse, se afastando de mim.

—É... ãhm— fiz o possível para abrir a boca e dizer alguma coisa.

—Como está o paciente?— ela perguntou, deixando o sorriso de lado e olhando para Nathan, franzindo a testa.

Quando ela mencionou o ferido, voltei à realidade.

—Pelo que deu pra ver, os sinais vitais estão fracos, mas melhorando. Porém, falei com ele há pouco e ele acha que vai morrer. Você tem um aparelho de pressão?

—Na primeira gaveta à esquerda.

Linda foi pegar o que tinha derrubado. Queria fazer tantas perguntas, mas precisava esperar.

—Vou limpá-lo um pouco— ela disse, entrando no banheiro para pegar água.

Abri a gaveta do pequeno armário do hotel. Estava cheio de acessórios médicos. O aparelho de pressão estava bem em cima. Tive que vasculhar um pouco para encontrar o estetoscópio. Também achei uma caixa com luvas descartáveis. Coloquei as luvas e fui tirar a pressão dele.

Foi então que notei uma mancha vermelha na camisa dele, logo embaixo do braço, na direção do ombro. Meu coração parou. A camisa estava um pouco rasgada, então usei os dedos para rasgá-la ainda mais. Ali estavam: duas mordidas bem feias.

Não tive tempo de perguntar o que havia acontecido com ele antes de Kevin e eu chegarmos ao prédio. Queria bater em mim mesmo por não ter ouvido a história toda. Fiquei olhando por um instante para a pele inchada ao redor das mordidas. Isso só podia indicar uma coisa e eu sabia o que deveria ser feito. Só não sabia como o faria.

—Linda?

—Que foi?— ela perguntou, fechando a torneira.

—O tal Samson está mesmo no comando.

—Tá! Por quê?

—Será que dá pra você ir chamá-lo para mim?

37 — Decisão difícil

—Por quê?— Linda perguntou.

—O cara foi mordido. Ele está infectado.

Sem dizer nada, ela se virou e saiu do quarto.

Queria saber há quanto tempo ele havia sido mordido e dentro de quanto tempo o vírus lhe roubaria a vida para botar a nossa em perigo.

Eu me aproximei e coloquei a mão na testa dele. Estava quente e a febre começava a aumentar. Sabia que logo a situação ia piorar. Nathan virou a cabeça para o lado e gemeu. Estava exausto por causa do ferimento, da infecção e do percurso até o hotel.

Eu me perguntei durante quanto tempo ele conseguiria dormir antes que a dor da infecção ficasse insuportável. Parte de mim esperava que, para o bem dele, ele não acordasse nunca mais. Era um pensamento horrível, mas havia visto e ouvido pelo menos duas pessoas passando por aquele estágio doloroso da infecção. Ninguém merecia vivenciar aquilo. *Alguém vai ter que tomar uma decisão difícil e bem rapidinho.*

Puxei uma cadeira da mesinha de canto e me sentei para observar Nathan respirando. O peito levantava e abaixava, mas o resto do corpo permanecia imóvel. Sabia que a paz exterior mascarava a batalha que dilacerava o seu interior. *Mas o que eu posso fazer?*

Ele disse que não me culparia. Ele mesmo mencionara o ombro. Sabia que havia sido mordido e disse que era para eu pensar na segurança dos outros. *Será que ele sabe o que isso significa?* Logo ele sentiria uma dor inacreditável. Dor, febre e depois... nada. Dor e logo seria dominado pelo vírus, tentando disseminar-se por aí. *Podemos colocá-lo em quarentena aqui e aguardar até o vírus terminar de fazer seu trabalho. Então, podemos colocá-lo lá fora, ou então...* Não queria pensar naquilo, mas precisava considerar aquela opção. *Ou então a gente pode acabar com o sofrimento dele agora e ajudá-lo a partir sem dor e sem colocar mais ninguém no hotel em risco.*

Nenhuma das alternativas parecia ser a correta. Todas soavam frias e sem coração. Eu havia dedicado a minha carreira a fazer qualquer coisa para salvar vidas. Será que eu precisaria deixar tudo aquilo para trás?

Mas ele disse que me perdoaria... Será que ele sabia então? Mesmo se soubesse mesmo o que queria dizer, como eu poderia lidar com a culpa? Já havia atirado em alguns mortos-vivos, mas era uma questão de vida ou morte, legítima

defesa. Teria pesadelos com aquilo para o resto da vida, mas não sentia culpa, pois eles estavam mortos. Será que com Nathan seria assim? *E se existisse mesmo uma cura? E se alguém pudesse fazer alguma coisa? E se não houvesse outra saída?* Fiquei olhando para o espaço e milhares de perguntas parecidas passaram pela minha cabeça.

Samson entrou porta adentro, com Linda logo atrás dele. Comecei a responder antes mesmo de eles me perguntarem.

—Ele foi mordido. Não sei há quanto tempo. A febre começou, mas agora é só uma questão de tempo.

A mandíbula de Samson ficou tensa. Ele olhou para mim, depois para Nathan. Fiquei com medo de ele ficar com raiva de mim por tê-lo trazido para o hotel.

Aquele homem tão corpulento ficou cabisbaixo e seu semblante estava sério. Não tive a impressão de que estivesse com raiva. Parecia mais alguém que estava se livrando do peso do mundo em suas costas. Ele se virou e cochichou alguma coisa com Linda. Logo ela deu meia volta e foi embora. Queria perguntar para ele o que aconteceria, mas não tive coragem.

—Ele está acordado?— Samson perguntou, indo para o meio do quarto.

—Tá ido e vindo, mas acho que vai ficar desacordado por um bom tempo. Pelo menos até a dor ficar insuportável.

—Ele sabe o que aconteceu?

—Sabe— confirmei com a cabeça. —Também disse que me perdoava e que era pra eu pensar na segurança de todos. Até citou a Bíblia.

—Ótimo— Samson respirou fundo e fechou os olhos. —Isso torna a decisão mais fácil. Ele era muito amigo seu?

—Nós nos conhecemos no caminho para cá.

Linda voltou e entregou para Samson um frasco e uma seringa. Ela olhou para mim por um instante. Tinha lágrimas nos olhos. Depois se virou e fechou a porta quando saiu. Samson puxou uma cadeira, sentou-se e olhou bem para mim.

—Há dois dias tivemos problemas com uma pessoa que deixamos entrar. Depois disso, fizemos uma reunião e todos no hotel votaram e decidiram exatamente o que faríamos se outra pessoa viesse para cá com uma mordida.

Ele era um homem grande e não parecia do tipo que chora, mas a voz dele estava trêmula.

—Primeiro fazemos o possível para lhes dar conforto, então...— uma lágrima correu-lhe pelo rosto, se perdendo na barba grisalha desgrenhada. —Um de nós tem que...

Ele estava triste demais.

—Eu compreendo— disse, balançando a cabeça.

Pelo menos eu entendo o que ele está querendo dizer.

Samson cobriu os olhos por um momento com a mão grande que estava livre. Eu me levantei e fui para o lado de Nathan. Ele ainda estava dormindo, mas o rosto estava contorcido de dor. Os punhos estavam fechados e o corpo todo parecia rígido.

Não queria acordá-lo, mas sem pensar eu estiquei o braço e peguei na mão dele. Ele não acordou, porém pareceu relaxar um pouco. Virei para Samson, que parecia um homem em frangalhos, no fim da linha.

Então algo tomou conta dele. Ele se levantou e, apesar de ainda estar com a tristeza estampada na cara, manteve-se ereto. Fiquei chocado com a mudança. Diante de mim estava um homem forte e decidido, capaz de fazer o necessário para garantir a segurança dos demais. Diante de mim estava um dos melhores líderes que eu havia conhecido.

Ele foi até o outro lado da cama. A maneira como ele se movimentou, a sua postura... Senti uma força emocional e espiritual que condizia com o seu vigor físico. Samson colocou a mão no ombro de Nathan e então olhou para mim.

—Quero garantir que ele não vai acordar para passar por tudo aquilo. Na gaveta do meio tem uma garrafa azul com éter e algumas bolas de algodão. Vamos fazer isso antes de as coisas piorarem.

38 — Um hotel dividido

Meia hora mais tarde, o sol estava alto no céu, anunciando outro dia de calor infernal em Oásis. Samson e eu saímos do quarto e demos de cara com vários homens vestidos com jaquetas de couro e luvas de soldagem, esperando pela gente lá fora. Samson resmungou alguma coisa sobre aqueles serem os caras que dão um jeito no corpo e vestiam couro “só pra garantir”.

Linda saiu por uma porta ali perto e passou por mim correndo, dando um abraço em Samson. Não fiquei magoado. Na verdade, não senti nada. Estava anestesiado e só queria ficar sozinho, talvez dormir um pouco. Mas o que eu mais queria mesmo e o que a realidade me permitia haviam sido coisas bem diferentes naqueles últimos cinco ou seis dias. Não podia ignorar a sensação de que as coisas não iam melhorar.

Quase todas as portas de um lado estavam abertas, levando a um corredor que precisava urgentemente de luz. Fiquei de lado para deixar os caras de couro passarem com o corpo de Nathan. *Quantos caras são necessários? Quanto tempo vamos viver assim?*

Os minutos se passavam e eu tentava compreender o que acontecera na última hora. Alguém colocou a mão no meu ombro e eu voltei dos meus pensamentos. Era Kevin.

—O Sr. Malsrock queria que eu lhe contasse o que está acontecendo lá fora e depois levá-lo para a reunião.

Olhei ao redor. Os corredores estavam vazios. Há quanto tempo eu estava ali? *Que reunião?*

—Deixa eu pegar as minhas coisas— disse, indicando com a cabeça.

Peguei a mochila e o taco e fui atrás de Kevin.

—O negócio é o seguinte: quando a loucura começou, o Sr. Malsrock disse que todo mundo poderia ficar aqui, sem pagar nada, até a situação melhorar. O problema é que tudo se complicou. No terceiro dia, juntamos vários vizinhos para reunir nossos recursos e nos fortalecer. Fizemos o possível para acumular suprimentos e trazer mais sobreviventes.

Ele parou do lado de fora de uma porta.

—Pode colocar as coisas aqui. Este é o meu quarto.

Joguei minhas coisas ali e voltamos para as escadas e Kevin continuou.

—O problema é que agora temos um monte de borra-botas que querem que a gente fique aqui quietinho e não deixe mais ninguém entrar e nem sair para procurar

mais mantimentos. A reunião é para discutir isso.

Subimos até o último andar. Havia vários salões usados para recepções e banquetes. Muita gritaria vinha de dentro da segunda porta à direita. A primeira coisa que consegui ouvir quando nos aproximamos não foi algo muito animador.

—E mesmo sabendo que essa reunião estava marcada para hoje de manhã, vocês deixaram o pessoal entrar?!— alguém disse.

Viramos a esquina e entramos em uma sala toda decorada. Deveria ter umas sessenta pessoas ali. O lugar estava dividido em duas partes com fileiras de cadeiras meio viradas umas para as outras.

Na frente da sala, havia um palco, onde Samson estava, com os braços cruzados e a enorme mandíbula bastante tensa. O pessoal com quem eu havia chegado estava sentado na frente, no lado direito. O grupo à esquerda era um pouco maior e parecia ser liderado por um careca rechonchudo. Pelo menos ele estava gritando mais alto. Uma veia no meio da careca estava pulsando.

—Você sabe que a gente tem recursos limitados e, mesmo assim, vai receber qualquer um que está na rua?

Ele apontou para os adolescentes que chegaram comigo.

—Como é que qualquer um deles pode nos ajudar? É só mais peso morto. Na verdade, se vocês conseguirem me provar que esse bando tem alguma utilidade para nós, eu calo a minha boca e me sento agora mesmo.

O pessoal à esquerda começou a aplaudir. Samson viu que Kevin e eu estávamos no fundo do salão. A mandíbula dele relaxou um pouco, mas ele não abriu a boca. Foi o único que havia notado a nossa presença.

Vi de relance o homem de meia idade que havia resgatado. A cara dele estava vermelha e ele tremia.

Incentivado pela torcida no canto dele, o careca se dirigiu todo pomposo aos adolescentes.

—Digam para mim: como é que vocês podem contribuir com a nossa comunidade.

As meninas estavam prestes a chorar e o garoto não parecia estar muito atrás. Então ele se dirigiu à mulher de meia idade, que já estava aos prantos.

—E a senhora?

Ela nem conseguia se recompor para responder. Então o careca se aproximou do homem de meia idade, que parecia prestes a explodir de raiva.

—O que você faz da vida?

—Sou contador.

—Inútil!

O pessoal à esquerda vibrou com o insulto. O homem de meia idade fechou o punho e levantou o braço para desferir um golpe. O careca rechonchudo recuou.

Algumas pessoas na multidão agarraram o homem antes que ele pudesse dar o soco.

—Viram só?— o careca não perdeu tempo e aproveitou-se da vantagem. —Inútil e violento!

Ambos os lados explodiram em um caos, uma grande gritaria, e o careca voltou todo orgulhoso para o lado dele. Virei os olhos e marchei pelo espaço entre as cadeiras para ir para a frente da sala. Os gritos se transformaram em um burburinho enquanto eu passava. Com a comoção, ninguém havia percebido que eu estivera ali o tempo todo. O silêncio repentino me deixou sem jeito, como se eu fosse um dignitário religioso. Fiz o possível para não rir. *Será que eu devo dizer alguma coisa?*

—E quem você pensa que é— o careca levantou os braços. —Outra vítima inútil?

Ouvi os risinhos vindo detrás dele. Não sou um cara alto, mas era mais alto do que ele. Fui em direção à ele, chegando perto o bastante para deixá-lo pouco à vontade.

—Para falar a verdade, passei seis anos trabalhando em um pronto-socorro, sendo que os últimos quatro como enfermeiro registrado. Tenho certeza de que isso me qualifica como uma pessoa “útil” nesta situação.

—Só quatro anos— ele virou e fez uma cara. —Isso não é muita experiência.

—E quantas vidas você salvou?— perguntei, colocando o dedo na cara dele.

—Tira esse dedo da minha cara!— ele deu um tapa na minha mão.

—Ele é um enfermeiro com muito treinamento em situação de emergência, mais experiência do que Linda— a voz grave de Samson veio detrás de mim. —Acho que ele definitivamente é útil. Então, como você prometeu, agora senta e cala a boca!

O lado direito da sala e —suspeito— grande parte do lado esquerdo explodiu outra vez, mas caindo na gargalhada. O careca arregalou os olhos e ficou com a boca aberta. Estava sem palavras. Fui para o lado direito e me sentei.

—Ótimo então— Samson estufou o peito. —Acho que isso só prova o que eu tinha dito antes. Vamos votar. Quem acha que a gente precisa continuar procurando mantimentos e sobreviventes, levanta a mão.

Aquele era o momento certo para votar. Todo mundo à direita e muita gente à esquerda levantou a mão.

—Quem se opõe?

Os poucos que restavam levantaram a mão. Percebi que o careca não havia levantado a mão nem da primeira e nem da segunda vez. Ele ficou ali sentado, de braço cruzado, querendo me matar com os olhos.

—Bom, então está decidido. Vamos continuar com a política atual. Fim da reunião.

—Isso não acaba aqui— o careca veio falar comigo antes de sair. —Não sei

quem você pensa que é, mas acabou de se meter com o advogado errado.

Eu estava cansado demais para reagir àquele discursinho. *Você se meteu com o advogado errado... Parecia até o fim de uma piada sobre um advogado gordo.* Ele olhou feio para a minha cara durante mais um minuto e depois saiu do salão.

—Vi que você conheceu o meu ex, Richard.

Eu me virei. Linda estava atrás de mim. Nem me lembrava de ela ter mencionado o nome dele antes.

—Então seu marido é mesmo um imbecil.

—Foi bom finalmente vê-lo perdendo uma votação— ela deu de ombros.

Duas adolescentes que eu não conhecia vieram na nossa direção. Bom, meio que reconheci a da frente, que parecia uma versão da Linda aos quinze anos. *Deve ser a Kim.*

—O pai às vezes é um idiota.

—Oi, Linda— a outra garota ficou ao lado dela.

—Oi, Lily.

Lily parecia ser da idade de Kim, mas era muito mais madura fisicamente. Tinha curvas de verdade e cabelos loiros compridos. Apesar de estar presa em um hotel, tinha encontrado uma maneira de manter a maquiagem exagerada. Parecia o tipo de garota que era a fantasia de qualquer velhaco indecente e o pesadelo de todo pai. Ela se virou para mim e me olhou de um jeito que eu só posso definir como “me comendo com os olhos”.

—Oi, meu nome é Lily.

—Corbin.

Sabia que a garota não era flor que se cheirasse. Não demoraria muito tempo para comprovar as minhas suspeitas.

Samson se aproximou e colocou um braço ao redor de Linda. As duas adolescentes foram embora. Ele as ignorou e se dirigiu a mim.

—Obrigado.

—Não há de quê— dei de ombros.

—Vamos fazer uma excursão pelo hotel.

Não tive coragem de recusar o convite, apesar do que eu mais quisesse era desmaiar e cair em um sono profundo.

—Tá bom.

Ele largou Linda e me deu um tapinha nas costas.

—Bom! Além do mais, quero falar com você sobre outras coisas.

39 — Novela no hotel

Fora do salão, Richard e alguns dos seus capanga estavam reunidos numa panelinha, sussurrando numa animação só.

Richard ficou nos encarando conforme passamos por eles. Samson acenou com a cabeça, como se estivesse o cumprimentando, mas Richard apertou os olhos e continuou nos encarando.

—Não liga para eles— Samson disse, olhando para mim. —Só estão tramando a nossa morte.

—E você não está preocupado?

—Se um crocodilo não foi capaz de me matar— disse, levantando o braço e exibindo uma cicatriz enorme e horrível —não vai ser quatro advogados gorduchos que vão conseguir.

Seguimos em silêncio pelo corredor, até chegar ao último salão. Samson pegou um molho de chaves e abriu a porta.

—Então, por que eles não gostam de você?

—Poder. Richard e os amiguinhos dele pensam mais em ter poder do que ficar em segurança. O problema é que nenhum deles seria um bom líder.

Entrei no salão e olhei à nossa volta: centenas de caixas empilhadas quase até o teto. Tinha de tudo, de bolinhos a batatinha e até carne enlatada.

—Este é um dos dois depósitos grandes— Samson disse, trancando a porta. —Ninguém vai poder nos ouvir aqui.

Por um momento, fiquei um pouco preocupado. Samson era enorme e parecia saber se virar bem numa encrenca. Também não parecia ser do tipo que faz rodeios, então decidi ir direto ao assunto.

—Então, por que precisamos ficar sozinhos?

—Dois motivos. Primeiro, queria agradecer. Até agora, Linda era a única que me defendia. E ela só está aqui graças a você. Então obrigado pela sua disposição a fazer tudo o que precisa ser feito e se pronunciar.

—E como foi que a Linda veio parar aqui?

—Ela passou uma noite no condomínio com aqueles idiotas e saiu de fininho na manhã seguinte. O ex dela tem um sobrado a um quarteirão e meio daqui, então ela veio nessa direção e acabou se encontrando com um grupo daquelas coisas na rua. O nosso guarda estava prestando atenção na vizinhança, então a deixamos entrar. Mais tarde, mandamos Kevin ir buscar a filha dela. Aquele garoto é mais doido do que eu era na idade dele... E o bom e velho Richard veio junto.

Vi que ele estava se segurando para não desviar a conversa. Parecia ser o tipo que poderia passar horas contando causos. Provavelmente tinha ótimas histórias para contar.

—Richard é uma das coisas sobre o que quero conversar.

—O que é que tem ele?

—Ele é mais esperto do que parece e bastante vingativo também. É melhor ter cuidado daqui em diante e, quando puder, me dê retaguarda.

Por aquela eu não esperava. *Aonde ele tá querendo chegar? Acabou de me conhecer...*

—Olha, Corbin... Linda me contou o que aconteceu no seu condomínio. Ela falou como todo mundo elogia você no hospital. Vi nos seus olhos quando você chegou ao hotel. Você age bem sob pressão, apesar de ser meio esquentadinho.

—Obrigado— agradei, enquanto me perguntava se ela tinha mesmo contado tudo que se passara no condomínio...

—Estou falando sério. Tem só Dale, Kevin, Linda e umas outras duas pessoas em quem eu posso confiar de verdade aqui. Preciso ter você do meu lado para todo mundo ter uma chance de sobreviver. Fiz piada no corredor, mas Richard e os amigos dele estão sempre planejando alguma coisa.

—Sinto muito— disse enquanto bocejava. —Não estou entediado... É que a noite foi longa.

Além do mais, estava ficando quente demais lá dentro.

—Tudo bem— ele sorriu. —Você merece um cochilo. Vai encontrar um quarto do lado do hotel que está na sombra e não se esquece de abrir a janela. Talvez consiga dormir um pouco— ele disse, indo em direção à porta.

—Samson?

—Fala.

—Obrigado.

—Tenha cuidado.

Ele abriu a porta e fomos para o corredor. Tinha bastante agitação do lado de fora e gente descendo com caixas de comida para um dos salões, talvez para a hora o almoço.

Richard e seus três amiguinhos estavam no fim do corredor, indo para a escadaria. As duas adolescentes que chegaram comigo e as duas que eu tinha acabado de acontecer estavam vindo na nossa direção.

—Vou fazer o possível para limpar a área do hospital— Samson disse. —Vem me procurar depois de tirar um cochilo.

As garotas se aproximaram assim que Samson entrou pela porta próxima da escadaria.

—Oi Corbin— Lily olhou para mim com aqueles olhos azuis enormes e um

sorriso nos lábios, pronta para me devorar, como se eu fosse um bom filé.

As outras meninas começaram a rir.

—Oi?

—A gente tava... É, a gente tava pensando se você queria... Sabe como é, vir conversar com a gente um pouco.

Só me faltava essa agora.

—Valeu, mas estou super exausto e preciso puxar um ronco. Quem sabe mais tarde?

—Tá legal... Mais tarde então.

Lily me deu uma piscadinha e continuou sorrindo. Sorri de volta, meio contra vontade. As meninas desceram o corredor dando aquela risadinha besta. Fiquei me perguntando quantos anos ela tinha e o que ela queria dizer com “conversar”... Acabei deixando para lá. *Essa garota é problema.*

Passei pela sala para onde todo mundo estava levando as caixas. Duas pessoas discutiam aos berros. Um casal se beijava no corredor. *Isso aqui é uma perfeita novela!*

Voltei para o quarto onde Kevin havia colocado as minhas coisas. Ele não estava lá e, como havia duas camas, abri a janela e desmaiei na que estava mais perto. Só acordei mais tarde com alguém batendo à porta.

—Já vai— me surpreendi com uma voz do meu lado.

Abri os olhos e meu coração começou a bater acelerado. Kevin estava se espreguiçando do cochilo que tirou na outra cama. Eu me sentei.

—E aí? Dormiu bem?— Kevin perguntou, se levantando.

Bocejei e dei de ombros.

—Achei melhor não acordá-lo— ele disse, se alongando e tocando os pés. —Vou correr hoje à noite, então precisava dormir um pouco. Espero que não tenha ficado sem graça.

—Não tem problema— bocejei de novo.

Outra batida impaciente à porta.

—Péra aí!— Kevin bateu com o pé do lado da porta para revidar a impaciência.

—Caramba...

Fiquei mais surpreso quando vi quem estava batendo.

40 — Tentação

Kevin abriu a porta e Kim apressou-se para entrar, agarrando a mão dele e dando-lhe um beijo na boca.

—Vamos, o jantar está quase pronto.

Não deveria me surpreender com aquilo, mas fiquei de boca aberta. *Acho que os relacionamentos correm mais rápido sob circunstâncias extremas.* Lily colocou a cara na porta e sorriu para mim.

—Oi, Corbin!

Virei os olhos, mas ela não demonstrou ter percebido.

—Quer subir com a gente?

Balancei a cabeça.

—Preciso tomar um banho primeiro.

Levantei e passei a mão na minha barba por fazer. *Patético.* De qualquer maneira, era uma boa desculpa para ficar ali e me livrar dos adolescentes.

—Kevin, você tem um barbeador que eu posso usar?

—Tem uns três ou quatro descartáveis ali— ele apontou para a cômoda.

—Valeu. Vejo vocês mais tarde.

Fui até a porta, tentando espantá-los. Pensei um pouco na Lily. Obviamente ela estava fazendo o possível e o impossível para dar em cima de mim. Debaixo daquela maquilagem toda, ela era bonita. O corpo firme, o ar atrevido, cabelos bonitos... Só tinha um probleminha: era jovem demais.

Deixei aqueles pensamentos para lá e fui procurar o barbeador e creme de barbear nas gavetas. Acendi uma vela e me sentei perto da pia. Não tinha muita luz e provavelmente não fiz um bom trabalho, mas me senti bem ao me barbear outra vez. Joguei um pouco de água na cara, o que me refrescou no calor daquele prédio. Pensei até em tomar banho, mas não queria me arriscar a perder outra refeição. Corri pela porta e fui direto para a escada.

—Corbin!

Meu coração deu um pulo e quase gritei de susto. Virei e vi Lily correndo na minha direção. *Será que ela não desiste?*

—Assustei você?— ela perguntou, sorrindo.

—É, você é mesmo assustadora.

—Eu tava pensando... Você quer vir conversar comigo e com a Kim depois do jantar?

Tentei arranjar uma boa desculpa.

—Melhor não— foi a única coisa que me veio à cabeça.

Ela deu uns dois passinhos e parou bem na minha frente. Ficamos olhando um para o outro por um instante. Ela inclinou a cabeça para o lado e mordeu os lábios.

—Talvez você queira ficar só comigo então...

—Acho que não é uma boa ideia.

—Sério?— ela parou de sorrir e fez um biquinho.

Não magoa a menina...

—Você é uma gracinha e sei que seria super divertido, mas ainda tenho que recuperar o sono perdido.

A resposta só renovou as esperanças dela. Fui para a escadaria e desci correndo, tentando falar o mínimo possível. O problema é que Lily conseguia manter o ritmo e falar por nós dois. O mais perturbador era que, com toda aquela falação, ela não parecia ter a cabeça oca. Ela me disse que não fazia ideia de onde estavam os pais dela, porque estivera fora de casa a manhã toda quando a confusão começou.

Logo chegamos ao salão onde todos estavam comendo. Linda, Samson, Kevin e Kim estavam sentados em um canto. Eu me sentei ao lado deles e Lily puxou uma cadeira perto de mim. O jantar era um bufê de coisas aleatórias. Achei uns potinhos de salada de frutas, um saco de batatinha, um bolinho e um cachorro-quente meio frio. Pensei em perguntar como eles tinham conseguido cozinhar as salsichas.

Quando voltei para o meu assento, Samson olhou para o meu bolinho.

—Você sabia que esses bolinhos não são cozidos?

—Quê?— levantei a sobrancelha.

—Sério! Eu vi as máquinas que eles usam com os meus próprios olhos. Dois dias atrás, invadimos a fábrica que fica a poucos quarteirões daqui. Parece que a massa dos bolinhos sai de um tubo de cobre e uma reação química faz eles ficarem assim esponjosos quando entram em contato com o ar.

Não dava para saber se ele estava brincando. Lily se sentou do meu lado e se aproximou ainda mais. A conversa pelo salão era baixinha e tensa e ninguém sabia se voltaríamos a ficar a salvos outra vez. Só tive tempo de terminar as batatinhas e a salada e fruta antes da bagunça começar.

Do outro lado da sala, um homem começou a passar mal. Correu para a lata de lixo mais próxima, mas acabou vomitando antes de chegar ao alvo. O cheiro de vômito tomou conta do local. Dentro de poucos minutos, outras pessoas também começaram a passar mal. Eram os cachorros-quentes. Praticamente todo mundo que comeu um ficou com dor de barriga. Tive sorte de não chegar a comer o meu.

Linda e eu reunimos todos que estavam com infecção estomacal. Acharmos que seria mais fácil ajudá-los se todo mundo fosse para a “ala hospitalar” do hotel. Lily me deteve antes de eu poder seguir o grupo que estava saindo.

—Então, será que a gente pode conversar quando você terminar de atender o

pessoal?

Não tenho tempo pra isso agora...

—Lily, quantos anos você tem?— perguntei, olhando bem nos olhos dela.

—Dezoito.

—Sério, quantos anos você tem?

—Dezesseis... no mês que vem— ela fez cara feia.

—Olha, você é uma garota linda, mas não vai rolar nada entre a gente, tá bom? Você é novinha demais. Não seria certo.

—Você não sabe do que tá falando.

Ela se virou e saiu batendo os pés. Não parecia decepcionada ou deprimida, mas mais decidida do que nunca.

Linda eu descemos a escadaria com os doentes. Fizemos o possível para manter todo mundo bem hidratado e confortável. Já era tarde quando terminamos de cuidar deles e verificamos que todos ficariam bem.

Cada milímetro do meu corpo estava exausto quando eu me arrastei para o meu quarto. Joguei as roupas sujas aos pés da cama e tomei um banho gelado, rápido e no escuro. A lua estava cheia o suficiente para iluminar o banheiro pela janela. Abri minha mochila e peguei a cueca extra e o outro uniforme. A porta se abriu atrás de mim e eu puxei a cueca para cima. *Só pode ser o Kevin.*

—Já voltou?

—Voltou? Não é o Kevin.

Senti um nó na barriga. Era a voz de uma mulher —uma voz que eu passara o dia inteiro ouvindo. *Será que ela viu a minha bunda?* Eu me apressei para colocar a calça do uniforme hospitalar, o que é difícil de fazer no escuro quando se está com pressa.

Lily estava na porta. Na penumbra, dava para ver que ela estava usando um top e shorts. Um sorriso sedutor apareceu-lhe no canto da boca.

—Sei que você disse aquilo mais cedo, mas fala sério: estamos sozinhos e a gente bem que merece agora um pouquinho de... carinho.

—Assim não— minha voz saiu num sussurro.

—Você vai me agradecer mais tarde...

Ela começou a tirar o top. Meu cérebro congelou e eu não sabia o que dizer. Ela levantou o top.* Ela vai...* Tirou o top e o deixou cair no chão. *Uau!* Lily deu um passo na minha direção, colocando um pé vagarosamente na frente do outro. Parecia uma tigresa indo atrás da presa. Meu coração estava batendo acelerado. Ela se aproximou com toda calma, assanhada e gloriosa. Não sei se era tesão, surpresa, curiosidade ou outro sentimento qualquer, mas fiquei hipnotizado. Ela, sob a luz da lua iluminando suas curvas perfeitas e suaves. Não conseguia tirar os olhos dela.

Logo ela estava a centímetros de distância. Tentei me controlar ao máximo para

levantar os olhos. Senti que as minhas mãos tremiam.

Ficamos olhando um nos olhos do outro. O hálito dela era doce e tentador. Tentei falar alguma coisa, mas as palavras não saíam da garganta. O dilema moral se debatia dentro de mim, mas meus pensamentos estavam girando tão rápido que eu mal conseguia encontrar meus argumentos para rejeitá-la. Ela ergueu os braços quentes e macios e se enroscou no meu pescoço, inclinando a cabeça para o lado e colando em mim.

41 — Consequências

Quem iria ficar sabendo? Lily trouxe seus lábios para perto dos meus.

—Vai... Nós dois estamos a fim...

Com tudo o que tá acontecendo, mereço um pouco de carinho. Mereço um pouquinho... um pouquinho de...

Ela fechou seus lindos olhos. Eu respirei fundo. Ela ficou na ponta dos pés. Uma onda de lucidez passou por mim e eu coloquei as mãos nos quadris dela.

—Desculpa...

Eu a afastei gentilmente. Ela abriu os olhos. Olhei para o rosto belo e jovem diante de mim.

—Não posso.

Ela respirou fundo e ficou me olhando com um ar indagador. Eu a encarei e permaneci em silêncio. O queixo dela começou a tremer. Nem podia imaginar o que estava se passando pela cabeça dela. Raiva? Vergonha? Choque?

—Não tá certo— eu disse, dando um passo para trás.

—Você não... Você não me quer?— ela perguntou, com lágrima nos olhos.

Não dava para saber se ela estava fazendo ceninha ou se realmente ficara chateada. Só sei que, se tivesse ficado naquele quarto com ela, acabaria fazendo algo do que me arrependeria mais tarde. Precisava sair dali. Ela balançou a cabeça e deu um passinho para frente.

—Por favor, não me deixa aqui sozinha.

Passei de lado por ela e fui em direção à porta.

—Corbin, por favor— a voz dela soava trêmula, como se ela estivesse a ponto de desmoronar. —Eu não sou boa o bastante? Não sou bonita o bastante?

Parei e dei meia volta, tendo o maior cuidado para não olhar para ela. Uma parte de mim queria voltar e dizer alguma coisa para confortá-la. Abri a boca, mas não encontrei as palavras certas, então virei de costas, abri a porta e fui embora.

O corredor estava escuro e abafado. Um lampião de acampamento, pendurado em um lustre quase no meio do corredor, era a única fonte de luz. Fiquei ali por um minuto, tentando prestar atenção em qualquer sinal de comoção no meu quarto. Nada. Não ouvi soluços, gritos ou coisas sendo jogadas na parede ou no chão. Silêncio. *O que ela tá fazendo lá dentro?*

Um barulho na escadaria mais próxima chamou a minha atenção. Vozes falando alto e rindo. Vi Richard e os amigos dele entrando pela porta. Um deles segurava um lampião antigo de querosene. *Ah, não... O que eles estão fazendo aqui? Talvez só*

estejam indo para o quarto deles...

Sabia que eles não iriam simplesmente passar por mim e me deixar em paz. Fui em direção a eles e esperei que Lily continuasse plantada no mesmo lugar por mais um minuto. Eles notaram a minha presença e pararam de rir.

—Corbin? O que você está fazendo aqui no corredor?

—Não consegui dormir. E vocês?

—Estou indo pra cama— Richard sorriu. —Mas queria mesmo falar com você.

O que aconteceu com o “você mexeu com o advogado errado?” Tem carão nesse angu...

Dei uma boa olhada para a cara dos amigos dele para tentar descobrir o que estava acontecendo.

—Pode falar.

Richard ficou com um sorriso estranho na cara e começou a fazer o que parecia ser um discurso ensaiado.

—Só queria dizer que sinto muito pelo que aconteceu hoje de manhã. Sei que provoquei sem motivo. Como você sabe, esta última semana foi um estresse só e tá todo mundo de pavio curto...

Não tinha um pinga de sinceridade na voz dele e aquele sorriso era super falso. *Aonde é que ele tá querendo chegar?*

Queria me virar e ver se a porta do quarto continuava fechada. Se bem que eu não poderia fazer muita coisa se Lily saísse dali naquele instante.* Esses idiotas vão tirar conclusões apressadas.* Eu sofreria as consequências por algo que nem cheguei a fazer. Provavelmente seria jogado outra vez no olho da rua. Ficaria sozinho de novo... Estava cansado da solidão. Por que não podia me encaixar em lugar nenhum?

—Corbin, tá tudo bem? Você não parece que tá legal. Tá com algum problema?

Aquela preocupação fingida dele estava me deixando ainda com mais raiva. Ele era um porco asqueroso e dissimulado. Queria dar-lhe um soco bem no meio das fuças.

—Não é nada— olhei nos olhos dele, dando de ombros.

—Compreendo se não quiser se abrir comigo, mas tá estampado na sua cara. É claro que tem algum problema.

Os amigos dele balançaram a cabeça, dizendo alguma coisa para concordar. *Quando é que ele vai dar o fora daqui?*

—Bom, não quero desperdiçar o tempo de vocês— disse, tentando colocar um ponto final. —A gente se vê por aí.

—Acho que a gente se vê então. Podemos conversar amanhã. Vamos nessa pessoal.

O rebanho de advogados foi descendo o corredor. *Por que são tão lerdos?*

Passaram pela porta do meu quarto e respirei aliviado. *Cedo demais...* A maçaneta virou e a porta do meu quarto se abriu. Meu coração quase saiu pela boca. *Droga!* O grupo todo se virou para olhar. Acho que um deles ficou olhando para as minhas calças. Nenhum parecia satisfeito.

Lily saiu para o corredor. Devo ter ficado pálido quando vi como ela estava vestida: shortinho e a minha camisa de enfermeiro, que combinava com as minhas calças.

—Oi pessoal— ela deu um tchauzinho para o grupo e veio na minha direção.

Uma vozinha lá dentro me dizia para sair correndo, mas eu sabia que não ia adiantar nada. *Tarde demais...* Ela ficou na ponta dos dedos e me deu um beijo no rosto.

—Obrigada por...— ela deu uma risadinha e olhou para Richard e os amigos dele. —Por tudo, sabe? A gente se vê amanhã, querido.

Ela deu um passo para trás e olhou para mim como se estivesse dizendo “vai se arrepender de ter feito isso comigo”. *Estou perdido!*

Lily deu uma voltinha e saiu toda serelepe pelo corredor.

42 — Juiz, jurado e algoz

Considerarei as minhas opções. Podia correr, mas isso seria o mesmo que assumir a culpa. Podia ir atrás dela, mas ia ser pior ainda. Se pudesse voltar para o meu quarto antes de eles terminarem de acompanhar Lily com os olhos, talvez me deixassem em paz. Pelo menos eu teria meu taco de beisebol e estaria atrás de uma porta trancada. *Essa provavelmente é a minha melhor alternativa.*

É claro que eles ficaram admirando o rebolado de Lily descendo o corredor depois de passar por eles. Fui direto para o meu quarto. Estava a ponto de trancar a porta quando ela se abriu novamente. Richard havia colocado o pé pelo vão na hora certa e não tive tempo fechá-la. Tentei controlar a respiração e olhei para ele.

—Como posso ajudá-lo?

—Que diabos está acontecendo aqui?

—Um homem muito mal-educado não está me deixando fechar a porta do meu quarto.

—Não foi isso o que eu quis dizer— Richard respondeu, com o sangue subindo-lhe à cabeça.

—Talvez você precise aprender a se comunicar melhor.

—Todos nós ouvimos o que a garota disse— ele deu um passo a frente.

—Então além de você entrar no quarto dos outros sem ser convidado, também fica prestando atenção na conversa alheia? Quem contratou vocês para serem a Gestapo do hotel?

Estava ainda mais escuro no meu quarto, mas eu conseguia ver como ele estava vermelho. Os amiguinhos de Richard estavam logo atrás. O grupo todo queria me imprensar contra a parede.

Não sei se foi pelo jeito que eles estavam prendendo a respiração ou pela a forma como cerraram os punhos, mas sabia que a coisa estava prestes a ficar feia. Eles eram cinco e eu era um só. Não daria tempo de ninguém vir ao meu socorro, se é que alguém viria me ajudar. Tentei lembrar de onde havia jogado meu taco. Era a única maneira de igualar um pouco o campo de batalha. Todos eles estavam dentro do meu quarto.

—Sabe o que fazem com violadores de menores na cadeia?— Richard apontou o dedo na minha cara.

—Ah, te trataram mal quando você foi para a penitenciária?— tentei fazer piada.

Richard estava com tanta raiva que o rosto dele começou a tremer. Um dos

caras maiores veio para o lado dele.

—Não deixamos pedófilos como você saírem ilesos.

Tinha certeza de que meu bastão estava apenas uns metros atrás de mim. Eu me apoiei na lateral da cômoda. Só precisava ganhar alguns segundos mais.

—Vocês não deveriam fazer um julgamento antes de punir alguém? Já passou pela cabeça de vocês que eu posso não ser culpado...

O cara maior deu um passo para frente e tentou me dar um golpe, mas não estava na distância certa. Eu me inclinei para trás para pegar o taco, mas minha mão agarrou o vazio.

Eu me toquei de que deveria ter corrido e me escondido quando tive uma chance no corredor. Com certeza poderia correr mais do que aqueles caras fora de forma, incluindo o grandalhão. Pela manhã, as coisas poderiam se arranjar melhor. *Agora é tarde demais.*

Richard se jogou para cima de mim. Eu me esquivei para a esquerda e consegui ver o taco de relance. De jeito nenhum conseguiria alcançá-lo a tempo. O grandalhão esticou os braços. Eu me joguei contra ele, que apertou meu tronco com um abraço de urso. Agarrei-o pela cintura e dei-lhe uma joelhada no meio das pernas. Ele gemeu e me soltou. Empurrei-o para o lado e Richard me deu um soco meio sem jeito no meu ombro. Eu me virei para a direita dei-lhe um tapa na cara com o dorso da minha mão.

O espaço no quarto era apertado, mas precisava encontrar uma maneira de passar por eles e ir para o corredor. Um cara loiro passou pelo grandalhão, que estava debruçado de dor, e tentou me bater. Virei com a palma da minha mão direita. Ele tentou se esquivar, mas o meu golpe o atingiu bem no nariz. O loiro agitou os braços e conseguiu me agarrar. Puxei meus braços para tentar me livrar dele, mas não fui rápido o bastante. Um dos outros caras, não sei quem, me deu um soco na costela. O ar escapou dos meus pulmões. *Não tô conseguindo enxergar nada.* Chutei desesperado, tentando encontrar o joelho de alguém. *Acho que consegui.*

O loiro desferiu outro golpe, tentando revidar. Fiz o possível para absorver o soco, mas não adiantou. Ele me pegou bem no nariz e na bochecha. Usei os braços para proteger minha cabeça e me lancei para frente, tentando chegar à porta. Outros socos me atingiram nos braços. *Tenho que sair daqui.* Dei um encontrão em um dos meus agressores. Outro soco no rim. O cara em quem dei um encontrão me empurrou. Perdi o equilíbrio e caí de costas.

Quiquei por cima de alguém e bati com a cabeça na cômoda. O cara que estava por cima de mim riu e me chamou de um monte de coisas. Eu me encolhi para me proteger. Os advogados fizeram o que queriam comigo e se revezaram me chutando, socando e cuspidando em mim. Sangue quente começou a pingar do meu nariz. *Será que vão me jogar na rua com os mortos?*

Não faço a mínima ideia de quanto tempo eles ficaram ali me batendo. Perdi a consciência. A última coisa de que me lembro foi ter visto Kevin todo assustado por cima de mim.

—Aguenta aí que eu vou buscar ajuda!

Não sei como ele e Linda me colocaram na cama e me limparam. Acordei no meio da manhã com uma dor de cabeça infernal e manchas rochas pelos braços e pelas pernas. Não tinha nada quebrado, o que era bom sinal. O sol já estava alto no céu. Provavelmente havia perdido o café da manhã. Abri os olhos e vi Kevin, Linda e o grande Samson parados um do lado do outro e falando baixinho.

—E aí, pessoal?

Kevin respirou fundo e parecia aliviado. Linda fechou os olhos, fazendo cara de decepção. Imagino as mentiras que os advogados deviam ter espalhado. *Será que ela acreditou neles?* Samson, no entanto, sorriu e parecia estar bem contente.

—Oi, preguiçoso! Da próxima vez que entrar numa briga, vê se me chama. Tô querendo dar umas porradas naqueles caras desde que eles chegaram aqui.

—Comigo tá tudo bem. Obrigado por perguntar.

—Ótimo, vá dizer para todo mundo que chegou a hora— Samson riu e deu as ordens aos outros dois.

Eu me levantei com a ajuda dos meus cotovelos e me sentei na cama. Tudo doía.

—Chegou a hora do quê?

—Aqueles advogados imbecis falaram um monte de coisas sobre ontem e estão insistindo em um julgamento.

43 — Julgamento

—E agora?— perguntei.

—Se fosse por eles você já estaria no olho da rua— Samson confessou.

—Tá bom... Deixa eu me arrumar um pouco.

—Não, não faça isso. Só tornaria tudo mais difícil.

—Mais difícil por quê? Pra sentirem piedade de mim?

—Confia em mim. Vamos lá.

Fiquei de pé e as minhas pernas tremeram com o meu peso. As costelas doíam e os braços estavam doloridos. O lado esquerdo do meu rosto estava latejando. *Ainda preciso subir aquelas escadas...* Não estava convencido de que Samson tinha um plano de verdade, mas fui mesmo assim. *Pensando bem, um pouco de empatia não faz mal a ninguém.*

A luz forte da manhã inundou o quarto e eu pude me ver melhor no espelho pendurado na parede. Minha aparência estava ainda pior do que o que eu sentia. Tinha sangue pisado no meu rosto e na minha camisa. O lado esquerdo do meu rosto estava inchado e bastante ferido. Arranhões e manchas roxas decoravam meus braços. Só de me ver todo esfarrapado, fiquei com raiva. Eu me imaginei pegando o taco de beisebol e correndo escada acima para bater em todos os meus cinco agressores antes de eles perceberem o que eu estava prestes a fazer. Mas será que eu poderia concretizar minha fantasia?

Samson abriu a porta e fez um gesto para eu sair. Respirei fundo e deixei o quarto, dando um encontrão em Lily. Ela deveria estar ali, parada do lado de fora, e se virou assim que a porta se abriu. Parei na hora. Ela olhou para mim e perdeu o ar. Cerrei os dentes e ela deu um passo para trás, cobrindo a boca e com lágrimas nos olhos.

—Corbin, eu não sabia que eles...

—Não quero nem ouvir a sua voz!

Ela esticou o braço e tentou tocar o meu rosto.

—Me deixa em paz!— eu dei um tapa na mão dela.

Eu me virei e descí o corredor. Samson vinha logo atrás. Lily começou a chorar, o que me deixou ainda com mais raiva. *Eu é que devia estar chorando!* O ódio que senti daquela situação serviu de combustível para subir as escadas, mas quando chegamos ao último degrau eu tremia com a falta de ar.

—Não se preocupe— Samson disse, me apressando pelo corredor. —Sei que não fez nada de errado. Confie em mim.

Ele abriu a porta e a multidão ficou em silêncio instantaneamente. Todos olhavam para mim. Senti um nó no estômago e o calor daqueles olhares acusadores. Há um dia, eu havia irritado alguns e servido de alívio para outros. Naquele momento, era pior do que os infectados que perambulavam pelas ruas. Richard e sua horda provavelmente já tinham deixado todo mundo ouriçado.

Mesmo assim, no fundo eu sabia que não havia feito nada de errado do que pudesse me envergonhar. Caminhei pelo espaço entre as cadeiras e olhei para a multidão, encarando quantas pessoas fosse possível. Muitos dos que estavam com cara feia viram o meu estado e ficaram com dó de mim.

Ouvi a multidão cochichando. “O que fizeram com ele?” “Esse esquisitão bem que merece!” “Parece que foi atropelado pelo um caminhão!” “Nunca pensei que ele...” “Bom, talvez se não tivesse molestado a menina.” “Isso não tá certo...”

Vi o cara cujo nariz eu havia quebrado na noite anterior. Tinha os dois olhos roxos, o que me deu deixou um pouco satisfeito. Olhei pela sala, procurando os outros. Nenhum parecia ter nenhuma marca visível da nossa briga. Samson me levou até um assento no palco e se virou para a multidão.

—Muito bem pessoal. Vamos todos nos acalmar.

O barulho cessou, chegando quase ao silêncio absoluto. Meus olhos percorreram o local. *Cadê a Linda?*

—Como vocês todos já sabem, Corbin aqui atrás de mim foi acusado de portar-se mal com Lily, que tem quinze anos. Esta reunião investigará se, de fato, ele fez o que os acusadores alegam para então decidirmos o que vamos fazer a respeito. Logo, teremos outro um assunto não relacionado para discutir.

—Já sabemos o que ele fez— o cara mais alto se levantou. —Vamos mandar ele embora!

A multidão parecia concordar com ele.

—Silêncio!— Samson levantou a mão e o eco de sua voz potente deixou todo mundo calado. —Não sou advogado— ele continuou, dirigindo-se ao grandalhão. —Não passei muito tempo nos tribunais, mas de uma coisa eu sei: precisamos manter a ordem para que a justiça seja feita. Se você falar novamente na vez dos outros, será retirado da reunião.

O altão fez cara feia e se sentou.

—Richard, creio que você cuidará da acusação?

—Isso mesmo— ele confirmou, acenando com sua cabeça imensa.

—Prossiga— Samson passou-lhe a palavra e sentou-se em uma cadeira próxima a minha.

—Senhoras e senhores— Richard se levantou, dando um sorrisinho para mim antes de se dirigir ao público. —Samson foi delicado demais. Vou provar a vocês que Corbin St. Laurent estuprou uma menor de idade que é hóspede deste hotel e,

ainda por cima, agrediu outro hóspede, meu amigo Matthew Smith. O que o senhor St. Laurent tem a dizer sobre a acusação?— ele perguntou, virando-se para mim e levantando a sobrancelha.

Fiz o possível para não virar os olhos, pois sabia que precisava me controlar se quisesse ter uma chance.

—Não estupro a Lily. Sim, dei um soco no seu amigo, mas foi para me defender, como o senhor bem sabe. Isso é tudo o que eu tenho a dizer.

—Olha só, pessoal— Richard me olhou com desprezo e virou-se novamente para multidão. —Não estou aqui para desperdiçar o tempo de ninguém com as formalidades de um julgamento padrão. Vou simplesmente contar o que aconteceu: ontem à noite, logo que escureceu, alguns colegas e eu estávamos voltando para os nossos respectivos quartos quando ouvimos uma comoção. Corbin saiu do quarto e parecia meio apreensivo. Tentou nos distrair, mas após alguns instantes, Lily saiu do quarto dele. As roupas dela estavam um pouco rasgadas e ela estava chorando. Ela implorou, pedindo ajuda. Nós a protegemos e Corbin ficou bastante violento. Ele atacou Matthew e fizemos o que foi preciso para detê-lo.

Cerrei os dentes. Richard levantou a mão.

—Quem estava ontem comigo poderia se levantar e corroborar meu depoimento?

Os quatro amiguinhos dele se levantaram e concordaram com tudo o que Richard dissera. Ira e depressão lutavam para controlar minha mente. Odiava Richard e seus companheiros pelas mentiras que haviam inventado. A intriga irracional deles havia me condenado. O que eu poderia fazer para limpar o meu nome? Nada! Não podia dizer nada, não podia fazer nada. Talvez se Lily contasse a verdade... Mas ela estava lá em baixo se acabando de tanto chorar.

A única coisa que eu podia fazer era esperar para aquela piada de julgamento terminar logo para eu encarar o meu destino. Isso provavelmente significava ir para o olho da rua, cercado de cada vez mais mortos-vivos. Estava cansado demais para continuar lutando. Eles acabariam me pegando, eu seria infectado e dali a quatro, talvez oito horas, me transformaria em um deles.

Grande coisa! O vírus vai pegar todo mundo mesmo, não importa o que a gente faça. Melhor acabar logo com esse sofrimento de uma vez por todas.

—Ah, mas um detalhe!— Richard andava de lá para cá no meio do público.

Ele colocou a mão no bolso do paletó e pegou uma folha de papel, levantando-a para todos verem.

—Aqui está uma declaração escrita por Lily. Ela está abalada demais para comparecer ao julgamento, então escreveu tudo o que aconteceu nesta carta. É isso mesmo... Ela não tem forças para ficar cara a cara com seu estuprador. Por isso, pedi que ela escrevesse tudo. A carta não é comprida, mas acredito que contém tudo

que ela queria dizer. Ela está lá embaixo, no meu quarto, aguardando a notícia de que a justiça foi feita.

Fiquei confuso. *Carta? No quarto dele? Do que ele tá falando? Acabei de dar de cara com ela no corredor...*

—Posso ver a carta?— Samson levantou-se.

Richard foi até ele e entregou-lhe o papel. Samson pegou a folha e se sentou novamente.

—Então, o que acha?— Richard perguntou.

Samson leu a carta, com uma cara nada boa, balançando a cabeça para cima e para baixo.

—A carta expressa claramente que Corbin a estuprou.

—Aí está, pessoal— Richard disse, virando-se para a multidão, com as mãos ao alto. —Acredito que não precisamos dizer mais nada a respeito. Só nos resta decidir como o senhor St. Laurent será punido.

Aquele porco arrogante abaixou os braços e voltou para seu assento. O silêncio tomou conta da sala por um momento. Eu me encolhi e aguardei o que era inevitável.

—Vamos expulsá-lo daqui!— alguém gritou na multidão. —Deixa os infectados tomarem conta dele!

Ao mesmo tempo, todos começaram a gritar, exigindo que eu fosse expulso do hotel ou algo muito pior.

—Silêncio!— Samson disse, levantando-se para por um fim no burburinho.

Novamente, fiquei boquiaberto com a sua estatura imponente e voz reverberante. Não queria acreditar que ele fosse idiota o bastante para cair na do Richard. O barulho parou e Samson levantou a carta para exibi-la.

—Ouvimos algumas provas bastante cabais, mas creio que precisamos dar a Corbin uma chance de se defender.

Senti dor pelo corpo ao me levantar. Samson se virou para mim, deu uma piscadinha e sentou-se outra vez. *O que é que ele tá fazendo? E o que é que eu devo dizer?*

Olhei para todo mundo me encarando com raiva nos olhos e abri a boca para me defender.

44 — Uma teia de aranha

—Não sei o que dizer para convencê-los de que não isso que aconteceu, mas aqui está o meu: Ontem Lily foi ao meu quarto e tentou me seduzir. Saí na hora e, no corredor, vi Richard e seus. Tentei sim apressá-los, sabendo que ainda estavam com raiva de mim por causa do que eu havia dito ontem, mas não deu certo.

Respirei fundo antes de continuar.

—Lily roubou a minha camiseta e saiu para o corredor, fazendo um showzinho para a gangue de advogados. Ela foi embora e eu voltei para o meu quarto. Foi aí que aqueles cinco asquerosos entraram e me deram uma surra. Tentei me defender, mas era cinco contra um num espaço apertado. O inevitável aconteceu e o resultado está aqui na minha cara.

Muitos na plateia balançaram a cabeça, acredito, desgostosos. Mas o que mais eu poderia fazer? Richard havia criado uma mentira e mostrado “provas”.

—Acabou?— Richard perguntou e veneno escorria-lhe pela boca. —Talvez agora possa nos contar a verdade?

—Tem mais uma coisinha que eu gostaria de dizer...

Não consegui me segurar. Estufei o peito e falei o mais alto que pude, apontando para meu acusador.

—Só gostaria de dizer para todos nesta sala que Richard é mesmo um imbecil!

Ouvi Samson dando uma risadinha atrás de mim. O resto do pessoal não parecia ter gostado muito do que eu disse, ou pelo menos não demonstrou nenhuma reação.

—Essa é a sua defesa, senhor St. Laurent?— Richard perguntou, rindo um pouquinho também. —Se é só isso, se a sua defesa é me insultar, acho que terminamos por aqui.

A multidão começou a sugerir outra vez castigos terríveis contra mim. Votei para a minha cadeira e fiquei ouvindo todos murmurando com raiva durante mais ou menos outro minuto.

Pensei que Samson tivesse um plano... No fundo do salão, vi a porta se abrindo. *Tem alguém lá fora?* Samson deve ter visto também, pois se levantou de supetão. A multidão se calou, mesmo sem ele pedir silêncio. Todos estavam ansiosos para votar na minha punição e se livrar logo de mim.

—Antes de darmos o veredito, preciso contar umas coisinhas para vocês. Em primeiro lugar, Corbin tem razão. Richard é um imbecil. Ele criou essa intriga horrível, porém fácil de todos acreditarem, só para expor Corbin. Ele convenceu

seus amigos a mentirem e forjou provas.

Samson levantou outra vez a carta. Vi que alguns dos advogados ficaram completamente pálidos.

—Prove!— Richard, vermelho como um pimentão, deu um pulo da cadeira e gritou.

—Kim— Samson olhou na direção da porta, —será que você poderia provar para aquele tubarão aí?

Kim abriu a porta e apertou o passo pelo corredor entre as cadeiras. Ela estava segurando um caderninho rosa, que entregou a Samson antes de sentar-se ao seu lado.

—Kim, o que é isto e onde você o encontrou?— Samson perguntou, abrindo o caderno.

—É o diário da Lily— ela respondeu. —Desculpa pela demora. Tive que procurar e o encontrei debaixo do colchão.

—Mais alguém gostaria de examinar as provas?— Samson perguntou, olhando para a carta e para o caderno. —Não sou nenhum especialista, mas está bem claro para mim que não foram escritos pela mesma pessoa. A letra é completamente diferente.

Alguns se prontificaram e concordaram com Samson. Richard se levantou rapidamente, pelo menos com a rapidez possível para alguém do seu tamanho.

—Ela poderia ter falsificado isso!

Samson caminhou diretamente na direção dele, olhando-o de cima por causa da diferença na estatura.

—Ou você poderia ter falsificado tudo! Tenho nojo de você. Corbin lhe fez passar o maior carão ontem e você é tão mesquinho, tão estúpido, tão louco a ponto de fazer qualquer coisa para se vingar dele. Convinceu seus amigos a mentirem e fabricou essas provas, seu... seu...

Samson cerrou os dentes e os punhos enormes, curvando-se para cima de Richard, que ficou branco e caiu sentado na cadeira. Quase fiquei com pena dele, pois Samson parecia um urso prestes a destroçar um veado.

—Prova!— o advogado grandalhão, em quem eu havia dado uma joelhada no meio das pernas, se levantou. —Por que você não se mete com alguém do seu tamanho?

Ele era tão grande quanto Samson, talvez um pouco mais alto. Seus braços e peito eram enormes e parecia que ele passava bastante tempo na academia. Mesmo assim, achei que seria preciso mais do que aquele cara para intimidar Samson.

—Cala a boca, Davis!— Samson estufou o peito e se virou. —Quer mais prova? Linda!

A porta se abriu novamente. Todos no salão se viraram para olhar para ela.

Linda entrou acompanhando Lily. Senti o nó no estômago se desfazendo. *Espero que agora ela diga toda a verdade.* Linda a conduziu pelas cadeiras. A maquiagem havia deixado traços pelo rosto de Lily por causa do choro e ela estava usando uma pulseira na mão esquerda que fazia barulho. Quando elas se aproximaram do palco, Lily olhou para mim e sussurrou: “Desculpa”. Foi então que percebi que ela não estava usando uma pulseira: eram algemas! Talvez eu estivesse fora de mim antes para enxergar direito.

Lily estava em frangalhos e chorava a cada três frases, então levou uma meia hora para contar para todo mundo o que realmente havia acontecido. Ela contou para todos que eu a havia rejeitado e que ela queria se vingar de mim. Logo, disse algumas coisas de que nem eu sabia.

Depois que Richard e os amigos dele me abandonaram estirado no chão, ele fora atrás de Lily e a convenceu a se esconder no quarto dele. Ela dormiu na cama que estava vazia e, antes de todos subirem para o tal julgamento, ele a ameaçara e a prendera com a alga à mesa pesada no canto do quarto. Ele disse que tudo terminaria bem se ela ficasse ali de bico calado até o fim do julgamento. Mais tarde, Linda a encontrara e tinha pedido a Samson um alicate de cortar cabos.

Conforme Lily continuava contando tudo, fiquei me perguntando o quanto havia acontecido antes mesmo de eu recobrar a consciência. Linda colocou o braço em volta de Lily enquanto ela terminava o seu depoimento. O salão todo estava abismado. Fiquei olhando para Richard. Ele estava verde.

—Agora que todos sabemos da verdade— Samson disse, quebrando o silêncio, —quantos de vocês querem que a gente mande Richard e seus quatro cúmplices embora, usando a força, se necessário?

Todos levantaram a mão, menos os cinco.

—Resolvido então— ele declarou. —Um de cada vez vai fazer as malas, sendo supervisionado por alguém, enquanto discutimos o outro assunto. Richard, você pode ir primeiro.

—Não!— Davis, o grandalhão, se levantou e saiu empurrando todo mundo. —Você não vai tratar a gente assim!

Ele correu em direção ao palco. Samson se levantou e ergueu o braço para desferir-lhe um golpe.

45 — O soco que ecoou pelo hotel

As pessoas têm a tendência de tomar decisões erradas quando estão com raiva, estressadas ou cansadas. Davis provavelmente estava com raiva, estressado e cansado, porque a decisão que tomou foi das piores. Não sei o que pretendia, correndo daquele jeito na direção de Samson. Só sei que não conseguiu o que queria.

Davis nem havia colocado o segundo pé no palco quando levou um soco na cara que ecoou pelo hotel. A cabeça dele deu um tranco para trás e as pernas se esticaram para frente. Samson lhe dera um golpe bem dado para garantir que não só impediria seu avanço, mas o levaria a nocaute. Davis caiu na hora, com as pernas e o quadril no palco e a cabeça e as costas no piso.

De reflexo, eu me levantei para olhar para o corpo estendido no chão. Davis revirou os olhos e desmaiou. O salão todo estava no maior burburinho. Os outros advogados tentaram fugir, mas a multidão os impedira.

—Agarrem ele!— Samson apontou para a porta.

Levantei a cabeça. Richard de alguma maneira havia se livrado e estava quicando em direção à porta. Quatro ou cinco homens foram atrás dele. O grupinho de Richard não estava se saindo bem. Davis continuava desacordado e os outros três se debateram, chutaram e gritaram, mas de nada adiantou. A multidão era mais forte e logo eles perderam a energia. Os homens que haviam ido atrás de Richard não voltaram. *O que será que aconteceu? Richard não é tão rápido assim.*

Mesmo sem a luta corporal, a comoção era grande no salão. Todos pediam que justiça fosse feita rapidamente e com bastante violência. Os três advogados que estavam conscientes fizeram o possível para argumentar e mentir para se livrarem da punição. Samson levantou as mãos, pedindo calma.

—Silêncio! Vamos todos ficar calmos. Eles vão pegar Richard e nós já temos estes quatro. Eles vão ganhar o que merecem, mas temos outro assunto para discutir.

Kevin saiu do meio da muvuca. *Onde ele que ele estava se escondendo?*

—Mandei Kevin fazer a ronda ontem à noite para ver como estavam as coisas na cidade e gostaria que ele contasse a todos o que ele me disse.

Kevin subiu no palco. Eu havia apanhado e estava confuso demais para perceber antes, mas ele parecia diferente. Olheiras profundas, ombros curvados e extremamente exausto. Nem parecia o garoto confiante que eu encontrara na rua.

—As coisas pioraram lá fora— ele declarou, olhando para a multidão e respirando fundo.

Como é que pode ter piorado?

—Os infectados estão se reunindo em grupos cada vez maiores. É como se eles soubessem onde os sobreviventes estão. Vi quando eles tomaram conta de dois prédios ontem à noite. Eram dois edifícios residenciais e parece que todo mundo... — ele deu de ombros e balançou a cabeça. —Parece que eles sabem onde nós estamos.

Um silêncio irrequieto tomou conta do salão.

—E qual é a nossa situação?— Samson perguntou, de braços cruzados.

—Tem um grupo com trinta ou quarenta do lado de fora das portas no lado norte. A essa altura, talvez sejam mais.

Eu estava com o coração prestes a sair pela boca.

—Os outros estavam perto?— Samson perguntou, cerrando os dentes.

—Não que eu tenha visto. As saídas dos estacionamentos continuam abertas. Quero dizer, a barra está limpa tanto nas duas escadarias como na rampa para os carros.

—Não prestei atenção antes— eu disse, olhando para Samson, —mas a rampa para os carros está totalmente aberta?

—Tem um portão de metal— ele respondeu, —mas não sei quanto aguenta se eles começarem a empurrar e fazer força.

—Por que a gente não foge para o deserto?— uma mulher se levantou e perguntou. —pelo menos dá pra correr para longe deles no meio do deserto.

—Bom, sabemos que o exército reconstruiu ou reforçou as muralhas e cercas ao redor da cidade— Samson disse, após uma breve pausa. —Também sabemos que fecharam a estrada. Estão com medo de ver um contaminado saindo e levando o vírus para outro lugar. É bem capaz que não deem permissão para a gente sair... E mesmo que eles não estejam fazendo patrulha na fronteira, seria uma bela caminhada pelo deserto escaldante— concluiu, olhando pela janela.

—Quanto tempo nos resta se continuarmos aqui?

—Sem encontrar mais comida, talvez temos umas duas semanas antes de ficarmos sem mantimentos.

Vi que algumas pessoas tinham começado a chorar. Não podia culpá-las por se sentirem assim.

—Por que o governo não está prestando assistência?— um cara magrinho se levantou.

Outros começaram a fazer mais comentários: “Não estão nem aí se a gente morrer...” “Por que abandonaram a gente?” “O que vamos fazer?”

—Não tenho resposta para essas perguntas, mas uma precisamos decidir: vamos ficar aqui escondidos durante mais uma semana para ver se a gente aguenta ou escapamos antes de o grupo lá fora aumentar?— perguntei.

Olhei ao redor da sala. A ira que vira durante a manhã havia se dissipado. A única coisa aparente era o medo. Todos ficaram em silêncio enquanto a gente pesava nossas opções e refletia sobre a nossa própria mortalidade. Não importava o que fosse decidido, as nossas chances eram mínimas e todos estavam cientes disso. Sei que muitos estavam se perguntavam se valia a pena, se a gente tinha alguma chance de sobreviver. Vários provavelmente estavam até pensando em se entregarem de uma vez à infecção. *Vamos para o meio da rua e deixar tudo acontecer de uma vez.*

Era difícil espantar o desespero. Para que planejar tanto se vamos acabar morrendo de fome ou virando mortos-vivos perambulando pelas ruas? Alguém ali tinha alguma chance? Eu não sabia, mas acabei tomando uma decisão: não ia me render àquela altura do campeonato. Não ia deixar todo aquele sofrimento que eu tinha passado ser em vão. Eu lutaria até o último instante.

—Então— Samson levantou-se novamente e olhou para a multidão. —Alguém tem alguma ideia...

Ele foi interrompido pela porta se abrindo nos fundos do salão. Um dos homens que tinham ido atrás de Richard estava de volta. Todos se viraram para olhar para ele, que estava sem ar e tinha um olhar de pânico na cara.

—Richard pegou uma arma e está indo para a porta no lado norte do prédio!

46 — Uma fuga que não deu certo

Samson foi direto para a porta e eu fui atrás dele.

—Para onde que ele foi? Ah, não importa...

Estavam todos boquiabertos, olhando para Samson e esperando algum tipo de orientação.

—Linda, faça o possível para organizar o pessoal para deixar o hotel— Samson disse ao chegar até a porta, virando-se para dentro do salão. —Todo mundo precisa carregar o quanto puder de comida. Se as coisas saírem do controle, vamos levar todo mundo para as escadarias do sul, onde fica o estacionamento. Preciso de cinco ou seis homens que tenham experiência com armas.

O alvoroço começou e fiquei contente de finalmente sair dali. Esperava encontrar Richard antes de ele abrir a porta que dava para a rua. Se aquela porta fosse aberta, perderíamos a opção de permanecer no hotel. Os mortos-vivos tomariam conta do edifício na hora. A gente não teria tempo suficiente para tirar todo mundo do prédio e organizar os mantimentos para enfrentar a longa caminhada pelo deserto. Seria preciso encontrar outro esconderijo na cidade, isso se desse para deter os infectados durante tempo suficiente para tirar todo mundo dali. O armazém dos Cooper provavelmente acomodaria aquele pessoal todo, mas duvido que eles deixassem alguém entrar, mesmo se a gente trouxesse nossos mantimentos. Tinha que ter outro lugar capaz de abrigar sessenta pessoas. *Mas onde?*

Samson desceu pelo corredor em direção à escadaria. Minhas pernas continuavam bambas e minhas juntas ainda estavam doloridas. Não daria para eu acompanhar o ritmo deles. Fiz o possível para segui-lo, mas vários caras passaram na minha frente.

Fiquei com um pouco de raiva. Normalmente eu deixaria todo mundo comendo poeira, mas aquela última semana não havia sido muito boa para mim e sabia que tinha sorte de pelo menos estar andando. Segui em frente dando o melhor de mim para chegar à escadaria.

Ouvimos ecos vindo dos andares abaixo. Era difícil saber se Richard continuava no prédio. Três tiros. Meus ouvidos doeram. Esperava que isso significasse que Richard ainda estava na escadaria. Esperava ainda mais que ele não tivesse acertado na mira. Segurei no corrimão e corri, quase despencando escada baixo. Descer fora bem mais fácil do que subir. Depois de uns dois lances de escada, compreendi melhor o que estavam falando aos berros.

—Não se aproxime!

—Se você abrir aquela porta, vai matar todos nós!

Virei uma esquina e pude ver Samson e os caras que tinham passado na minha frente. Eles estavam agachados no segundo andar, tentando ver o que Richard estava fazendo, mas sem entrar na linha de fogo.

—Richard, olha, tem pelo menos trinta infectados bem do outro lado da porta, provavelmente mais. Não sei quantos tiros tem no cartucho ou quantos cartuchos você tem. Só sei que isso não vai acabar bem para você.

—Como se alguém se importasse comigo! Só querem...

—A gente só quer manter o maior número possível de pessoas em segurança.

Eu me aproximei do andar onde Samson estava com os outros. Ele tinha o rosto vermelho e os punhos cerrados. Estava ficando cada vez mais com raiva.

—Não seja idiota!— Samson acenou para os outros seguirem em frente e para os dois que estavam mais próximos irem com ele, abrindo a porta que dava para o corredor do segundo andar.

Richard atirou novamente. Um pedaço de pedra de revestimento caiu da parede da escadaria. O tiro parecia dez vezes mais alto do que os anteriores. Recuei e, no reflexo, levei as mãos aos ouvidos. Os caras que ficaram para trás comigo começaram com a gritaria outra vez. Richard não parecia interessado em discussão. Apesar do apito nos ouvidos, pensei ter ouvido um estrondo e alguém fazendo esforço. *O que é que ele tá fazendo?*

Meu cérebro cansado raciocinou, dizendo que se ele não atirou outra vez na gente ou nem participou da discussão, era porque não estava prestando muita atenção. *Deve ser o momento certo para dar uma espiada.* Sem pensar duas vezes, pulei alguns degraus e desci para o próximo andar. Tive tempo de ver Richard correndo em direção à porta, colidindo com ela e soltando um gemido. A arma caíra no chão. A porta só se abriu alguns centímetros, mas foi o bastante para uma mão ferida e arranhada forçar sua entrada pela fresta. *Um infectado!* A porta não se abriu facilmente porque havia tantos deles empurrando do outro lado. Richard parecia mesmo assustando com a aparência dos mortos-vivos.

—Não pode ser...

Depois da mão, veio um braço e logo a porta estava totalmente aberta. Mortos-vivos maltrapilhos tomaram conta da entrada do hotel. Meu coração parou por um instante. *Ele deixou eles entrarem!* Richard, sozinho, acabara de concretizar a pior das hipóteses.

Fiquei ali parado, contemplando o futuro inevitável do hotel enquanto o primeiro morto-vivo se jogou para cima de Richard, que tentou chutar as mãos de ferro que o agarravam. Outros três mortos-vivos entraram pela porta. Pareciam já ter levado vários tiros. Eles também atacaram Richard. Dei um passo para trás. Nenhum dos mortos-vivos parecia ter notado a minha presença.

Ouvi Richard jogando os sacos de areia que bloqueavam o resto do caminho para o subsolo. Eu sabia que já era tarde demais para ele. Não tinha escapatória. Ele deu um grito de dor e medo que abalou a minha alma. Apesar de tudo o que ele tinha feito e dito, senti pena dele. Ele estava fora do meu campo de visão e não pude ver direito o motivo do grito. De qualquer maneira, não importava. Eu não queria mesmo saber.

Mais mortos-vivos entraram pela porta e minha cabeça girava com tantas perguntas e imagens horríveis. Uma mão grande me agarrou pelo ombro e me puxou para trás. A voz reverberante de Samson dissipou a nuvem de pensamentos.

—Mais caixas... quarta porta à esquerda... escala doze... Vai, agora!

47 — Seguindo em frente

Dei um passo para trás. Um dos caras que haviam acompanhado Samson estava do seu lado. Outros dois mortos-vivos entraram pela porta. As roupas deles estavam rasgadas e eles tinham aquele olhar vazio horrível nos olhos quando se viraram para a escadaria.

Samson levantou uma espingarda preta grande no nível do ombro. Cobri os ouvidos e ele disparou. O tiro pegou no peito do morto-vivo à direita, que cambaleou para trás e se chocou com outro infectado, caindo então no chão. O bando continuou avançando. Não consegui ver o infectado que Samson atingira, mas sabia que ele continuava se mexendo. O rapaz ao lado de Samson levantou a espingarda dele. *Não preciso ficar aqui assistindo isto.*

Eu me virei e acabei topando com um dos outros rapazes do nosso grupo. Ele acabara de chegar carregando caixas de munição. Outro ruído ecoou pela escadaria. Mesmo com os ouvidos tampados, o tiro fora alto o bastante para aumentar o som de telefone ocupado. Fiz o possível para dar dois passos de cada vez, mas minhas pernas fracas brigavam comigo. Outro tiro. Abri a porta e quase cai no corredor. Na minha frente, um dos caras entrou correndo no quarto à esquerda, carregando o que parecia ser uma fronha. Um pensamento me passou pela cabeça: espingardas. *Será que vai funcionar?* Duvidava. Eu me lembrei dos mortos-vivos que quase haviam encurralado os irmãos Cooper quando eu estava escondido no depósito.

O vírus atacava e tomava conta do sistema nervoso central. Um tiro de espingarda não teria força suficiente para penetrar o cérebro ou a coluna vertebral. Levaria os mortos-vivos ao chão, mas não os impediria de se levantar de novo. Pelo menos era melhor do que nada.

Ouvi mais tiros abafados vindo do andar de baixo e ecoando pelo corredor. *Eles têm munição o suficiente, não precisam da minha ajuda.* Passei direto pela quarta porta à esquerda e fui para o meu quarto. *Talvez não tenha outra chance de pegar as minhas coisas.*

A porta do meu quarto continuava aberta. Encontrei minha mochila, me sentei na cama e esvaziei tudo que tinha nela: meu caderno, canetas, cuecas e meias. Em cima daquela pilha, estava um pedaço de papel dobrado, como os que eu costumava passar com recadinhos para os colegas no colégio. Fiquei surpreso, pois não me lembrava de ter colocado o papelzinho na mochila. Para falar a verdade, não o reconhecia. Peguei o papel, que era mais pesado do que eu esperava. Parecia embrulhar algo duro dentro dele. Virei e do outro lado estava escrito: “Para Corbin”.

Os tiros ficaram um pouco mais altos. *Alguém deve ter voltado para o corredor.* Coloquei o recadinho no bolso, na esperança de poder lê-lo mais tarde. Peguei minhas coisas, incluindo minha outra calça do uniforme hospitalar, e enfiei tudo na mochila. Olhei ao meu redor para ver se tinha algo mais de útil no quarto. A única coisa que vi foi a lâmina de barbear. Ouvi outra comoção no corredor. Peguei o taco de beisebol, coloquei a mochila nas costas e fui ver o que estava acontecendo. Um loiro e um ruivo correram para dentro do quarto que Samson havia indicado. *Devem estar desperdiçando muita munição.*

Fui atrás deles no quarto, que havia sido transformado em um armário de artilharia improvisado. A cama estava contra a parede, coberta por pilhas de munição, algumas em caixas que sobraram do exército e outras em caixas de papelão. *De onde é que veio tudo isto?*

—Onde você tava?— o loiro perguntou, de cara feia.

—Sabe como é, ainda estou meio chateado porque você me chamou de pedófilo e pediu a minha cabeça.

—Você sabe que o argumento dele era bem...

—Tem alguma outra arma além de espingardas?— perguntei, olhando ao nosso redor.

—Acho que não— o ruivo respondeu. —Talvez duas calibre vinte e dois, mas nem fazem cócegas nos infectados.

—Será que tem alguma outra coisa aqui neste prédio?— eu queria bater em alguém. —Parece que eles não param de atacar até alguma coisa acontecer com o cérebro ou a espinha deles. A gente precisa de alguma coisa penetrante...

—Como é que você sabe disso?— o loiro estufou o peito.

—Acha que eu fiquei me escondendo dentro de um buraco esse tempo todo antes de chegar até aqui?

—Samson tem uma duas espingardas de caça na parede da sala de trofeus dele— o ruivo disse, deixando uma caixa cair e estalando os dedos ao se lembrar.

—Sala de trofeus?

—É só atravessar o corredor, em frente ao salão onde a gente fez aquelas reuniões.

Perdi a respiração. Isso significava que eu precisava subir as escadas de novo.

—Vamos nessa— o loiro disse, pegando algumas caixas de munição do exército. —Precisamos levar isso para a escadaria no lado sul antes de eles avançarem mais ainda.

Ele me deu um empurrãozinho com o ombro na hora de sair. Tive que ignorá-lo, pois não era hora de entrar numa briga e precisava encontrar as balas para as tais espingardas de caça.

—Quantos entraram no prédio?— olhei atentamente para cada pilha de

munição.

—Não sei— o ruivo respondeu, dando de ombros. —Mas tem muito mais do que trinta infectados lá fora. Eles continuam entrando...

—A munição para as espingardas de caça estão aqui?

—Hmmm— ele pensou por um instante e logo apontou. —Acho que ali.

Havia pelo menos sete ou oito calibres diferentes nas prateleiras. Corri e enchi os bolsos da minha calça de acampar com várias caixas. Coloquei outras na mochila.

—Samson e Danny tiveram que recuar um andar e estão do outro lado da porta que dá para o corredor— disse outro cara, que entrou porta adentro com um olhar agitado. —Aquelas coisas não param de avançar!

Eu me levantei, peguei meu taco de beisebol e uma caixa grande de balas do exército.

—Avisa para eles mirarem na cabeça. Esse é o único jeito de acabar com eles. Vou subir para pegar as espingardas de caça do Samson.

O cara acenou com a cabeça, concordando e pegando mais munição. O ruivo desceu o corredor e foi em direção à escadaria no lado sul do prédio. Ele abriu a porta e nós entramos. Aquela escadaria tinha menos janelas do que a que dava para o norte. Coloquei a caixa do exército junto com a pilha de munição no canto da escada e olhei para cima. O caminho seria longo. *Espero conseguir chegar lá em cima a tempo de poder contribuir.*

48 — Exaustão

Eu já estava sem ar quando cheguei ao terceiro andar. Minhas pernas tremiam e sentia fraqueza no corpo todo. Havia cometido um erro. Eu subestimara o meu próprio estado físico. Mal conseguira subir as escadas aquela manhã —e olha que tive ajuda. Como é que eu fui achar que poderia subir os degraus correndo? Estava cansado demais... *Pessoas vão morrer se eu não conseguir.*

Segui em frente, subindo. Os degraus pareciam mais o de uma escada rolante, tentando me fazer descer. Lá embaixo, ouvi a porta se abrindo. *Estão entregando a próxima carga de munição.* Senti uma pontinha de esperança. Abri a porta para pedir ajuda, mas não consegui gritar alto o suficiente. Estava sem fôlego. A porta se fechou. Respirei fundo e o ar quente queimava meus pulmões. *Isto é ridículo... Só falta mais um lance de escada e estou prestes a desmaiar.*

De alguma forma, minhas pernas e meus pulmões aguentaram até eu abrir a porta que dava para o corredor no último andar. Pessoas corriam de lá para cá, carregando caixas em uma direção e almofadas e mochilas na outra. Andei de qualquer jeito pelo corredor, vendo manchas pretas diante de mim. *Não desmaie!*

Eu não havia dado mais de dois passos antes de perceberem a minha presença. Duas mulheres largaram o que estavam carregando e correram ao meu encontro.

—Escutem— disse, caindo de joelhos. —Tenho munição que deve servir para... para as espingardas de caça do Sr. Malsrock. Eles precisam das armas agora. Atirem na cabeça.

Elas ficaram olhando para mim como se eu estivesse falando grego.

—Você entendeu o que ele tava resmungando— uma delas disse.

—Não entendi nada. Será que ele bateu a cabeça?

Mais umas pessoas vieram correndo na minha direção. Também ouvi a voz de Linda gritando de longe. Alguém se debruçou por cima de mim.

—Está tudo bem?

Eu queria dizer “não”, mas ficou tudo escuro antes de eu poder reclamar. Não fiquei desacordado durante muito tempo, talvez poucos minutos. Quando voltei a mim, estava deitado de costas. Alguém havia tirado a minha mochila e colocado um travesseiro debaixo da minha cabeça. Abri os olhos. Kevin estava abaixado ao meu lado, segurando um copo de água.

—Linda disse que você estava exausto e provavelmente desidratado.

Eu me apoiei no cotovelo direito e peguei o copo com a minha mão esquerda trêmula. A água estava morna, mas deu para refrescar. Derramei um pouco em cima

de mim enquanto bebia com pressa.

—O que aconteceu com a minha mochila?

—Alguém pegou as caixas e está tentando descobrir qual é a arma certa, se é que ela está aqui.

Fiquei um pouco aliviado ao saber que tinha ajudado. Já era alguma coisa.

—Kevin, dá pra encontrar alguma coisa pra eu comer?

—Claro— ele confirmou, pegando o copo da minha mão. —Vou trazer mais água também.

Eu me sentei contra a parede. Ainda havia uma grande agitação pelo corredor. De tempos em tempos alguém olhava para mim com pena ou nojo. Os olhares não me importavam tanto quanto a minha fraqueza. Eu me sentia impotente. Os mortos-vivos estavam entrando no edifício e um pequeno grupo de homens resistiam com coragem. No andar de cima, homens, mulheres e crianças se apressavam para evacuar o prédio e ir sabe-se lá para onde. E lá estava eu, sentado contra a parede, fraco e indefeso.

—Corbin, como você tá se sentindo?— Linda perguntou, sentando-se ao meu lado.

—Inútil— respondi, sem perceber a presença dela. —E pra lá de desidratado.

—Mande Kevin descer para ver como as coisas estão andando lá embaixo— ela disse, acenando com a cabeça e me entregando outro copo de água.

Tomei tudo um pouco mais devagar do que da primeira vez. Uma sensação estranha tomou conta de mim e percebi que estava começando a suar. Kim e Lily se aproximaram, me entregando um pote de pasta de amendoim, umas bolachas salgadas e duas caixinhas de suco.

Lily ajoelhou-se e olhou para mim por um instante. A maquiagem ainda estava manchada no seu rosto. O queixo tremia e seus lábios se partiram levemente. Fiquei me perguntando o que se passava pela cabeça dela. Ela se levantou e foi embora. Acho que não teve coragem de me dizer o que queria. Pelo menos não estava mais usando a minha camiseta.

—E como estão as coisas aqui em cima?— perguntei para Linda.

—Estamos fazendo o possível para deixar tudo pronto. Só precisamos saber como eles estão se saindo lá embaixo. Você precisa comer e descansar um pouquinho. Vou pedir para alguém continuar enchendo seu copo de água.

O suco de caixinha estava quente, como se tivesse ficado debaixo do sol. As bolachas estavam secas demais e a pasta de amendoim grudou no céu da minha boca. Não importava, era a melhor refeição que eu comeria em toda a minha vida. Em poucos minutos, a tremedeira havia cessado e eu quase me sentia humano outra vez. Comecei até a sentir calor. Aos poucos a comoção no corredor estava se acalmando.

Sem nada para fazer, todos estavam ficando ainda mais nervosos e irrequietos. Continuei comendo, bebendo e descansando, mas o intervalo não foi longo. Em uns vinte minutos, Samson e Kevin entraram de supetão pela porta da escadaria. Samson parecia ter saído do meio da selva: cabelos molhados e grudados na cabeça, a camisa empapada de suor e um olhar selvagem, animalesco.

—Melhorou?— ele perguntou, apontando para mim.

—Um pouco.

—Então vem com a gente. Precisamos de um plano.

49 — Planos furados

A comida, a água e um pouco de descanso haviam me feito um bem enorme. Os meus braços e as minhas pernas deixaram de tremer e fiquei de pé. Segui Samson e Kevin até a sala dos trofeus. Não era tão grande quanto os salões de conferências que havia visto, mas era tão comprido quanto e a parede mais distante da porta estava coberta de janelas, com vista para o deserto fora de Oásis.

A sala condizia bastante com a aparência rústica de Samson, mais do que qualquer outra parte do hotel. Era como um museu, cheio de placas e cabeças de animais perduradas na parede. No meio da sala havia um urso, um bisão e um leão, todos empalhados. Havia fotos de Samson segurando peixes enormes, escalando montanhas e conduzindo um camelo pelo deserto. Aparentemente, ele havia percorrido o mundo inteiro.

—Sentem-se aqui por um minuto— Samson apontou para um banco encostado em uma das paredes.

Ele se virou e saiu da sala. Kevin e eu nos sentamos.

—Onde é que ele achou tudo isso?— perguntei, apontando para os animais e trofeus.

—Bom— Kevin acenou para o meio da sala, —o urso atacou o acampamento dele, um amigo pegou o bisão e o leão foi comprado de um zoológico depois que o animal morreu. A maioria do que está nas paredes foi ele que matou e o resto encontrou em suas aventuras.

Fiquei olhado para Kevin. Nem precisei fazer a pergunta.

—Eu trabalho para o Sr. Malsrock nas férias de verão desde os meus quinze anos— Kevin deu de ombros.

Não tivemos que esperar muito tempo. Samson, Linda e outro homem entraram na sala e foram até nós.

—Corbin, este aqui é o Dale.

Ele tinha um bigode farto e grisalho e era completamente careca. Devia ter a mesma idade de Samson. Cumprimentei-o acenando com a cabeça e ele retribuiu o cumprimento.

—A situação é a seguinte: — Samson arqueou as costas para trás, alongando o peito— os infectados tomaram conta do segundo andar.

—E a munição?— Dale perguntou, levantando a mão.

—A maioria foi levada para a escadaria no lado sul.

—Durante quanto tempo a gente consegue resistir?— Dale cruzou os braços.

—Não tenho certeza. Alguns dos infectados ainda se lembram de como subir escadas, melhor do que os outros. Uns tropeçam no primeiro degrau, então precisam se arrastar escada acima. Quanto mais a gente subir, mais eles vão se dispersar naturalmente e mais fácil ficará para a gente aguentar.

—Então, quanto tempo mais?— Dale estava olhando pela janela.

—As portas da escadaria sul estão bem bloqueadas, então poderemos descer no momento certo. Não vejo como a gente poderia continuar aqui, aguardando até que todas as nossas rotas de fuga sejam todas tomadas. Não quero ficar preso no último andar. Então só falta decidir quando vamos partir e para onde. Todos os mantimentos já estão prontos?

—Empacotamos o que foi possível— Linda confirmou, olhando para Samson. —Só precisamos dividir os grupos.

—E para onde a gente vai depois de sair daqui?— Kevin perguntou, se levantando.

—Pelo que sei— Samson disse, apertando os olhos, —só temos duas opções: o deserto ou o hospital.

—O hospital?— levantei a sobrancelha. —Não foi lá onde tudo começou?

—Ah, é verdade— Samson sorriu. —Eu me esqueci de contar para você e o Kevin.

Ele olhou para Dale e abriu a boca, como se fosse começar a falar, mas em vez disso acabou balançando a cabeça.

—Eu explico mais tarde. Confie em mim. Agora que Richard estragou tudo, provavelmente o hospital vai ser o lugar mais seguro da cidade.

—Deve estar cercado...— Dale fez cara feia.

—O seu voto vai para o deserto, então?

—Não disse isso. Sam, se fosse só eu e você, tudo bem. Mas aqui tem muita gente fraca que não vai sobreviver lá fora.

Tive a impressão de que Dale era a única pessoa no mundo que tinha autorização para chamar Samson de “Sam”.

—Além do mais— Kevin se pronunciou, —não sabemos se estão fazendo patrulha e com quanta frequência.

—É verdade— Samson concordou, balançando a cabeça.

—Patrulha?— Linda perguntou.

—Há três dias tava fazendo a vigília— Kevin começou a explicar, com uma pontinha de satisfação na voz, —e falei com um cara que havia tentado fugir pelo deserto com um grupo grande. O exército apareceu e mandou todo mundo dar meia volta. Alguns obedeceram, mas outros tentaram sair correndo. Foi então que os soldados...

—Os soldados os detiveram— Samson interrompeu, colocando a mão no

ombro de Kevin.

—Por que você não me disse?— Linda perguntou em tom acusador, colocando o dedo no peito de Samson.

—Não tinha motivo para deixar você ou qualquer outra pessoa mais preocupada ainda.

—Voto no hospital então— eu disse, me levantando. —Se você afirma que lá é seguro, confio em você. Se não der certo, tentamos o deserto. É a nossa melhor chance.

—Parece que a Mãe Natureza tomou a decisão pela gente— Dale, que estava próximo da janela, disse se virando outra vez para nós. —O deserto é ainda mais perigoso durante e logo após uma tempestade como esta.

Olhamos para a janela. Nuvens escuras e carregadas se formavam no horizonte. Deu um aperto no estômago. Não podia acreditar. Foi então que me dei conta do inevitável.

—Não podemos ficar esperando. Se a gente vai mesmo deixar o hotel, tem que ser agora, antes de cair o mundo.

—Por quê?— Linda e Samson perguntaram em uníssono.

—A infecção— respondi. —Lembra como as ruas ficaram alagadas naquela última tempestade, há uns dois anos?

Todos fizeram que sim com a cabeça.

—Bom, existem milhares de portadores do vírus lá fora, mas ainda não sabemos como o vírus sobrevive fora do corpo humano. Se for resistente aos elementos da natureza e a gente precisar nadar literalmente contra a corrente...— dei de ombros sem concluir meu pensamento. —Estamos ferrados!

—Vamos nessa— Samson foi em direção à porta.

50 — Hora de partir

—Sam, você não está se esquecendo de um pequeno detalhe?— Dale perguntou, levantando a mão.

—O quê?— Samson perguntou, olhando por cima do próprio ombro.

—O que vamos fazer com a multidão de infectados que com certeza está rondando o hospital?

—Esses dois— Samson disse, apontando para mim e Kevin, —parecem se virar bem. Podem correr na frente do grupo e descobrir o que precisa ser feito. Agora precisamos ir.

Arregalei os olhos. Tenho certeza de que Kevin parou de respirar. Samson, Dale e Linda deixaram a sala. Kevin e eu ficamos olhando um para o outro. Ele balançou a cabeça.

—O hospital fica próximo do centro da cidade, passando a fonte grande. Jogar alguns latões de lixo poderá pegar um ou dois infectados, mas se tiver muitos por lá... Com certeza tem muitos deles por lá. Uma multidão!

—Acho que a gente vai ter que encontrar uma ideia genial chegando lá— dei de ombros.

—Espero que sim.

Fiz o possível para demonstrar coragem. Kevin fez cara de quem não gostou e saiu da sala quase se arrastando. Achei que levaria alguns minutos para organizar todo mundo, então me sentei novamente e tentei pensar. O bilhete que encontrara na mochila me veio à mente. Coloquei a mão no bolso, peguei o papel e o abri. O objeto pesado embrulhado no bilhete era uma chave e a mensagem havia sido escrita em tinta roxa. Era evidente que quem a escreveu estivera com a mão tremendo:

Querido Corbin,

Estou morrendo de medo. Carl disse que se a gente não fizer o que ele mandou hoje à noite, as coisas só vão piorar para você, para mim e para o meu pai. Ele disse que ia ser bem doloroso... Gostaria que as coisas fossem diferentes.

Obrigada por salvar a minha vida. Espero que consiga sobreviver a tudo isto. Se alguém é forte o bastante, esse alguém é você.

Carl não sabe, mas ainda tenho as chaves do Tio Bill. Esta é a chave mestre que usamos na concessionária. Não sei quantas lojas ela abre, mas aposto que abre a maioria.

Corbin, sei que a gente mal se conhece, mas você é o homem mais heróico e altruísta que eu vi desde que tudo começou. Sei que pareço uma manteiga

derretida, mas amo você. Por favor, se cuida, tá?

Com amor,

Beth

Respirei fundo e um sorriso apareceu nos meus lábios. Beth havia me dado uma arma secreta. Quase me senti culpado por ter ficado com tanta raiva dela quando me expulsaram. Quase... Dei um beijo na chave e coloquei no bolso com o bilhete. *Tenho trabalho a fazer.*

A maioria do grupo estava no salão de conferência maior, do outro lado do corredor. Alguns faziam fila, levando cadeiras na direção da escadaria do lado norte do prédio. O ruivo com quem eu havia falado antes entrou no corredor, vindo das escadas e carregando uma espingarda. Parecia estar acabado.

—A gente devia ter pensado naquilo antes— ele disse, acenando com a cabeça quando se aproximou de mim. —Estamos jogando alguns móveis para derrubá-los, o que atrasa um pouco o avanço deles, mais do que as espingardas. Ainda bem, porque desperdiçamos muita munição. Eles simplesmente não desistem.

Dentro do salão de conferência, Samson havia acabado de dividir todo mundo em três grupos com umas vinte pessoas cada. O ruivo entrou no salão e foi incluído em um dos grupos. Samson explicou então o plano e as poucas armas foram divididas entre nós. Quem tinha experiência atirando havia sido designado para dar proteção ao seu respectivo grupo.

Kevin e eu iríamos na frente e fazer o necessário para distrair os mortos-vivos e abrir caminho até o hospital. Lá fora, os grupos precisavam se distanciar, ficando a um quarteirão do outro. Se alguma coisa desse errado, todos tinham alternativas para escapar. Dale, Samson e o loiro que conheci no quarto de munição iam liderar os três grupos. Além disso, o resto precisava carregar quantos mantimentos conseguisse. Ninguém reclamou. Ninguém falou nada. Não havia nada a dizer.

Um vírus bizarro havia colocado um fim na vida de milhares de amigos, vizinhos e colegas de trabalho, passando a controlar a mente deles pela cidade. Todos viraram meras marionetes de carne e osso, perseguindo a gente pelas ruas sem misericórdia, sem ter uma segunda chance, sem voltar atrás. No fundo, sabia que não haveria um final feliz.

—Sinto muito que a situação tenha chegado a este ponto— Samson disse, subindo no palco pela última vez. —Permaneceríamos aqui em segurança se certas pessoas não tivessem tomado péssimas decisões. Agora que os mortos-vivos entraram no prédio, bom, é só uma questão de tempo...

Ele respirou fundo e estufou o peito.

—Porém, nem tudo está perdido— ele continuou. —Vamos sair dessa. Vocês podem sobreviver hoje e amanhã. Fiquem com os seus grupos e, acima de tudo, obedeçam ao seu líder. Agora não é hora de discutir e discordar...

Samson olhou para os advogados.

—Agora é hora de sobreviver. Escrevam o que eu digo: você são sobreviventes. Que este seja o seu melhor momento.

Aquele discurso não era o mais inspirado, mas ele também não estava falando da boca para fora. Por trás das palavras que ele usou estava sua calma de sempre, sua força inabalável e a coragem selvagem que emocionou a todos no salão. Senti um pouco de esperança no meu coração, que até então estava desolado.

—Vamos nessa— ele disse, descendo do palco.

Kevin e eu lideramos o grupo e todos tomamos a escadaria do lado sul. A multidão caminhou sem dar um pio. Estava quente na escadaria e o arrasta-pé ecoava como gritos.

Chegando ao segundo andar, apertamos o passo. Pela porta dava para ouvir coisas se quebrando e as batidas dos mortos-vivos procurando pelos sobreviventes. Eles estavam por toda parte. A munição continuava no canto. Esperava que alguém pegasse tudo. Seguimos em frente até chegarmos à porta do estacionamento subterrâneo. Fiz um gesto para todo mundo parar.

—Eu e Kevin vamos ver se a barra tá limpa.

Por um momento, imaginei que a garagem já tivesse sido tomada por mortos-vivos nos esperando, em silêncio. Afastei aqueles pensamentos da mente, abri a porta e entrei no estacionamento. Kevin estava logo atrás de mim. Fazia mais frio na garagem. Além do silêncio, só dava para ouvir a tempestade lá fora. Não vi nenhum morto-vivo, apenas carros estacionados aqui e ali.

Kevin correu na frente para verificar o portão da entrada e voltou dizendo que estava tudo azul. Fomos até o grupo e avisamos que estava tudo bem.

Levou mais tempo do que eu esperava para todo mundo chegar ao estacionamento. Ninguém parecia estar com pressa de ir a lugar algum. Eu bem que entendia o porque.

O barulho da trovoada distante ecoava pela garagem, nos fazendo lembrar que era hora de sair naquele mesmo instante. Samson foi o último a sair pela porta, levando uma mala verde nas costas e carregando uma espingarda enorme de caça na mão direita. Ele apontou para mim e Kevin e depois para uma porta de aço.

—Quero falar com os dois por uns instantes antes de vocês saírem.

51 — Não há calmaria antes da tempestade

A porta dava para um depósito grande, com pás, furadeiras e ferramentas de todos os tipos espalhadas pelo chão e em cima de um banco. Em um canto estava um gerador a gás antigo e oleoso. O depósito fedia a produto químico e escapamento. Samson fechou a porta depois de entrar e apontou para o gerador.

—Aqui está, nosso segredinho.

—Quer dizer que isso funciona?— perguntei, olhando mais de perto.

—Funciona sim. Este depósito fica no subsolo, debaixo do cimento, o que parece tê-lo protegido de seja lá o que desligou todos os aparelhos eletrônicos da cidade.

—E qual é a vantagem de ter um gerador pequeno desses?— levantei a sobrancelha.

—Temos também alguns rádios que usamos para a manutenção. Eu ligo este gerador durante mais ou menos uma hora pela manhã para recarregar meu rádio.

—Você não tinha dois geradores aqui?— Kevin perguntou, meio chateado de não ter sido incluído nos desdobramentos mais recentes.

—Como você acha que a gente pegou aquelas três caixas com medicamentos?— Samson sorriu. —Aquele dia, quando Dale e eu fomos até o hospital, levamos um rádio e um dos geradores. É por isso que eu sei que a gente pode ir para lá. Sei que é o lugar mais seguro dentro das fronteiras de Oásis.

—Ok— Kevin balançou a cabeça.

—Agora vocês já sabem— Samson colocou a espingarda e a mala no chão, —mas não foi por isso que os chamei aqui.

Ele procurou alguma coisa na bolsa. Fiquei imaginando que trunfo tinha escondido na manga.

—Sabe o que é isso?— ele perguntou, tirando uma pistola da bolsa.

—Parece uma Glock— respondi depois de dar uma olhada. —Uma daquelas subcompactas.

—É uma Glock trinta— ele sorriu. —Calibre quarenta e cinco. Tem dez balas e outro cartucho com mais dez. Vinte tiros ao todo, o que é melhor do que nada.

Ele entregou a arma e o cartucho extra para mim.

—E eu?— Kevin fez cara feia.

—Você é mais rápido do que ele, então não precisa de arma. Além do mais,

você tem sapatos vermelhos— Samson disse, olhando para os pés dele.

—A gente vai sair desta?— Kevin perguntou, olhando para Samson.

—Vamos se vocês fizerem um bom trabalho— Samson disse, colocando sua mão enorme no ombro de Kevin.

Fiquei com pena do garoto. Nunca falamos sobre os pais dele. Onde será que eles estavam? Moravam em Oásis? Ou será que mandavam ele para a cidade todo verão?

—Temos que ir antes que o céu comece a desabar— Samson disse, colocando a mala de novo nas costas, pegando a espingarda e abrindo a porta para sair.

Coloquei a pistola no meu bolso vazio e o cartucho extra no outro. Kevin ficou ali, parado.

—Vamos colocar o pé na estrada— olhei para ele.

—Tá tudo bem... Só preciso me concentrar primeiro.

Fui para o estacionamento, que parecia estar mais frio do que antes. A ventania aumentava, fazendo mais barulho. Um leve cheiro de chuva pairava no ar. Tentei pensar, mas não conseguia me lembrar de outra tempestade desde aquela que havia causado a inundação há cerca de dois anos. Quando chovia em Oásis, caía o mundo para valer. A coisa podia ficar feia lá fora bem rapidinho.

Todo mundo ficou junto dos seus respectivos grupos. O pessoal estava pálido e morrendo de medo, menos Samson e Dale. E eu. Decidi que não tinha tempo para ter medo. Precisava ser forte mental, emocional e fisicamente. Aquelas sessenta pessoas dependiam de mim e não eu não queria decepcionar ninguém.

Naquele momento, senti o que sentira várias vezes antes. Trabalhando no pronto-socorro, ficava assim quase todos os dias, sempre que uma nova vítima entrava na sala, cada vez que os parentes entravam em pânico e dependiam de mim para manter seus entes queridos vivos.

Nesse tipo de situação, eu sempre tinha que ser forte. Não tinha outra alternativa. Não me encaixara em nenhum grupo desde que aquela loucura começara. No fundo, sabia que logo estaria sozinho outra vez, mas isso não tinha importância. Tinha trabalho a fazer e precisava ser forte.

Samson destrancou o portão e o levantou o suficiente para todo mundo poder passar agachado pela abertura. Achei que, mesmo com o vento soprando lá fora, ele não quisera atrair os mortos-vivos com muito barulho.

Kevin começou a apertar o passo, quase começando a correr de leve. Passou por mim e foi na direção de Kim. Ela o abraçou e beijou.

—Vai me desejar sorte, vizinha?— dei uma piscadinha para Linda quando passei por ela.

Linda respirou fundo e fez que sim com a cabeça. Parecia que ia chorar se começasse a falar alguma coisa. Lily estava se escondendo atrás dela e eu não me

dei ao trabalho de dar tchau.

Passei por baixo do portão. Kevin estava logo atrás. Parecia um novo homem, cheio de auto-confiança e energia.

—Dá uns dois minutos para a gente ir na frente— disse para Samson. —Vai ser uma bela caminhada para vocês e nós dois vamos andar bem rapidinho.

Marchamos rampa acima, indo direto para a calçada. Como se pressentisse a nossa chegada, um relâmpago iluminou o céu e o trovão rugiu segundos depois. Parecia que uns quarenta mortos-vivos estavam reunidos do outro lado do hotel, fazendo pressão uns contra os outros ao redor da porta, se arranhando e pisoteando para tentar entrar.

O céu estava nublado e escurecia rapidamente. O vento frio era de gelar os ossos. Poucos mortos-vivos solitários perambulavam pelo estacionamento e pelas ruas, arrastando os pés na direção geral da entrada do hotel. Tive a sensação de que nem perceberiam a nossa presença, mas ainda não queria dar motivo para eles nos verem.

Começamos a correr em direção à praça com a fonte. “Oásis” não era apenas um nome bonitinho para uma cidade no meio do deserto: ela fora construída literalmente ao redor de uma pequena fonte natural transformada, mais tarde, em uma fonte decorativa. A praça da fonte sempre fora chamada de o centro da cidade, apesar de não estar no meio do mapa, e ficava a dois quarteirões do hospital. Corremos sem parar.

Eu me lembrei de como sempre tivera a impressão de que vários olhos estavam me observando no meio da rua desde quando deixei meu apartamento há tantos dias. Sempre parecia que alguém estava me olhando por cada janela. Agora só havia o vazio. Cada casa estava vazia, cada porta fora arrombada, cada janela estava desocupada e cada edifício estava em ruínas.

Fiquei me perguntando para onde todo mundo havia ido. *Estão todos infectados?* Sabia que a resposta certamente era sim. Só não sabia para onde eles tinham ido depois de o vírus tomar conta dos seus corpos.

As ruas estavam desertas. Vimos somente um grupinho de mortos-vivos desde que nos distanciamos do hotel. Viramos a esquina e a praça da fonte apareceu no nosso campo de visão. Como o resto da cidade, estava vazia.

Olhei para a rua que passava na frente do hospital. Foi então que descobri parte da resposta para a pergunta que não queria calar. Era para lá que os mortos-vivos haviam ido.

Conforme seguimos em frente, uma coisa ficou bastante clara: nossa tarefa de criar uma distração seria mais difícil do que eu imaginara.

52 — A tempestade

Outra trovoadra fez o chão tremer. Algumas gotas de chuva começaram a dançar ao vento. A temperatura caía rapidamente. Até o clima estava contra mim.

Passamos pela agência dos correios e passamos a ir mais devagar. Adiante, homens e mulheres infectados formavam várias panelinhas, parados no meio da rua, só esperando. Quando chegamos ao posto do corpo de bombeiros, finalmente enxergamos melhor a situação. A grande quantidade de mortos-vivos espremidos ao redor do hospital era impressionante. Homens, mulheres e crianças com olhares vazios se apinhavam a caminho do hospital.

—Como é que a gente vai distrair tantos assim?— Kevin perguntou, virando-se para mim por um momento. —Deve haver uns trezentos ou quatrocentos deles.

—Provavelmente mais.

Outra trovoadra e a chuva apertou. A cada passo, Kevin e eu podíamos ver mais mortos-vivos batendo nas portas e paredes. Estavam por toda parte. Era como um mar da morte. Nenhum deles notou a nossa presença, pois sentiam-se atraídos pelo hospital, como imã e metal. A pressão da multidão deveria estar esmagando alguns mortos-vivos contra o edifício.

Mais alguns passos e vimos a fachada do hospital. Era pior do que imaginávamos. O local estava tomado.

—Alguma ideia?— Kevin olhou para mim outra vez.

Olhei para o hospital e para o supermercado no outro lado da rua. Foi aí que me veio a luz. Sabia como distraí-los.

—Para falar a verdade— disse, colocando a mão no ombro de Kevin, —tenho uma ideia sim. Preciso que você volte e diga para Samson que eles precisam levar todo mundo para a rua que passa logo atrás do hospital. É a Johnson Street.

—E o que você vai fazer?

Olhei para a fonte. Vários mortos-vivos estavam nos seguindo. O posto dos bombeiros me chamou a atenção.

—Fala para todo mundo ficar de olho em mim— eu disse. —Vou estar com um uniforme de bombeiro. Agora vai!

Kevin hesitou por um momento, então seguiu na direção de onde viemos. A chuva estava caindo forte e o vento não tinha melhorado. *Sozinho outra vez.* Balancei a cabeça. Não tinha tempo para ficar com pena de mim mesmo.

O posto dos bombeiros não estava tão longe e parecia tão vazio quanto qualquer outro prédio. Achei que estaria seguro por um instante. Esse fora meu

erro... Uma das portas da frente não estava trancada. Entrei sem rodeios. Não encontrei nada de estranho na entrada. Não tinha certeza de qual porta lateral levava à garagem. Tinha uma porta trancada, mas o trinco estava do meu lado. Nem parei para pensar que a porta de entrada estava aberta, mas aquela fora trancada.

Contra a parede estava um armário de metal aberto, com o uniforme amarelo pendurado dentro. *É isso aí.* A chuva batia contra as portas verticais da garagem. O barulho era tão alto que eu nem consegui ouvir meus passos ecoando quando corri até o armário. Como é que eu poderia ouvir então o arrasta-pé de um infectado se aproximando? Pois é, não ouvi... E ele me pegou de surpresa. Quando fui tomar emprestado um dos casacos amarelos na prateleira, vi algo se movimentando pelo canto do olho. O morto-vivo estava a poucos metros de distância, com os olhos vazios olhando para o nada.

Ele se agachou e, seguindo meus instintos, eu me virei e levantei os braços. Ainda estava segurando o casaco, que foi o que salvou a minha vida. O morto-vivo deu o bote e eu dei meio passo para trás. Ele caiu sobre mim com todo seu peso do seu corpo e eu perdi o equilíbrio. Nós dois fomos para o chão.

Puxei o casaco, tentando tirá-lo da minha cara junto com o infectado. Ele era pesado e deveria pesar uns cinquenta quilos mais do que eu. Ele agarrou meus braços e eu mal conseguia respirar com todo aquele peso em cima de mim. Foi aí que eu senti um beliscão horrível no meu antebraço. *Ele tá me mordendo!*

Empurrei com mais força, usando os braços e as pernas. Por incrível que pareça, isso foi o suficiente. Ele foi para um lado, ainda agarrando o casaco amarelo. Eu me virei para o outro lado e me levantei depressa. O morto-vivo continuava no chão e se esticou para me agarrar. Eu dei-lhe um chute para ele soltar a minha calça.

Dei dois passos para trás e o homem infectado rolou no chão. Tentei pegar a pistola no meu bolso. O morto-vivo se apoiou em um joelho. Eu estava com a pistola em punho quando ele se apoiou no chão de cimento e tentou me agarrar outra vez. Puxei o gatilho e ouvi duas trovoadas. A cabeça do morto-vivo se inclinou para trás e o corpo se espatifou no chão aos meus pés. Respirei fundo e dei outro passo para trás. *Essa foi por pouco.*

Olhei ao meu redor, mas não vi nenhum outro movimento. *Que idiota!* Pelo que entendi, o cara deve ter sido trancado na garagem depois que os outros bombeiros descobriram que ele estava infectado. Provavelmente tivera que encarar a morte sozinho, em completa agonia.

Fiquei um pouco triste por ele, que tinha sido um bombeiro, um herói, antes de o vírus lhe roubar a vida. Agora estava ali, deitado no chão de cimento sobre uma poça do próprio sangue. *Será que o vírus também vai roubar a minha vida?* Olhei pra o meu antebraço. Uma mancha roxa feia estava se formando, mas o casaco havia me protegido. Ele não penetrara a minha pele.

Passei pelo bombeiro caído e votei para o armário. Peguei outro casaco, um capacete e um par de luvas. Guardei a pistola em um dos bolsos da minha calça e coloquei o uniforme. Havia vários machados presos na lateral do carro de bombeiro, então peguei um e fui em direção à porta.

A chuvarada lá fora continuou caindo forte e enchendo a rua. Saí correndo. Os mortos-vivos pareciam não se importar com a chuva e continuavam esperando por uma chance de passar o vírus para a próxima vítima.

Corri para o supermercado e entrei pela porta lateral. A chuva parecia deixar o uniforme mais pesado. Tirei as luvas, abri o casaco e procurei no bolso a chave que Beth havia me dado. Dois mortos-vivos me viram e começaram a vir para cima de mim. Peguei a chave, coloquei na fechadura e torci para conseguir abrir a porta.

53 — Um desconto daqueles

O vento soprava forte e a chuva caía sem misericórdia em cima de mim. Minha mão tremia enquanto tentava colocar a chave na fechadura. Os mortos-vivos continuaram marchando, se aproximando a cada instante. *Menos de cinco metros de distância.* A chave finalmente entrou na fechadura e eu a virei de um lado para o outro.

Um dos mortos-vivos levantou o braço. A fechadura finalmente se abriu e a chave se virou. O morto-vivo mais próximo se agachou para dar o bote. Coloquei a luva e entrei. O infectado se jogou para cima de mim e deu de cara com a porta aberta. Consegui me equilibrar outra vez. O peso do morto-vivo fechou a porta e lá estava eu na escuridão novamente. Não tive tempo de ver pra onde aquela porta ia dar.

Os mortos-vivos lá fora batiam à porta. Ouvi outro ruído. *Será que foi a minha imaginação?* Meu coração começou a bater acelerado e dei um encontrão em uma mesa com uma cadeira antes de achar a parede. Fui tateando e encontrei uma pia e uma geladeira. *Deve ser a sala de intervalo dos funcionários.* Continuei tentando me localizar no escuro. *Será que virei pro lado errado?* Como se o tempo lá fora quisesse responder a minha pergunta, a luz prateada de um relâmpago brilhou atrás de mim e a chuva começou a fazer muito mais barulho. Eu me virei. A chave!

Um dos infectados havia aberto a porta. Como alguns dos mortos-vivos no hotel que se lembravam de como subir escadas, este sabia virar uma chave para destrancar a porta. Olhei por cima do meu ombro e vi que a porta por onde eu poderia escapar estava a poucos metros de distância.

Outro relâmpago iluminou o céu lá fora. Coloquei a mão coberta pela luva na maçaneta e empurrei a porta, que se abriu facilmente. Claraboias mal iluminavam a parte principal do supermercado. Olhei para trás e vi que três mortos-vivos molhados haviam entrado na sala. *Não tenho tempo.*

Olhei para a maçaneta na minha mão. *Será que eles também vão se lembrar disto?* Dei um passo para o lado, levantei o machado e desferi o golpe. A maçaneta ficou amassada, mas não se quebrou. Senti um aperto no coração. Os mortos-vivos estavam próximos demais para eu tentar outra vez. Só me restava esperar que a maçaneta retorcida fosse o bastante para detê-los por uns instantes.

Fechei a porta depois de entrar e deixei a sala dos funcionários. A porta se fechou rapidamente, batendo com força e tremendo contra o batente. *Não vai ficar fechada por muito tempo.*

Dei dois passos adiante, olhando ao meu redor. Não notei nenhum movimento, mas isso não queria dizer que estava são e salvo. Não poderia ouvir se um infectado estivesse arrastando os pés na minha direção, pois a chuva batia no telhado de metal, fazendo um barulho infernal. Além disso, o capacete não me permitia olhar pelo canto dos olhos. Precisava ficar atento. Um dos mortos-vivos bateu na porta que eu havia acabado de fechar. Parecia que a madeira estava prestes a se partir ao meio.

Corri pelo corredor em direção à porta da frente, onde eu sabia que deveria haver um carrinho de compras. A porta atrás de mim rangeu outra vez. O casaco e o capacete começaram a pesar. Fiz o possível para ignorar o cansaço. O uniforme ia me proteger contra o que eu estava prestes a fazer.

Ouvi um ruído ecoando pelo supermercado. *Eles devem ter quebrado a porta.* Agarrei um carrinho e corri para o corredor central do supermercado.

Eu havia feito compras ali várias vezes depois de sair do trabalho. Esperava que pudesse me lembrar de onde tudo ficava. Sabia que estava fazendo bastante barulho, mas isso já não importava mais. Se eu não fizesse aquilo bem rapidinho, eles iriam me rodear nos corredores e eu nunca mais teria uma chance de seguir com o meu plano.

No fim de um dos corredores, encontrei o que procurava: utensílios para piquenique. Olhei para trás. Três mortos-vivos estavam arrastando os pés no corredor central, vindo na minha direção. *Quantos mais vão vir atrás deles?* Virei a esquina. Eles não iam demorar muito. Ao lado dos utensílios para piquenique, eu vi o que queria.

Joguei o machado no carrinho, tirei as luvas e as coloquei no assento para criança. O barulho da chuva no telhado parecia ficar cada vez mais intenso. Estiquei o braço para alcançar a prateleira mais alta e peguei dois sacos de carvão, além de algumas latinhas de fluído para isqueiro.

Os mortos-vivos estavam se aproximando. Peguei um pacote com vários isqueiros. Minhas mãos tremiam de frio, medo e frustração enquanto tentava abrir o pacote. O primeiro dos mortos-vivos virou a esquina. Finalmente rasguei o pacote e os isqueiros caíram no chão.

Empurrei o carrinho pelo corredor. Outro morto-vivo virou a esquina, sem parar de olhar para o nada diante dele. Agarrei a última latinha de fluído da prateleira e o terceiro morto-vivo virou a esquina. Abri a tampa da latinha e me abaixei para pegar um isqueiro. Um dos mortos-vivos fez um barulho de gargarejo. Segurei o isqueiro e apertei o spray. O cheiro forte de fluído entrou pelas minhas narinas.

Os mortos continuavam andando com seus corpos desfigurados. Eu me afastei e deixei ar entrar novamente na latinha. Apertei o spray outra vez. O morto-vivo que estava à frente do trio pisou na poça de fluído que eu havia acabado de jogar no chão. Da terceira vez, apertei ainda mais e um pouco de fluído molhou a camisa

manchada de sangue que a mulher infectada estava vestindo.

Acendi o isqueiro e me encolhi, porém sem parar de jogar o fluído na direção deles. A mulher levantou a mão toda dilacerada. Aproximei a chama do fluído e a tocha a jogou no chão. Ela não começou a se mexer diferente com todo aquele fogo subindo-lhe pelas pernas e se alastrando pela camisa dela.

Apertei o spray da latinha outra vez, ateando fogo nos rolos de papel toalha na prateleira ao meu lado. O fogo na mulher infectada se apagou rapidamente porque ela estava molhada de chuva. Acendi o isqueiro outra vez e comecei a queimar mais rolos de papel toalha. As chamas se acenderam outra vez, queimando o plástico e chegando ao papel.

Apertei o spray da latinha pela última vez, molhando tudo que estava ao redor dos rolos de papel. O fogo começou a consumir a prateleira inteira. Olhei para trás para ver os mortos-vivos. Eles haviam se virado para as chamas crescentes. Minha única esperança era que o fogo continuasse ardendo.

O fogo começou a se alastrar pelo corredor em ambas as direções. Corri, tentando colocar as luvas e empurrar o carrinho ao mesmo tempo. Era mais difícil do que eu esperava. Ouvi várias explosões pequenas atrás de mim. Esperava que fosse o suficiente para queimar o supermercado inteiro, mas não tinha certeza de quanto cimento e metal arderiam no fogo. Por isso eu precisava seguir em frente.

Não havia nada tentando bloquear as portas de correr na entrada do supermercado. Acontecera tanta coisa desde o começo da crise que ninguém fechou o estabelecimento como deveria. As portas eram feitas de vidro, com estrutura de metal. Olhei pelas janelas e vi que o mundo estava desabando lá fora. Do outro lado da rua, milhares de mortos-vivos andavam ao redor do hospital. Rezei para que o fogo fosse o suficiente. A vida de dezenas de pessoas dependia daquilo.

Eu me virei para o carrinho e tirei o machado debaixo dos sacos de carvão e das latinhas de fluído para isqueiro. Levantei o machado e dei um golpe com toda força contra a porta. Fiquei satisfeito quando o vidro se estilhaçou do outro lado na calçada. O vento gelado entrou pelo buraco com quase a mesma fúria. Dei outro golpe e mais outro até ter tirado vidro e metal suficiente para sair com o carrinho.

Saí no temporal e na ventania. Levantei o carrinho e comecei a puxá-lo. Tive que fazer mais força do que esperava, mas finalmente consegui tirá-lo porta afora. Olhei para o estacionamento. Pelo menos uns quatrocentos mortos-vivos haviam visto e ouvido aquela comoção em meio à tempestade. Eles estavam espalhados e caminhando na minha direção.

Fui para trás do carrinho e corri como louco na direção da primeira coisa que eu vi e na qual poderia atear fogo. Era o mesmo local para a onde a minha curiosidade havia me levado depois do meu último dia no trabalho: a unidade móvel branca usada pelos vilões para dar início àquele apocalipse viral.

54 — Incêndio e agressão

Nuvens escuras e carregadas bloqueavam grande parte da luz do sol. Um relâmpago iluminou o céu e o trovão ecoou pelas ruas. A chuva começou a cair forte, abafando grande parte dos ruídos, com exceção dos mais altos. A unidade móvel nova estava parcialmente coberta por um toldo de plástico de quarentena, que havia sido rasgado pela tempestade.

Meus pés já estavam ensopados. O uniforme de bombeiro parecia pesar mais a cada instante. Estava exausto e com fome. Mesmo assim, não tinha como desistir.

O estacionamento estava repleto de escombros. Uma fita de isolamento da polícia havia sido colocada em volta da unidade móvel. Os mortos-vivos mais próximos que eu enxerguei do outro lado do estacionamento não estavam se movendo rápido o suficiente. Tinha certeza de que poderia entrar e sair de pelo menos uma das unidades móveis sem ter nenhum em contato físico com um deles.

O carrinho rasgou a fita da polícia. Larguei o carrinho e segurei firme o machado. A chuva abafara bem o barulho do carrinho batendo nas escadas da unidade móvel. Subi os degraus correndo, puxei um pedaço da cobertura de plástico e agarrei a maçaneta da porta, mas as luvas de proteção, desajeitadas, não me deixavam agarrá-la bem. Não dava para eu saber se a porta estava trancada ou se eu simplesmente não estava conseguindo virar a maçaneta.

Olhei ao meu redor. Ainda tinha tempo suficiente. Tirei a luva e virei a maçaneta outra vez. Destrancada. *Pelo menos não preciso arrombar a porta.* Entrei. Papeis haviam sido jogados de cima da mesa, cadeiras estavam caídas e no chão se encontravam várias seringas cheias do líquido marrom que transmitia o vírus, a dor, a morte. Porém, não havia paz na morte trazida por aquele líquido. Nem tranquilidade para os restos mortais das vítimas.

Dei de ombros. Não tinha tempo a perder. Peguei uma lata de lixo e a usei para manter a porta aberta. O carrinho estava a apenas alguns passos da escada. Joguei o machado dentro do carrinho, peguei um saco de carvão e uma latinha de fluído para isqueiro.

Nunca fui um incendiário, mas achei que um saco de carvão em um canto e uma quantidade generosa de fluído para isqueiro dariam conta do recado. Logo, tudo estava preparado e eu tirei a luva para procurar o isqueiro no meu bolso. Fiquei me perguntando se os infectados ainda estavam longe e se continuavam vindo na minha direção. *Claro que sim. Não tem nada para distraí-los.*

Acendi o isqueiro e aproximei a chama do chão. O fogo correu pelo carpete

onde eu havia jorrado o fluído para isqueiro. O saco de carvão se acendeu e o papel de parede atrás dele se escureceu. Tudo estava pegando fogo. Guardei o isqueiro novamente no bolso e coloquei as luvas outra vez.

A unidade móvel já estava repleta de fumaça. Abri mais a porta para sair. Fui descer os degraus e congelei. No pé da escada estava um infectado com as calças rasgadas, sem camisa e três arranhões profundos no rosto. Ele havia tirado o carrinho do caminho e estava com um pé no primeiro degrau. Meu sangue se congelou nas minhas veias. *De onde foi que ele saiu?*

Ele agarrou o ar, tentando me pegar. Dei um passo para trás e bati no corrimão. Ele se agachou. Eu agarrei o corrimão e pulei. A mão do morto-vivo tocou o meu pé e eu acabei me debruçando no corrimão. A queda foi feia... Torci o tornozelo e caí de cara no chão. Não tinha tempo para sentir dor. A chuva continuava caindo. Fiquei de pé.

O morto-vivo nos degraus da unidade móvel se virou na minha direção. Agarrei o carrinho e ele tentou me pegar outra vez. Pulei na hora certa para ficar fora do alcance dele. Sabia que podia correr mais rápido do que ele, mas não queria me arriscar, porque ele poderia acabar bloqueando minha escapada da unidade móvel, que já estava em chamas. Precisava detê-lo ali, naquele mesmo momento.

A primeira coisa em que pensei foi na arma no bolso da minha calça. *Vai demorar muito...* A segunda coisa em que pensei foi no machado. O morto-vivo desceu do degrau. Peguei o machado. O homem infectado esticou o braço esquerdo e parecia que a mão dele havia sido mastigada. *Ele não é um homem infectado. Não é mais homem.* Havia se transformado em uma “coisa”, uma pilha de carne e osso se movendo por aí para transmitir a doença. *Nada mais do que um zumbi.*

Levantei o machado.

—Nada mais do que um zumbi.

Ele não demonstrou ter nenhum reflexo. Não tentou se esquivar ou se proteger. Dei-lhe um golpe forte, estraçalhando o crânio, cortando o tecido e enfiando o machado profundamente na cabeça do morto-vivo. Ele deixou de avançar e começou a ter convulsões, como se todos os seus músculos estivessem tentando movê-lo em várias direções.

Puxei o machado, mas ele não se desprende da cabeça e só desequilibrou o cadáver, que caiu para frente. O peso adicional fora suficiente para tirar o cabo do machado das minhas mãos. Dei um pulo para trás e o morto-vivo foi ao chão. Tentei agarrar o machado outra vez, mas o corpo continuava de debatendo. O sangue e a chuva formaram uma poça ao redor da cabeça dele. Puxei o machado para cima e para baixo, livrando-o daquele crânio macabro.

Os mortos que havia visto antes continuavam avançando, mas ainda estavam longe. O que estava no chão, que eu não havia visto, provavelmente estivera atrás da

unidade móvel.

Coloquei o machado novamente no carrinho e corri para a unidade móvel da Cruz Vermelha que estava mais próxima. Olhei rapidamente para o supermercado. A luz do fogo queimando lá dentro dançava do outro lado das vitrines. A fumaça estava saindo por vários pontos do telhado. Esperava que aquilo fosse o suficiente.

Agarrei o machado e subi correndo os cinco degraus diante da porta da unidade móvel da Cruz Vermelha. Sabia que esse com certeza estaria trancado. Dei um golpe na porta com o machado manchado de sangue. A batida fez um barulho alto e a porta de metal ficou um pouco amassada, mas não se abriu. Dei outras cinco machadadas. A porta se amassava e cedia um pouco a cada golpe, mas não o bastante. Não conseguiria entrar. Olhei à minha volta para analisar as minhas alternativas.

Os mortos-vivos mais próximos chegariam até mim em dois minutos, três no máximo. Outro grupo pequeno estava vindo na minha direção também. O fogo na primeira unidade móvel e no supermercado estava crescendo, mas eu precisava me garantir. Desci os degraus e me preparei para a minha próxima jogada. As duas unidades móveis da Cruz Vermelha estavam lado a lado e eram alimentadas por um botijão de gás grande, que ficava bem no meio. Agarrei o carrinho e fui em direção ao botijão.

55 — Fogo e chuva

O carrinho balançava e tremia conforme deslizava pelo estacionamento. O casaco de bombeiro pesava mais a cada passo. Minhas meias e meus sapatos estavam ensopados. Acima de tudo, eu sabia que o meu plano não tinha muita chance de dar certo.

Levantei o botijão e me lembrei de Max Cooper quase se matando ao atirar em um botijão muito menor do que aquele. Max não sabia que o botijão não pegaria fogo com um tiro, mas acabaria sendo lançado como um míssil para quebrar seu braço e nocauteá-lo. Ele teria morrido no meio da rua se eu não estivesse lá para ajudá-lo. *Não tenho ninguém pra me ajudar...*

A chuva continuava caindo e as pequenas poças estavam se unindo para formar uma camada de água sobre a rua. O chão não estava seco ao lado do botijão de gás, mas pelo menos um dos lados estava protegido da chuva direta. Não esperava mesmo que aquilo desse certo, mas não tinha outra escolha. Precisava fazer alguma coisa. Os mortos-vivos mais próximos não estavam no meu campo de visão, mas sabia que se aproximavam a cada instante.

Tirei o segundo saco de carvão do carrinho e o coloquei ao lado do botijão de gás alto, que parecia uma salsicha. Usei o machado para abrir o saco e expor um pouco do carvão. Esvaziei quase duas latas de fluído para isqueiro por cima do saco e do carvão molhado. Deixei as duas latas que sobraram em cima do carvão, só para ter certeza.

Antes de acender o fogo, olhei ao meu redor para calcular a minha escapada. O interior da primeira unidade móvel estava totalmente em chamas. O interior do supermercado era o próprio inferno. Fumaça espessa e negra emanava por todas as saídas possíveis e imagináveis. Porém, poucos mortos-vivos haviam notado o incêndio. Somente vinte ou trinta deles estavam se afastando do hospital. Uns dois estavam vindo na minha direção.

Senti um nó no estômago quando tive que decidir para onde correr após acender o fogo. *Deveria voltar para as ruas e encontrar outro abrigo? Ir para o deserto? Para o hospital?* Estava cansado de me sentir sozinho, mas havia uma horda inteira de zumbis entre mim e os meus conhecidos. E quem podia garantir que eu encontraria outro abrigo seguro para dormir se voltasse para o centro da cidade? Certamente ninguém abriria a porta para mim àquela altura do campeonato e eu não tinha equipamento ou suprimentos para ir para o deserto. *Para o hospital então.*

Tirei a luva e acendi o isqueiro. Só me restava rezar para que aquilo desse

certo. E a chuva não parava. Abaixei o visor do capacete de bombeiro, me agachei e encostei a chama no saco de carvão. Uma bola de fogo pulou sobre mim. Derrubei o isqueiro e caí para trás. O fluido para isqueiro estava ardendo. Levantei a sobancelha e fiquei observando a chama dançando. *Será que o saco cheio de carvão úmido vai continuar ardendo?* No momento, parecia o suficiente. Respirei aliviado. *Primeiro passo concluído.*

Eu me levantei, peguei a luva e o machado e os coloquei debaixo do meu braço esquerdo. Com a mão direita, peguei a pistola Glock calibre 40 que Samson havia me dado. Eu me virei para ver quanto tempo ainda tinha. A uns três metros estava uma morta-viva vestindo o que restava do seu pijama. Os cabelos compridos e a roupa estavam molhados pela chuva e grudados ao corpo que uma vez havia sido bonito. Meu coração praticamente parou. *De onde foi que ela saiu?*

Havia ficado tão entretido com o incêndio que a falta de atenção quase me custara a vida. Ela deu outro passo sem jeito na minha direção. Girei o meu braço direito e levantei a pistola. Ela continuou olhando para o nada com o olhar vazio. Fiz o possível para me lembrar de que ela não passava de um saco de pele e osso controlado por um vírus horrível. Apertei o gatilho duas vezes. Os tiros pareciam mais um trovão. Tentei não olhar para a carnificina na minha frente.

A porcaria da chuva continuava caindo forte. Corri vários metros para me afastar do cadáver. *Espero que isso seja distante o suficiente.* O pequeno fogo continuava ardendo, mas não parecia forte o suficiente. Levantei a arma e tentei fazer a minha mão parar de tremer. Apertei o gatilho. Um *ping* ecoou atrás de mim e ouvi um assobio. *Alto demais.* Atirei outra vez. As chamas subiram um metro e meio no ar por um momento. *Provavelmente atirei na lata de fluido para isqueiro.*

Apertei o gatilho outra vez. Talvez os danos anteriores aumentaram as chamas temporariamente, mas talvez eu tivesse tido mesmo sorte com o tiro. Era difícil de saber. Só tinha certeza de que havia funcionado. O botijão se esfaqueou e uma bola de fogo gigante explodiu, expandindo-se e subindo no ar. O estrondo fez o chão tremer mais do que qualquer trovada trazida pelo temporal. Os projéteis fizeram as unidades móveis explodirem e eu caí de bunda no chão.

Os escombros atingiram a primeira unidade móvel e fizeram um buraco. O fogo que ardia lá dentro dobrou de tamanho com o aumento no fluxo de oxigênio. As chamas atingiram o céu. Meu coração batia acelerado. Fiquei de joelhos e finalmente me levantei.

Milhares de olhares vazios se voltaram para a minha direção. Uma felicidade passageira tomou conta de mim. *Funcionou!* Coloquei a pistola de volta no bolso. A sensação, porém, logo ficou de lado diante da minha nova situação. Se quisesse sobreviver, precisava atravessar uma cidade inteira de zumbis, todos centralizados em um único local.

Aquele mar de mortos-vivos cambaleava na minha direção. *Só tenho uma coisa a fazer agora.* Eu me forcei a respirar fundo e coloquei a luva na mão direita. Não posso me render. Não queria correr o risco de emperrar um machado na cabeça de um deles outra vez, então coloquei a mão direita próxima da lâmina e a mão esquerda no cabo. *Não vai sair dando golpes a esmo, Corbin! Usa o machado para afastá-los.*

Não tinha a mínima pressa de me encontrar com a multidão diante de mim, então caminhei o mais devagar possível. *Além do mais, quem sabe eles não se afastam para eu poder passar ou se aproximam mais ainda para eu dar a volta?*

Apesar da roupa pesada, tremia da cabeça aos pés. Parecia uma eternidade desde que estivera ali, de pé naquele banco, assistindo os mortos-vivos levando tiros ou sendo jogados da janela do hospital. Aquele havia sido o dia em que Oásis morrera. E lá estava eu novamente naquele banco, tentando ver qualquer sinal de que Samson e os outros sobreviventes do hotel estavam a caminho. A horda de mortos-vivos não estava muito longe.

Na distância, vi a prova pela qual estava procurando. Dois homens carregando escadas enormes correram para a lateral do hospital, que agora estava desobstruída. Colocaram as escadas contra a parede, logo abaixo das janelas do segundo andar. Assim que as escadas estavam posicionadas, uma multidão saiu da drogaria do outro lado da rua e começou a subir. *Deu certo!*

Senti uma força renovada entrando pelo corpo. Eu havia conseguido. Eles estavam entrando no hospital. *Um último teste.* Levantei o machado acima da minha cabeça e gritei.

A chuva abafou os meus gritos, mas um dos sobreviventes me viu e deu um tchauzinho. Pulei do banco e fui em direção ao que parecia ser o menor grupo de zumbis. A cada passo, começava a me mover mais rapidamente. Antes de entrar em contato com um deles. Logo comecei a correr.

Meu alvo era um espaço entre dois adolescentes infectados. Eles caíram como pinos de boliche, mas a multidão mortal me engoliu. Mãos me agarraram, dentes me morderam e corpos colidiram contra mim. Balancei o machado da esquerda para a direita, abrindo um pequeno caminho para ter onde pisar.

Algo pesado bateu contra o meu capacete. Gritei e empurrei com mais força. Pelo casaco de bombeiro, que era espesso, senti um beliscão no meu bíceps esquerdo. Livrei meu braço da boca infectada. Alguma coisa arrancou o machado da minha mão. Dei um soco em um zumbi com o punho pesado.

Uma morta-viva bastante cheinha colocou seus braços ao meu redor. Dei-lhe um chute no joelho, que cedeu fazendo um ruído, como se os ossos tivessem quebrado, e o peso a empurrou para trás. Abaixei meus cotovelos com força, o que foi suficiente para me livrar do abraço dela.

Empurrei a multidão com força e eles me empurraram de volta. Dois mortos-vivos agarraram o meu braço direito. Torci e retorci o meu braço para me livrar deles. Estava perdendo as forças rapidamente. Não conseguiria continuar lutando por muito tempo. Precisava sair dali.

Um morto-vivo horripilante pulou e mordeu a minha cara. A boca dele só encontrou o meu capacete. Lama, sangue e saliva se espalhavam pelo meu visor. Dei um soco nos braços que tentavam me agarrar. Uma mão grande agarrou meu ombro esquerdo. Perdi o equilíbrio e caí de joelhos. Senti outro golpe no capacete e tentei me levantar com as últimas gotas de força que eu tinha. Não foi o suficiente para me colocar de pé.

Chegou a hora.

Eu seria pisoteado pela multidão ou acabaria infectado e abandonado. Minha sina era morrer no estacionamento do hospital onde havia salvado uma centena de vidas. Pensei na arma que levava no bolso da minha calça. Senti outras pancadas no capacete e nos ombros. Mais uma rodada de trovões em meio à chuva.

Eu vou morrer.

56 — Pressão do grupo

Inúmeras mãos estavam me batendo e me levaram ao chão. Caí de quatro. Um zumbi subiu nas minhas costas. Ouvi outra trovoadade fazer trincar os dentes. *Isso não é trovão, parece mais...* Um antebraço ferido caiu na poça à esquerda da minha cabeça. Sangue espesso, coagulado, manchou a água. Senti um embrulho no estômago.

O que foi isso? Levantei a cabeça. O zumbi que estava em cima de mim quase perdeu o equilíbrio, mas ele era grande e o peso extra me fez esfolar os joelhos no asfalto. Meu visor estava todo babado e coberto de lama. A multidão de mortos-vivos estava menor a uns três metros diante de mim, mas não conseguia ver mais nada além disso. À minha direita, vários objetos pesados estavam caindo na água.

Mudei minha posição e me virei para a esquerda. O morto-vivo caiu das minhas costas na poça de água. Havia um buraco bem no meio do pescoço dele e ele parou de se mexer. Olhei para o outro lado para ver a horda, que estava se dispersando cada vez mais, conforme grande parte da multidão ia atrás do fogo. Alguns instantes mais e a maioria havia passado por mim.

Um zumbi esquelético tentou agarrar meu capacete. Ouvi um terceiro trovão. A cabeça do zumbi explodiu e seu corpo sem vida voou para trás. Ele não era o único e havia uma fileira inteira de mortos-vivos no chão.

Virei a cabeça para o hospital e levantei o visor. Em meio ao que restava do grupo, vi um homenzarrão com a barba grisalha desgrehada abaixando sua imensa espingarda, do tipo que poderia ser usada em um safári africano para deter um elefante selvagem.

Ver Samson na chuva me deu forças. Levantei um joelho e peguei impulso no chão para me levantar, mas acabei gritando de dor ao ficar de pé. Várias mãos de mortos-vivos agarraram meu casaco e capacete. Uma pegou o meu braço esquerdo. Contraí meu ombro esquerdo para me soltar.

Samson deu um passo à frente e carregou outra bala enorme na espingarda. Só havia três ou quatro mortos-vivos entre mim e o estacionamento aberto. Empurrei um zumbi para tirá-lo do meu caminho. Samson apontou a espingarda e eu senti punhos pesados batendo nas minhas costas. Perdi o equilíbrio e quase caí para frente, colidindo com uma morta-viva. O impacto me salvou de bater com a cara no chão.

A arma de Samson rugiu novamente. Senti o impacto quando o tiro dilacerou um zumbi à minha direita. Eu estava livre. Não podia me movimentar rapidamente,

mas estava livre.

A chuva parecia estar ficando mais fina. Meu uniforme de proteção estava mais pesado do que nunca. Debaixo daquilo tudo, minhas roupas estavam ensopadas. Meu tornozelo doía demais e comecei a mancar. Mesmo assim, havia passado pela horda e ia a caminho da segurança.

Samson abriu a espingarda e carregou mais uma bala. Olhou para mim enquanto eu estendia-lhe a mão. Seu semblante estava sério, mostrando que ele estava ali para fazer seu trabalho.

—Continua andando.

—Obrigado— o meu grunhido não saiu claramente.

Ele acenou com a cabeça e me seguiu, ficando por perto. O hospital não estava longe. Haviam jogado as escadas no chão, mas tinham cordas saindo de duas janelas adjacentes. Cada uma tinha um nó corrediço na extremidade. O pessoal estava nas janelas, gritando instruções. Com a chuva e minha respiração ofegante, não conseguia escutar o que eles diziam.

A dor no tornozelo subiu pela minha perna e eu me esforcei mais. Sabia que não estava andando muito mais rápido do que os zumbis.

—Você conseguiu— Samson disse, colocando a mão no meu ombro. —Todo mundo entrou. Agora é a sua vez.

Tirei o capacete com a mão esquerda. Um trovão de verdade rugiu à distância. Fui tirar a luva da minha mão esquerda e percebi que havia perdido a luva direita naquela bagunça. *Tanto faz. Consegui passar por eles.*

Olhei por cima do ombro. Uns dez ou vinte zumbis estavam me perseguindo. Mantive meu passo. Vários mortos-vivos apareceram nas portas quebradas do hospital. A distância até as cordas era bem curta. Rolei os ombros para trás e me liberei o casaco pesado. Chegamos ao hospital e Samson colocou a mão no meu ombro outra vez.

—Aqueles idiotas derrubaram a escada. Coloca o pé que não tá machucado no laço e segura firme.

Olhei para ele e tentei agradecê-lo verbalmente outra vez.

—Bom trabalho, Corbin— ele acenou com a cabeça.

Acenei de volta e me virei para a corda. Assim que coloquei o pé no laço, o pessoal começou a me puxar. Segurei firme e a minha mão direita começou a latejar igual o meu tornozelo. Não tinha muito tempo para pensar. À minha direita, Samson estava sendo içado também. Acima de mim, começaram a gritar mais alto. Aconteceu o pior que poderia acontecer: a corda de Samson se rompeu. Alguém berrou. Olhei para baixo. Samson estava vivo, mas sua perna estava dobrada de um jeito que não devia. Quebrada.

Mãos saídas da janela agarraram meus braços. Meus olhos ficaram grudados no

que estava acontecendo lá embaixo. Samson havia se virado de lado e estava tentando se levantar. O pessoal me trouxe para dentro pela janela e me colocou no chão, voltando sua atenção imediatamente para Samson. Meu coração batia forte dentro do meu peito. Não queria acreditar no que estava acontecendo. Os mortos-vivos estavam a poucos metros de distância. Eles chegariam até ele em questão de segundos. Todos estavam gritando.

Voltei para a janela para ver o que estava acontecendo lá embaixo. *Ele precisa sair dali.* Abri passagem e consegui olhar pela janela. Samson agarrou a corda com uma mão. Com a outra, ele fechou o punho e preparou-se para dar um golpe. Seu pé ainda não estava no laço.

O zumbi mais próximo se agachou a poucos metros dele e deu o bote. Samson deu-lhe um soco. O golpe fez a cabeça do morto-vivo recuar para trás, mas não foi o suficiente para derrubá-lo. O zumbi agarrou-se à cintura de Samson. Dois caras me empurraram da janela. Mais gritos. Tentei abrir espaço, mas não tinha forças para voltar para a janela. *Isso não pode estar acontecendo!* Recuei.

Ninguém estava puxando a corda. Samson não estava subindo. Minha mão latejando me chamou outra vez a atenção. Olhei e vi que ela estava coberta de sangue, com um pedaço da carne faltando da palma da minha mão. A ferida tinha o formato oval de uma mordida.

Naquela confusão, eu acabara sendo mordido.

57 — Rumo ao desconhecido

O quarto estava apinhado de gente, o barulho era alto e o ar abafado demais, com o odor de suor das pessoas agitadas. Samson estava na rua. Não havia saída ou qualquer maneira de ele sobreviver àquilo tudo. Ele havia sido uma coluna firme que permanecera de pé após a passagem de um tornado. E ia morrer porque havia me salvado.

Não podia mais suportar tudo aquilo. Meus joelhos tremiam. O sangue sumiu do meu rosto. Minha visão estava embaçada. Tinha dificuldade para respirar. O barulho daquele quarto parecia ficar cada vez mais distante. Desabei no chão. Não cheguei a desmaiar, infelizmente, e ainda estava meio consciente quando três caras que não reconheci me carregaram para outro quarto descendo o corredor.

Minha cabeça estava a ponto de explodir. Eles me colocaram na cama e correram para pedir ajuda. Fechei os olhos e rezei para não me deixarem virar um... uma daquelas coisas. Nem sabia se alguém havia notado a mordida. Precisava permanecer acordado o bastante para me certificar de que alguém vira a minha mão. Só depois poderia desmaiar de vez.

Ouvi gente falando e gritando no corredor. Vieram para o meu quarto e ficaram me olhando deitado na cama e falando de mim. Reconheci uma ou duas vozes, mas estava exausto demais para abrir os olhos. Levantei minha mão direita. Alguém com uma luva agarrou meu pulso e eu presumi que estavam analisando a mordida.

É isso aí. Agora eles sabem. Com certeza estavam cientes de que tinham que me apagar antes de eu colocar todo mundo em perigo. Eu havia feito tudo o que estivera ao meu alcance. Só me restava perder a consciência e esperar que eles acabassem comigo da maneira menos dolorosa possível.

Infelizmente, meu sono não foi nem tranquilo e nem indolor. Fui acometido quase que imediatamente por um pesadelo violento. Acordei assustado e meu cérebro parecia estar pegando fogo. Um gemido tomou conta do silêncio e demorei um pouco para me dar conta de que o som saía dos meus lábios.

Tentei abrir os olhos, mas a luz fraca que entrava pelas janelas do quarto pareciam adagas no meu crânio. Alguém no quarto falava em me manter hidratado e deixar eu descansar. *O que é que eles ainda estão fazendo aqui? Por que eu ainda estou aqui? Eles não entenderam que eu fui infectado?* Tentei levantar o braço de novo. Alguém pôs a mão no meu braço.

—Tá tudo bem, Corbin. Dorme um pouco.

Caí no sono outra vez. Comecei a sonhar de novo, porém não via mais imagens.

Parecia mais uma batalha. O vírus estava na minha mente, preenchendo o vazio, engolindo cada pensamento, como se quisesse esvaziar minha cabeça. Lutei conscientemente contra aquela invasão que queria levar as minhas lembranças. Pensei na faculdade, no colégio. O vazio começava a aumentar. Eu me lembrar de alguma coisa e logo perdia o fio da meada, me esquecendo da história em que estava tentando pensar. Não havia mais motivo para tentar dormir. A dor na mão martelava na minha cabeça. Logo não poderia mais me concentrar nas minhas memórias. Existiam apenas dor e vazio.

De tempos em tempos, alguém entrava para me dar uma injeção. Não fazia ideia de há quanto tempo estava deitado ali, passando por aquele tormento. Parecia uma eternidade.

O vazio que me dominava a mente e se expandia tão rapidamente começou a desacelerar. Sabia que a minha mandíbula estava tensa. Sabia que estava gemendo. Sabia que estava me virando para lá e para cá na cama. Sabia que lágrimas escorriam pelo meu rosto. Nada disso estava sob o meu controle. Estava impotente, sozinho e à beira da morte.

O incômodo, o fedor, o calor e a solidão do armazém onde havia me escondido dias antes parecia um paraíso em comparação à agonia que dilacerava minha mente e meu corpo naquele momento. A dor era insuportável. Finalmente desisti daquela luta psicológica. Estava desesperado para morrer logo. Havia sobrevivido a muita coisa que a vida me trouxera, desde falsas acusações até uma queda escada abaixo, passando pela falta de sono acumulado, desidratação, socos e pontapés. Eu era um sobrevivente, mas não sobreviveria diante disso.

Senti um nó no estômago. Não queria morrer, mas não podia fazer mais nada. O nó ficou cada vez mais apertado, causando uma dor quase tão forte quanto a que martelava na minha cabeça. Fiquei na posição fetal. Os músculos do estômago estavam se contraindo ainda mais. Não conseguia suportar. Abri a boca para tentar gritar, mas não tinha fôlego o suficiente. Tudo dentro de mim estava em convulsão.

Eu me esforcei para respirar, mas não entrava ar suficiente nos meus pulmões. Minha garganta ardia. Comecei a vomitar. Como não tinha comida nenhuma no estômago, só saia biliar. O líquido amarelo ardente me subiu pela boca e pelo nariz. Minhas narinas e a garganta estavam queimando. Primeiro o vômito jorrava, depois a ânsia continuou vindo, mas sem nada para mais para vomitar. Tentei respirar entre uma ânsia e outra. Finalmente as convulsões diminuíram, deixando somente a sensação de queimação e o fedor.

Estava fraco e cansado demais para tomar qualquer atitude. Fraco e cansado demais para fazer qualquer coisa.

Após horas de tormento, um alívio estranho tomou conta da minha consciência. Eu me rendi à escuridão que me engolia.

Então é assim que a gente se sente ao morrer?

58 — Descanso e recuperação

Estava ofegante quando abri os olhos. Parecia que a minha cabeça finalmente havia emergido da água depois de alguém ter tentado me afogar.

—Não faz assim!

Um par de sapatos vermelhos estava aos pés da minha cama, acompanhado por um jovem sentado em uma cadeira próxima de mim. Seus olhos estavam arregalados, como se ele tivesse visto um fantasma.

—Tá tentando me matar de susto?

—Bom dia pra você também— respondi, tentando erguer meu tronco nos cotovelos.

—Puxa, você tá...— ele respirou aliviado. —Como você tá se sentindo?

—Dá pra abrir a persiana.

Ele se levantou e deixou a luz entrar no quarto, que estava quente e úmido. Porém, o céu não apresentava nenhum traço da tempestade que havia castigado a cidade. Meu corpo estava todo dolorido, mas eu me sentia ótimo por estar vivo.

Tinha uma agulha grudada na minha mão esquerda, mas o tubo intravenoso de poucos centímetros não estava ligado a nada. A minha mão direita, que havia sido mordida, estava enfaixada e já não latejava mais de dor.

—Então... como é que você tá?— Kevin insistiu, sentando-se outra vez.

—Ah, tô bem— respondi, conseguindo me sentar direito. —Mas acho que tenho uma unha encravada no dedão da mão.

Kevin não riu. *Ah, até que a piada foi engraçada.*

—A mina vai ficar uma arara quando descobrir que não tava aqui quando você acordou— ele disse, bocejando. —Ela passou a noite em claro do seu lado.

—Que “mina”?

—A Lily queria dormir perto de você, mas a outra mina enxotou ela daqui— ele explicou, sorrindo um pouco. —Pensei que ia rolar a maior briga.

Não pode ser... Será?

—Era a Beth?

—Acho que sim. Alguma coisa do tipo.

—Como foi que ela veio parar aqui?

—Não tive tempo de entrevistar todo mundo que já estava aqui quando a gente chegou, Corbin— ele respondeu, levantando uma sobrancelha.

O tom dele era meio petulante, mas não podia culpá-lo. Eu estava mesmo super contente de estar vivo e não fazia a mínima ideia do que havia me salvado, mas

transbordava de gratidão. Uma ideia levemente perversa me passou pela cabeça.

—É o seguinte, Kevin— anunciei, deitando outra vez. —Vai procurar a Beth e diz para ela que eu estava me mexendo na cama e você acha que eu vou acordar a qualquer momento.

Fechei os olhos, me cobri e tentei ficar parado. Kevin saiu correndo do quarto. Alguns minutos mais tarde, ele voltou acompanhado de alguém, contando a história que seu sugerira.

—Gostaria de saber como ele vai estar quando acordar— a outra pessoa disse, ao pé da minha cama.

Com certeza, era a voz da Beth. Eu me sentia ainda melhor ao confirmar que era mesmo ela.

—Quero dizer...— ela continuou, colocando a mão no meu queixo. —Será que a personalidade dele continua sendo a mesma ou será que o vírus mudou alguma coisa.

Agora!

—Quero cérebrooooo!— eu disse, sentando-me rapidamente com os braços esticados para frente.

Minha piada não causou nenhum grito, como eu esperava. Em vez disso, acabei levando um soco na cara. Não sabia que ela tinha uma mão tão pesada.

—Ele tá ótimo— Kevin riu.

—Seu imbecil!— Beth disse, balançando a cabeça.

—Digo o mesmo de você— respondi, cobrindo a bochecha recém-golpeada.

—É pra você aprender. Não teve graça nenhuma.

Eu me dei conta de que o resto do pessoal continuou lidando com a crise enquanto eu estava dormindo e melhorando. Apesar de me sentir revitalizado, eles ainda estavam física e mentalmente exaustos.

—Bom, agora tô arrependido.

—Corbin, eu...— Beth respirou fundo. —Eu também sinto muito.

—Por que você não me avisou?

—A pior parte é que...

—Vou deixar vocês a sós— Kevin disse, levantando-se.

Depois de acompanhá-lo com os olhos enquanto ele deixava o quarto, Beth virou-se novamente para mim.

—A pior parte é que eu tinha medo que isso acontecesse e eu me odeio por não ter tentado fazer o máximo pra pelo menos ajudar você.

Ficamos olhando um nos olhos do outro por um momento. Estendi a mão para tocar na mão dela.

—É que...

Ela recuou e limpou as lágrimas.

—Carl descobriu o que tava rolando entre o meu pai e a tia Janice e acabou expulsando meu pai. Eu saí com ele.

Uma leve brisa entrou pela janela aberta. Coloquei a mão nas costas e senti a minha própria pele. Estava vestindo um avental de hospital.

—Cadê as minhas roupas?

—Uma enfermeira pegou ontem à noite para lavar. Bom, pelo menos tentar lavar um pouco. Aposto que já deve estar tudo seco. Vou procurar quando o médico vier dar uma olhada em você.

—O médico?

—É, aquele médico meio esquisito que diz ser um especialista em vírus. Ele disse que vocês se conhecem.

—Isso não ajuda muito, já que eu trabalhava aqui, sabe? Nem sei quantos médicos eu conheço.

—É, mas eu tive a impressão de que ele não trabalhava aqui. Ele é estranho demais.

Alguém bateu à porta.

—Falando no dito cujo... Deve ser ele.

—E como está o paciente— disse um homem baixinho e de jaleco branco ao entrar no quarto.

Mal podia acreditar. Era o mesmo médico que tentou me abandonar à própria sorte na escadaria do centro de pesquisa. Senti o sangue subindo-me pelo rosto e cerrei os punhos.

—O que é que você tá fazendo aqui? Pensei que você queria se isolar, que quanto menos gente melhor!

Beth olhou para mim, sem entender nada.

—Senhorita, será que poderia nos dar licença— ele disse, colocando a mão no ombro dela.

—Claro— ela disse, sem ter certeza, olhando para ele e depois para mim.

—Feche a porta quando sair.

Antes de ir, Beth olhou outra vez para mim. E eu estava encarando o médico com a cara mais feia que eu tenho.

—Não olhe assim para mim— ele disse ao se sentar. —Sei que você está bravo, mas eu salvei a sua vida.

—É, mas também tentou me matar.

—Para falar a verdade, foi ali que eu salvei você.

—Como é que é?

—Eu menti — ele deu um sorrisinho.

—Então como é que eu vou saber se...

—Dá para calar a boca por um minuto?— ele perguntou, levantando a mão.

—Eu disse que fazia parte de uma equipe de pesquisa sobre o vírus. Bom, era mentira. Faço parte de uma equipe que está tentando encontrar a cura.

—Então por que não...

—Deixa eu ver a mão— ele disse, levantando-se.

Ergui a mão enfaixada e ele começou a tirar a gaze.

—Não queria que você fizesse alguma besteira se soubesse que poderia haver uma cura, como a que eu tinha em meu poder. Não tinha certeza se ela funcionava e foi muita sorte quando você apareceu aqui.

—Então, quando eu desmaiei na escadaria, você...

—Para falar a verdade, a cura estava no dardo com o tranquilizante. Eu só tinha quatro amostras diferentes prontas para o teste e, como eu sou um gênio e você tem uma sorte danada... Bom, aqui estamos. Sua mão está bem melhor.

Minha cabeça girava. *É mesmo verdade? Virei cobaia? Fui mordido, não fui? E agora tô aqui, vivinho da silva...*

—E o que é?— perguntei, olhando para a minha mão.

—O que é o quê?

—A cura.

—É uma bactéria— ele disse, estufando o peito. —Tem receptores especiais que enganam o vírus. Assim, durante o processo de eliminação de camadas, o vírus libera seu RNA dentro de um vacúolo de suco celular, onde passa pela fagocitose, em vez de replicar-se dentro da célula. E, sim, o design da vacina é de minha autoria.

É, aquele cara era a personificação de tudo o que eu sempre odiei nos médicos.

—Caramba.

—Tirei uma amostra de sangue sua há umas duas horas, depois de ter certeza de que sairia desta. Foi assim que recuperamos bactéria o suficiente para uma boa cultura.

—Você não tem mais cura?

—Não... É uma longa história.

Ele foi até a pia e abriu a torneira. A água jorrou por um instante, mas logo a torneira fez um som de gargarejo e a água deixou de escorrer.

—Droga!— o médico ficou olhando para a torneira. —Não era pra isso acontecer agora.

Ele se virou e saiu correndo pela porta. Fiquei chocado. *Do que será que ele sabe que eu não sei.*

De uma coisa eu tinha certeza: meu tempo de descanso e recuperação havia chegado ao fim.

59 — As bombas

Beth abriu a porta e o médico quase deu um encontrão nela ao sair do meu quarto.

—O que é que deu nele?— ela perguntou.

—Não tenho certeza, mas boa coisa não é.

—Está faltando água— ela anunciou, jogando uma pilha de roupas na cama.

Foi aí que a ficha caiu. Eu estava suando, mas meu sangue congelou nas veias. Sem água, vamos morrer em poucos dias. Além do mais, isso ia criar um frenesi no hospital.

—Eu sei... Foi por isso que o médico saiu correndo. Ele disse que não era para acontecer isso agora.

—O que ele quis dizer?— ela perguntou, chegando perto.

—Quer dizer que ele sabia que isso ia acabar acontecendo— respondi, olhando para ela e dando de ombros.

—É, mas por quê?— ela inclinou a cabeça para o lado.

—Também adoraria saber.

—E o que a gente faz agora?— ela deu o último passo em direção à cama e me deu um abraço.

Não tinha resposta, então nem me dei ao trabalho de abrir a boca. Só fiquei ali, abraçando-a.

—Acho melhor colocar a roupa— eu disse, percebendo que estava só com o avental e liberando-a do meu abraço.

—É, concordo— ela sorriu.

Fechei a cortina ao redor da minha cama, deixando Beth do outro lado, e comecei a me vestir. Não conseguia parar de pensar na situação da água. As bombas que abasteciam grande parte da água para Oásis ficavam a quilômetros e quilômetros de distancia. Não havia motivo algum para elas pararem de funcionar. A não ser que alguém tivesse fechado as válvulas... *Mas porque fariam isso agora?*

Nos corredores, a comoção havia começado, talvez pela falta de água. Puxei a camisa e abri a cortina.

—Pessoal, acabou a água— Kevin disse, entrando de supetão no quarto. —Tá todo mundo doido.

—Você pegou a minha arma— perguntei, apalpando o bolso direito da minha calça.

—Que arma?— Beth deu de ombros.

—Acho que tá com a Linda— Kevin respondeu, apontando com o dedão por cima do ombro.

Quase tinha me esquecido dela.

—Como é que ela...

—Ela... Sabe como é. Acho que ela tá... Sei lá. Agora que o Samson, bom, agora que ele se foi...

As palavras dele me cortaram como uma faca. Samson se foi e a culpa era minha. Ele me salvou. O pessoal me ergueu e ele caiu. A injustiça me fez tremer de raiva, culpa e medo.

—Tá tudo bem?— Beth perguntou, colocando a mão no meu braço.

—Ouvii isso?— perguntei tocando na mão dela.

Escutei um ruído sibilante à distância.

—Parece um jato— Kevin disse, correndo até a janela.

O som ficou cada vez mais alto. As janelas começaram a tremer. Um pequeno despertador de corda caiu da prateleira conforme o som passou pela gente.

—Acho que é...— Kevin estava de olhos arregalados.

Uma explosão fez o chão tremer. Corri até a janela e Beth estava logo atrás de mim. Uma coluna de fumaça subiu em direção ao céu do outro lado da cidade.

—Foi o...— olhei para Kevin.

—Era um jato.

—Isso não faz sentido— Beth balançou a cabeça. —Por que os militares...

—Talvez acham que todo mundo aqui tá infectado— disse, olhando para a fumaça.

A gritaria no corredor aumentara. Todos sabiam o que estava prestes a acontecer. Mesmo com tanto barulho, consegui ouvir outro ruído sibilante, aumentando cada vez mais ao se aproximar. As janelas tremeram de novo com a passagem do jato. Um ponto preto correu pelo céu. Vi um clarão, seguido de uma explosão próxima da fumaça. O som da explosão só chegou um ou dois segundos mais tarde. Poeira, escombros e mais fumaça se expandiram pelo espaço. Senti um nó no estômago. Não queria acreditar no que acabara de ver.

—Precisamos sair daqui— eu disse, mordendo o lábio.

—Agora mesmo— Kevin concordou, sem deixar de olhar pela janela.

—É melhor você ir buscar o seu pai— eu disse, me virando para Beth.

—Corbin, eu...— ela acenou a cabeça para cima e para baixo, mas não conseguiu terminar a frase.

Ela parecia ofegante e logo seus olhos se encheram de lágrima. Não sabia o que sentir. Mesmo com tudo o que estava acontecendo, eu me sentia atraído por ela. Toquei-lhe o rosto. *Não adiante ser covarde agora.* Eu me inclinei e dei-lhe um beijo nos lábios. Ela fechou os olhos e começou a me beijar também. Foi um beijo

breve, mas perfeito, um momento longe do caos e talvez o último momento assim que eu vivenciaria para o resto da minha vida.

Ela se afastou e abriu os olhos. Não falei nada quando ela saiu do quarto. Ela também não disse uma palavra. Não era preciso. O ruído sibilante havia voltado, me trazendo de volta à realidade. Olhei para Kevin, que ainda estava olhando pela janela. *Ele provavelmente nem viu que a gente se beijou.*

O jato passou voando de novo. Outra explosão balançou a cidade. *Eles vão bombardear Oásis inteira, até não sobrar pedra sobre pedra.* Olhei para o estacionamento em volta do hospital. Os zumbis estavam dispersos, muitos deles ao redor do que restava das unidades móveis e do supermercado em chamas. Centenas haviam se distanciado e muitos iam em direção às explosões. Isso facilitaria as coisas se a gente quisesse sair do hospital, mas seria pior agora ir para o meio da rua. Se bem que a gente não poderia ficar ali por muito tempo. O exército já estava tomando as devidas providências.

—Vamos nessa, Kevin— eu disse, agarrando o braço dele e puxando-o para longe da janela.

Ele deu um passo para trás, mas não parou de olhar.

—Vâmo, Kevin!— puxei-lhe o braço outra vez.

—Tá bom— ele acenou com a cabeça, começando a se mover sozinho.

Cada sobrevivente no hospital estava indo em direção à porta da escadaria. Havia umas cem pessoas no total. Reconheci quem estava no hotel e outros que trabalhavam no hospital. Naquela bagunça, não consegui ver onde estavam Linda, Beth ou o pai dela.

—Vamos!— alguém gritou, abrindo a porta.

A multidão estava se empurrando na escadaria.

—Pode ir que vou logo atrás— disse, empurrando Kevin de leve. —Vou ver se os quartos deste corredor estão vazios.

Kevin não discutiu comigo. Acho que só queria mesmo receber ordens. Entrei em alguns quartos, todos vazios e sem nada de útil para oferecer. Desisti e decidi seguir o grupo.

—Corbin!

Virei para ver quem estava me chamando. No fim do corredor, o médico baixinho segurava dois objetos que pareciam garrafas térmicas de metal. Não estava contente ao vê-lo, mas de certa forma estava grato. Mas ele era tão lerdo...

—O que você quer?

—Vem comigo— disse, me entregando um recipiente.

—Prefiro ir com o resto do pessoal.

—Não importa— ele falou, colocando a mão no bolso.

—Ah é?— cerrei os punhos.

—Vem agora— ele insistiu, com uma arma na mão.

60 — Subterrâneo

É natural pegar alguma coisa quando alguém lhe oferece. Vendedores fazem isso o tempo todo, entregando-lhe uma caneta para aumentar as chances de você assinar um contrato. E eu, idiota, peguei o recipiente sem pensar. Foi assim que o médico me distraiu por um segundo, o suficiente para pegar a arma no bolso. Queria bater em mim mesmo por não ter sido mais cuidadoso ao lado de alguém que eu sabia que não era de confiança.

—Vamos— o médico apontou para o corredor.

Eu me virei e comecei a andar.

—Você deveria me ser eternamente grato— ele disse. —Pelo menos eu e você temos uma chance.

—Como é que é?

—Bom, o que você acha que os militares vão fazer quando derem de cara com os seus amigos, que eles acham que estão infectados, perambulando pelo deserto?

Eu sabia a resposta, mas não queria pensar naquilo.

—Eles vão tirar a ameaça do caminho deles— o médico disse, dando uma risadinha perversa. —Vai ser rápido e sem misericórdia. E por que seriam misericordiosos? Eles sabem o que o vírus faz.

—Mas nós temos a cura!— eu ergui o recipiente. —É isso que estamos carregando, não é?

—Mas eles não sabem. Talvez eu devesse ter comunicado melhor o meu progresso.

Pensei em Beth, Kevin, Linda e todos os outros que estavam correndo pelas ruas, indo a caminho do deserto. Se os zumbis não os alcançaram antes, agora o exército os pegaria. Olhei para o recipiente. *Beth, Linda, Kevin, Dale e todo mundo só tem uma chance. Os militares precisam saber o que está neste recipiente.*

—Sei no que você está pensando— o médico disse, apontando a arma para mim. —Você está tentando encontrar uma maneira de se comunicar com o exército. E é por isso mesmo que você vai cooperar comigo. Sei como fazer isso e é para lá que a gente está indo.

O prédio tremeu outra vez. As bombas continuariam caindo até Oásis arder por completo.

—Vamos logo— concordei, apontando para o corredor.

Ele colocou a arma de volta no bolso e foi em direção à escadaria mais distante, em vez daquela pela qual todos estavam descendo. Não ouvia nada vindo

das escadas, o que felizmente significava que o grupo não havia encontrado problemas para sair do edifício.

Descemos. A porta no fim da escada fora bloqueada com pedaços de camas de hospital, pedestais para soro e até um sofá. O médico baixinho ficou sentado no degrau, assistindo enquanto eu tirava os obstáculos da frente da porta para poder abri-la um pouco. Quando o caminho estava livre, ele pegou a arma e disse para eu abrir a porta para ele poder mirar bem caso algum infectado estivesse esperando pela gente do lado de fora. Empurrei bem a porta e saí da frente. Nada. Entramos no corredor. Tentei prestar atenção em algum ruído que indicasse qualquer movimento ou onde o grupo estava. Nada. O hospital estava totalmente vazio.

Os mortos-vivos haviam sumido e não sabia ao certo se haviam estado dentro do hospital, mas uma janela panorâmica quebrada e ensanguentada respondeu a minha pergunta. Eles haviam tomado o hospital, mas depois ido embora atraídos pelo fogo, pelas bombas ou pelos outros sobreviventes que fugiram. *Não importa*. A porta de vidro na entrada do hospital estava quebrada. Passei pelos cacos e fui para a calçada. O médico estava me seguindo.

O supermercado do outro lado da rua havia queimado por completo. As unidades móveis ainda estavam em brasa. O médico ficou ao meu lado e resmungou com as cinzas. Alguma coisa meio escondida detrás de um dos arbustos na lateral do prédio chamou a minha atenção. Estava quase debaixo das janelas por onde eu havia entrado no hospital e onde Samson havia encontrado seu destino fatal. Não queria criar falsas esperanças, mas parecia um cano de metal enorme.

—Vai pegar— o médico ordenou, apontando para o objeto. —A gente provavelmente vai precisar.

Corri naquela direção e meu coração quase parou. Era a espingarda de caça de Samson. *Mas onde está ele?* Deve ter mancado para longe dali e falecido ao tentar escapar. *Talvez tenha virado um...* Não queria pensar naquilo. A possibilidade de me deparar com um Samson infectado me deixou fisicamente doente.

—Vamos lá, garoto— o médico acenou para mim. —Ou você prefere ficar aqui, em vez de salvar seus amigos?

Tirei a espingarda do arbusto. Havia sangue já seco no cano. Tentei não pensar naquilo ao abrir a culatra móvel. Só atirava uma bala de cada vez e a bala que ainda estava lá dentro era maior do que o meu dedão. Tinha então um único tiro e nenhuma munição por perto. *Um tiro*. A espingarda tinha uma alça, então pendurei a arma no ombro.

—O que acontece quando você injeta a bactéria depois de o vírus já ter assumido o controle do corpo.

—O vírus acaba sendo devastado e a pessoa infectada cai morta, como um cadáver comum.

Outro jato passou por cima de nós. O chão tremeu e as colunas gigantes de fumaça estavam cada vez maiores. Não levaria muito tempo para a cidade de Oásis inteira estar debaixo dos escombros.

Conforme caminhávamos pelas ruas, vi um morto-vivo ou outro arrastando os pés em direção da fumaça. Depois de vários quarteirões, havíamos chegado à fronteira da cidade. Vi a muralha antiga que marcava o perímetro de Oásis, como um forte, no fim da rua.

O médico parou diante de um depósito pequeno, com o logotipo do hospital na porta. Uma placa na entrada indicava “Centro Médico de Oásis – Instalações de Pesquisa III”. Ele estava suando em bicas e colocou a mão no bolso para pegar a chave, colocando-a no cadeado e olhando para mim. Alguma coisa havia mudado nele durante a nossa caminhada. Podia ver o medo em seus olhos. Estava a ponto de ter um colapso nervoso, desesperado. Suas mãos tremiam ao virar a chave, mas eu não podia deixar a covardice dele me afetar. Alguém precisava continuar firme e forte se a gente quisesse sobreviver. Se esse alguém devia ser eu, que seja. Estava pronto.

O depósito estava vazio, com exceção de um pequeno escritório em um canto e uma empilhadeira logo ao lado. O escritório tinha uma porta de folha dupla, o que parecia estranho para um lugar tão pequeno. Entramos no depósito. A porta bateu e ecoou no espaço confinado. Estava super abafado lá dentro. O médico andou mais devagar e cruzou a sala na direção do escritório diminuto. Cerrei os dentes e fui atrás.

—Testamos em cobaias vivas no nível subterrâneo— ele disse, colocando a mão na maçaneta do escritório. —Tínhamos várias cobaias... As celas tinham travas magnéticas, mas sem energia elas deixaram de funcionar. Bom, é isso. A nossa saída está do outro lado desta porta.

Acenei com a cabeça. Não podia deixá-lo me influenciar. *É apenas mais um problema para eu resolver.* Via diante de mim o rosto de Beth, depois o de Linda. Não poderia decepcioná-las. Elas seriam vistas pelo exército nada mais, nada menos como duas infectadas. As ameaças que precisavam ser neutralizadas. Não podia deixar isso acontecer com elas ou com qualquer outra pessoa que tentava fugir da cidade.

O médico abriu a porta. A sala era basicamente um grande elevador de carga, fechado somente por uma grade de metal que se dobrava para a lateral.

—Este elevador serviria de escapatória para o general se alguma coisa saísse errada... Isso quando a cidade ainda era uma base militar. O laboratório em si, como você já deve saber, fica lá embaixo.

Abrimos a porta dupla ao máximo, deixando entrar um pouco mais de luz. *O elevador deve estar lá embaixo.* Olhei para dentro do poço do elevador e não

consegui ver bem até onde ele dava. O médico balançou a grade, abrindo-a até uma abertura dentro da parede do lado de dentro.

—Tem uma escada— ele disse

Eu estava ciente de que ele tinha os nervos à flor da pele. Pensei em uma maneira de deixá-lo ali e descer sozinho. O problema é que ainda não sabia como aquela nossa excursão nos colocaria em contato com o exército e nem onde o poço do elevador ia dar. Ainda precisava dele. Não sabia se ele conseguiria recobrar a coragem, então precisava ir na frente. Fiz o possível para colocar grande parte do cano da espingarda dentro do meu bolso e agarrei uma alça. Desci pela escada e, a cada degrau, o poço ficava mais escuro e mais frio.

Depois de descer o que parecia ser dois andares, cheguei ao elevador, cujo topo estava aberto. Na luz fraca, ficaria difícil continuar descendo sem cair, mas consegui descer sem bater com a espingarda enorme ou fazer muito barulho. Pela grade de metal, só dava para ver alguns palmos na escuridão.

Em algum lugar naquela penumbra, estavam as “cobaías” do médico. Não sabia quantas eram, mas quase conseguia sentir a presença delas além do meu campo de visão. *Talvez eu esteja imune à variação do vírus deles. Talvez não.* Ajudei o médico a descer. Ele colocou a mão no bolso do jaleco de laboratório e tirou uma vela e um isqueiro.

—Pensou em tudo, né?— comentei, quase sorrindo.

Ele se assustou com o comentário, arregalando os olhos e colocando o dedo nos lábios para pedir silêncio. Percebi na hora o que tinha feito. Precisava ficar o mais quieto possível ali embaixo. O eco reverberava e eu não queria ficar encurralado.

—Quantas pessoas estão aqui?— sussurrei.

O médico indicou quatro com os dedos e acendeu a vela, segurando-a com uma mão e com a pistola na outra. Tentei abrir a porta fazendo o mínimo possível de barulho.

A luz tremulante iluminava o corredor de cimento, formando sombras que me pregaram um susto. Cada sombra parecia esconder um zumbi. Cada porta parecia ser uma armadilha. A cada esquina eu poderia dar de cara com a morte. Meu coração batia acelerado. Podia jurar que havia escutado um barulho no fim do corredor. Movimentos. Mortos-vivos.

Tirei as espingarda do ombro. O médico chamou a minha atenção e mexeu os lábios para dizer: “Ainda não”. Chegamos até a sala no fim do corredor. Abri a porta e espremi os olhos para enxergar na escuridão. O médico entrou, mas a luz da vela era fraca demais para revelar o que estava dentro do cômodo. Havia uma porta aberta à direita. Na parede oposta à porta pela qual entramos havia uma porta de metal escovado com um teclado numérico na parede. Na sala havia também havia uma mesa, várias cadeiras e um televisor na parede.

A respiração do médico estava acelerada. À distância, tinha quase certeza de que ouvira algo se mexendo. Ele aproximou-se da porta.

—É por isso que queria que você trouxesse a arma.

Ele estava ficando cada vez mais animado e acabara falando um pouco alto demais.

—Sabia que a porta estaria trancada. Não dá para abri-la sem o teclado, mas você poderá destrancá-la. Tem um ferrolho bem aqui— ele explicou, apontando a certa altura na parede.

—Tem certeza?

—Dá para enxergar com mais luz. Vai por mim.

Verifiquei a porta e tive quase certeza de ter visto o contorno do ferrolho. O médico ficou atrás de mim. Tirei a alça do ombro e apontei a arma. Coloquei o cano bem na fresta entre a porta e a parede, talvez uns cinco centímetros do ferrolho. Não tinha como errar. Eu me preparei para o tranco que sabia que aquela baita espingarda era capaz de dar.

—Pronto?— perguntei, com o dedo no gatilho.

—Anda logo.

Respirei fundo e puxei o gatilho. O tiro me doeu nos tímpanos. A espingarda deu um tranco como se um caminhão Mack a toda velocidade tivesse colidido com o meu ombro. Pelo menos, foi o que eu senti. A arma pulou das minhas mãos e eu caí por cima do médico. Fomos os dois ao chão e a vela acabou se apagando. Fomos engolidos pela escuridão.

61 — No fim do túnel

Escuridão e um apito alto no ouvido. Dor latejante no ombro. Rolei para a esquerda e tentei me levantar. O médico estava gritando alguma coisa que eu não conseguia entender. O apito no meu ouvido era alto demais. Fui mancando na direção dele, que não parava de balançar a perna, mas bati na lateral da mesa. Doeu, mas pelo menos evitou a minha queda. O médico continuava gritando feito louco.

—Sai de perto da minha porta!

Não tinha certeza, mas pelo menos parecia isso que ele estava dizendo. É claro que, depois dessa, encontrar a porta acabou se tornando uma ótima ideia. Apalpei ao meu redor na escuridão até encontrar a parede. Fui acompanhando a parede até encontrar a porta de metal. O médico começou a gritar mais ainda. Eu me virei e tentei enxergar na penumbra. Outra batida e um clarão iluminou a sala por um milésimo de segundo.

Senti um nó no estômago. Naquele breve instante de claridade, vi um rosto na porta. E não era o do médico... Era um rosto horripilante, com o olhar vazio e a pele enrugada. Não estávamos sozinhos.

Quando bate o medo, a lógica fica de lado. O médico atirou outra vez. Cobri as orelhas com as mãos e não dava pra dizer se o médico estava atirando em mim ou no zumbi. Mais um tiro e outro clarão. Parte do ombro do zumbi estava faltando e ele não estava mais olhando para mim.

O medo tomou conta do meu corpo e da minha mente. Fiquei congelado no mesmo lugar. Uma luz fraca dançou pela sala. O médico havia encontrado o isqueiro dele. Ele arregalou os olhos quando viu no que estava atirando. O zumbi estava murcho, enrugado e seco. Vestia um macacão laranja. Da ferida no ombro saía sangue espesso e escuro. Imaginei que poderia ouvir o corpo dele rangendo com cada passo vagaroso e metódico, isto é, se aquele apito nos meus ouvidos parasse.

—Sai de perto da porta!— o médico disse, virando e apontando a arma para mim.

O pequeno isqueiro na mão do médico iluminava o bastante para me trazer um pouco de conforto. Pelo menos pude recuperar o controle do meu corpo trêmulo. Levantei as mãos e dei um passo para o lado. *Pelo menos agora dá para ver o que está contra mim.* O zumbi arrastou os pés.

—Eu trouxe você até aqui!— o médico disse, dando um passo para frente.
—Você não vai levar todo o crédito.

—Como é que é?

—Eles não acreditariam em você!

O zumbi se virou com o movimento do médico. Estava a poucos centímetros de distância, com a mesa entre eles. Olhei para a espingarda no chão, à direita do médico. Ele arregalou os olhos.

—Eu te mato! Depois é só atravessar o túnel e ser recebido como um herói!

No fim do corredor por onde entramos, uma luz verde subia e descia, chamando minha atenção.

—O que é aquilo?— aponte, sem pensar.

A luz estava se aproximando rapidamente. *O que será dessa vez?*

—Você acha que eu sou idiota? Sai da frente da porta e deixa eu passar!

O zumbi se agachou. A luz verde entrou pela porta. O médico esticou o braço com a cara toda retorcida. De alguma maneira, atrás daquela luz verde havia um bastão de beisebol, que veio cortando o ar. Outra voz chegou aos meus ouvidos, apesar do apito.

—Vamos lá, Carlson!

O zumbi deu um pulo e o bastão bateu na cabeça do médico. A arma disparou novamente. Perdi o fôlego e fiz cara de dor, mas não senti nenhum tiro. O isqueiro se apagou e eu me joguei para pegar a espingarda.

—Vamos sair daqui!— aquela voz disse para mim.

Agarrei o cano da espingarda e fiquei de pé. Meu salvador estava atrás de mim, puxando a minha camisa.

—Vamos nessa!

A luz verde era bem fraca, mas o suficiente para ver o corpo sem vida do médico por cima da mesa. O zumbi murcho se debruçou sobre ele, agarrando-lhe a cabeça esfaqueada. Parecia estar mordendo-lhe a mandíbula. Fiquei enojado, mas não conseguia parar de olhar.

—Vamos nessa!

Uma coisa brilhou na luz verde. Algo preso ao jaleco do médico. Um crachá! Vi minha própria mão agarrando o crachá, que coloquei no bolso vazio. Agarrei a mão que puxava a minha camisa. Tudo isso sem tirar os olhos do zumbi.

—É para cá!— disse, me livrando daquela mão suave.

Não sabia porquê deveria cruzar aquela porta de metal. Só sabia que o médico estava tramando alguma coisa e queria escapar por aquela porta. Isso me bastava.

Consegui tirar os olhos daquela cena grotesca em cima da mesa e fui na direção da porta. O tiro havia quebrado o ferrolho e pude virar a maçaneta com facilidade. A luz entrou pela porta e eu espremi meus olhos antes de entrar. A pessoa que veio ao meu resgate estava bem atrás de mim e fechou a porta depois de me seguir. Eu me virei para ver quem era. Quando os meus olhos se acostumaram novamente com a luz, vi cabelos castanhos cacheados em um rabo de cavalo.

—Beth?— disse, me afastando cambaleante.

Ela tinha três bastões fluorescentes na forma de um colar ao redor do pescoço.

—Ficou com saudades?— ela disse, respirando fundo e me dando um sorriso amarelo antes de me abraçar.

A espingarda caiu no chão quando a envolvi nos meus braços. Depois de alguns instantes, olhei ao nosso redor. Ainda tínhamos muito a fazer.

—A gente tem que ir.

Estávamos em uma sala que parecia uma caverna enorme. A luz entrou por uma claraboia imensa no formato de uma pirâmide. O chão era pavimentado como a rua. Do outro lado da porta de metal estava um túnel com dois metros e meio de altura e três e meio de largura, iluminado aqui e ali por claraboias semelhantes. Em um canto havia vários carrinhos de golfe estacionados.

—Vale a pena tentar.

—Onde é que você esteve nessas quase duas semanas?— Beth perguntou, me olhando esquisito. —Nada mais funciona aqui em Oásis.

Peguei a espingarda de Samson e fui para o carrinho mais próximo.

—E para onde é que a gente vai então?

—Não sei— dei de ombros. —Mas acho que esse túnel vai dar em algum tipo de instalação militar.

—Fica muito longe? E por que você acha que...

Alguém começou a bater na porta. Meu coração deu um pulso. O zumbi havia acabado de comer o médico. Joguei a espingarda na parte de trás do carrinho e sentei no assento do motorista. A chave estava no contato. Virei a chave e o motor deu sinal de vida.

Talvez no subterrâneo, debaixo da proteção de tanta areia e cimento, os carrinhos tenham ficado protegidos. Talvez estivessem perto o suficiente da fronteira da cidade e seja lá o que o exército usou para bloquear tudo não conseguiu alcançá-los. Não importa, porque tá funcionando.

Liguei o interruptor onde estava escrito “marcha ré” e fui um pouco para trás na direção de Beth. Ouvi mais batidas na porta, ecoando ao nosso redor. Ela ainda agarrava o bastão e sentou no banco do passageiro. Desliguei a “marcha ré” e pisei fundo. O carrinho acelerou pelo túnel.

—Como foi que você me encontrou?

—Percebi que você não estava com o grupo, então voltei. Vi aquele médico esquisito levando você para o outro lado, então resolvi seguir vocês.

—Tem certeza de que foi atrás do cara certo?

—Tenho, por quê?

—Sei lá... Você gritou “Vamos lá, Carlson” quando entrou na sala!

—Ah, sabe o que é...— ela disse, dando um sorrisinho maroto. —Carlson é o

nome do meu bastão.

Ela aproximou o bastão da minha cara e na base estava escrito “Carlson” com canetinha. Tive que dar uma risadinha.

—É em homenagem a um namoradinho de escola— o sorriso dela ia de orelha a orelha e ela começou a rir.

—Você se acha a engraçadinha, né? Há quanto tempo está esperando para me contar essa piadinha?

—Por que a gente tá indo nessa direção? A gente poderia ter voltado, subido o poço do elevador e alcançado o pessoal...

—Se a gente fizesse isso, todo mundo ia morrer— declarei, tirando o sorriso do rosto. —O exército acha que tá todo mundo infectado.

—E como você sabe que o túnel...— ela estava pálida.

—Não sei, mas é a nossa melhor alternativa.

Dirigimos o resto do percurso em silêncio. Depois de uns vinte minutos, estacionamos em uma sala semelhante a que tínhamos deixado para trás. Estava pintado “Entrada B” em cima da porta de metal. Parei o carro e pendurei a espingarda nas costas.

—O que a gente faz?— Beth olhou para mim.

—Acho que agora só nos resta bater na porta.

Fomos em direção à entrada e ficamos olhando por um momento. Levantei a mão para bater, mas parei.

—Beth, antes de a gente ir em frente... Queria agradecer.

—Me agradece depois— ela disse, me beijando no rosto.

Bati na porta no ritmo de tã-tã-taram-ram tã-tã. Beth e eu demos um passo para trás. Depois de uns quinze segundos, um magricelo com topete mal feito abriu a porta de metal. Assim que nos viu, arregalou os olhos e entrou sala adentro.

—Guardas!

62 — Rápido o suficiente?

Em questão de segundos, estávamos cercados por quatro ou cinco soldados em uniforme completo de combate. Tiraram a espingarda de mim e separaram o “Carlson” da Beth, levando-nos para dentro do que parecia mais ser a recepção de um pequeno hotel. Vasos com plantas de plástico nos cantos, uma mesa encostada na parede à direita e duas portas de correr, feitas de vidro, marcavam a entrada para o resto das instalações. Eles nos fizeram marchar pelas portas de correr, em direção a um espaço aberto enorme.

A caverna era um cilindro com as paredes de cimento. O teto era tão alto que nem dava para ver, pois estava encoberto pelas sombras. Não havia notado durante a viagem de carro de Oásis até ali, mas devíamos ter percorrido um caminho bastante inclinado, porque parecia que o cilindro tinha pelo menos uns cinco andares de altura. Aquele lugar deve ter sido um silo usado para abrigar um míssil quando Oásis ainda era uma base militar.

Os guardas foram empurrando a gente, passando por aquele espaço rumo a um escritório no fim de um corredor. O escritório era bem decorado e não combinava com a estrutura de cimento tão austera. Um guarda nos mandou sentar. Todos os guardas, menos os que estavam à esquerda, também se sentaram. Não conseguia parar de pensar que, se eu falhasse agora, meus amigos morreriam no deserto. Fiz o possível para manter a compostura.

—Preciso falar com o seu comandante.

Os guardas ficaram olhando para a minha cara.

—É uma questão de vida ou morte.

Sem resposta.

Beth respirou fundo, como se estivesse prestes a dizer alguma coisa, mas não encontrara palavras para falar.

—Olha, o grupo que acaba de deixar Oásis não precisa morrer. Mesmo que algum deles tenha sido mordido, eu tenho uma cura. Só preciso falar com o seu comandante.

Nada.

Cruzei os braços e me recostei no encosto da cadeira. O silêncio na sala me incomodava. Se tivesse um relógio na parede, tenho certeza que poderíamos ouvir o tique-taque, mas logo as portas se abriram e entrou um homem de meia idade, meio musculoso, vestindo um jaleco de laboratório.

—Vocês dois podem esperar lá fora— ele disse para os soldados, apontando

com o dedão para a porta. —Eu me responsabilizo por eles.

Os soldados bateram continência e foram embora. O homem andou todo elegante até o outro lado da mesa.

—Meu nome é major Jamal Glover. Sou o líder destas instalações. Tenho algumas perguntas. Primeiro, como é que vocês chegaram aqui?

Tinha tantos pensamentos correndo pela cabeça. Precisava fazer com que eles me escutarem o mais rápido possível. Tirei o recipiente de um bolso e o crachá do outro.

—Eu estava ajudando um médico em Oásis que trabalhava no laboratório dois e, aparentemente, também trabalhava nestas instalações. Quando ficou claro que ele não poderia vir até aqui, ele me deu este crachá e pediu para eu vir convencê-los a me escutar.

Joguei o crachá na mesa. O major Glover o pegou para examiná-lo melhor.

—Ike— ele balançou a cabeça. —O que houve com ele?

—Eu tenho a cura— mostrei o recipiente.

—Prove.

—Há vários dias, recebi uma injeção da bactéria que está aqui— comecei a explicar, balançando o recipiente. —Há uns dois dias, fui mordido e, como o senhor pode ver, eu não virei um zumbi.

O major Glover ficou olhando para o nada por um momento. Depois se levantou de supetão, contornando a mesa.

—A bactéria está aí dentro?

Ele tirou o recipiente da minha mão e abriu a tampa.

—Então, quanto ao pessoal— Beth interrompeu finalmente, mexendo-se um pouco na cadeira.

O major Glover fechou o recipiente outra vez e olhou para cima.

—Infelizmente, eu não tomo esse tipo de decisão. Eu era diretor da pesquisa, mas é o general Hayseed que está por trás dos bastidores. Ele estará aqui a qualquer momento.

—Mas se o senhor puder fazer qualquer coisa...

Ele levantou a mão para interromper o que Beth estava dizendo e olhou para mim.

—Então, antes de ele chegar aqui, vou dar outra chance de vocês contarem a verdade. O que aconteceu com ele depois que você roubou isto?— ele perguntou, pegando o crachá.

Como é que ele sabe que eu não estava dizendo a verdade? Respirei fundo e considerei as minhas opções.

—Conheço o doutor Ikerson e ele não entregaria isso para você ou mandaria a cura pelas mãos de outra pessoa.

—Eu...— Beth estava tremendo.

—Ele me forçou a servir de escudo humano desde o hospital até aquele armazém. Depois que chegamos à entrada do túnel, apareceu uma das cobaias dele —ou cobaias suas. O médico enlouqueceu e apontou a arma para mim. Beth apareceu, o distraiu por um instante e o zumbi o agarrou. Eu peguei o crachá e saímos de lá correndo.

O major olhou para mim, depois para Beth e outra vez para mim. Tive a impressão de que estava juntando as peças.

—Então você o matou?— ele perguntou para Beth.

—Foi legítima defesa!— ela exclamou, se levantando.

—Não importa— o major levantou a mão novamente. —Quando o general chegar, deixa que eu conto tudo para ele.

Peguei na mão de Beth e ela se sentou outra vez. Cada segundo parecia durar uma eternidade. Sabia que o tempo ia se esgotar para os meus amigos no deserto. Talvez até já estivessem mortos.

A porta se abriu novamente e um homem corpulento e careca entrou, acompanhado pelos dois guardas que haviam saído antes. Na testa do careca, vi uma veia grande pulsando. O uniforme dele parecia ter sido recém-passado. Ele se virou e colocou a cara a um palmo do meu rosto.

—Como é que você veio parar aqui?

O tom de voz e o bafo dele me deixaram com raiva na mesma hora. Fechei meu punho, mas antes de fazer uma besteira, o major respondeu por mim.

—General, esses dois estão aqui porque o doutor Ikerson confiou neles para nos trazer a cura que ele terminou de cultivar durante o apagão.

—Cura?— O general se virou para o major. —Funciona?

—Este homem é a prova— o major apontou para mim.

—Ikerson, aquele civil baixinho e megalomaniaco? Por que ele não veio entregar pessoalmente? Pensei que quisesse ter todo o crédito para ele.

—O bombardeio, senhor.

—É bem típico desse bostinha ter nos deixado esperando.

—No entanto, senhor, essa mudança no cenário talvez exija outra estratégia para lidar com o grupo que acabou de deixar a cidade.

—Como?

—Os sobreviventes, senhor. Mesmo se eles estiverem infectados, podemos tratar deles agora. Ninguém representa mais uma ameaça.

Quase dava para ver uma lâmpada acesa em cima da cabeça do general.

—Caramba, você tem razão!— ele disse, pegando o telefone e discando um número.

—Sargento? Aqui quem fala é o general Hayseed. Cancele os helicópteros e

autorize bravo, um, sete, tango, sete, nove, foxtrot.

Ele bateu o telefone no gancho e olhou para o major.

—Vai cuidar desses dois?

—Sim, senhor.

O general acenou para os dois guardas o seguirem.

—Obrigado, garoto— ele disse, olhando para mim. —Espero que tenha salvado muitas vidas hoje.

Com aquela declaração, o general deixou a sala. O major Glover sentou-se novamente à mesa e ficou olhando para a parede entre eu e Beth por um minuto inteiro antes de balançar a cabeça para cima e para baixo.

—Ora, ora. Quem diria?

Olhei para Beth e nós dois demos de ombros.

—E, sobre o que aconteceu aqui em Oásis? Do que você está sabendo?

Meu coração acelerou. *Qual é o joguinho dele?* Decidi parar de tentar imaginar o que os outros estavam pensando. *Cansei de lutar.* Eu me inclinei para frente.

—O vírus foi criado pelos militares com a ajuda do grupo de pesquisa do Centro Médico de Oásis. De alguma forma ele foi parar nas mãos daqueles terroristas que causaram a epidemia. Depois disso, teve o apagão e todos ficamos de quarentena. Dali em diante a coisa só piorou até a gente chegar aqui no seu escritório.

O major acenou de novo com a cabeça.

—Vou contar umas coisinhas para você. É confidencial, mas acho que merecem saber porque viveram um verdadeiro inferno durante quase duas semanas. E, depois de contar tudo, vou pedir um favor para vocês. Está bem?

Beth e eu concordamos, balançando a cabeça.

—Bom. O vírus estava sendo desenvolvido há vários anos. Há umas duas décadas, para falar a verdade. Como vocês sabem, é o agente biológico mais devastador do mundo. Sempre me disseram que seria usado como arma para se defender de um ataque estrangeiro em solo norte-americano. Foi testado em prisioneiros condenados, mas precisávamos de um teste em grande escala. O Pentágono decidiu que seria uma boa ideia testá-lo em um inimigo conhecido, numa armadilha.

Ele pausou por um instante.

—Um agente da CIA fingiu ser um funcionário do laboratório e manteve contato durante certo tempo com uma organização terrorista no Oriente Médio. O plano era entregar-lhes uma caixa com uma armadilha que infectaria o grupinho deles quando transportassem a caixa de volta para a base no Afeganistão ou seja lá onde estivessem. Porém, subestimamos os recursos e a agilidade deles... O plano dos terroristas não era levar a caixinha para casa, mas testar o produto primeiro aqui em

Oásis. Quando abriram a caixa, parte da armadilha foi acionada e quatro deles foram feridos. Os outros dois fizeram o que fizeram naquela unidade móvel alugada e depois fugiram.

Quase sorri ao me lembrar do que acontecera naquela noite na unidade móvel.

—Na verdade, somente um deles pode ter fugido.

—Como assim?— o major levantou a sobancelha.

—Eu sei que um deles foi injetado acidentalmente com uma agulha quando eles estavam na unidade móvel.

—E como é que você sabe disso?

—Porque fui eu que dei a injeção.

O major pensou por um momento e um sorrisinho logo apareceu-lhe nos lábios.

—Então vai ser mais fácil pedir aquele favor.

Ele mudou de posição na cadeira antes de continuar.

—Foi depois disso que tudo se transformou em uma catástrofe. A mídia estava lá e a notícia sobre a arma biológica estava prestes a se tornar pública da pior maneira possível. O Pentágono deu as ordens e um pessoal do general Hayseed acionou um PEM no centro da cidade, desligando todos os aparelhos eletrônicos dentro do perímetro. Dissemos para o público que o que viram foram pessoas infectadas com antraz e que um exército terrorista com pelo menos cem indivíduos assumira o controle de Oásis, exigindo resgate.

—Quem é que acreditaria numa coisa dessas?— Beth perguntou, balançando a cabeça. —É a história mais imbecil que eu já ouvi...

—O povo deste país acreditou. Soltamos uns vídeos forjados, porque as pessoas acreditam em qualquer coisa que aparece no noticiário. Com o passar dos dias, tomei conhecimento de outro problema. Sabíamos que o doutor Ikerson estava próximo de encontrar uma cura e, na verdade, havia criado uma bactéria que só precisava passar por cultura e testes. Fizemos uma linha do tempo para a recuperação dessas amostras. Se não encontrássemos uma possível cura na hora indicada, tínhamos ordens para destruir qualquer prova física do vírus, incluindo possíveis portadores. Seis horas antes do combinado, a ordem veio diretamente da Casa Branca para dar início à operação mais cedo.

Minhas entranhas se reviravam por dentro. A história que ele acabara de nos contar era um pouco difícil de engolir. O presidente havia dado as ordens para matar inocentes? E por quê? Para se proteger da mídia? *Aí tem coisa.*

—Então? Qual era o outro probleminha?— perguntei, olhando bem nos olhos do major.

—Mesmo depois de escutar tudo isso, duvido que vocês acreditem— ele disse, coçando a cabeça.

—Por que?— Beth e eu dissemos ao mesmo tempo, olhando um para o outro.

O major respirou fundo e bateu os dedos da mesa.

—Bom, você vai acreditar em mim em uns quatro dias.

—Por que quatro dias?— olhei novamente para ele.

—Um dia antes do apagão em Oásis, recebi as ordens para enviar as células do vírus em solução para outra base de pesquisa. O diretor daquelas instalações me disse que usariam em animais e, no dia seguinte, me informaram que o teste havia sido um sucesso. Fiquei chocado, porque o vírus fora criado especificamente para seres humanos e não deveria agir em nenhum outro organismo. Mais tarde, naquele mesmo dia, o animal infectado foi enviado para cá em uma gaiola biologicamente segura.

—Como é que ele chegou até aqui se Oásis estava fechada?— perguntei, meio que levantando a mão.

—Temos um segundo túnel, muito mais comprido.

—E o que estava na gaiola?— Beth perguntou, se aproximando da mesa.

—Esse é o motivo pelo qual precisamos esconder Oásis do resto do mundo.

—Não estou entendendo...— balancei a cabeça.

—Era uma forma de vida alienígena, de natureza extremamente humanoide, até mesmo em seu sistema nervoso central, o suficiente para o vírus funcionar.

—Dá um tempo... Não quer que a gente acredite que...

O major pegou uma chave e abriu uma das gavetas da sua mesa.

—Já me informaram sobre toda a história e posso confirmar que não é piada nenhuma. Há dois anos, uma pequena nave alienígena aterrissou na China. Seus ocupantes foram capturados. Nosso governo fez um tipo de acordo e recebeu um dos alienígenas, o mesmo que chegou aqui na gaiola. Na noite em que a crise começou em Oásis, uma aeronave muito maior aterrissou nas florestas do Estado de Washington. Não houve combate, mas temos motivos para acreditar que eles não vieram em paz. É por isso que o teste foi feito em extraterrestres e é por isso que o vírus precisava ficar escondido. Se eles descobrissem que temos...

O major fechou a cara.

—E agora?— eu ainda não acreditava.

Ele procurou em uma das gavetas e pegou uma fotografia, colocando-a de cabeça para baixo na mesa.

—Fomos informados que, dentro de quatro dias a partir de amanhã de manhã, o presidente vai anunciar a existência de extraterrestres. Quando ele fizer esse pronunciamento, o caos reinará. O governo será fraco e lento demais para lidar com os enormes problemas que explodirão no meio da população.

—Mesmo assim, não acredito...— Beth disse.

—Talvez isso ajude— o major empurrou a fotografia sobre a mesa para ela.

Ela pegou a foto e virou para olhá-la. Os olhos delas ficaram arregalados e a

mão dela começou a tremer.

—E é aí que entra o favor que eu mencionei antes.

Beth olhou para o outro lado e me entregou a foto. Não pude acreditar no que vi.

63 — A manhã seguinte

Dez minutos após a nossa conversa com o major Glover, recebemos a informação de que nenhum tiro fora disparado, vários grupos de sobreviventes foram encontrados e logo eles estariam a caminho da base. *Conseguimos. Agimos rápido o suficiente.*

Não fomos autorizados a ver ninguém depois de o pessoal chegar por causa das políticas de contaminação e preenchimento de relatórios. Eles me disseram que levaria pelo menos vinte e quatro horas. Quando descobrimos que o pai de Beth havia se machucado com a queda de escombros e estava bem mal, a deixaram entrar para ficar com ele.

Depois de uma hora mais ou menos, dois guardas me deixaram sair da sala e andar pelo labirinto de concreto. Dormi mal aquela noite em um beliche cambaleante em um quarto frio. O major Glover veio me ver cedo na manhã seguinte, trazendo uma muda de roupas, um molho de chaves, instruções para chegar até os chuveiros e como deixar a base.

Nunca tive uma chance de ver Kevin, Linda, Dale ou até mesmo Beth antes de ir embora. Ao meio-dia, estava sozinho outra vez em um jipe velho, com roupas limpas e mil e quatrocentos dólares no bolso, sem a mínima ideia de como fazer aquele favor que eu havia prometido.

Mas essa história fica para outro dia...

SOBRE O AUTOR

Bryce Beattie é viciado em ficção barata. Quando era criança, algum adulto descuidado deixou de boabeira uma fita com vários episódios do seriado “O sombra” e ele acabou escutando, virando fã na mesma hora. Logo, o áudio já não era mais suficiente e ele começou a ler livros de bolso. A princípio, eram apenas histórias de detetive, mas logo ele foi para as histórias antigas de Conan, John Carter em Marte. Agora ele já não tem salvação e está tão dependente da ficção barata que começou a escrever histórias de sua própria autoria, além de livros infantis também para seus filhos.

Na vida real, é o único funcionário do Departamento de Tecnologia da Informação em uma empresa de administração e investimento em imóveis. Geralmente, ele explica para os outros que é programador, porque essa é a sua parte preferida do trabalho, além de consumir grande parte do seu tempo.

Entretanto, em um mundo perfeito, ele seria escritor em tempo integral, marcando presença em seu blog. Além disso, é bastante religioso (frequenta A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias) e, na política, é libertário. Ama a família (mulher e duas filhas), gosta de dançar swing e ouvir jazz e blues, se interessa por armas e acredita em estar sempre preparado e respeitar o próximo.

Atualmente está terminando de escrever *The Journey of St. Laurent*, que é a continuação de **Oásis**.

Contato:

<http://www.storyhack.com/>

Twitter: @BryceBeattie

SOBRE A TRADUTORA

Rafa Lombardino nasceu em Santos, litoral do Estado de São Paulo, em 1980. Formada em Processamento de Dados pelo Ensino Médio Técnico e Bacharel em Comunicações Sociais e Artes, com diploma em Jornalismo, trabalha como tradutora desde 1997.

É credenciada como tradutora de inglês para português pela Associação Americana de Tradutores (ATA) e em inglês e espanhol pela Universidade da Califórnia em San Diego (UCSD-Extension), onde atualmente apresenta palestras e dá aulas virtuais sobre o papel da tecnologia na tradução.

É presidente e diretora executiva da Word Awareness, Inc., uma rede de tradutores criada na Califórnia. Antes de traduzir **Oásis**, concluiu a tradução dos livros “Um zumbi na noite” de Tom Lichtenberg, “O mistério da mansão Valência” de Sharon Hays e “Pau que nasce torto” de Joe Perrone Jr.

Mudou-se para os Estados Unidos em 2002 e hoje mora em Santee, na região de San Diego, com o marido e a filha.

Contato:

rlombardino@wordawareness.com

<http://rafa.lombardino.net>